



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SOCIOLOGIA POLÍTICA

Magali Natalia Alloatti

EXPLORANDO OS LIMITES DA CIDADANIA:
Estudo de caso de migrantes argentinos radicados em Balneário
Canasvieiras

FLORIANÓPOLIS
2013

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SOCIOLOGIA
POLÍTICA**

Magali Natalia Alloatti

EXPLORANDO OS LIMITES DA CIDADANIA:
Estudo de caso de migrantes argentinos radicados em Balneário
Canasvieiras

Dissertação submetida ao Programa de Pós-graduação em Sociologia Política da Universidade Federal de Santa Catarina para a obtenção do Grau de Mestre em Sociologia Política.

Orientador: Prof. Dr. Ricardo Virgilino Da Silva.

Florianópolis
2013

Alloatti, Magali Natalia

Explorando os limites da cidadania: Estudo de caso de migrantes argentinos radicados em Balneário Canasvieiras [dissertação] / Magali Natalia Alloatti ; orientador, Ricardo Virgilino Da Silva - Florianópolis, SC, 2013. 267 p. ; 21cm

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas. Programa de Pós-Graduação em Sociologia Política.

Inclui referências

1. Sociologia Política. 2. Migrações internacionais. 3. Cidadania e direitos políticos. 4. Vínculos identitários. 5. Naturalização. I. Silva, Ricardo Virgilino Da. II. Universidade Federal de Santa Catarina. Programa de Pós-Graduação em Sociologia Política. III. Título.

Magali Natalia Alloatti

EXPLORANDO OS LIMITES DA CIDADANIA:

Estudo de caso de migrantes argentinos radicados em Balneário
Canasvieiras

Esta Dissertação foi julgada adequada para obtenção do Título de Mestre, e aprovada em sua forma final pelo Programa de Pós-graduação em Sociologia Política.

Banca Examinadora:

Orientador:

Prof. Dr. Ricardo Virgilino Da Silva
Universidade Federal de Santa Catarina

Avaliador:

Prof^ª. Dr^ª. Margarita Nilda Barretto Angeli
Fundação Universidade Regional de Blumenau

Avaliador:

Prof. Dr. Julian Borba
Universidade Federal de Santa Catarina

Avaliador:

Prof. Dr. Alexandre Bergamo Idargo
Universidade Federal de Santa Catarina.

Coordenador:

Prof. Dr. Ricardo Gaspar Müller
Universidade Federal de Santa Catarina

Florianópolis, SC, 26 de fevereiro de 2013.

AGRADECIMENTOS

Esta dissertação não teria sido feita e concluída sem a ajuda de muitas pessoas que me acompanharam ao longo desse trabalhoso processo. Quero agradecer ao Daniel, Emilce e Santiago por me apoiar e acreditar em mim, sem duvidar em momento nenhum.

À Beba e minhas maravilhosas amigas, “meus sóis”, que sempre comemoram qualquer conquista e decisão. Quero agradecer a grandes amigos que me ajudaram com conselhos, críticas, abraços, palavras de apoio, avaliações, correções de português, entre eles, Gabi, Franco, Leandro, Onete e Graciano.

À Universidad Nacional del Litoral, por ter tido um papel fundamental, por ter me fornecido a possibilidade de ser profissional e ter conhecido o Brasil. À Universidade Federal de Santa Catarina e ao CNPq, por ter me dado a chance de pesquisar e crescer como profissional, assim como a oportunidade de produzir conhecimento com o objetivo de melhorar a nossa realidade.

A todos meus entrevistados e argentinos que participaram desta pesquisa, assim como a todas as instituições que me forneceram dados e informações necessárias.

Ao meu orientador Ricardo, por aceitar a minha proposta de pesquisa e me guiar ao longo de todo o processo.

Ao meu país grandioso, que dado todas as chances possíveis para chegar até aqui, e para continuar.

Ao Brasil, por ter aberto suas portas e por me convidar a fazer parte da sua maravilhosa sociedade.

E finalmente, quero agradecer a companhia constante, amável, paciente, reflexiva e incondicional de Luiz Henrique, que não me deixou nunca duvidar de mim mesma.

“En contribución a la *idea fuerza* de la educación pública, gratuita y laica”.

RESUMO

Este trabalho insere-se no amplo campo do estudo das migrações internacionais, orientado pela importância política que elas têm ganhado progressivamente e focado nos mecanismos e formas de integração dos imigrantes. A dimensão aqui trabalhada é sobre os processos de naturalização e obtenção da cidadania, mecanismos baseados em critérios que procuram garantir um mínimo de comunhão cultural entre o estrangeiro e a nação que o acolhe – definida em termos étnicos, linguísticos, históricos, etc. Nestes casos, forja-se um complexo de relações entre direitos – cidadania – identidade – naturalização –, já que os imigrantes devem adotar uma nova identificação nacional para obter posse plena dos seus direitos. Considerando isso, o objetivo geral da dissertação foi tentar identificar se existem processos de constituição de um vínculo identitário, de um laço social entre um indivíduo imigrante e a sociedade aonde ele se insere, como base para compreender porque os indivíduos optam ou não por virar cidadãos do Brasil. No nível empírico, a investigação trabalha sobre argentinos no Brasil, circunscrito ao referente escolhido como estudo de caso: imigrantes argentinos radicados em Balneário Canasvieiras, Florianópolis-SC, no ano 2011. Definiu-se como estratégia a triangulação metodológica sequencial, com uma etapa quantitativa e, posteriormente, uma etapa qualitativa, a partir da interação de diversas técnicas. Procurou-se identificar representações sociais, percepções, práticas e valorações destes argentinos, para compreender por que eles optam ou não pela naturalização brasileira. A principal conclusão é que a adoção de uma nacionalidade diferente deriva da definição (inter) subjetiva da identidade destes argentinos. Esta identidade encontra-se condicionada por percepções históricas do país de origem; pelas relações com outros argentinos e brasileiros; por estereótipos e elementos simbólicos que ganham importância nas interações cotidianas.

Palavras-chave: Imigrantes. Cidadania. Identidade. Naturalização.

ABSTRACT

The present work is inserted in the vast field of international migrations, oriented by the political importance that they have progressively acquired and focused at the mechanisms and forms of integration of the immigrants. The dimension that is approached here is about the naturalization processes and citizenship obtainment, mechanisms that are based in criteria that try to guarantee a minimum of cultural communion between the foreigner and the nation that embraces him, defined in ethical, linguistic, historical, and few other terms. In these cases, a complex relation between rights, citizenship, identity and naturalization is forged, as they have to adopt a new national identification in order to obtain complete possession of their rights. Observing that, the general objective of this dissertation was to try and identify if there are processes of constitution of an identity bond – a social linkage between a foreign individual and the society where he inserts himself – using that as the base to comprehend why the immigrants choose (or do not) to become Brazilian citizens. At the empiric level, the research studies Argentinian in Brazil, limited to the referred case study: Argentinian immigrants residing in Balneário Canasvieiras, Florianópolis-SC, in the year 2011. The methodological sequential triangulation was defined as the strategy to be used, with a quantitative phase followed by a qualitative, utilizing the interaction of several techniques. The identification of social representations, perceptions, practices and value judgments of these Argentinians were sought, in order to comprehend why they try or not to obtain the Brazilian naturalization. The main conclusion is that the adoption of a different nationality comes from the (inter) subjective definition of these Argentinian identity. That identity is conditioned by historical perceptions of the country of origin; by relationships with other Brazilians and Argentinians; by stereotypes and symbolical elements that gain importance in daily interactions.

Key-words: Immigrants. Citizenship. Identity. Naturalization.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1- Conexões entre o desenvolvimento da etapa quantitativa e a etapa qualitativa.....	56
Figura 2 - Conceitos centrais de integração e pertencimento e a desagregação em variáveis.	62
Figura 3 - Frequência de distribuição de argentinos da amostra segundo intervalo de residência	68
Figura 4 - Desenvolvimento das etapas quantitativa e qualitativa.....	81
Figura 5 - Argentinos agrupados segundo intervalos de idade	87
Figura 6 - Distribuição de argentinos por ocupação segundo a média de idade	90

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Quantidade de argentinos residentes em bairros de Florianópolis.....	40
Tabela 2 - Argentinos radicados no Bairro Balneário Canasvieiras nos anos 2004 - 2010.....	41
Tabela 3 - Estrangeiros residentes no Estado de Santa Catarina segundo tempo de residência	42
Tabela 4 - Amostra de argentinos aos quais se aplicou o questionário segundo divisão de grupos e detalhe sobre condição de ilegal	60
Tabela 5 - Argentinos segundo média de tempo de residência, filhos e estado civil.....	87
Tabela 6 - Argentinos segundo o estado civil e nacionalidade do companheiro/a	88
Tabela 7 - Argentinos segundo categoria ocupacional	88
Tabela 8 - Argentinos segundo categoria ocupacional e gênero.....	89
Tabela 9 - Argentinos distribuídos por ocupação segundo o nível educativo.....	91
Tabela 10 - Argentinos distribuídos em categoria ocupacional segundo tempo de residência	92
Tabela 11 - Argentinos que visitaram previamente Balneário Canasvieiras segundo razões de visita prévia	94
Tabela 12 - Argentinos que visitaram previamente Balneário Canasvieiras segundo relações sociais prévias	94
Tabela 13 - Distribuição de frequência das relações sociais segundo o tipo de vínculo prévio	95
Tabela 14 - Distribuição de frequência do tipo de ajuda que se recebeu	96
Tabela 15 - Argentinos distribuídos por relações sociais prévias e segundo se recebeu ajuda.....	96
Tabela 16 - Distribuição de frequência segundo tipo de atividades realizadas	98
Tabela 17- Distribuição de frequência segundo razões pelas quais é importante que outros argentinos morem no bairro	98
Tabela 18 - Argentinos distribuídos por atividades compartilhadas segundo a importância de que outros argentinos residam no bairro	99
Tabela 19 - Distribuição de frequência segundo as razões pelas quais participa de atividades	100
Tabela 20 - Argentinos distribuídos por tempo de residência segundo tipo de visto e situação de ilegal	101
Tabela 21- Distribuição de frequência por tempo de residência segundo se esteve ilegal ou não	102

Tabela 22 - Distribuição de frequência segundo se considera os argentinos integrados à sociedade brasileira e o grau de receptividade dos brasileiros.....	103
Tabela 23 - Distribuição de frequência segundo razões que explicam o grau de receptividade dos brasileiros.....	104
Tabela 24 - Argentinos por tempo de residência segundo as razões que explicam o grau de receptividade dos brasileiros	105
Tabela 25 - Detalhe dos eixos de comparação e aspectos da comparação com "a realidade" da Argentina e do Brasil.....	107
Tabela 26 - Distribuição de frequência segundo a comparação por eixos da Argentina e do Brasil	108
Tabela 27 - Distribuição de frequência por eixos de comparação em Argentinos residentes no intervalo de 0,5 a 2 anos.....	109
Tabela 28 - Distribuição de frequência por eixos de comparação em argentinos residentes no intervalo de 10 a 16 anos.....	110
Tabela 29 - Distribuição de frequência segundo o grau de interesse na política	112
Tabela 30 - Distribuição de frequência segundo média de tempo dedicado à TV, tempo dedicado à política, por tempo de consumo de rádio e tempo dedicado à política na rádio	113
Tabela 31 - Distribuição de frequência segundo leitura de jornal argentino e/ ou brasileiro e tempo dedicado à política na leitura do jornal	114
Tabela 32 - Distribuição de frequência segundo conhecimento de temas da política atual brasileira e argentina	115
Tabela 33 - Distribuição de frequência segundo temas de conhecimento atual da política brasileira e da política atual argentina.....	115
Tabela 34 - Distribuição de frequência segundo a participação nas eleições presidenciais do ano 2007, participação às eleições do ano 2011 e conhecimento de candidatos para as eleições de 2011.....	117
Tabela 35 - Distribuição de frequência segundo razões pelas quais não votou no ano 2007	118
Tabela 36 - Argentinos distribuídos segundo o grau de interesse na política segundo as razões pelas quais não votaram	119
Tabela 37 - Distribuição de frequência segundo a participação política na Argentina e no Brasil	120
Tabela 38 - Distribuição de frequência segundo o tipo de participação política na Argentina e no Brasil	121
Tabela 39 - Distribuição de frequência segundo a participação "ampla" na Argentina e no Brasil	121
Tabela 40 - Distribuição de frequência segundo o tipo de participação "ampla" na Argentina e no Brasil	122

Tabela 41 - Argentinos distribuídos por anos de residência segundo participação ampla na Argentina e no Brasil	122
Tabela 42 - Argentinos distribuídos por intervalo de idade segundo participação ampla na Argentina e no Brasil	123
Tabela 43 - Argentinos distribuídos por grau de interesse segundo a participação em política na Argentina e no Brasil	124
Tabela 44 - Argentinos distribuídos por grau de interesse na política segundo a participação "ampla" na Argentina e no Brasil.....	125
Tabela 45 - Entrevistados classificados por grupo, data de migração e frequência de viagens à Argentina, segundo temas que apareceram sobre as imagens do país	202

LISTA DE MAPAS

Mapa 1 - Mapa por distrito administrativo: Canasvieiras.....	48
Mapa 2- Bairro Balneário Canasvieiras.....	53
Mapa 3- Bairro Balneário Canasvieiras.....	53
Mapa 4 - Bairro Balneário Canasvieiras – Imagem do Satélite.....	54
Mapa 5- Mapa de relações sociais utilizado com os entrevistados.....	78
Mapa 6 - Mapa de relações sociais. Entrevistada 1: Mónica.....	226
Mapa 7 - Mapa de relações sociais. Entrevistado 2: Gastón.....	227
Mapa 8 - Mapa de relações sociais. Entrevistado 3: Fábio.....	228
Mapa 9 - Mapa de relações sociais. Entrevistada 4: Valeria	229
Mapa 10 - Mapa de relações sociais. Entrevistado 5: Dario.....	230
Mapa 11 - Mapa de relações sociais. Entrevistado 6: Andrés	231
Mapa 12 - Mapa de relações sociais. Entrevistado 7: Tamara.....	232

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	15
1.1 INTERROGANTES, PROBLEMA E OBJETIVOS DA PESQUISA.	19
1.2 ESTADO DA “ARTE” E REFERENCIAL TEÓRICO	24
1.2.1 Sobre o Estado.	25
1.2.2 Sobre os fluxos migratórios. Causas, trajetórias, relações sociais e identidades.	28
2. FUNDAMENTAÇÃO METODOLÓGICA	37
2.1 SOBRE A TRIANGULAÇÃO COMO ESTRATÉGIA METODOLÓGICA.	37
2.2 NOTAS PRELIMINARES SOBRE OS DADOS DISPONÍVEIS.	39
2.2.1 Dados do IBGE sobre estrangeiros.	42
2.3 SOBRE OS ESTUDOS DE CASO: BALNEÁRIO CANASVIEIRAS.	44
2.4 A ETAPA QUANTITATIVA.	55
2.4.1 A amostra.	56
2.4.2 O Questionário.	61
2.5 A ETAPA QUALITATIVA.	64
2.5.1 Mapa de relações sociais: amostra por bola de neve.	65
2.5.2 Entrevista em profundidade: escolha de casos e justificativas.	65
2.5.3 Mapa de rede social: apresentação gráfica da integração.	77
3. ANÁLISE QUANTITATIVA	83
3.1 SOBRE AS CARACTERÍSTICAS SOCIODEMOGRÁFICAS.....	86
3.2 SOBRE A INTEGRAÇÃO, ESTABELECIMENTO E SENTIMENTOS DE PERTENCIMENTO.	93
3.3 SOBRE ARGENTINOS E BRASILEIROS.....	103
3.4 SOBRE AS PERCEPÇÕES DA ARGENTINA E DO BRASIL. .	106
3.5 SOBRE A POLÍTICA, CONHECIMENTO, CONSUMO DE MÍDIA E PARTICIPAÇÃO.....	111
3.6 PRIMEIRAS CONCLUSÕES.....	126
3.7 RETOMANDO AS PERSPECTIVAS TEÓRICAS.....	131
3.8 FUTUROS PASSOS PARA A ETAPA QUALITATIVA	147
4 ANÁLISE QUALITATIVA	149
4.1 SOBRE AS NARRATIVAS.....	150
4.1.1 Eixo 1: Identidade	154
4.1.2 Eixos 2 e 3: Estereótipos e relações sociais	168
4.1.3 Eixo 4: Imagens do país	194
4.1.4 Eixo 5: Naturalização e obtenção da cidadania.	209

4. 2 MAPAS DE RELAÇÕES SOCIAIS	220
CONCLUSÃO.....	233
REFERÊNCIAS.....	242
ANEXO METODOLÓGICO	249
ACORDO ENTRE BRASIL E ARGENTINA	263

1 INTRODUÇÃO

Este trabalho insere-se na ampla temática atual das migrações internacionais e seus múltiplos e diversos desdobramentos, que se apresentam como um grande desafio à compreensão das ciências sociais em geral. Analisar o fenômeno das migrações internacionais de maneira íntegra escapa à pesquisa aqui proposta, e é tema de inumeráveis tratados e livros. Porém, a viabilidade da análise do mencionado fenômeno tem uma justificativa prioritária nas exigências econômicas, políticas e legais que hoje em dia têm emergido na tentativa de integração no MERCOSUL como projeto político longamente construído. Mas também encontra razões no interior das esferas individuais dos sujeitos que são imigrantes, e que se enfrentam, com o desafio de se integrar a uma sociedade que os hospeda, mas que lhe é alheia e desconhecida no primeiro momento.

Os fluxos migratórios caracterizam-se por serem organizados, articulados e controlados por parte dos Estados de diversas maneiras. Muito foge ao controle das instituições: imigração ilegal, traspasso de fronteiras, comércio desregulado, tráfico de pessoas, entre outros. Paralelamente existe por parte dos Estados a produção de uma legislação exclusiva sobre este tema, que determina e procura regular todos os intercâmbios entre um Estado e outro, entre eles, o movimento de pessoas. Parte da potestade do Estado é decidir que indivíduos são seus nacionais, ou seja, é o Estado quem reconhece que um imigrante pode passar a fazer parte dele como nacional, e em consequência, como cidadão. Este status que o indivíduo ganha e que gera um vínculo entre ele e o Estado fornece os direitos, deveres e garantias aos quais todos deveriam acessar. No caso de emigrar para outro espaço nacional e se radicar em outro país, estes direitos e garantias vão depender (ficarão suspensos) do status que o imigrante tem nesse país, impedindo algumas liberdades a partir da sua condição de não cidadão.

As migrações internacionais se constituíram como fenômenos sociais de longa data, ganhando um caráter maior em alguns momentos históricos e sendo uma constante pouco significativa em outros. Embora com diferenças históricas, os movimentos geográficos de pessoas têm respondido a fatores conjunturais como crises econômicas, regimes autoritários ou a objetivos pessoais, como a procura de uma melhor qualidade de vida. Isto quer dizer que a análise dos motivos das migrações precisa levar em conta elementos estruturais. Entretanto, não pode deixar de lado as experiências dos sujeitos migrantes. É por isso

que será mantida referência a estudos de perspectiva estrutural sobre o fenômeno das migrações. Paralelamente se tentará focalizar em algumas das dimensões, privilegiando determinadas características do referente empírico, segundo pesquisas que serviram de apoio.

Parte da centralidade dos estudos migratórios responde às suas peculiaridades atuais¹, uma série de características que fazem deles um fenômeno singular dos nossos tempos.

embora os movimentos de pessoas através das fronteiras tenham dado forma a estados e sociedades há muito tempo, o que é diferente nos anos recentes é seu alcance global, seu caráter central para a política doméstica e internacional e suas enormes consequências econômicas e sociais. Os processos migratórios tem se convertido em resistentes ao controle governamental [fazendo com que] que emergem novas formas de controle político [...] as migrações têm sido parte da história humana desde tempos remotos. Porém, a migração internacional tem crescido em volume e importância [...] de maneira mais particular desde meados dos anos oitenta. A migração ocupa uma posição de primeira importância na mudança global (CASTLES; MILLER, 2004, p. 12-14, tradução nossa).

Dos efeitos ou consequências que os movimentos migratórios têm frente aos Estados nacionais só algumas são centrais para este trabalho, principalmente no que diz respeito às consequências políticas destes fluxos de pessoas. Este tema também é amplo, e varia segundo a perspectiva. Uma grande parte de autores tem se concentrado nas problemáticas do incremento da diversidade como solo fértil para a

¹ Castles e Miller reconhecem cinco tendências principais dos fluxos migratórios que, na atualidade, podem chegar a ter um papel fundamental. 1) a globalização da migração: a tendência de que cada vez mais países se vejam afetados criticamente de maneira simultânea pelos movimentos migratórios. 2) a aceleração da migração: aumento do volume e dos tempos de viagens. 3) a diferenciação da migração: diferentes tipos de migração. 4) a feminização da migração: as mulheres passam a ter um papel significativo em todas as regiões e tipos de migração. 5) a crescente politização da migração: política doméstica, convênios e vínculos entre países podem acabar sendo afetados pelas consequências dos fluxos. (CASTLES, MILLER, 2004, p. 20-22)

emergência do racismo, as minorias étnicas, comunidades e, conjuntamente, a necessidade de políticas que respondam ao multiculturalismo² (HALL, 2008; GUTMANN, 1994; HABERMAS 1994). O crescimento dos fluxos migratórios tem impactado nos processos mais básicos e significativos da reprodução cultural (APPADURAI 1996; GUTMANN 1994), tanto em termos estruturais ou macro quanto num registro individual ou capilar - mudanças que por uma parte tendem à homogeneização cultural e por outra ao crescimento das diferenças e multiplicidades-.

Resumindo, dentro da perspectiva das problemáticas políticas dos fluxos migratórios o principal interesse reconhecido na bibliografia foi sobre as condições, valorações, práticas e representações das populações que não são completamente integradas à sociedade aonde migraram. Isto se desdobra em segregações no espaço público (formação de bairros, guetos e cidades), práticas de segregação racial, xenofobia, entre outros efeitos. Mas também tem gerado políticas de integração diversas, possibilidades e facilidades para mudar e regularizar as condições de imigrantes ilegais, políticas de reconhecimento cultural, convênios entre Estados, etc. Como é possível deduzir, a produção bibliográfica sobre a temática é ampla e abundante, fortemente atualizada devido ao desenvolvimento de facilidades cada vez maiores da mobilidade de pessoas, novos convênios, vistos e canais pelos quais podem ser efetivadas as migrações. Sendo necessário selecionar as contribuições teóricas, o recorte bibliográfico trabalhado e resenhado mais na frente é orientado por um conjunto de eixos que se destacam como centrais no conjunto das problemáticas abrangidas.

Aqui começa a discussão que alimentou esta pesquisa e que procurou, a partir das possibilidades de um trabalho exploratório, fornecer algumas explicações. De frente à bibliografia, esta pesquisa procura responder um interrogante que tem uma orientação quase marginal às preocupações centrais dos estudos migratórios. Trata-se de pessoas em condições de serem naturalizadas e obter o maior grau de

² “Desde a II Guerra Mundial, o multiculturalismo não só tem se alterado, mas também intensificado. Tornou-se mais evidente e ocupa um lugar central no campo da contestação política. Isso é o resultado de uma série de mudanças decisivas – uma reconfiguração estratégica das forças e relações sociais em todo o globo” (HALL, 2003, p. 52).

integração a uma sociedade, e por vontade própria, escolhem não mudar a sua condição. Para isso, primeiramente, recortou-se um referente empírico desde a perspectiva de estudo de caso, e se definiu uma estratégia metodológica de triangulação de duas etapas: uma quantitativa e a subsequente qualitativa.

A primeira etapa procurou compreender características específicas de uma população imigrante da qual existe uma escassa informação: argentinos residentes em Balneário Canasvieiras. Desdobrou-se o fenômeno da imigração em arestas reconhecidas na bibliografia: mecanismos de obtenção de vistos, ocupações, relações sociais entre imigrantes da mesma origem, formação de comunidades étnicas, participação social em organizações, etc. A segunda etapa procurou aprofundar nas representações sociais de um conjunto de casos escolhido a partir de critérios que serão detalhados mais na frente, e que procurou compreender construções de sentido, juízos de valor, definições de identidade, etc.

Pensaram-se dois conceitos que serviriam como recurso para articular o nível empírico e o conceitual ou teórico, as categorias de *integração* e *pertencimento*. Estas não serão definidas a priori, pelo contrário, elas ficarão como um espaço vago que poderá ser preenchido, uma vez desenvolvida a pesquisa e capitalizadas as conclusões. Distinguem-se entre si por tentar reconhecer fenômenos que podem aparecer de maneira conjunta ou não. A categoria de *integração* orienta-se a reconhecer mecanismos, relações, práticas, representações sociais e valorações que tenham a ver com graus nos quais um indivíduo se sente integrado. Ou seja, formas nas quais a pessoa se articula com um coletivo, que pode ser referido como um bairro, uma cidade, uma sociedade. Tratam-se de maneiras nas quais o sujeito faz parte e interage, com esse coletivo, compartilhando relações sociais, espaços públicos, etc. A categoria de *pertencimento* procura identificar uma vinculação mais profunda, em termos de identidade que, em parte define ao indivíduo e que, em parte será definida por ele. Esse pertencimento apela diretamente a uma identificação e algo em comum que se tem com os outros. Nos termos da teoria política, a nação, definida dessa maneira, se sustenta em uma bagagem cultural compartilhada e atualizada pela sua população.

Note-se então que pode acontecer de encontrar indivíduos que estejam altamente integrados – no sentido descrito previamente –, participando de atividades, fazendo parte de organizações, estabelecendo inúmeras relações sociais; mas que não sentem a sua identidade compartilhada com o coletivo. Por outro lado, se poderia

pensar em casos de pessoas que se identificam com o coletivo, que compartilham a identidade nacional, por exemplo, que se definem com o nome com o qual nomeiam ao resto, porém não se sentem integrados a ele. De alguma maneira, estas categorias parecem fazer referência a espaços de níveis diferentes, a integração parece se orientar a um espaço mais restringido, até de alcance local, já que as atividades que poderiam ser realizadas e as relações sociais forjadas têm um alcance limitado. No caso da segunda categoria, ela parece se orientar mais à identidade – e suas transformações – assim como mecanismos ou práticas simbólicas que sirvam para manter ou atualizar essa identidade.

Estas categorias foram inspiradas pela bibliografia, mas que variaram muito ao longo da pesquisa em relação às formulações teóricas. Sendo assim, pensou-se em deixá-las como espaços que permitiriam, posteriormente, reunir e classificar as práticas, representações e valorações dos indivíduos. Serão então retomadas ao final deste trabalho, nas conclusões, para poder observar de que maneira é possível interpretar os resultados das duas categorias que funcionaram como eixos de análise e, ao mesmo tempo, como critério para retomar e dialogar com a bibliografia.

1.1 INTERROGANTES, PROBLEMA E OBJETIVOS DA PESQUISA.

Na introdução já se adiantou sobre a pergunta de pesquisa, mas este ponto precisa ser esclarecido melhor. A primeira pergunta formulada se orientou a pensar sobre: Quais os motivos que levam a um imigrante a renunciar a sua nacionalidade e virar cidadão de outro país? Mas essa pergunta mudou, a partir da bibliografia consultada, de outras pesquisas e, especialmente, ao longo do trabalho de campo. Também foi resultado do diálogo constante entre a teoria e empiria, que caracteriza a abordagem escolhida neste trabalho, e da necessidade de ser sensível a aspectos que emergiram como significativos em detrimento de outros, que primeiramente foram pensados como importantes. Sendo assim, a pergunta se reformulou e procurou compreender *porque uma pessoa que decide morar em outro país, estabelecer e projetar a sua vida ali não escolhe adotar a nacionalidade – cidadania - desse espaço?*

Embora pareça uma pergunta simples ou de fácil resposta, ela carrega consigo a necessidade de compreender uma série de aspectos que estão ligados a diversos níveis de análise social. Por uma parte, trata-se de reconstruir, analisar e especialmente compreender a trajetória migratória de uma pessoa, por meio da própria reconstrução que o

indivíduo faz da sua vida. Por outra parte, como explica a bibliografia consultada, há momentos conflitivos ou benéficos a nível estrutural ou geral de um país, que criam a necessidade ou a escolha de morar em outro. Além disso, existem ocasiões especiais nas quais estes dois registos se articulam, originando uma conexão entre um registo estrutural e outro individual, que resulta da maior riqueza para a análise dos processos de câmbio e transformação social.

Para responder esta pergunta é preciso considerar um conjunto de categorias, como as de *nacionalidade, naturalidade e cidadania*³, como ferramentas que definem os fenômenos que fazem parte do interrogante. Por meio delas é possível compreender como e porque um indivíduo se sentiria parte de uma *nação*, de um coletivo com o qual compartilha uma identidade, tradições, língua, história, mitos, etc. Embora a definição de nação seja, hoje em dia, altamente questionada por transformações de natureza política, social e cultural, a nível mundial, é preciso compreender o que significa uma identidade nacional para posteriormente compreender a transformação voluntária da mesma, e a troca por outra. A clássica definição citada em inúmeros livros remete a Anderson, quando define que:

[...] nação: é uma comunidade política imaginada – e que é imaginada ao mesmo tempo como intrinsecamente limitada e soberana. É *imaginada* porque até os membros da menor nação nunca conhecerão, nunca encontrarão e nunca ouvirão falar da maioria dos outros membros dessa mesma nação, mas, ainda assim, na mente de cada um existe a imagem da sua comunhão (ANDERSON, 2005, p 25- 27, grifo do autor).

O adjetivo “imaginada” aqui utilizado é de um amplo escopo, que expressa a singularidade do tipo de conexão criada e mantida por um vastíssimo conjunto de pessoas que compartilham determinados traços culturais que definem a sua identidade. “Imaginada” também destaca o caráter construído desta identidade, deste sentimento de pertencimento a um grupo. E esse caráter integra uma série de mecanismos simbólicos

³ “Naturalidade, é empregado para designar a qualidade de natural da localidade em que se nasceu, em seu próprio país. Mostra, pois, a condição natural ou de nascido de uma região.” (PASSOS DE FREITAS, 2006, p. 279. Os conceitos de nacionalidade e cidadania serão trabalhados posteriormente.

que de diversas maneiras alimenta, atualiza e afirma uma identidade específica.

Segundo Peña de Moraes a nacionalidade é um conceito que expressa dois vínculos fundamentais entre um indivíduo e um Estado. Por uma parte é *jurídico*, na medida em que garante e permite os direitos subjetivos e deveres jurídicos para os indivíduos. Por outra parte é *político*, na medida em que dele derivam direitos e deveres políticos (PEÑA DE MORAES, 2000, p. 2-3). Referido pela bibliografia, o sentido sociológico (amplo) da nacionalidade:

[...] refere-se à nação, enquanto massa de pessoas com iguais características, quanto à raça, língua, religião, usos e costumes, etc. [...] é fundamento básico da ordem política de um Estado o poder de indicar seus próprios nacionais [...] nacionalidade e cidadania não se confundem. Enquanto a primeira exprime a qualidade ou a condição de nacional atribuída a uma pessoa ou coisa, a segunda identifica a qualidade da pessoa que se encontra na posse de plena capacidade civil, bem como investida dos seus direitos políticos [...] nacionalidade é o *vínculo* que prende um indivíduo a um Estado, fazendo desse indivíduo um componente do povo desse Estado, integrante, portanto, da sua dimensão pessoal (PASSOS DE FREITAS, 2006, 276-278, grifo do autor).

Resumindo, a nacionalidade é o vínculo que une um indivíduo a um Estado soberano dotando-o de uma série de direitos de diversas índoles, entre eles, os civis e políticos, que são os que sustentam a categoria de cidadania. Esta nacionalidade se nutre de uma identidade coletiva, construída, “imaginada”, que constantemente está sendo atualizada e reforçada. Ela se constrói na base de uma língua comum, de mitos fundacionais de um passado compartilhado que, por sua vez, forjam expectativas de futuro (ANDERSON 2005, PASSOS DE FREITAS 2006, PEÑA DE MORAES 2000, CORTINA 1998, SMITH 1993, VIROLI 2003).

No caso de um imigrante, este complexo tecido de elementos culturais, temporais e legais, ganha um sentido empírico que se encontra fortemente entrelaçado com interações cotidianas que às vezes afirmam e noutras, dissolvem as diferenças culturais que derivam de um pertencimento nacional diferente. Trata-se de um indivíduo que se

encontra inserido em um contexto de constante construção e atualização de uma comunidade imaginada que não é àquela na qual ele nasceu. Mas também se conecta com uma dimensão legal, ou seja, o desejo de um imigrante de ter seus direitos e liberdades garantidos, o que exige pensar nas diversas condições do estrangeiro. Isto é: tipos de vistos aos quais pode acessar e, eventualmente, as chances do processo de naturalização. No caso do Brasil, um indivíduo não tem posse plena de todos seus direitos senão for naturalizado brasileiro e obter a seu status de cidadão.

Sendo assim, é preciso compreender o quê acontece com aqueles vínculos identitários alimentados pela bagagem cultural assimilada por um indivíduo na constituição da sua identidade nacional quando se converte em estrangeiro. Existe, porém, a possibilidade de não optar por esta naturalização, já que o princípio de obtenção dela depende da vontade expressa do indivíduo em se converter em cidadão brasileiro. É possível pensar então que, se uma pessoa opta e, conseqüentemente, obtém a nacionalidade brasileira é porque a sua identificação, a maneira na qual ela se define, mudou. Em outras palavras, considerando a ligação entre identidade e nacionalidade pode-se perguntar: um estrangeiro que vem morar no Brasil e que procura obter a nacionalidade, tem efetivamente construído um laço com o Estado brasileiro por meio dessa bagagem cultural que pressupõe os mecanismos de obtenção da cidadania? Ou pode se pensar que essa troca de nacionalidade se deve a outro tipo de razões como benefícios sociais, econômicos; sem sustentar-se em uma identidade compartilhada com o país?

Isto exige tentar *identificar se existem processos de constituição de um vínculo identitário, de um laço social entre um indivíduo imigrante e a sociedade aonde ele se insere, como base para compreender porque os indivíduos optam ou não por virar cidadãos do Brasil*. Este intuito se converteu no *principal objetivo* deste trabalho, circunscrito ao referente empírico escolhido como estudo de caso da pesquisa: imigrantes argentinos radicados em Balneário Canasvieiras, Florianópolis SC, no ano 2011. Definiu-se a necessidade de considerar diversos aspectos deste complexo processo, considerando dinâmicas específicas das populações imigrantes e limites à pesquisa devido à falta de dados disponíveis.

Para abordar a pesquisa empírica sobre o tema definiu-se realizar uma triangulação metodológica, considerando principalmente a falta de informações básicas. A carência de dados institucionais sobre a população imigrante argentina radicada em Florianópolis (ou em

Balneário Canasvieiras), tornou necessário desenvolver uma abordagem quantitativa para conhecer características básicas deste universo. De maneira paralela, o interrogante formulado, traduzido em objetivo geral, responde a fenômenos de uma natureza que exige uma abordagem qualitativa, já que se trata de abordar identidades, formas de definição de grupos, percepções e representações sociais sobre o país de origem, sentimentos de integração, entre outros. Isto levou a pensar a triangulação metodológica como a estratégia mais apropriada para satisfazer as necessidades de dados, mas também para que uma primeira etapa –quantitativa – servisse para orientar a segunda etapa – qualitativa–.

Desdobrando as tarefas em objetivos específicos e definindo as etapas da triangulação metodológica, tentou-se:

Etapa quantitativa:

- Compor uma amostra de imigrantes argentinos radicados em Balneário Canasvieiras, SC, Brasil no ano 2011, a partir da metodologia bola de neve e cadeia de referências; identificando suas conexões (mapa).
- Aplicar um questionário a todos os argentinos que aceitassem fazê-lo, registrando a aparição de temas sensíveis que servissem para estruturar a etapa qualitativa. Sistematizar os dados obtidos numa base de dados para serem analisados.
- Identificar aspectos significativos para pensar e planejar a etapa seguinte, segundo a perspectiva de triangulação metodológica.

Etapa qualitativa:

- Escolha de casos a partir de critérios definidos como significativos (orientados pelos resultados da amostra quantitativa) para realizar entrevista em profundidade aberta e mapa de relações sociais, procurando a maior heterogeneidade intragrupo.
- Identificar regularidades, confluências e diferenças no plano das representações sociais, orientado por: a) construções identitárias, b) dinâmica e formação de grupos, c) percepções do país de origem d) naturalização e obtenção da cidadania.
- Estabelecer um diálogo entre os principais resultados obtidos com alguns tópicos centrais da bibliografia consultada, especialmente os que referem às categorias de nacionalidade, cidadania, comunidades, fluxos migratórios, integração, pertencimento, entre outros.

1.2 ESTADO DA “ARTE” E REFERENCIAL TEÓRICO

Como foi detalhado acima, trata-se de pensar e compreender as maneiras nas quais podem desenvolver-se diversos tipos de vínculos entre o indivíduo e um Estado em particular; a singularidade do caso é que se trata de pessoas que se estabelecem em um país diferente ao qual eles nasceram. Se é que uma nação sustenta a identidade do coletivo a partir da bagagem cultural já definida, e a atualiza constantemente por meio de inúmeros mecanismos simbólicos e sociais; como é que essa nação pressupõe que um estrangeiro pode ser integrado a ela? Neste momento é preciso considerar as diversas maneiras pelas quais se satisfaz este vínculo para um estrangeiro que deseja se converter em cidadão brasileiro. Surge assim, um diálogo direto entre as categorias de identidade e nacionalidade, ou em outros termos, identidade e direitos.

Analisando as condições por meio das quais um indivíduo ganha todos os direitos como cidadão de um país, se conclui que é por meio de uma modificação da sua identidade, já que a pessoa deve mudar a sua nacionalidade. Agora bem, a pergunta é se efetivamente isto implica numa troca de identidade ou trata-se de uma troca de status que não antige a identificação do indivíduo. Zapata Barrero (2003) chama a atenção sobre este desafio das diferenças étnicas surgidas pela imigração em um Estado. Elas atingem o núcleo de “legitimação do Estado nação: [que é] a equivalência entre cidadania e nacionalidade ⁴”, o que define os limites de qualquer tipo de política de integração baseada nessa equivalência, porque acaba se reduzindo nessa dialética entre identidade e direitos. No sentido de que os critérios que determinam a aquisição da cidadania (direitos) exigem condições de nacionalidade como pertencimento (identidade). Esta tensão emerge da análise das categorias em um nível teórico, a partir da leitura da bibliografia que trabalha sobre o tema. Compete à pesquisa, em grande parte, responder este interrogante, como será exposto nas conclusões.

⁴ “O debate contemporâneo em torno à relação entre a cidadania e o multiculturalismo parte, pois, da premissa que historicamente os pensadores políticos da democracia têm suposto uma forma de organização onde o demos (o povo) tem sido tradicionalmente concebido de uma forma culturalmente homogênea [...] Se o vínculo entre Estado/ Nação/ Cidadania é A (em maiúscula) forma de legitimar toda gestão política, temos dificuldades de encontrar elementos para a gestão de uma nova realidade dentro dos parâmetros tradicionais: a realidade do multiculturalismo” (ZAPATA-BARRERO, 2003, p. 178 e 190, tradução nossa).

1.2.1 Sobre o Estado.

Neste panorama os Estados nacionais são atores cruciais. Eles são os que decidem e definem as maneiras de receber e integrar um estrangeiro, assim como as categorias ou graus legais das suas condições. (HABERMAS, 1994; MILLER, 1997; ZAPATA – BARRERO, 2003; LÓPEZ SALA, 2006). Ou seja, eles decidem a partir de determinadas condições específicas, quem é cidadão e quem não é. A diversidade de “graus” de vinculação – integração – de um indivíduo com o Estado pode derivar em alguns casos, o que Lopez Sala (2006) trabalha como *estratificação cívica*. É um fenômeno que deriva das diferenças do interior da sociedade entre os estrangeiros e os nacionais, traduzidas em representações sociais, expectativas de trabalho, integração, projeções de futuro, etc. Estas levam a uma situação em que, embora os estrangeiros consigam a cidadania e nacionalidade do país, “[...] sua condição de minoria étnica pode supor, na prática, uma forma de déficit cívico” (LOPEZ SALA, 2006, p. 19, tradução nossa). Em outras palavras, trata-se de maneiras nas quais as experiências de vida do imigrante pode sustentar uma condição deficitária de integração, que apesar do status de cidadão foge aos pressupostos de integração da nacionalidade.

Na opinião de Habermas a imigração aparece como uma problemática significativa em termos étnicos, linguísticos, identitários, mas especialmente, em termos políticos:

[...] a nação de cidadãos pode sustentar as instituições da liberdade somente se desenvolve um determinado nível de lealdade ao seu próprio Estado, uma lealdade que não pode ser forçada. É este entendimento ético e político da nação que tem sido afetado pela imigração. Já que o influxo dos imigrantes tem alterado a composição ético-cultural da população. Por isto a pergunta é se o desejo de imigração contradiz os limites ao direito de uma comunidade política de se manter em uma forma de vida política e cultural intata (HABERMAS, 1994, p. 13, tradução nossa).

A referência de Habermas procura destacar o caráter problemático deste laço que vincula o indivíduo e a nação, já que, ainda que os Estados estabeleçam condições para obter a cidadania, não é possível simplesmente pressupor que os imigrantes vão deixar de lado

as suas tradições, sentimentos, costumes, e adotar de maneira mecânica uma identificação com outra sociedade.

Segundo as diferenças de Estados, podem ser reconhecidas diferentes maneiras de integrar um estrangeiro outorgando-lhe o status de cidadão, o que na literatura podemos reconhecer como *modelos de integração*. Estes derivam da concepção politico-étnica do laço que o indivíduo tem com a sociedade. Segundo Castles e Miller (2004) podemos reconhecer cinco tipos de modelos, dos quais três são os mais comuns na atualidade.

Em primeiro lugar é possível mencionar o modelo de exclusão social/ modelo folk ou étnico (I), que implica uma forte ligação entre cidadania e pertença étnica. Para ser considerado cidadão o imigrante deve adotar uma identidade diferente, marcada pela língua, o conhecimento da história do país, apresentação de provas de conhecimento, entre outros mecanismos. Porém, o mais importante é que o requisito fundamental é ter algum tipo de ligação familiar, sanguínea (*Jus Sanguinis*) com a nação, ser filho ou neto de um natural desse país⁵.

Uma consequência regular ou comum disto é que os migrantes radicados acabam constituindo minorias étnicas, sempre em um status legal inferior a cidadão.

Em segundo lugar, encontra-se o modelo assimilacionista (II) sustentado em mecanismos que procuram assimilar culturalmente o estrangeiro para a obtenção da cidadania, para ser membro da sociedade. Trata-se de um processo de adaptação que exige que o migrante renuncie a sua língua e algumas práticas religiosas e sociais, adotando características e restrições definidas pelo país onde se radicou. Introduce ali a atuação expressa do Estado na promoção de condições para a assimilação, colocando os filhos de imigrantes nas escolas, estabelecendo a língua oficial como obrigatória nos empregos e espaços públicos, entre outras ações. O mencionado processo de adaptação é necessariamente progressivo e gradual, e nas palavras de Castles e Miller (2004) “O modelo assimilacionista permite essencialmente que as pessoas convertidas em membros da sociedade civil se unam à nação

⁵ Os mecanismos de obtenção de cidadania por *Jus sanguinis* exigem que, além da ligação sanguínea com um natural desse país, se demonstre esta conexão por via de documentos. Em alguns países a ligação sanguínea chega até critérios de terceira geração, enquanto em outros países só é possível obter até primeira geração é somente por vias paternas. Dependendo dos casos se tratam de critérios mais ou menos excludentes.

e ao Estado em troca da assimilação cultural” (CASTLES; MILLER, 2004, p.303, tradução nossa).

No que diz respeito ao Estado brasileiro, o processo de obtenção da cidadania se orienta segundo este modelo. A igualdade perante a lei entre estrangeiros e nacionais é garantida pelo art. 5 da constituição do Brasil, com exceção dos direitos políticos que somente correspondem à condição de cidadão. A concepção da nacionalidade no caso do Brasil dá prioridade ao princípio de *Jus Solis* (nacional por nascimento no solo brasileiro) ainda que incorpore elementos que definem o *Jus Sanguinis* (nacionalidade optativa por pai ou mãe brasileiro). Para os estrangeiros a naturalização pode obter-se por meios ordinários ou extraordinários por filho brasileiro⁶. O Ministério da Justiça estabelece uma série de documentos necessários ao sujeito, que podem ser consultados⁷, aos quais se adiciona uma avaliação da língua. Além disto, os critérios variam segundo os casos de estrangeiros – naturalização comum, extraordinária, especial e provisória⁸.

Já o terceiro caso, o modelo multicultural (III) propõe a aquisição de direitos como membro pleno da sociedade civil de um Estado sem assumir uma identidade cultural (língua, datas, vestimenta, religião) diferente. O conceito que sustenta esta concepção é do multiculturalismo, e que considera que os imigrantes devem ter os mesmos direitos que as pessoas naturais do país, sem que por isto renunciem a nenhuma das suas características culturais. Os casos atuais de países que têm este modelo de integração são escassos, e não deixam

⁶ “[...] que a) os que, na forma da lei, adquiram a nacionalidade brasileira, exigidas aos originários dos países de língua portuguesa apenas residência por um ano ininterrupto e idoneidade moral; b) os estrangeiros de qualquer nacionalidade residentes na República Federativa do Brasil há mais de quinze anos ininterruptos e sem condenação penal, desde que requeiram a nacionalidade brasileira. A lei não poderá estabelecer distinção entre brasileiros natos e naturalizados, salvo nos casos previstos na Constituição”. (BRASIL, 2005, Art. 12. p. 28 e 29)

⁷ Ministério da Justiça. Nacionalidade e naturalização. Disponível em: <<http://portal.mj.gov.br/data/Pages/MJ7787753DITEMID48729F39FB1B4FDE832D0C0E7A624E8CPTBRIE.htm>> Acesso em 8 out. 2012.

⁸ Para maior detalhe sobre estas categorias consultar: FREITAS, Vladimir Passos de (Coord.). **Comentários ao Estatuto do Estrangeiro e Opção de Nacionalidade**. Campinas: Millenium, 2006. PEÑA DE MORAES, Guilherme. **Nacionalidade. Lineamentos da nacionalidade derivada e da naturalização extraordinária**. Lumen Juris. Rio de Janeiro. 2000.

de ser problemáticos. Castles e Miller (2004) citam as experiências do Canadá, Austrália e Suíça como países aonde o multiculturalismo é política de governo, acompanhados por uma série de problemáticas constantes, surgidos a partir dessas políticas.

1.2.2 Sobre os fluxos migratórios. Causas, trajetórias, relações sociais e identidades.

Até aqui se tratou sobre as condições estabelecidas pelos Estados para a assimilação dos indivíduos. Isso responde ao problema colocado por Habermas, a existência de um componente estrangeiro que ameaça, ou pelo menos questiona à identidade nacional baseada naqueles mecanismos culturais já mencionados. Como definem Castles e Miller, a migração não trata somente sobre os imigrantes, senão também das sociedades que os recebem. Um aspecto central é o fenômeno da “[...] crescente importância política das migrações” (CASTLES; MILLER, 2004, p. 5, tradução nossa). Segundo os autores as migrações internacionais têm-se constituído como um dos eixos do desenvolvimento da globalização, no seu sentido mais amplo de processo, o que explica que os movimentos de pessoas tenham apresentado implicações políticas, culturais, econômicas e sociais, assim como originado políticas de controle sem precedentes. Além disso, apareceram novas condições que facilitam a mobilidade das pessoas: contratos de trabalhos, meios de locomoção, condições legais de migração, novas maneiras de comunicação, transferências de dinheiro e diversas maneiras de gestão dos mercados de trabalho.

Conjuntamente, é preciso compreender que grande parte da bibliografia que se debruça sobre o tema das migrações encontra-se intimamente ligada à aparição de conflitos ligados ao multiculturalismo⁹. Este conceito, caríssimo às ciências sociais em geral, conjuga as transformações e reinvidicações identitárias, coletivas e nacionais e não será abordado nesta pesquisa. É suficiente compreender que grande parte das considerações sobre a

⁹ Eis aqui umas das principais problemáticas: “A nova diversidade étnica afeta as sociedades de muitas maneiras, entre as mais importantes se encontram àquelas relacionadas aos temas da participação política, o pluralismo cultural e a identidade nacional” (CASTLES; MILLER, 2004. p. 348, tradução nossa).

multiculturalidade tem a ver com: conflitos raciais, econômicos – segundo a absorção de mão de obra imigrante –, conflitos culturais de manutenção de costumes, língua, educação diferencial para estrangeiros, formação de comunidades étnicas e guetos, conflitos pelo uso e apropriação do espaço público, entre outras inúmeras manifestações (TAYLOR apud GUTMANN, 1994; APPADURAI, 1996; BAUMAN, 2001, 2005; BECK, 1998; BENHABIB, 2006; GANGULY-SCRASSE, 2003; GRANOVETTER, 2007; RITZER, 2003; LASH; URRY 2004).

Mencionado isto, está faltando analisar a “outra fase” da migração, agora é necessário considerar o sujeito ou grupo que migra. É preciso considerar as razões pelas quais os imigrantes decidiram deixar o seu país e se radicar em outro. Embora com diferenças históricas, os movimentos geográficos de pessoas têm respondido a fatores conjunturais como crises econômicas, regimes autoritários, ou objetivos pessoais como a procura de uma melhor qualidade de vida (CASTLES; MILLER, 2004, p. 16-18; HARGUINDEGUY, 2007). Isto quer dizer que a análise dos motivos das migrações precisa levar em conta elementos estruturais, mas não pode deixar de lado as experiências dos sujeitos migrantes.

No que diz respeito aos fluxos migratórios desde uma perspectiva estrutural, Castles e Miller (2004) reconhecem diversos enfoques de compreensão das migrações, definidos a partir da prioridade de um elemento ou aspecto por sobre outros. Assim consideram: a) *teorias econômicas* da migração que ligam as migrações às flutuações de ciclos econômicos e disparidades de níveis de vida entre espaços nacionais. Primeiramente os indivíduos formam as unidades de análise com um pensamento racional que procurava o bem-estar. Esta concepção economicista foi progressivamente questionada por diversas pesquisas empíricas que registraram e explicaram movimentos coletivos motivados economicamente.

Em segundo lugar b) encontra-se a aproximação *histórica estrutural*, que responde a uma perspectiva marxista que utiliza categorias como mão de obra, economias centrais do capitalismo e periferias subdesenvolvidas. Pela sua incapacidade de explicar migrações motivadas por transformações políticas, emergiram uma série de críticas que alimentaram outra corrente definida c) como *teoria de sistemas migratórios*, e caracterizada por uma aproximação interdisciplinar. Esta terceira perspectiva considera diversas dimensões como: convênios entre países, histórias culturalmente definidas a partir da colonização, influências políticas, intercâmbios. O princípio de todo

movimento migratório pode ser pensando como a interação entre microestruturas (nível individual) – estruturas intermediárias – e macroestruturas (momentos definidos a nível estrutural do país) (CASTLES; MILLER, 2004, p. 40). Esta interação entre as microestruturas e macroestruturas resulta talvez em um dos principais desafios para os estudos migratórios¹⁰, já que se trata de compreender as maneiras nas quais determinados processos de mudança social produzem ou influenciam transformações na esfera individual.

Fica pendente então trabalhar algumas considerações em relação ao nível individual, as nuances e dimensões significativas que permitem a análise da trajetória migratória. Segundo Hering de Queiroz (2008), a *migração* se caracteriza por ser um “processo dinâmico e complexo, que faz convergir uma diversidade de aspectos, entre eles socioculturais e psicológicos”. Conjuntamente se define por um choque cultural, entendido como a confluência “de um sentimento de ser aceito e a aprendizagem de significados e habilidades novas” (HERING DE QUEIROZ, 2008, p. 21).

As perspectivas teóricas utilizadas nesta pesquisa procuraram evitar a concepção mais tradicional dos imigrantes, que coloca a ênfase no passado, na qual são pensados como indivíduos que deixaram para trás um passado, uma família, uma história compartilhada, imbuída e mantida em um sentimento de nostalgia pelo lar que se perdeu. Pelo contrário, autores como Sorensen e Fol Olwig (1997) Hall (2008), Fridman e Iório (2010) Harguindeguy (2007), Burgos (2009), Appadurai (1996) e Lopes e Vasconcellos (2005) ajudaram a compreender o processo de construção de relações sociais, de sentido de pertencimento, de localidade, constituição de novos grupos, processos de (re) significar elementos identitários, que têm lugar após a migração. Trata-se de pensar os imigrantes como sujeitos ativos, capazes de constituir laços e interações sociais marcados pela cotidianidade, construir um novo lar e conexões com o espaço.

Estes últimos aspectos sim exigem pensar a presença, origens, conotações e funções que as relações sociais têm. Seja na constituição

¹⁰ Tentando definir as perspectivas que procuram compreender esta articulação, Burgos (2009) enumera e define 1) os enfoques economicistas, 2) corrente de análise estrutural e marxista, 3) o enfoque da modernização (formulados por Gino Germani); 3) os enfoques analíticos e 4) o estudo de fluxos migratórios a partir de uma análise de redes sociais (BURGOS, 2009, p. 28 – 39). Estas perspectivas são coincidentes com as mencionadas previamente, mas colocando uma maior ênfase na dimensão metodológica da análise.

de grupos, ajuda mútua, como alavancas para a migração (mecanismos mais frequentes segundo a bibliografia), na constituição de novas identidades e na manutenção daqueles elementos que eles acreditam identitários. As diferenças existentes de bagagem cultural, língua, tradições e costumes podem levar à constituição de grupos divididos por uma lógica binária e excludente que gerem relações de poder (ELIAS; SCOTSON, 2000; DA SILVA, 2003; WOODWARD, 2003; HALL, 2008).

Estritamente falando sobre as relações sociais, se reconhecem dois tipos como os mais significativos já que, dependendo dos casos, condições e espaços, resultam fatores que definem a migração. O primeiro tipo de relações são as prévias à migração, são aquelas que aparecem em migrações familiares ou por fatores econômicos. O segundo tipo são as relações forjadas após a migração, que se conectam com aquele conceito “vazio” de *integração* proposto na introdução. Estes tipos de relações aparecem, às vezes, de maneira combinada, por momentos uma delas tem prioridade, dependendo do caso e dos motivos da migração.

No que se refere ao primeiro tipo de relações, elas são muito importantes na medida em que podem, segundo os casos, servir de alavanca, suporte ou apoio na decisão de migrar (CASTLES; MILLER 2004; HARGUINDEGUY, 2007). As pessoas conhecidas que moram no espaço geográfico aonde o estrangeiro migra podem ter um papel muito importante na hora de conseguir trabalho, moradia; assim como nos primeiros momentos podem ajudar o estrangeiro a conhecer outras pessoas, participar de atividades em comum, etc. Agora bem, muitas vezes estas relações sociais prévias podem ser por pessoas do mesmo espaço nacional que migraram para o mesmo lugar, fenômeno bastante recorrente. Ou pode se tratar de pessoas que foram conhecidas em momentos de visita ao lugar, que é o mais frequente em casos de espaços turísticos (HARGUINDEGUY, 2007). Este conhecimento prévio ou familiaridade com o lugar, produtos das férias ou turismo, também funciona como base de confiança na hora de migrar.

Por outro lado, existem relações sociais que se desenvolvem exclusivamente no espaço geográfico após o imigrante se estabelecer e que se referem ao processo de *integração*. Estas relações ganham centralidade em casos de migrantes que se transladam por fora de vínculos de emprego e sem certezas ou conhecimento sobre o lugar (CASTLES; MILLER, 2004). Mas também resultam de um recurso valioso nos âmbitos de trabalho onde as referências podem ter um papel

importante, como no caso da mobilidade de acadêmicos e professores (BURGOS, 2009).

Estas relações podem variar de grau, dependendo dos casos, mas é interessante considerá-las em todas as suas variantes. Granovetter (2007) em *The Strength of weak ties*, ajuda a pensar a importância das interações por mais irrelevantes que pareçam. O autor enfoca nos laços entre indivíduos numa escala reduzida, esporádicos, aqueles que não são laços fortes, senão fracos, frágeis. Segundo o autor, este tipo de laço fraco pode gerar, em determinadas condições, sentimentos de integração até com maior força que os laços estruturais – a identidade nacional – e os fortes – laços de amizade, afeto, etc. A centralidade vai estar dada nos laços inseridos em um espaço reduzido, familiar, e em pequena escala. Em outras palavras: por meio da análise cuidadosa e detalhada de laços sociais em espaços reduzidos, quase íntimos, podemos dar conta de graus de integração que vão além do estrutural, reconhecendo a riqueza e significância deste tipo de vínculo¹¹. Além do mencionado, também permite compreender a dinâmica de relações indiretas, maneiras nas quais as pessoas se encontram relacionadas, ainda sem se conhecer.

Avançando na definição deste tipo de relações sociais, os conceitos de *comunidade* e *localidade*, utilizados por autores como Hall (2008) e Appadurai (1996), aparecem como ferramentas muito úteis. Aqui a noção de comunidade será retomada para fazer referência ao estabelecimento de relações pós-migração, entre estrangeiros da mesma procedência e/ou que moram na mesma área geográfica, o que conecta depois com o conceito de localidade. Nos termos de Hall (2004)

O termo “comunidade” (como em “comunidades de minorias étnicas”) reflete precisamente o forte senso de identidade grupal que existe entre esses grupos. Entretanto, isso pode ser algo perigosamente enganoso. Esse modelo é uma idealização dos relacionamentos pessoais dos povoados compostos por uma mesma classe, significando grupos homogêneos que possuem fortes laços internos de união e fronteiras bem

¹¹ “O vínculo estabelecido gera paradoxos: laços fracos, geralmente concebidos como alienação são vistos aqui como indispensáveis para as oportunidades individuais e para a integração em comunidades; laços fortes, que reproduzem coesão local, levam a uma fragmentação geral [...] tratar somente a força do laço ignora, por exemplo, vários aspectos importantes envolvidos no seu conteúdo” (GRANOVETTER, 2007, p. 1378, tradução nossa).

estabelecidas que os separam do mundo exterior [...] Um quadro mais preciso teria que partir da complexidade vivida que surge nessas comunidades diaspóricas, onde as formas de vida derivadas de suas culturas de origem e denominadas “tradicionalis” continuam influenciando as autodefinições comunitárias, embora constantemente operem em todos os níveis ao longo das interações cotidianas amplas [...] as tradições variam de acordo com a pessoa, ou mesmo dentro de uma mesma pessoa, e constantemente são revisadas e transformadas em resposta às experiências migratórias (HALL, 2008, p. 65- 66).

As contribuições de Hall são muito importantes já que sugerem cuidado na hora de refletir sobre a constituição das comunidades por parte dos imigrantes. Embora a formação de grupos de indivíduos que compartilham procedência, língua e costumes seja um fenômeno regular, não é possível entender isto como uma inevitabilidade mecânica. Senão que depende de vários fatores: a vontade dos indivíduos de compor grupos; a conexão entre eles através do tempo; a disponibilidade de tempo para atividades grupais; uma proximidade geográfica que permita o contato entre eles. Mas também depende de que estas pessoas compartilhem um passado em comum, aquele substrato das identidades nacionais deve previamente existir para que estas pessoas sintam a necessidade de se conectar com as outras (SORENSEN, 1997, p 153, tradução nossa).

No sentido estrito, comunidades étnicas são

[...] fortemente marcadas e mantêm costumes e práticas sociais distintas na vida cotidiana, sobretudo nos contextos familiares e domésticos. Elos de continuidade com seus locais de origem continuam a existir (HALL, 2008, p. 65).

Ou seja, que para considerar se existe ou não uma comunidade étnica, no caso desta pesquisa entre os imigrantes argentinos radicados em Balneário Canasvieiras, deveria se reconhecer algum grupo ou grupos formados entre eles com uma existência contínua e uma organização determinada. Conjuntamente deveria ser reconhecida uma série de mecanismos de comunicação, ajuda, auxílio, contato por

trabalho. E, uma questão fundamental, mecanismos de manutenção e transmissão de costumes, desagregadas em diversas dimensões como língua, comemorações, datas pátrias, comida, costumes, etc. São estas as arestas que definem as comunidades étnicas na maior parte da bibliografia (CASTLES; MILLER, 2004; HALL, 2008; WOODWARD, 2003; BAUMAN, 2001), e alguns destes funcionamentos e mecanismos devem ser achados para poder afirmar a existência de comunidades fundamentadas em termos étnicos.

Em sintonia com o exposto nos parágrafos anteriores, resta mencionar dois conceitos importantes retomados de Appadurai (1996). O primeiro é *localidade*, como o marco abstrato e geral onde se insere o segundo conceito: *vizinhança*¹², que se refere às potencialidades de interações sociais possíveis de serem identificadas em espaços reduzidos, delimitados a partir de características específicas. Mais que uma referência geográfica, se trata de um critério social, um tecido de interações que compõe uma sociabilidade específica (APPADURAI, 1996). As características desta sociabilidade se referem ao conhecimento interpessoal, interações cotidianas em uma escala reduzida, o que traduz a singularidade deste tipo de relação social. Assim se consegue fugir da ideia de que “[...] as identidades de grupos implicam necessariamente que a cultura seja enlaçada espacialmente, que tenha uma única consciência histórica, ou formas etnicamente homogêneas” (APPADURAI, 1996, p. 183, tradução nossa).

A vantagem da contribuição de Appadurai é a de colocar especial atenção às potencialidades que determinados espaços geográficos reduzidos podem ter, considerando as sociabilidades que ali podem ser produzidas. É possível adicionar aqui a referência de Elias e Scotson (2000) no seu ensaio *Os Estabelecidos e Outsiders*, para compreender como determinadas dinâmicas sociais-espaciais sustentam critérios de pertencimento e identidades, baseadas no tempo, no espaço e nos âmbitos de interação entre os indivíduos e os grupos. Esta contribuição não só permite pensar nas maneiras em que se podem estabelecer relações sociais e diversos graus de integração entre os imigrantes entre si, ou com os “locais”, ou seja, com os brasileiros. Estas ferramentas também permitem compreender a diferenciação binária entre as pessoas que se identificam de diferentes formas, a partir de diferentes critérios que podem ser econômicos, culturais, laborais. No caso de Florianópolis e Balneário Canasvieiras, como será mencionado mais na frente, existem diversas variáveis como é a presença de imigrantes provenientes

¹² No original o conceito é *Neighborhood*.

de outras partes do Brasil. Isto gera antecedentes em relação a identidades diversas, inclusive dentro da mesma “comunidade imaginada”¹³. Isto exige considerar variáveis e fatores, que deverão ser levados em conta e avaliados ao longo do trabalho de campo, tentando ser sensível à maior presença de alguns como recursos explicativos.

Em síntese, a produção teórica sobre o tema das migrações debruça-se em diversas arestas e dimensões, podendo trabalhar desde uma perspectiva estrutural ou individual, dando prioridade a fatores econômicos, políticos, culturais, etc. O recorte bibliográfico, as referências a outras pesquisas empíricas e às escolhas metodológicas aqui realizadas, procuraram ser sensíveis à natureza do objetivo geral pensado para o trabalho. Mas, paralelamente, tentou-se também modificá-las ao longo da pesquisa, já que se tratando de um trabalho exploratório, foi necessário mudar, se deter e aprofundar em algumas questões. Conjuntamente é necessário considerar as suas limitações, pela mesma natureza exploratória, este trabalho reconhece que diversas temáticas não foram abordadas, questões que deveriam ser aperfeiçoadas, entre outras falências. O aprendizado mais significativo desta investigação talvez seja o diálogo crítico com as ferramentas teóricas e referências empíricas, compreendendo que toda contribuição teórica tem limites na hora de ser aplicada em outro espaço geográfico, em sociedades diferentes às que deram origem aos conceitos e, especialmente, quando se tratam de outras “comunidades imaginadas”.

¹³ É possível referir aqui o artigo *Migração e diferença: o caso do CTG em Florianópolis*, onde Larentes da Silva (2003) estuda a formação do Centro de Tradições Gaúchas na praia de Canasvieiras, e uma série de discussões e conflitos a partir dele. Tiveram uma grande repercussão nos jornais e na mídia, atitudes e manifestações de rejeição por parte daqueles que se definiam como “mané”, herdeiros de uma cultura açoriana, frente aos gaúchos (provenientes tanto de Rio Grande do Sul, como do interior e oeste de Santa Catarina).

2. FUNDAMENTAÇÃO METODOLÓGICA

2.1 SOBRE A TRIANGULAÇÃO COMO ESTRATÉGIA METODOLÓGICA.

Como se mencionou na introdução, a estratégia metodológica desdobrada nesta pesquisa responde à triangulação de métodos. Trata-se de um tipo específico de articulação entre etapas de pesquisa, neste caso, a abordagem quantitativa produziu e forneceu uma série de dados que, além de serem necessários para conhecer a população da pesquisa, posteriormente permitiram pensar no desenvolvimento da etapa qualitativa. O objetivo foi conseguir progressivamente abordar diferentes dimensões dos interrogantes que estruturaram a pesquisa, utilizando os resultados de uma etapa para poder planejar e pensar a seguinte.

A primeira aplicação da triangulação como uma estratégia de metodologia foi no estudo de Campbell e Fiske, titulado *Convergent and discriminant validation by the multitrait-multimethod matrix*, no ano 1959. A partir deste antecedente um amplo debate tem se iniciado em relação à pertinência de combinar metodologias, assim como as vantagens e perigos que isto implica. Uma das definições mais completas e sistemáticas da triangulação foi proposta por Denzin (1970; 1978) onde, na interpretação de Arias Alpízar (2009), esta estratégia é entendida como uma validação convergente, ou seja, quanto maior grau de triangulação maior o grau de confiabilidade. Segundo este autor, existem diferentes tipos de triangulação: a) de dados; b) temporal; c) de pesquisadores ou analistas; d) metodológica; e) de teorias ou teórica; f) múltiple, que junta dois ou mais dos tipos previamente citados.

Segundo Arias Alpízar (2009), Denzin estabelece dois pontos centrais como vantagens da triangulação. Por uma parte procura a validação confluyente¹⁴ e a produção de dados diferentes e

¹⁴ A discussão da validação confluyente como o objetivo da triangulação é ampla e tem várias faces. Alguns autores entendem que no caso da triangulação simultânea o objetivo é mais amplo que a validação, se trata de obter diversos dados sobre o mesmo fenômeno. A autora citada tenta chamar a nossa atenção ao fato de que a triangulação deve ser pensada de maneira mais ampla que somente uma validação concorrente, tentando respeitar os princípios ontológicos e epistemológicos que cada escolha metodológica exige. Sobre as

complementários sobre o mesmo tema. E por outra parte supõe um *continuum*, uma visão holística do objeto de estudo, tentando atingir uma compreensão integral e ampla da realidade. Neste sentido Verd e López (2008) justificam a progressiva importância que a triangulação tem ganhado nos últimos tempos a partir do reconhecimento de uma complexidade cada vez maior da realidade social, assim como os paradigmas para compreendê-la (RISJORD; DUNBAR; MOLONEY, 2002).

Segundo estes autores, a principal riqueza da triangulação metodológica encontra-se no fato de que a aplicação de um método outorgará como resultado um conjunto de questões e inquietações que podem ser respondidas a partir dos dados obtidos na aplicação de outro método. Eis o produto mais importante: compreender as complexas e inúmeras relações existentes “na vida social”. Nas palavras de Verd e López (2008) a obtenção de diferentes tipos de dados em diferentes etapas ou níveis obriga o pesquisador a desenvolver possibilidades de explanação da complexidade –maior – do objeto de estudo, que evidentemente vão além das expectativas iniciais. Estes progressivos resultados são considerados por Bericat (1998), Callejo; Viedma (2006), como os resultantes de diversos graus de triangulação¹⁵.

Como resultado da revisão bibliográfica, a proposta de triangulação nesta dissertação responde aos seguintes critérios. Será metodológica, já que se tentará desenvolver duas abordagens – quantitativa e qualitativa – aplicando diferentes métodos de pesquisa, cada um de maneira completa, para posteriormente articular os resultados obtidos numa explanação integral do fenômeno estudado.

principais vantagens da triangulação como estratégia, será citado um artigo de Risjord, Dunbar e Moloney mais na frente.

¹⁵ Tipo I: uso conjunto de variadas técnicas que se orienta unicamente a abordar diferentes aspectos ou dimensões do objeto de estudo, sem produzir uma integração analítica. Tipo II: patamares sucessivos, onde os dados produzidos num momento são recolhidos e analisados e utilizados para melhorar a próxima obtenção de dados ou a análise da mesma (pode ser explicativo, exploratório ou sequencial) Tipo III: confirmação de achados por meio de duas técnicas diferentes. Procura-se a convergência de resultados a partir de métodos desenvolvidos de maneira independente na mesma fase da pesquisa, os dados vão ser integrados no momento da interpretação. Tipo IV: projeto concorrente baseado em *aninhar*. Na mesma fase de obtenção cada uma das técnicas orienta-se a medir aspectos diferentes, mas complementários. É um método que se incrusta em outro. (BERICAT, 1998; CALLEJO; VIEDMA 2006).

Será sequencial, devido a que os dados obtidos na primeira aplicação de uma das metodologias fez parte da justificativa e do planejamento da etapa posterior, onde será utilizada outra técnica ou metodologia (BEGLEY, 1996). Assim, primeiramente se desenvolveu a etapa quantitativa e, ao longo da sua execução, começou-se a pensar e planejar a etapa qualitativa, a partir de tópicos que foram aparecendo progressivamente.

2.2 NOTAS PRELIMINARES SOBRE OS DADOS DISPONÍVEIS.

Antes de começar a detalhar como foram pensadas e desenvolvidas as etapas de trabalho é importante esclarecer o patamar de dados e informações prévias. Inicialmente foi preciso obter um conhecimento prévio para projetar e realizar o trabalho de campo. Portanto, as primeiras tarefas realizadas foram:

- a) Pesquisa sobre os movimentos migratórios no Brasil, Santa Catarina e Florianópolis.
- b) Pesquisa sobre a história, atualidade e características do bairro Balneário Canasvieiras (população, centros de saúde, atividades econômicas).
- c) Pesquisa sobre registros de estrangeiros argentinos radicados em Balneário Canasvieiras, distrito Canasvieiras e Florianópolis.
- d) Familiarização por meio de visitas periódicas do espaço urbano do bairro Balneário Canasvieiras.

O questionário foi pensado e formulado a partir de uma série de interesses que estruturaram os interrogantes da pesquisa. O caráter exploratório do trabalho tem sido um fator fundamental que influenciou cada dimensão trabalhada. Considerando a falta de dados preexistentes sobre a possível magnitude do universo – argentinos radicados no bairro Balneário Canasvieiras – era impossível estimar a sua quantidade, assim como as condições que permitiriam estruturar grupos amostrais ou critérios de análise. Segundo os dados providenciados pela Polícia Federal, de pesquisas realizadas no mês de junho do ano 2011, a quantidade de argentinos que declararam morar em Canasvieiras é aproximadamente 368, como é possível observar na tabela.

Tabela 1 - Quantidade de argentinos residentes em bairros de Florianópolis

PESQUISA MESTRANDA UFSC		
BAIRRO	QTD ARGENTINOS	
SAMBAQUI	28	2,75%
DANIELA	7	0,68%
JURERÊ INTERNAC	15	1,47%
JURERÊ INTERNA	4	0,39%
PONTA DAS CANAS	61	5,99%
LAGOINHA	22	2,16%
SANTINHO	31	3,04%
MOCAMBIQUE	0	0%
RIO VERMELHO	127	12,48%
CACHO DO BOM JESUS	1	0,098%
RATONES	1	0,098%
SACO GRANDE	3	0,29%
CACUPÉ	17	1,67%
CANASVIEIRAS	368	36,18%
VARGEM GRANDE	55	5,40%
INGLESES	192	18,87%
VARGEM PEQUENA	9	0,88%
JURERÊ	76	7,47%
TOTAL	1017	100

Pesquisa realizada em 17/06/2011

Pesquisa realizada em 20/06/2011

Fonte: Polícia Federal (2011)¹⁶.

Agora bem, estes dados sofrem de duas limitações centrais:

- Como bem foi explicado pela delegacia, o cadastro das pessoas nos bairros é realizado a partir da simples declaração da pessoa. Ou seja, trata-se de um dado que não é controlado além do declarado pelo estrangeiro quando faz o registro na Polícia Federal. Além disso, uma vez que a pessoa declarou o seu

¹⁶ Pesquisas de atualização do registro de estrangeiro. Informações encaminhadas pela Polícia Federal via e-mail no ano 2011.

domicílio não é obrigatório atualizar o endereço posteriormente. Sendo assim, se a pessoa se muda não é necessário que ela mude o endereço no banco de dados.

- Outro viés a ser considerado destes dados é que na hora de registrar o bairro aonde a pessoa diz morar, esta informação não é corroborada pelo endereço. Se a pessoa diz morar em Balneário Canasvieiras, mas o seu endereço corresponde ao bairro de Vargem Grande, não é revisada esta falta de concordância.

Posteriormente foi possível conseguir outro tipo de dados por meio da Secretaria de Saúde de Florianópolis. Segundo a regionalização do espaço de Florianópolis, trata-se de dados obtidos sobre o distrito norte da ilha, que congrega vários bairros. No caso de Balneário Canasvieiras o Cadastro família da Secretaria possui somente quarenta (40) argentinos cadastrados, classificados segundo o ano de registro (2004-2010), sexo, idade. Sendo assim, os dados existentes sobre argentinos radicados no bairro Balneário Canasvieiras podem ser resumidos na seguinte tabela:

Tabela 2 - Argentinos radicados no Bairro Balneário Canasvieiras nos anos 2004 - 2010

Intervalo	Mulheres	Homens	Total	Porcentagem
0-15	3	5	8	20%
15-30	1	4	5	12,5%
30-45	5	6	11	27,5%
45-60	6	6	12	30%
60-75	2	0	2	5%
75-90	1	0	1	2,5%
90-105	1	0	1	2,5%
total	19	21	40	100%

Fonte: Produção do próprio autor (2012)¹⁷.

Por último, foi possível conseguir dados de argentinos residentes em Florianópolis por meio do Consulado da Argentina neste município. As limitações dos dados também são grandes, já que os argentinos não tem obrigação de se registrar no Consulado. Os dados fornecidos somente incorporam àqueles argentinos que se registraram nos padrões

¹⁷ Informações fornecidas pela Secretária de Saúde de Florianópolis.

eleitorais para votar. Os representantes do Consulado mencionaram em repetidas ocasiões que pela experiência de trabalho deles é uma porcentagem muito baixa de estrangeiros que se registra para votar (o que foi possível constatar ao longo da aplicação do questionário no caso de Balneário Canasvieiras). Finalmente, segundo o Consulado, para as eleições presidenciais do ano 2011 encontravam-se registrados aproximadamente oitocentos (800) argentinos em toda Santa Catarina, dos quais quinhentos (500) correspondem a Florianópolis.

2.2.1 Dados do IBGE sobre estrangeiros.

A principal dificuldade dos dados disponíveis de estrangeiros, segundo o censo 2010 do IBGE, é que estes não discriminam a nacionalidade, o que não permite conhecer a quantidade de argentinos que residem em Santa Catarina, nem em Florianópolis. Mas pelos dados existentes até agora é possível detalhar alguns aspectos que podem ajudar a refletir sobre o caso pesquisado, fazendo referência às tendências migratórias registradas.

Em primeiro lugar, no estado de Santa Catarina a população estrangeira tem maior presença que a estrangeira naturalizada em relação ao total do estado. Em termos absolutos, a população residente não natural no estado de Santa Catarina é de 1.118.257, ou seja, que representa o 17,90% do total da população catarinense. Em segundo lugar, a classificação dos estrangeiros segundo o tempo de residência mostra uma tendência interessante. Apresenta-se aqui uma tabela resumindo os dados oferecidos pelo IBGE, da quantidade de estrangeiros por tempo de residência, para observar as diferenças segundo os períodos. É possível destacar que mais da metade dos estrangeiros hoje residentes no estado tem se estabelecido há mais de dez anos.

Tabela 3 - Estrangeiros residentes no Estado de Santa Catarina segundo tempo de residência

Tempo de residência	Quantidade absoluta	Porcentagem	Porcentagem acumulado
Menos de 1 ano	69.945	6,25%	6,25%
De 1 a 2 anos	118.780	10,62%	16,87%
De 3 a 5 anos	169.884	15,20%	32,07%

De 6 a 9 anos	138.957	12,42%	44,52%
10 anos ou mais	620.248	55,46%	100%
Total	1.118.257	100%	100%

Fonte: Censo IBGE (2010).

Considerando que o fluxo migratório da Argentina para o Brasil é um dos mais significativos¹⁸ é possível destacar algumas características que lhes são próprias. No estudo *Shaping Brazil: the role of international migration* (2005) de Amaral e Fusco as relações de migração desde Argentina para o Brasil – com o parâmetro do ano 2000 apresentam duas características importantes:

- A Argentina tem o primeiro lugar nos países de América do Sul em imigrantes que entraram no Brasil (com um total absoluto de 27.531).
- E é também o primeiro (e único entre primeiros treze países) da América do Sul em quantidade de imigrantes com visto de trabalho. E isso é importante ser destacado, lembre-se que ao longo da década de 2000 se deram as principais modificações de promoção de imigração por parte do Estado Brasileiro, focalizado na mão de obra altamente qualificada, onde a Argentina também se coloca com a maior porcentagem de imigrantes mais qualificados (mais de doze anos de estudo) dos países latino-americanos.

Segundo o Censo do ano 2000 e os microdados de IBGE, a Argentina se coloca em primeiro lugar de imigrantes naturalizados brasileiros (65 %), segundo o estudo de *Perfil Migratório do Brasil 2009*, do Ministério do Trabalho e Emprego e a publicação *Migrações internacionais e a previdência social*, do Ministério da Previdência Social no ano 2006. O total de estrangeiros que regularizaram a sua condição foi de quarenta e três mil (43.000). Já no ano 2010 a quantidade de pessoas que moravam regularmente no Brasil atingiu um milhão, do qual cinquenta e cinco mil (55.000) eram argentinos. Além disso, as condições para se obter o visto de residência permanente para argentinos e brasileiros têm mudado a partir do convênio bilateral

¹⁸ Com um total de 7.800 segundo o **Jornal do Brasil**. Disponível em: <<http://oestrangeiro.org/2012/04/18/aumento-da-imigracao/>>. Acesso em: 27 abr. 2012.

Argentina – Brasil. Este convênio que começou a funcionar no ano 2006 estabelece, tanto para argentinos como para brasileiros, a possibilidade de residir legalmente no país vizinho com quase a totalidade de direitos de como se fossem cidadãos. A facilidade de obtenção do visto de residência fez com que fosse muito difícil encontrar algum argentino em condições irregulares¹⁹.

Em resumo, os fluxos migratórios provenientes da Argentina para o Brasil possuem uma magnitude que os diferencia claramente do resto dos países da América Latina, com porcentagens praticamente constantes ao longo de 14 (catorze) anos. E um dos aspectos mais significativos é a participação que tem a migração de mão de obra qualificada proveniente da Argentina, já que foi um objetivo do Estado Brasileiro que implicou facilidades nos mecanismos de obtenção de vistos e da condição de cidadania²⁰.

2.3 SOBRE OS ESTUDOS DE CASO: BALNEÁRIO CANASVIEIRAS.

A principal ferramenta metodológica a ser utilizada nesta pesquisa é o estudo de caso, o que exige uma definição rigorosa do referente empírico, assim como os motivos da sua escolha. Considera-se aqui a definição da estratégia de estudo de caso sem ser definida como pertencente à abordagem quantitativa ou qualitativa, retomando as contribuições de Yin (2001). Embora as duas perspectivas procurem uma compreensão profunda e detalhada dos fenômenos pesquisados, o

¹⁹Disponível em: <<http://portal.mj.gov.br/main.asp?View={A5F550A5-5425-49CE-8E88-E104614AB866}&BrowserType=IE&LangID=pt-br¶ms=itemID%3D%7BA46C4A21-BF55-4A93-9E7D-A87365C8AFF7%7D%3B&UIPartUID=%7B2218FAF9-5230-431C-A9E3-E780D3E67DFE%7D>> Acesso em 1 ago. 2012.

²⁰ Para mencionar umas das principais mudanças que tem acontecido no que se refere ao processo de obtenção de visto e cidadania no começo do ano 2009, o Brasil tem estabelecido uma série de mecanismos por meio dos quais os argentinos podem obter um visto de residência temporária por 2 anos somente com a identidade, certificado de inexistência de antecedentes penais, declaração do interessado e o pagamento da taxa. Depois dos 2 anos de residência sem interrupção no Brasil, o estrangeiro pode obter o visto de residente permanente de maneira imediata na Polícia Federal. Segundo Ministério de Justiça. Disponível em:

<<http://portal.mj.gov.br/data/Pages/MJA5F550A5ITEMIDA46C4A21BF554A939E7DA87365C8AFF7PTBRIE.htm>> Acesso em 1 ago. 2012.

estudo de caso pode abrigar nele misturas e combinações diversas de técnicas de natureza quantitativa e qualitativa. Sempre que o objetivo for o trabalho sobre o(s) referente(s) empírico(s) determinados, é possível variar nas identificações entre ferramentas metodológicas e abordagens. Deste modo, o estudo de caso pode utilizar tanto elementos quantitativos e qualitativos, com o objetivo de explicar o caso analisado, respeitando os fundamentos lógicos de cada um deles.

Avançando na definição do referente empírico é preciso mencionar alguns elementos que justificam a escolha de Balneário Canasvieiras, localizado no distrito que leva o mesmo nome. Conforme a bibliografia consultada, a restrição da pesquisa do bairro deve justificar-se por uma série de aspectos que traduzam a importância do espaço geográfico selecionado, considerado como uma unidade. Conjuntamente, a principal limitação que esta estratégia metodológica apresenta é que o conhecimento produzido a partir da pesquisa dificilmente possa ser utilizado em outras pesquisas. A defesa epistemológica do estudo de caso é clara: não se procura produzir um conhecimento capaz de ser generalizado, senão que se trata de compreender da maneira mais profunda possível aquele caso selecionado. Yin (2001) estabelece que um estudo de caso único justifica-se na sua *singularidade*, na identificação de condições e particularidades específicas, e daí floresce o diálogo com a teoria²¹.

Neiman e Quaranta (2007) também reconhecem a singularidade do caso como o fundamento básico já que procuram “[outorgar] prioridade ao conhecimento profundo do caso e suas particularidades acima da generalização dos resultados” (NEIMAN; QUARANTA, 2007, p. 219, tradução nossa)²². De tal modo, os critérios do desenho metodológico por meio do qual se “acessa” o corpus empírico serão

²¹ “Encontra-se um fundamento lógico para um caso único quando ele representa o caso decisivo ao testar uma teoria bem formulada [...]. A teoria especificou um conjunto claro de proposições, assim como as circunstâncias nas quais se acredita que as proposições sejam verdadeiras. Para confirmar, contestar ou estender a teoria, deve existir um caso único, que satisfaça todas as condições para testar a teoria. O caso único pode, então, ser utilizado para se determinar se as proposições de uma teoria são corretas ou se algum outro conjunto alternativo de explicações possa ser mais relevante” (YIN, 2001, p. 62).

²² “[...] otorgan prioridad al conocimiento profundo del caso y sus particularidades por sobre la generalización de los resultados” (NEIMAN, QUARANTA apud VASILACHIS DE GIALDINO, 2007, p. 219).

derivados desta singularidade. Segundo Arzaluz Solano (2005) o estudo de caso “[...] fornece um panorama das transformações da vida social no tempo e no desenvolvimento de padrões da vida cotidiana tal como ela muda” (ARZALUZ SOLANO, 2005, p. 119, tradução nossa)²³. Em síntese, as vantagens do estudo de caso são: a) reconhecer a riqueza na particularidade; b) compreender a realidade de maneira holística; c) reconhecer as mudanças na vida cotidiana no passar do tempo.

Neste sentido, Pires (2008) talvez nos ajude a definir um pouco melhor a relação entre o estudo de caso e o referente empírico escolhido. Trabalhando sobre diversas maneiras de amostragem por caso único o autor menciona um tipo de amostra por caso único de meio geográfico ou institucional. Ele menciona algumas características metodológicas e recomendações epistemológicas que servem perfeitamente para o nosso fundamento.

O universo de análise se apresenta ao analista de forma não parcelada e como sendo passível de uma apreensão em sua totalidade [...] não exige, necessariamente, que todas as observações sejam feitas em um único local, mas tão simplesmente que elas sejam tratadas como se referindo globalmente a um mesmo meio [trata-se de] fornecer um retrato global aprofundado de um mesmo [referente] (PIRES, 1008, p. 177).

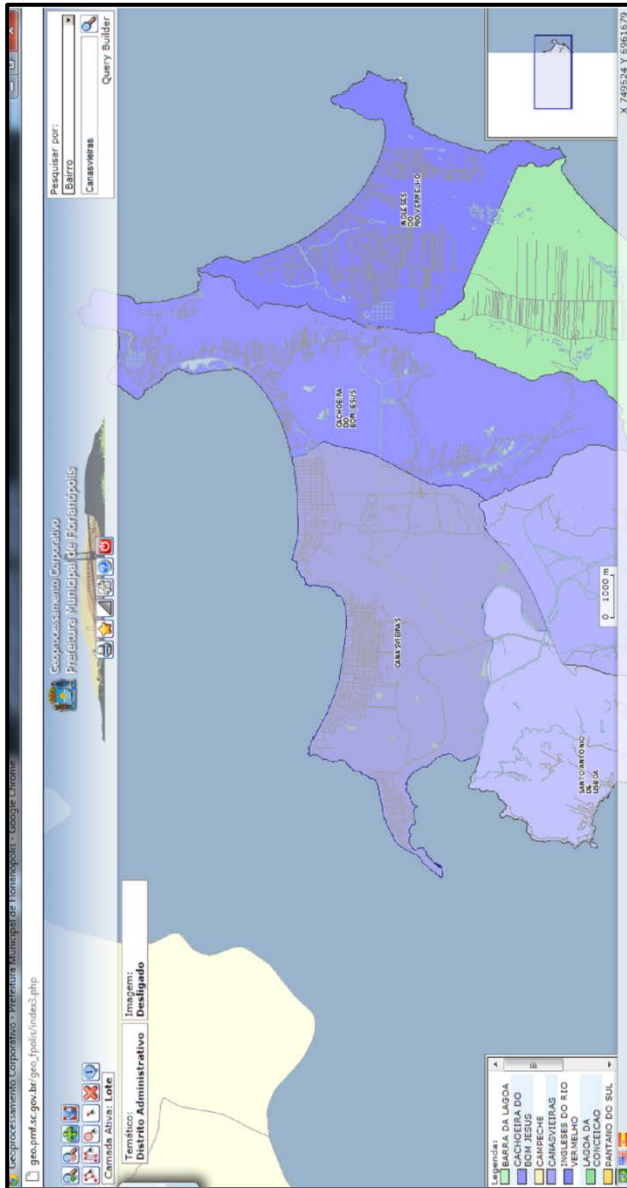
Uma vez mencionado isto é possível voltar ao nosso referente empírico e detalhar de que maneira as características do caso fazem da estratégia mencionada a mais apropriada. Mas antes é preciso mencionar brevemente alguns dados gerais do espaço geográfico ao qual nos estamos referindo, assim como da sua população.

O bairro Balneário Canasvieiras faz parte do Distrito Canasvieiras com uma extensão de 29,13km², que incorpora os seguintes bairros: Praia do Forte, Daniela, Jurerê Oeste, Jurerê Leste, Canto do Lami, Canasvieiras, Vargem de Fora, Jurerê Sul, Mangue de Jurerê. Desde 1748 o espaço foi ocupado por açorianos e se converteu em um centro de atividades econômicas: como a plantação de cana-de-açúcar, mandioca, café, algodão, entre outros. Definido hoje como distrito, tem uma população estimada pelo IPUF de 16.987 para o ano

²³ “Proporciona un panorama de los vaivenes de la vida social en el tiempo y el despliegue de los patrones de la vida cotidiana tal como ésta cambia” (ARZALUZ SOLANO, 2005, p. 119).

2006, aonde Balneário Canasvieiras possui 8.229 residentes também estimados para esse ano.

Mapa 1 - Mapa por distrito administrativo: Canasvieiras



Fonte: Geoprocessamento IPUF (2010).

Há mais de trinta anos o bairro de Balneário Canasvieiras tem se convertido em um grande centro turístico, pelo fato de ser um dos balneários mais acessíveis da Costa Norte. Este florescimento tem salientado um desenvolvimento urbano e comercial, que faz de Balneário Canasvieiras um dos centros que polariza as atividades econômicas, turísticas, administrativas e de serviços de saúde na região norte da ilha de Florianópolis. De acordo com a Prefeitura Municipal de Florianópolis, Balneário Canasvieiras “É hoje, uma das praias de melhor infraestrutura e de maior opção de lazer para a vida noturna durante o verão” (PREFEITURA DE FLORIANÓPOLIS – IPUF, 2000).

Mencionado isto, agora é preciso detalhar as razões pelas quais este bairro resulta um referente empírico propício para a pesquisa proposta. Lembre-se que, desde a perspectiva de estudo de caso, são as singularidades, as suas características e traços específicos os que justificam a escolha. Seis aspectos serão enumerados como aspectos que guiaram a pesquisa desde a perspectiva mencionada:

- Conforme o Registro da Polícia Federal, a quantidade de argentinos residentes em Canasvieiras é estimada em 368 pessoas. Este número supera amplamente a todos os outros bairros, inclusive, o dos Ingleses (reconhecidas ambas as praias por serem destino preferido da população argentina residente). Ou seja, que os argentinos que declararam residir em Canasvieiras são o 36% do total de argentinos registrados em toda Florianópolis.
- A forte presença do turismo argentino que ali pode ser reconhecido. Como explica Schmeil (1994), a importância da recorrente visita por parte de argentinos a Balneário Canasvieiras tem como efeito gerar um conjunto de imagens, representações e pressupostos entre as populações que se identificam como brasileiros e argentinos. Existe a possibilidade de que se constituam estereótipos culturais sobre as identidades, práticas e atitudes por parte da população brasileira sobre pessoas argentinas e vice-versa, como produto do contato de períodos compartilhados na época de férias. Ainda que se trate de um tipo de ocasião especial – o tempo de férias não pode ser comparado com a vida cotidiana– as visitas se realizam com regularidade de até duas vezes por ano, e casos de famílias argentinas que têm tirado férias ali por mais de cinco ou seis anos consecutivos. Este fenômeno da regularidade turística também é importante como *indicador na hora de pensar a constituição de relações sociais*

prévias ao momento da emigração. Dessa maneira, a pesquisa desenvolvida por Schmidt Andujar (2004) demonstra: a) que os fluxos turísticos provenientes da Argentina ocupam o primeiro lugar com o destino em Canasvieiras – há doze anos sem interrupção, a principal afluência de turistas em Canasvieiras foi de argentinos -. b) que nas categorias de pesquisa da SANTUR a opção de *ficar na casa de um amigo*, foi o segundo meio de hospedagem mais utilizado pelos turistas nas temporadas 2001 – 2003.

- Segundo a pesquisa da SANTUR do ano 2012, os turistas provenientes da Argentina também ocuparam a primeira posição nas férias de verão, nos meses de Fevereiro e Março, comparado com aqueles que vieram do Chile, Uruguai e Paraguai. No primeiro mês representaram 78,31%, e no mês de Março, a participação diminuiu para 52,50% do total de turistas estrangeiros. No caso desta publicação, também a hospedagem na casa de amigos ou parentes foi a segunda categoria mais referida pelos turistas, superando outras como albergue, aluguel de casa e apartamentos. Nos dados da SANTUR (2012), bem como os trabalhados por Schmid Andujar (2004), a principal propaganda que influenciou na viagem para Florianópolis foi a existência de amigos ou parentes, com uma preeminência de entre 63% e 76% na totalidade dos consultados.

- No que refere aos escassos dados de residência permanente de argentinos, é importante destacar que “Nos últimos quinze anos aumentou bastante o número de imóveis vendidos a pessoas de outros estados e países. Os argentinos atualmente têm casas, lotes, hotéis e pousadas em Canasvieiras, Pontas das Canas e Cachoeira do Bom Jesus” (SCHMIDT ANDUJAR, 2004, p. 39).

- Agora bem, a significativa participação do turismo argentino não pressupõe necessariamente a existência de processos de constituição de sociabilidades prévias, embora os indícios que poderiam indicar isto (pelo peso que tem a escolha de se hospedar em casa de parentes e amigos por parte dos turistas). Devemos considerar que, talvez, ao contrário do que a maior parte da bibliografia sobre migrações afirma, o caso dos argentinos não se fundamente em articulações do tipo familiar ou grupo. Harguindeguy (2007) demonstra que na migração de argentinos no caso de Búzios, o aspecto central foi o conhecimento do local gerado pelo turismo frequente do espaço. Sendo Balneário Canasvieiras um dos espaços turísticos mais escolhidos pelos

turistas argentinos²⁴, seria importante levar em conta a possível presença de um fenômeno similar ao identificado por Harguindeguy.

- Para finalizar, e como uma questão anexa aos itens mencionados até aqui, considera-se importante adicionar informações complementares. No artigo *Migração e diferença: o caso do CTG em Florianópolis*, Larentes da Silva (2003) estuda a conformação do Centro de Tradições Gaúchas em Balneário Canasvieiras, e uma série de discussões e conflitos a partir dele. Atitudes e manifestações de rejeição tiveram grande repercussão nos jornais e na mídia, desenvolvidas por uma população que se definia como “mané”, herdeiros de uma cultura açoriana, frente aos gaúchos (provenientes tanto de Rio Grande do Sul, como do interior e oeste de Santa Catarina). A problemática tomou um caráter público e se viu dominada por uma agressividade significativa, como bem detalha o autor, exibindo definições essencialistas sobre as identidades. Este antecedente oferece indícios interessantes sobre os processos de integração que acontecem no espaço do referente empírico, que envolvem fluxos migratórios brasileiros.

Enumerados estes aspectos justifica-se a escolha de Balneário Canasvieiras como um caso que reúne uma série de características que o fazem um meio rico e frutífero para tentar compreender o fenômeno da migração argentina e o posterior processo de estabelecimento e integração dos sujeitos. A presença do turismo como um aspecto que fornece informações e precedentes na hora de pesquisar sociabilidades prévias tem sido justificada como um aspecto importante. As características desse turismo (incidência de amigos e parentes) foram levantadas e expostas, demonstrando que ele também pode ser uma base de conhecimento para os argentinos que decidiram radicar-se em Canasvieiras, sem ter relações sociais no lugar. O aumento de argentinos proprietários de imóveis também é um indício da importância do aumento progressivo da população estável no bairro, assim como a maior presença de argentinos registrados pela Polícia Federal como

²⁴ Para mais informação consultar: <<http://edant.clarin.com/diario/2000/01/16/e-04001d.htm>>;

<<http://www.nuevodiarioweb.com.ar/notas/2012/1/23/canasvieiras-copada-argentinos-382885.asp>>;

<http://www.reservas.net/alojamiento_hoteles/florianopolis_playacanasvieiras.htm>.

residentes. Por último, aqueles sucessos acontecidos na fundação do CTG no bairro e as rejeições por parte dos residentes aparecem como um antecedente importante para pensar processos de integração e seus obstáculos.

Como bem explica Arzaluz Solano (2005), o estudo de caso e seu referente empírico devem ter estritos limites espaços temporais, o que permite fundamentar as conclusões obtidas sem generalizá-las de maneira inapropriada e definir a capacidade explicativa da pesquisa. Em outros termos, Neiman e Quaranta (2007) estabelecem que:

O caso é definido como um sistema delimitado no tempo e no espaço de atores, relações e instituições sociais aonde se procura dar conta da particularidade do mesmo na sua complexidade (NEIMAN E QUARANTA, 2007, p 220, tradução nossa)²⁵.

Destarte a presente investigação se circunscreve ao espaço geográfico de Bairro Balneário Canasvieiras, nos mapas exibidos a seguir, há um recorte que se restringe à área comercial e maior atividade turística. É importante destacar que a restrição geográfica também é produto da composição da amostra por bola de neve. Quase a totalidade dos contatos estabelecidos foi com argentinos que moram neste espaço ou trabalham ali, ou seja, que no processo mesmo da pesquisa o espaço geográfico foi delimitando-se a partir da aparição e repetição dos casos. Nos mapas seguintes demonstra-se a região à qual se restringiu a pesquisa. Ou seja, é o espaço que foi frequentado regularmente e aonde os indivíduos participantes da pesquisa tem a sua residência ou o local de emprego. No que refere ao tempo, os parâmetros foram de junho a dezembro do ano 2011.

²⁵ “El caso es definido como un sistema delimitado en tiempo y espacio de actores, relaciones e instituciones sociales donde se busca dar cuenta de la particularidad del mismo en el marco de su complejidad”.

Desenvolvimento das etapas de trabalho.

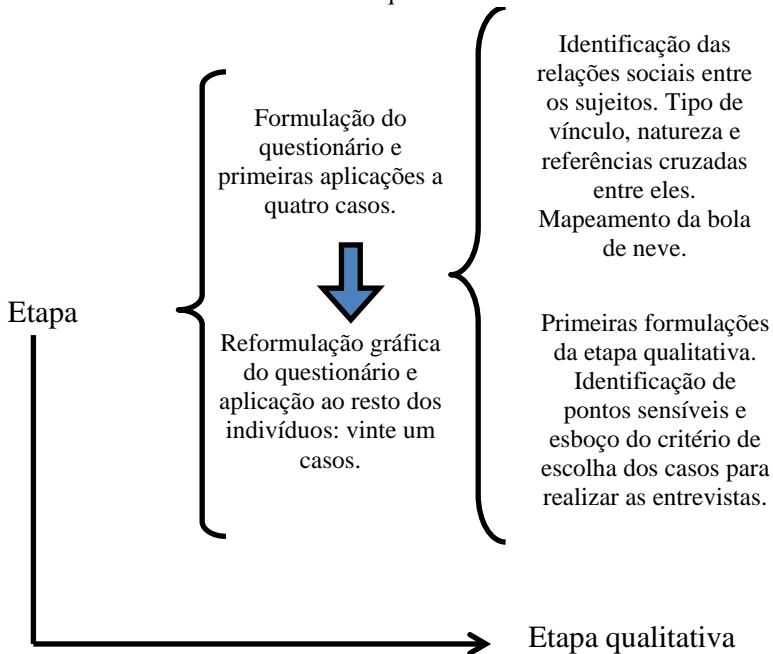
O desenvolvimento das etapas da pesquisa respeitou a perspectiva adotada da triangulação metodológica. Sendo assim, foi preciso detalhar primeiramente o que diz respeito à etapa quantitativa para posteriormente aprofundar na etapa qualitativa. Progressivamente serão colocadas e detalhadas as articulações entre as duas abordagens.

2.4 A ETAPA QUANTITATIVA.

Primeiramente se elaborou um questionário que foi aplicado a todos os argentinos identificados, que aceitassem fazê-lo. As metodologias pensadas inicialmente para a identificação de argentinos foram: estratégia de bola de neve e cadeias de referências.

Considerando o caráter exploratório do trabalho e as necessidades da pesquisa, a aplicação do questionário e o mapeamento das relações sociais por meio da estratégia de bola de neve foram atividades simultâneas. À medida que são ativadas as referências entre as pessoas para poder aplicar o questionário, foram conhecendo-se as relações entre os indivíduos e o tipo de vínculo entre eles. Conseguiu-se assim mapear essas relações como foram expostas no Mapa de relações de bola de neve. Conseqüentemente, com o tipo de triangulação escolhida como base metodológica do trabalho, o mesmo desenvolvimento da etapa quantitativa permitiu iniciar o esboço de alguns elementos da etapa qualitativa, que seria realizada de maneira acabada posteriormente. No seguinte esquema se exibem as informações próprias de cada etapa e a maneira que tem influenciado a etapa seguinte.

Figura 1- Conexões entre o desenvolvimento da etapa quantitativa e a etapa qualitativa



Fonte: Produção do próprio autor (2012).

2.4.1 A amostra.

Foram escolhidos dois critérios a serem conjugados para constituir uma amostra de indivíduos: bola de neve e cadeias de referências, já que os dois apareceram como recomendações da bibliografia na hora de pesquisar “*hiddens populations*”. Este último termo refere às populações dificilmente identificáveis que não podem ser encontradas em meios institucionais que as reúnam. A bibliografia geralmente se refere aos consumidores de drogas, membros de grupos delitivos, ou pessoas relacionadas com atividades ilegais. Esta pesquisa difere neste sentido, mas apresenta as mesmas dificuldades: não se possui uma base de dados precedente que permita a identificação dos sujeitos que a compõem, nem os meios para localizá-los. Assim, o método de bola de neve funciona entrevistando um sujeito que se corresponda aos critérios estabelecidos e ele “[...] outorga o nome de outro sujeito, que a sua vez outorga o nome de um terceiro, e assim por

diante” (ATKINSON; FLINT, 2001, p. 1, tradução nossa). A composição de uma amostra por bola de neve tem outras vantagens além do mencionado: é muito apropriada para objetivos exploratórios e para descrever características de uma população; permite reconhecer as conexões, nas suas variantes, entre os indivíduos da população alvo; sendo uma metodologia “ascendente” é sensível à incorporação de sujeitos e modificação de critérios a partir do trabalho de campo.

A riqueza do método é resultado da sua sensibilidade frente à complexidade da vida social “A bola de neve se aproveita das redes sociais para identificar os sujeitos, fornecendo aos pesquisadores um set de participantes potenciais sempre em aumento” (PETERSON; VALDEZ, 2005, p. 154, tradução nossa). Mas ali se encontra também a sua principal limitação, já que pressupõe uma ligação, relação ou mínimo conhecimento entre os indivíduos que formam parte da população alvo (na hora de identificar outra pessoa, intervém a ideia de “outro como eu” o qual resulta dos critérios de composição de identidades que fogem ao controle do pesquisador). Neste sentido, o viés e limite de uma amostra composta por bola de neve é, no melhor dos casos, o limite das relações existentes entre os entrevistados.

Algumas técnicas são recomendadas para impedir isso: evitar referências institucionais, manter uma visibilidade com a população alvo, procurar aos “porteiros” (aqueles que outorgam acesso e informação sobre população) e informantes-chave (PETERSON; VALDEZ, 2005, p. 155). Outra proposta mais consistente para evitar o viés é complementar com o método de *cadeias de referências* que se baseia no “[...] acesso estratégico a múltiplas redes para expandir o escopo da pesquisa além de uma rede social só. Isto é, a cadeia de referências (ou múltiplas bolas de neve) que são cuidadosamente estabelecidas” (PENROD et al., 2003, p. 102, tradução nossa). Ainda que se conserve a definição da população alvo, podemos iniciar simultaneamente várias bolas de neve em diversos pontos e com diferentes critérios de referência. Entre as vantagens disso, podemos mencionar o acesso a diferentes grupos etários no interior da mesma população, ou redes sociais paralelas, assim como os pontos sensíveis onde elas se cruzam, entre outras. Lembre-se que

O propósito da amostragem por cadeia de referências é gerar dados de um grupo determinado de fontes [...]. A técnica maximiza a variação nos elementos que determinam a identificação [...] permitindo direção e controle no

desenvolvimento (PENROD et al., 2003, p. 105, tradução nossa).

Ao longo dos meses de trabalhos se conseguiu estabelecer contato com trinta e nove (39) argentinos, dos quais vinte e cinco (25) concordaram em responder o questionário. A estratégia de bola de neve permitiu contatar a partir de um indivíduo, outros sujeitos por meio de relações sociais (como é exposto no mapa). Agora bem, o intuito de desenvolver cadeias de referências (ativar diversas bolas de neve simultaneamente ou desde diferentes sujeitos) não foi possível. Pela experiência de campo é possível pensar que o universo dos argentinos residentes em Balneário Canasvieiras é reduzido na sua quantidade de indivíduos e nos tipos de relações sociais que existem entre eles. Outra suposição é que as relações sociais tecidas entre estes indivíduos se caracterizem por determinados traços que fazem com que esse conjunto apareça fechado – repetição das referências entre eles – e não forneçam uma ponte para acessar a outros grupos de argentinos.

No processo de constituição da amostra se conseguiu que a estratégia de bola de neve demonstrasse totalmente a sua riqueza, exibindo os tipos de vínculos de diversas naturezas (de trabalho, pareceria, amizade) e momentos ou atividades de encontros regulares que os argentinos têm entre eles. Porém, essas mesmas características são as que inabilitaram a estratégia de cadeias de referências como mecanismos para limitar o viés da bola de neve. Parecia, por momentos, que todo mundo se conhecia, por outro lado, existia uma alta dificuldade para “achar” as pessoas, a isto deve adicionar-se o conhecimento recíproco entre estas, que fez com que soubessem que tinha uma pesquisa sendo feita sobre elas (por meio de um amigo, colega, vizinho, etc.) antes que fossem efetivamente contatadas.

A partir da qualificação do projeto foi planejada uma divisão da amostra em três grupos: A) Jovem argentino estudante ou residente: mínimo seis (6) meses, máximo cinco (5) anos. B) Adulto argentino naturalizado ou com visto de residente, residência mínimo de um (1) ano. O terceiro grupo C) iria agrupar aquelas pessoas que estivessem em condições ilegais ou irregulares no Brasil, ou seja, sem um visto legal. Esta divisão de grupos foi planejada a partir das informações de pesquisas que se adequaram à literatura consultada, já que conseguia respeitar aproximadamente as diversas condições de vida de um estrangeiro. O primeiro caso seria de jovens que, pela etapa de vida na qual eles se encontram, as possibilidades de trabalho são amplas e as responsabilidades familiares relativamente reduzidas. Aliás, foi pensado

um tempo de residência reduzido sob a hipótese que o tempo de moradia no país poderia ser um fator que fizesse variar a constituição de laços e vínculos com o espaço aonde o indivíduo reside.

O segundo grupo foi pensado para integrar aquelas pessoas que já teriam sido naturalizadas. Este processo de naturalização implica um período de residência no Brasil de, no mínimo, quatro (4) anos, tendo a pessoa filhos de nacionalidade brasileira, ou um período de quinze anos (15) de residência sem filhos. Em ambos os casos exige-se uma série de provas de língua e vários documentos. Também seriam incorporados adultos com visto de residência permanente, o que seria um grau de integração a menos na escala de possibilidades que os imigrantes argentinos têm no Brasil. Este grupo vai se diferenciar dos outros pelo status jurídico de cidadão ou residente. O fato de morar em condições legais regulares oferece ao estrangeiro um conjunto de garantias que outorgariam segurança e igualdade de trato e oportunidades em relação aos brasileiros natos.

O terceiro grupo tinha como objetivo adicionar à amostra pessoas que estivessem em condições ilegais ou irregulares, para assim considerar as dificuldades que essas pessoas experimentaram. O caso de argentinos radicados no Brasil em condições irregulares possivelmente poderia exibir variações na experiência dos migrantes, já que se encontram privados dos seus direitos políticos e sociais, assim como se encontram comprometidos no acesso à saúde e educação, e no âmbito do trabalho. Isso também poderia levar às relações sociais entre as pessoas, as maneiras de se ajudar e se auxiliar, tivessem um papel ou função diferente que nos outros casos. Já que, poderiam se configurar como os únicos mecanismos para o acesso a determinados serviços, emprego, etc.

Como resultado da experiência de campo não foi possível organizar as pessoas nos grupos como foi exposto, já que na segunda metade do ano 2009²⁸ foi realizada uma anistia por parte do Governo Brasileiro para a regularização das condições de todos imigrantes ilegais que se encontravam no país.

Sendo assim, foi modificada a formulação dos grupos reservando somente as duas primeiras categorias, pesquisando em cada caso se as pessoas estiveram ilegais, e a quantidade de tempo que passaram nessas condições. Foram adicionadas algumas perguntas que procuraram aprofundar nas valorações que essas pessoas tiveram das mudanças nos

²⁸ É preciso lembrar aqui que as anistias prévias foram realizadas nos anos 1988 e 1998 respectivamente.

procedimentos de obtenção de vistos. Para poder comparar os mecanismos e se a facilidade ou dificuldade que apresenta a obtenção do visto repercute de alguma maneira nas apreciações que as pessoas têm. Finalmente a amostra foi composta pelos indivíduos classificados na tabela.

Tabela 4 - Amostra de argentinos aos quais se aplicou o questionário segundo divisão de grupos e detalhe sobre condição de ilegal

Número de questionário do indivíduo	Primer grupo: Jovem argentino estudante ou residente: mínimo 6 meses, máximo 5 años	Segundo grupo: Adulto argentino naturalizado o com visto de residência:- mínimo 1 ano	Detalle sobre indivíduos que estiveram ilegais
1	Maria		-
2	Fábio		-
3		Valeria	X
4		Edgardo	X
5		Andres	-
6		Gustavo	X
7		Francisco	-
8		Sebastián	X
9		Carlos	X
10		Waldemar	-
11	Mónica		-
12		Dario	-
13		Tiago	-
14		Vanesa	-
15		Andrea	-
16	Cesar		-
17	Flor		-
18	Sol		-
19		Santiago	X
20		Francisca	-
21		Tamara	X

22		Marcela	X
23		Dante	X
24	Gastón		X
25		Jorge	X

Fonte: Produção do próprio autor (2012).

Retomando a classificação feita por PIRES (2008) a amostra resultante poderia ser considerada como: amostra por bola de neve, dentro do tipo de amostragem não probabilística, na grande área dos dados quantitativos. As limitações dos dados obtidos de uma amostra feita por meio de bola de neve são significativas, já que não permite extrapolar ou generalizar características da amostra para o universo, nem ser considerada representativa do universo, já que se baseia nos laços estabelecidos pelos indivíduos. Ainda assim, se justifica pela natureza exploratória do estudo e da falta de dados existentes do universo, especialmente a incapacidade de estimar a sua magnitude.

2.4.2 O Questionário.

No que diz respeito à organização da etapa quantitativa, e especialmente o questionário, foi utilizado como guia o capítulo “De los conceptos a los índices empíricos” de Paul Lazarsfeld²⁹, considerado como uma referência muito útil nesta área. Segundo o autor, existem cinco (5) passos ou momentos no processo de conversão de conceitos em índices empíricos, três destes passos foram utilizados como guia no trabalho de campo.

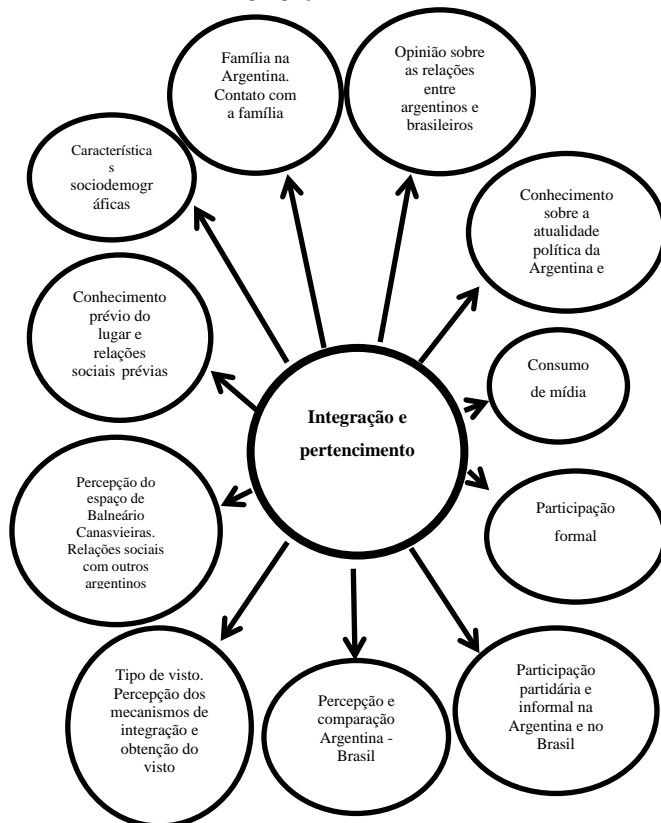
O primeiro momento mencionado é a representação literária do conceito, ou seja, a primeira formulação do conceito que estamos tentando pesquisar. Neste sentido, a sua consistência é fraca, sendo uma construção abstrata que será aperfeiçoada progressivamente. No segundo momento, para conseguir definir melhor este conceito, é preciso especificá-lo, analisar os componentes dessa primeira noção que temos do conceito. Levando em conta sempre que os conceitos que são trabalhados na sociologia se correspondem a fenômenos ou grupos de fenômenos complexos, os componentes que vamos reconhecer e analisar

²⁹ LAZARSFELD, Paul; BOUDON R. De los conceptos a los índices empíricos. In: **Metodología de las ciencias sociales**. Barcelona: Laia, 1973. v. 1. p. 35-46.

podem ser deduzidos analiticamente a partir do conceito geral que os engloba, ou empiricamente por meio da estrutura das suas correlações (no caso desta pesquisa trata-se de componentes que foram analiticamente deduzidos). O terceiro passo refere à escolha dos indicadores de cada dimensão, aspecto ou variável, sempre tentando determinar um conjunto amplo de indicadores respeitando a natureza complexa dos fenômenos a serem estudados.

Utilizando esta proposta metodológica de Lazarsfeld é possível representar graficamente o processo de formulação dos conceitos, variáveis ou dimensões da seguinte maneira:

Figura 2 - Conceitos centrais de integração e pertencimento e a desagregação em variáveis.



Fonte: Produção do próprio autor (2012).

Os conceitos amplos escolhidos para trabalhar respondem aos fenômenos de *integração e pertencimento*, procurando concordar com o objeto da pesquisa e os objetivos propostos. Trata-se de analisar as maneiras pelas quais se constitui um laço entre um indivíduo e uma sociedade que o alberga, sendo sensível a diversas dimensões: política, cultural, de gênero, social, linguística, entre outras. Sendo assim, as onze variáveis formuladas e determinadas procuram responder à complexidade e riqueza destes conceitos, pressupondo que existem diversos aspectos que ficaram por fora da pesquisa. Cada uma destas variáveis foi desdobrada em um conjunto de indicadores de diversas naturezas (grau, quantidade, resposta por sim ou não, tipo) como bem pode se observar na tabela anexa.

A quantidade final de casos que conformam a base de dados se limitou a vinte e cinco (25) por causa das dificuldades próprias da estratégia de bola de neve. Trata-se de uma metodologia que requer uma grande quantidade de tempo, a pesquisa começou em junho de 2011 e se completou em vinte e cinco casos, em dezembro do mesmo ano. Outro aspecto da sua limitação, como já foi mencionado, é que se restringe ao laço social já existente entre os indivíduos. Isso tem gerado dois fenômenos frequentes: por um lado a referência recíproca começou a se repetir logo no desenvolvimento da bola de neve; por outro lado, implica que a pessoa que não é “amigo” dos indivíduos consultados, fica fora da amostra sendo, talvez, por sua falta de relacionamento, um caso valioso.

Ainda assim, provavelmente pelo fato de terem sido poucos sujeitos aos quais se aplicou o questionário não existem informações faltantes. Outro aspecto benéfico da etapa de aplicação do questionário foi a chance de realizar uma conversação pessoal que tratou sobre temas além das perguntas do questionário. Destarte permitiu respeitar a articulação entre as etapas propostas pela perspectiva de triangulação: primeiramente se desenvolve a etapa quantitativa (embora não fosse na sua totalidade), e a partir deste primeiro acesso ao campo é possível começar a formular as ferramentas e as estratégias da abordagem qualitativa posterior. Sendo assim, cada pergunta aberta do questionário, assim como as informações extras que eram fornecidas pelos sujeitos a partir da nossa conversa, virou fonte de orientação para as entrevistas e dos eixos que estruturaram o roteiro das mesmas.

2.5 A ETAPA QUALITATIVA.

A etapa qualitativa teve como principal sustento as informações (erros e acertos) da etapa anterior. A ausência de dados fidedignos impediu o esboço de algum tipo de ferramenta determinada, tal como a escolha de casos, sequer de eixos de interesse na hora de pesquisar sobre os argentinos residentes em Balneário Canasvieiras. Sendo assim, foi imperativo capitalizar as informações obtidas na etapa quantitativa e de composição da amostra.

A escolha da abordagem qualitativa responde a um conjunto de dimensões sobre o fenômeno estudado que devem ser pensadas e aprofundadas desde uma perspectiva particular. Foi possível reconhecer a necessidade de aprofundar em algumas questões das narrativas dos participantes da pesquisa que se referem à outra natureza. A abordagem qualitativa nos remete a fenômenos dificilmente mensuráveis, mas que precisam ser compreendidos e interpretados. Aspectos fundamentais desta pesquisa como construções de sentido, valorações, expressões de pertencimento, sentimentos de integração e comunidade, precisam ser identificados, pesquisados e sistematizados desde uma perspectiva compreensiva, que reconheça e valorize a singularidade de cada um dos casos. Como bem estabelece Vasilachis De Gialdino (2007), na sua ampla definição da abordagem qualitativa, ela:

[...] se interessa, especialmente, pela forma que o mundo é compreendido, experimentado, produzido; pelo contexto e pelos processos; pela perspectiva dos participantes, pelos seus sentidos, pelos seus significados, pela sua experiência, pelo seu conhecimento, pelos seus relatos ou narrativas (VASILACHIS DE GIALDINO, 2007, p. 28-29, tradução nossa).

Deste modo, foi pensada uma etapa completamente desenvolvida sob a perspectiva qualitativa, aonde o tratamento de determinados fenômenos foi estruturado a partir do intuito de compreensão profunda dos significados e sentidos que as pessoas dão para as coisas e acontecimentos. Tratou-se de entender, na singularidade de cada caso, as percepções sobre a realidade, a presença e importância das relações sociais e, por último, a reconstrução dos acontecimentos que têm estruturado a trajetória de migração dos indivíduos. Para isso, foram

utilizadas diversas técnicas e ferramentas metodológicas que são integradas na perspectiva qualitativa, e que responderam a diversas necessidades e interrogantes.

2.5.1 Mapa de relações sociais: amostra por bola de neve.

O mapa de conexões realizado a partir da bola de neve foi de grande ajuda para identificar melhor os tipos de relações sociais que se identificaram entre os sujeitos, enquanto iam sendo aplicados os questionários (o mapa pode ser consultado no anexo metodológico). Essa foi uma ferramenta interessante que permitiu reconhecer laços existentes entre os argentinos a partir da nomeação que eles mesmos utilizaram. Estes laços indicaram fontes produtoras de vínculos, como é o caso do trabalho, o bairro, a escola dos filhos, o futebol, etc.

Nota-se que na hora de aplicar o questionário se perguntou que tipo de relação essa pessoa tem com os outros argentinos, a totalidade de pessoas respondeu amizade, sem exceção. Mas na hora de mapear as referências da bola de neve entre as pessoas, as relações não responderam à amizade, senão a diversos graus de relacionamento ou proximidade. E isto é importante já que nas referências da bola de neve as pessoas fornecem o contato de outro sujeito, coisa que demonstra uma confiança entre os dois; o nome da pessoa que recomendava foi utilizado na hora de estabelecer o contato com a pessoa nova.

Outro aspecto importante que apareceu na constituição da amostra por bola de neve foi a repetição de referências recíprocas entre as pessoas. Apresentou-se de duas maneiras: a) como referência direta, fornecendo os dados de outra pessoa para aplicar o questionário e b) como referência indireta, ou seja, mencionando pessoas que já tinham sido incorporadas na amostra como amigos, conhecidos ou colegas de trabalho.

2.5.2 Entrevista em profundidade: escolha de casos e justificativas.

Utilizar a ferramenta metodológica das entrevistas em profundidade se apresentou como a melhor opção na hora de pesquisar sobre aqueles fenômenos que foram mencionados previamente, tendo como ponto de partida a natureza deles e a necessidade de adequação às suas expressões. Trata-se de uma análise de representações sociais para poder identificar: a) construções de sentido b) expressões de significado c) reconstrução do passado, acontecimentos e a própria trajetória. A

entrevista fornece o espaço para que o indivíduo se expresse, explique as suas afirmações e valorações, reconstrua o seu passado colocando diversas ênfases em momentos significativos.

Uma das principais vantagens das entrevistas em profundidade é que permite não só reconstruir a trajetória biográfica do sujeito, como também reconhecer o que se denomina como “momentos-chave”. Esta denominação é comum de se utilizar para ressaltar momentos na história das pessoas que por alguma razão ganham importância, são pontos de inflexão na sua reconstrução biográfica. Estes momentos podem ser concordantes com momentos estruturais de crise econômica, política ou social (caso da crise do ano 2001 ou a ditadura), assim como momentos benéficos (década de 90 com a paridade dólar peso). Ou seja, que permite perceber o impacto, correlação, ou ausência de conexões entre mudanças estruturais e a esfera individual. Isto é significativo já que, na maior parte da bibliografia consultada sobre movimentos migratórios, geralmente, essas transformações estruturais são relacionadas com os motivos econômicos, políticos e sociais, que levaram as pessoas a migrarem.

Entretanto, as entrevistas em profundidade também permitiram identificar sociabilidades prévias, relações sociais e redes das quais o entrevistado fazia parte no período anterior a sua migração. Porém, também permitiu compreender que alguns deles não se sentiam pertencentes a grupos, ou que suas relações sociais prévias não eram fortes, satisfatórias, ou não geravam um sentimento de pertencimento. As mesmas valorações foram expostas e expressadas em relação às novas relações sociais, àquelas estabelecidas ao longo do processo de se estabelecer no país ao qual se mudaram.

Isto é um grande sucesso da entrevista em profundidade, na medida em que permite acessar as construções de sentido que já foram mencionadas (os discursos, valores, memórias dos entrevistados) e que ajude a compreender as maneiras pelas quais as pessoas articulam e dão coerência aos fatos e as suas vidas. Na pesquisa *Argentinos em Florianópolis: processos singulares na significação do “ser estrangeiro”*, Fridman e Iório (2010) procuram compreender os processos por meio dos quais uma pessoa que muda de país tenta se adaptar, que faz com que a vida inteira dessa pessoa se veja desafiada ou questionada. Trata-se de “[...] processos complexos de manutenção, rejeição e de negociação relativos a valores, relações familiares, identidade pessoal e grupal, educação dos filhos, hábitos alimentares [...]” (PAIVA, 2004, p. 9 apud FRIDMAN E IÓRIO, 2010, p. 2)

O que precisou de muito cuidado foi a escolha dos casos para realizar as entrevistas, já que o principal interrogante foi: que tipo de trajetória nos interessa? Será que existe uma variação nas experiências a partir da trajetória de cada indivíduo? Quais fatores serão significativos na hora de considerar variações nas experiências e avaliações dos entrevistados? Estas e mais perguntas foram as que ajudaram a escolher os casos, sempre levando em conta que por definição, a perspectiva qualitativa mantém um diálogo constante de “ida e volta” entre a teoria e a empiria. Sendo assim, alguns casos foram considerados e posteriormente descartados, e vice-versa. É necessário adicionar aqui que também existem obstáculos no mesmo trabalho de campo, como os dois casos que rejeitaram participar. O primeiro foi de uma entrevistada que não quis participar da entrevista; o segundo desistiu por causa da proximidade com a época de férias, o que diminuiu consideravelmente a disponibilidade horária de todos os entrevistados. Mas esses casos foram suplantados por outros que respeitaram o critério teórico que será detalhado mais na frente, e que acabaram compondo uma seleção de casos que satisfaz os objetivos e necessidades da pesquisa.

Antes de passar a detalhar os casos e os critérios que foram estabelecidos é preciso colocar aqui mais uma característica da estratégia principal – o estudo de caso – em relação ao desenvolvimento da abordagem qualitativa como uma instância dele. Segundo Neiman e Quaranta (2007) aquela riqueza própria do estudo de caso, assim como a escolha e definição do referente empírico justifica-se na singularidade do caso, aspectos que já foram definidos. Dentro desta estratégia de pesquisa, e em relação à escolha dos indivíduos a serem entrevistados nesta etapa, os autores estabelecem que:

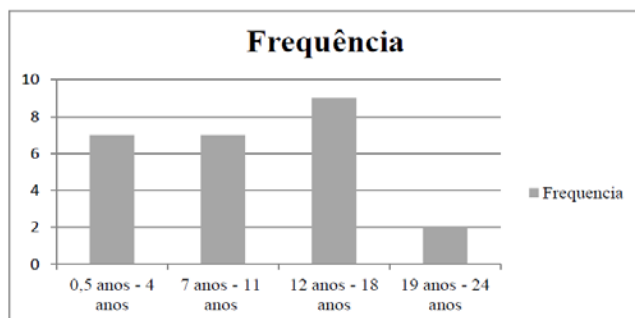
A pergunta de pesquisa se converte no eixo conceitual que estrutura o estudo de caso [...] o recolhimento da informação é realizado a partir de um plano que se organiza como resposta às perguntas formuladas [...] a amostra é intencionada em função dos interesses temáticos e conceituais, e os casos podem ser selecionados segundo diversos critérios. (NEIMAN; QUARANTA, 2007, p. 219 – 220, tradução nossa).³⁰

³⁰ “La pregunta de investigación se convierte en el eje conceptual que estructura el estudio de caso [...] la recolección de la información se lleva adelante a partir de un plan que se organiza como respuesta a las preguntas de investigación (...)

Assim, se formaram dois grupos de casos para realizar a entrevista. Em parte se manteve aquela divisão estabelecida na etapa quantitativa: um grupo de jovens e um grupo de adultos. Sendo conseqüente à perspectiva de triangulação definida, o principal aprendizado da etapa quantitativa foi que o critério da condição ilegal não podia ser mantido, já que praticamente não foi identificado nenhum caso nessas condições (só foi identificado um deles, e por causas de caráter circunstancial, já que o indivíduo estava atualizando o seu status na Polícia Federal). Como conseqüência, um dos principais eixos na hora de conversar sobre a trajetória do sujeito e o processo de estabelecimento no Brasil, os períodos passados nos quais esteve ilegal foram indagados e reconstruídos, o que proporcionou uma série de dados muito significativos.

O critério que se considerou significativo para dividir o grupo foi a idade. Em parte repete-se o fundamento já mencionado na etapa quantitativa: obrigações familiares reduzidas, amplas possibilidades laborais, pouco tempo de residência no Brasil, possibilidades de projeção a futuro, etc. Agora bem, aplicando um raciocínio lógico, e considerando que a maior concentração de casos por tempo de residência é nos intervalos de sete anos a dezoito anos, é muito provável que essas pessoas trouxeram filhos pequenos da Argentina, ou tiveram filhos aqui.

Figura 3 - Frequência de distribuição de argentinos da amostra segundo intervalo de residência



Fonte: Produção do próprio autor (2012).

la muestra es intencionada en función de los intereses temáticos y conceptuales, y los casos se pueden seleccionar según diversos criterios”.

Assim foi possível utilizar mais uma vez as informações da etapa quantitativa na hora da formulação da abordagem qualitativa. Em consequência, na hora da organização dos grupos de casos, o principal objetivo foi a maior heterogeneidade possível intragrupo (ao interior do grupo). Isto explica que, além de tratar-se de um grupo de jovens, era necessário adicionar um indivíduo que tenha vindo morar no Brasil na sua infância, o que permitiria incorporar um fator diferencial em relação a outros jovens da mesma idade: uma criação diferente. A incorporação deste critério refere àquilo que são considerados como heranças culturais, os mecanismos pelos quais são mantidas, incorporando práticas e maneiras que se desenvolvem na intimidade do núcleo familiar. Uma vez mencionado isto, o primeiro grupo ficou definido como: jovem argentino, trabalhador ou estudante, que more no Brasil no mínimo seis meses. E filho de argentinos, que tenha passado parte importante da sua criação no Brasil, com idade mínima de 18 anos e máxima de 28 anos. E as variações intragrupo se estabeleceram segundo:

1. Gênero
2. Ocupação (Estudante ou trabalhador)
3. Motivos de migração
4. Nível de escolaridade
5. Tempo de residência
6. Mecanismo de obtenção ou tipo de visto

O Segundo grupo, constituído pelos adultos, também precisou variar segundo um conjunto de fatores. De tal modo ficou definido como: Adulto argentino com visto de residência temporária, permanente ou naturalizado. Tempo mínimo de residência de três (3) anos. Idade mínima trinta (30). Com variações intragrupo segundo:

1. Gênero
2. Família e filhos
3. Ocupação
4. Mecanismos (convênios) de obtenção de visto
5. Tempo de residência no Brasil
6. Tempo de residência ilegal

É preciso mencionar mais uma articulação entre a etapa quantitativa e a qualitativa, já que o questionário aplicado a todos os argentinos que compuseram a base de dados permitiu, além de registrar as características detalhadas, realizar uma conversa com cada um deles, orientada aos temas que seriam trabalhados na entrevista. Assim, foi possível reconhecer de maneira superficial os principais momentos da

trajetória dos indivíduos, especialmente utilizando as perguntas abertas. A escolha dos casos para a realização das entrevistas teve como variável a presença de elementos que fizessem dessa trajetória um caso especial, necessariamente determinada pela disponibilidade expressada do sujeito de participar em uma instância posterior ao questionário.

Finalmente foram escolhidos sete (7) casos, de pessoas que residem ou trabalham no espaço geográfico definido anteriormente, que se consideraram significativos. A lista apresentada resume os sete casos divididos em dois grupos, organizados segundo a ordem cronológica na qual foram realizadas as entrevistas.

Primeiro grupo



1. Mónica
2. Gastón
3. Fábio

Segundo grupo



4. Dario
5. Valeria
6. Andrés
7. Tamara

Apresentam-se aqui, de maneira resumida, as características dos indivíduos escolhidos para realizar as entrevistas nas suas variações. Tentou-se garantir a máxima heterogeneidade intragrupo, procurando a maior variação possível nas narrativas dos entrevistados. Entretanto, é preciso destacar que estas divergências entre cada pessoa outorgam valor tanto às diferenças como às semelhanças nas suas representações, valorações.

Primeiro grupo:

Mónica (24 anos): Ela é uma das mais jovens da turma de argentinos que conheci. Empregada numa empresa de turismo, sempre trabalhou nessa área utilizando a vantagem do espanhol. É solteira, sem filhos e mora no Brasil faz dois anos, mas tem voltado em repetidas ocasiões para Argentina e ficado lá por intervalos de quase três meses.

O conhecimento que Mónica tinha do lugar – e em grande parte a sua decisão de migrar para Canasvieiras – é produto das visitas realizadas nas férias e turismo. A entrevistada não recebeu ajuda para se instalar no bairro, nem conhecia pessoas antecipadamente. Mas utilizou alguns contatos para conseguir trabalho, de pessoas que tinham morado em Canasvieiras previamente. Embora Mónica expresse que para ela não é importante que outros argentinos morem no mesmo bairro, é uma das

peças que mais participa e promove as atividades grupais. Suas relações sociais são estabelecidas por meio de um grupo de facebook.

A principal diferença de Mónica no que se refere a outros jovens é a sua posição em relação à política, assim como seu conhecimento sobre as dimensões sociais e culturais da Argentina e do Brasil. O seu consumo de mídia e de informações é praticamente nulo – jornais, televisão e rádio -. Quando se perguntou se conhecia algum tema da política atual brasileira, Mónica não fez referência nenhuma; e no caso da Argentina, mencionou o último evento político que aconteceu quando ela estava por lá. De maneira conjunta não conhece nenhum dos candidatos que participaram nas eleições presidenciais nacionais. E nunca participou de nenhuma atividade política, nem formal – como fazer parte de um partido político- nem informal - como no caso de um protesto na rua ou alguma manifestação-.

Quando Mónica é consultada sobre os seus projetos futuros ela justifica a sua escolha de ficar no Brasil por conta das oportunidades de trabalho na área do turismo, em parte, garantida pelas “pessoas conhecidas”. Mas esclarece que “amanhã” pode voltar para Argentina se lá tiver oportunidades de emprego. Ou seja, os seus projetos não se encontram estabelecidos ou determinados, e ela insiste que depende das oportunidades de trabalho, sem se sentir pertencente a um espaço em particular.

Gastón (18 anos): O caso de Gastón é um dos mais interessantes, já que se trata de um argentino que veio ao Brasil quando tinha aproximadamente oito (8) meses de idade. Ele tem dezoito (18) anos e tem morado a vida inteira em Canasvieiras. Filho de argentinos que também responderam o questionário Gerardo e Mónica. Gastón tem atualmente dificuldade de falar espanhol fluentemente, mas ele diz que ele aprendeu em casa e, mantém, graças ao trabalho das férias.

Gastón identifica-se como brasileiro e como argentino, ele reconhece que tem algumas características culturais diferentes de seus amigos brasileiros e que atribui ao fato de ser argentino, de ter pais argentinos e uma sensibilidade diferente. Por outro lado, todas as suas redes sociais (amigos, colegas de escola, ex-namoradas, etc.) são compostas por pessoas brasileiras. O contato com pessoas argentinas que moram em Canasvieiras é por meio dos seus pais, especialmente por parte de Gerardo, que sempre esteve envolvido em negócios com argentinos. Assim sendo, o contato que ele teve com pessoas argentinas, foi por meio de empregos esporádicos, e geralmente com pessoas de

maior idade que ele, o que em grande parte explica um pouco a falta de amizade com argentinos da sua idade.

Na hora de falar sobre política, ele não se identifica como pessoa interessada nos eventos políticos, mas sim, na política em geral, em termos amplos, como a participação em organizações sociais. É uma pessoa muito envolvida com a realidade dos jovens de Canasvieiras, e faz referência à necessidade de atividades, espaços públicos e centros para realizar diversas atividades. Gastón somente visitou a Argentina uma vez, por motivos familiares, e embora tenha gostado da cidade de Buenos Aires, a sua experiência com a população e cultura argentina em termos de intercâmbio foi muito limitada. O entrevistado explica que não tem pensando em se naturalizar como brasileiro pelas exigências que essa condição traz, como o exército. Mas no que refere à Argentina, Gastón não demonstra desejos de morar lá, ele expressou a vontade de conhecer melhor o país e a cultura, mas não pensa em “voltar” para Argentina. Na hora de referir qual é seu lugar, o entrevistado não pensa em termos de Brasil ou Argentina, e sim em Canasvieiras. Para ele o bairro de Balneário Canasvieiras é seu lugar, onde estão seus amigos, as suas pessoas queridas e o seu futuro planejado.

Fábio: (27 anos). O caso de Fábio apresenta também elementos característicos que de alguma maneira afasta-o da trajetória do caso anterior. O entrevistado, de 27 anos, mora no Brasil faz pouco mais de um ano (15 meses em agosto), e veio se radicar aqui a fim realizar seus estudos de pós-graduação, junto com sua namorada. Ambos estudam na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) e recebem bolsas de pós-graduação, depois de ter morado um ano sem bolsa, recebendo dinheiro dos seus pais. Fábio já teve uma experiência anterior de um estágio em Porto Alegre na sua graduação, foi quando ficou sabendo das oportunidades de bolsas nos estudos de pós-graduação no Brasil.

O conhecimento prévio do lugar é produto de férias em anos anteriores, e a justificativa de morar ali se refere principalmente à praia e a existência de outros argentinos morando na mesma região. Fábio tem atualmente a residência permanente, precedida pelo visto de estudante, o que permitiu trocar diretamente de um tipo de visto para o outro, graças ao convênio do ano 2009. Fábio recebeu ajuda por parte de um amigo que tinha conhecido na instância anterior, em Porto Alegre, para obter o visto, especialmente na troca do tipo estudante para residente permanente. E, na nossa conversa, ele expressou a importância que tem para ele as relações que mantém com os outros argentinos que moram em Balneário Canasvieiras.

Fábio é um importante consumidor de mídia. Embora, segundo ele, a política ocupe pouco espaço nas suas escolhas, ele é um grande conhecedor da realidade política argentina, e mencionou vários temas dos mais atuais, referentes ao nível nacional como da região onde ele morava. Tinha planejado votar nas eleições presidenciais de 2011, e tinha conhecimento dos candidatos à presidente ainda quando não tinham sido fechadas as candidaturas. Participou em agrupações políticas na universidade ao longo da sua graduação, e também, ao longo do ensino médio. Desde que mora no Brasil não tem participado de nenhum tipo de instituição ou ato político.

Para Fábio o seu futuro a meio prazo está no Brasil, segundo ele as possibilidades que a universidade brasileira lhe oferece são maiores que no caso da Argentina. Neste sentido, e graças a seu visto, está planejando ficar em Florianópolis junto com sua namorada, tentando avançar na sua formação acadêmica. Em repetidas ocasiões Fábio expressou que o principal motivo pelo qual decidiu se radicar no Brasil são as oportunidades da universidade, especialmente as bolsas que permitem um nível de vida aceitável e uma dedicação completa ao estudo, o que não poderia obter na Argentina.

Segundo grupo:

Dario: (38 anos): O primeiro caso do segundo grupo é do Dario. A principal característica é que se trata do único naturalizado de todos os argentinos aos quais se aplicou o questionário. Ele mora há 14 (catorze) anos em Florianópolis e fez a sua graduação na UFSC, depois de uma tentativa frustrada na Argentina. O conhecimento precedente de Canasvieiras provém de visitas realizadas nas férias. Ele decidiu se radicar no bairro sem ajuda de ninguém, somente com uma relação prévia de namoro. Escolheu Canasvieiras já que a sua namorada – atual esposa e mãe de duas filhas – morava ali. Atualmente Dario tem seu escritório contábil no bairro; e as projeções de continuar morando em Canasvieiras se vêm espelhadas em que, na opinião dele, a principal dificuldade de morar no bairro é o alto preço dos lotes e a dificuldade de ser proprietário.

Para ele a presença de argentinos no bairro é muito importante, com os quais realiza variadas atividades sociais e cujas relações sociais são essenciais para obter clientes para seu escritório. Dario conseguiu a sua naturalização por meio do Convênio por filhos brasileiros, possuindo previamente o visto de residência permanente. A opinião dele

sobre os graus de receptividade e integração dos argentinos e brasileiros é altamente complexa, reconhece variadas dimensões e razões, e expressa constantemente a necessidade de pensar as mudanças históricas (experiência histórica do turismo argentino em Canasvieiras) desde a posição dos brasileiros.

Isto reforça a importância de outra característica significativa que é o forte interesse que Dario tem na política, que norteia todos os seus consumos culturais e de mídia: a política é a dimensão central na leitura dos jornais, na rádio e na televisão. O conhecimento sobre a atualidade política da Argentina e do Brasil é amplo e refere a uma multiplicidade de fontes, assim como exibe constantemente uma análise crítica. Dario tem participado da política formal na Argentina – associado e vice-presidente de um partido político -; e no Brasil, tem participado intensamente da política de maneira “ampla”³¹ como na Associação de moradores de Canasvieiras (o único argentino que tem participado ali); na Pastoral dos Imigrantes e no Bloco de Canasvieiras.

Valeria: (42 anos): É uma entrevistada que foi escolhida em um segundo momento de redefinição da amostra, outra mulher tinha sido pensada como primeira pessoa, mas, posteriormente, não exibiu singularidades significativas. Esta entrevistada tem 42 anos e faz 11 (onze) anos que mora em Balneário Canasvieiras. Ela veio morar no Brasil com uma filha de nove (9) anos, depois que seu empreendimento econômico não funcionou mais como consequência da crise do ano 2001. Valeria já era profissional quando veio para Brasil, ou seja, uma pessoa com várias oportunidades de emprego e com experiência de trabalho. Edgardo, seu marido, também é profissional e eles vieram morar juntos em fevereiro do ano 2002. A mudança aqui para o Brasil modificou também a vida pessoal, já que foi o começo do convívio juntos como casal, o que também pode ajudar a explicar determinadas conotações e sentimentos especiais da mudança de país.

Todos os planos e projeções de Valeria dependeram sempre do grau de adaptação da sua filha, já que por causa do tipo de visto que eles tinham quando chegaram (visto de turista), a filha não pode se incorporar à escola. Assim ela teve que passar por momentos de muito

³¹ A participação ampla compreende um conjunto de práticas e atividades que incorpora a participação em espaços como Participação: Associação vicinal (asociación barrial); ONG| OSC; Organizações na universidade; Organizações comerciais; Organizações sociais (qualquer outro tipo de organização clubes, scouts, atividades de caridade, etc) ; Marchas, reclamos e manifestações sociais.

risco, enviando a filha como ouvinte numa escola particular, e tentando sempre evitar controles policiais e migratórios que eram realizados naquela época. De acordo com a entrevistada, a única variável que podia determinar em algum momento que eles voltassem para Argentina era a falta de integração ou adequação da sua filha. Eles chegaram a Canasvieiras procurando emprego e apenas entraram em contato com um argentino que morava ali, com uma filha da mesma idade que a de Valeria, o que concede uma chance interessante para avaliar as relações sociais configuradas nesse momento tão especial, assim como sua função e a sua duração no tempo.

Andrés: (34 anos): O caso de Andrés foi escolhido na tentativa de analisar a trajetória e as projeções de um adulto masculino que não fosse pai de família, e que tivesse condições diferentes na hora de tomar decisões. Andrés veio morar no Brasil como alternativa à deterioração que o seu salário teve no começo da crise do ano 2001, na Argentina, no seu caso em especial, foi já no ano 2000. O nível educativo de Andrés, profissional engenheiro, fez com que ele tivesse maior confiança na hora de migrar para o Brasil. O contraste da sua profissão era o seu emprego na Argentina como gerente de compras de uma empresa em Buenos Aires; que se viu diretamente danificada com a diminuição de importações e o valor do peso argentino.

Andrés decidiu morar no Brasil mesmo tendo a chance de morar na Alemanha por facilidades de visto e pela descendência direta da família. Ele veio para o Brasil com uma oferta de emprego da sua prima, que já tinha instalado uma pousada em Canasvieiras e estava procurando alguém para trabalhar ali. Deste modo Andrés começou a trabalhar com eles, sendo que antecipadamente veio visitar Canasvieiras e conhecer o lugar, em seguida, começou a trabalhar nas ampliações e construções posteriores do hotel. O entrevistado mora no Brasil há onze (11) anos, é proprietário de dois imóveis e encontra-se gerenciando o hotel da sua prima.

Atualmente Andrés está em um relacionamento estável com uma mulher brasileira, sem expectativas de ter filhos, com projetos de comprar imóveis em Canasvieiras. O seu futuro profissional, segundo o entrevistado, está na área do turismo. Ele manifesta ter relações de amizade e comercial tanto com argentinos como com brasileiros, mas em termos políticos, acredita não concordar com a ideologia do povo argentino, nem com o povo brasileiro. Ele se sente desprendido da realidade argentina e tem decidido de maneira definitiva não voltar a morar no seu país natal, o que ele concebe como um fracasso pessoal.

Tamara: (56 anos): O caso de Tamara é tão especial e significativo quanto o anteriormente descrito. Ela é a pessoa que mais tempo morou no Brasil com um total de 24 (vinte quatro) anos e uma idade atual de cinquenta e seis. Tamara tem três filhos, dois deles brasileiros, e é divorciada de um argentino, com o qual veio morar em Florianópolis pelas oportunidades de emprego, e também pelo momento econômico complexo que viviam na Argentina. Nos primeiros anos Tamara explicou que eles trabalhavam em Canasvieiras ao longo do verão, num total de cinco meses, já no inverno, voltavam para Argentina. Com um conhecimento prévio do bairro e de Florianópolis, produto de períodos de férias, Tamara obteve ajuda para se radicar no bairro e para conseguir emprego. Atualmente é empregada da pousada que é propriedade de outro argentino (Bautista).

A aplicação do questionário, no caso de Tamara, permitiu um amplo diálogo no que diz respeito a variadas questões e experiências que a entrevistada teve ao longo do tempo que mora em Florianópolis. Apesar de ter morado no Brasil durante tempo suficiente para ter se naturalizado sem problemas, sem mencionar o fato da facilidade de obtê-la por meio dos filhos, Tamara expressou desde o começo e em repetidas ocasiões que *“apesar do tempo que mora aqui, não tem conseguido se adaptar”*. Mais interessante ainda é que Tamara sente a falta de integração no Brasil, ela explica que sua vida na Argentina se caracterizava por encontrar-se inserta em uma forte rede de sociabilidade com pessoas que se ajudavam reciprocamente. Dessa forma, Tamara expressa que as relações sociais estabelecidas com essas pessoas se baseavam em ajuda, mas também em companhia, amizade e crescimento intelectual, bem como em ideologias políticas compartilhadas. E que não tem encontrado esses tipos de relações em Canasvieiras, apesar do período prolongado de tempo de residência.

Na opinião de Tamara os graus de receptividade e de adaptação cultural de argentinos e brasileiros são quase mínimos, já que as diferenças culturais e as experiências históricas têm alimentado preconceitos culturais fortes nas populações dos dois países. Tamara é uma pessoa altamente interessada na política, fator que norteia todos os seus consumos culturais e, ainda mais, dedica momentos específicos da semana para se informar e ouvir diferentes interpretações sobre as realidades políticas da Argentina e do Brasil. Quando morava na Argentina, Tamara participou formalmente de política – associada ao partido socialista – e no que se refere à participação ampla, ela formava parte de um grupo de intelectuais de presença em manifestações sociais.

Desde que mora no Brasil não tem participado de política, nem formalmente, nem de maneira “ampla”.

2.5.3 Mapa de rede social: apresentação gráfica da integração.

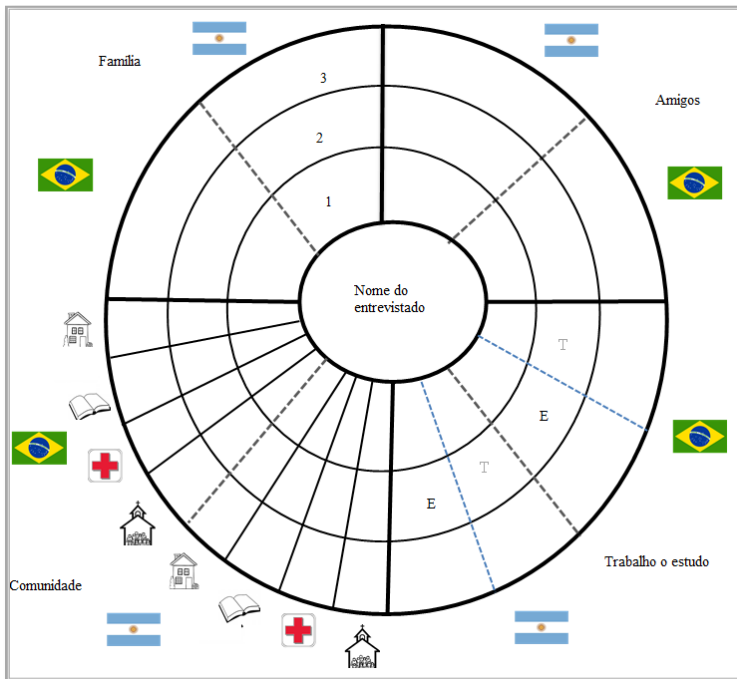
Como uma ferramenta a mais da abordagem qualitativa, foram elaborados mapas de relações sociais com cada um dos indivíduos, procurando adicionar mais uma maneira de conhecer e mensurar a “integração” de cada entrevistado. As redes sociais, ou seja, o estabelecimento de determinadas relações sociais por parte de um indivíduo que migra para outro país é de grande importância. A existência das mencionadas relações pode ser condição necessária – claro que não suficiente – para uma pessoa se sentir pertencente a um lugar ou a um grupo social. Neste sentido, se utilizou como referência a pesquisa realizada por Hering de Queiroz *Migração familiar: da quebra à reconstrução das redes sociais significativas*, do programa de Pós-graduação em Psicologia da UFSC. A autora utilizou um recurso de mapeamento de relações sociais que resultou altamente proveitoso no caso da presente pesquisa, e que permitiu dar uma forma gráfica às relações.

A proposta analítica é oferecida por Sluzki (1990, 1997) que partindo do pressuposto da grande importância das redes sociais para a autoimagem do indivíduo, as define como a soma de todas as relações sociais que uma pessoa acredita como importantes ou significativas. O autor propõe campos que devem ser reconhecidos como espaços aonde essas relações são geradas, como o trabalho, amigos, comunidade, serviços públicos, instituições, etc. Em síntese, a estratégia “Tem como objetivo caracterizar a rede social pessoal e dar visibilidade à rede de apoio que cada indivíduo utiliza” (HERING QUEIROZ, 2008, p. 33). É muito importante compreender que esse mapa de rede social é um registro estático do momento que é realizado, ou seja, que o que ali se encontra exposto encontra-se constantemente mudando e redefinindo-se. Por isso, no caso desta pesquisa, esse mapa de relações sociais é considerado um resultado do processo de estabelecimento e integração do estrangeiro, o ponto final da sua trajetória e não o começo.

A principal vantagem que a estratégia do mapa tem é a de fazer visíveis todas as relações sociais que o indivíduo considera importantes ou que tenha presente no momento de ser realizada a entrevista. Sendo assim, o mapa é confeccionado junto com o entrevistado, para que ele

compreenda o objetivo e porque é importante escolher as opções para “classificar” cada pessoa. No caso da utilização do mapa na pesquisa, a totalidade de relações se dividiu em vários setores, segundo aqueles mencionados pela literatura: a) família b) amigos c) trabalho e estudo d) comunidade: escola (dos filhos), igreja, vizinhança, serviços públicos. Mas o objetivo principal da pesquisa é tentar identificar se existe uma tendência nas relações sociais dos argentinos, tanto com argentinos como com brasileiros. Sendo assim, cada um dos setores dividiu-se em duas classificações: argentinos ou brasileiros, restringindo-se sempre ao espaço geográfico delimitado: Balneário Canasvieiras. Só no caso da classificação de família que foram consideradas pessoas que não moravam em Florianópolis, mas sim, no Brasil. A versão final do mapa com o qual se trabalhou com cada entrevistado é a seguinte.

Mapa 5- Mapa de relações sociais utilizado com os entrevistados



Fonte: Produção do próprio autor (2012).

O gráfico precisa de uma série de legendas que apresenta a definição de cada um dos setores, como se detalha abaixo. Em primeiro

lugar existe uma divisão interna de cada um dos setores do gráfico, identificadas com números, que procuram ordenar as relações sociais segundo o grau de intensidade, sempre definidos pelos entrevistados. Assim:

1. Relações íntimas: considerados muito próximos.
2. Relações intermediárias: contato pessoal relativamente assíduo – 2 vezes por semana até uma vez a cada dois meses.
3. Relações sociais distantes com pessoas somente “conhecidas”: relações sociais ocasionais, pessoas conhecidas pelo nome, por meio de outra pessoa ou por ter compartilhado algum evento que seja significativo ao entrevistado.

Também foi importante dividir as relações sociais, segundo as pessoas fossem argentinas ou brasileiras, o que consistiu em mais uma divisão interna em cada um dos setores:



Pessoas de nacionalidade argentina, que possuam qualquer tipo de visto. Compreende também o argentino que tenha se naturalizado brasileiro, enquanto foi possível dar conta do seu nascimento na Argentina.



Pessoas de nacionalidade brasileira, podendo ser filhos de argentinos nascidos no Brasil. Não se incluem argentinos naturalizados brasileiros.

Na hora de trabalhar sobre os vínculos gerados na comunidade, quatro referências foram utilizadas, também divididas internamente pelos critérios mencionados. Assim, cada uma delas faz referência a espaços de interação dentro da comunidade, destacando possíveis vínculos gerados por terceiros (podem ser filhos, trabalhadores dos serviços de saúde, etc.). Incluem-se nas categorias as informações detalhadas embaixo:



Vizinhança: incluem-se aqui as relações que se estabelecem com as pessoas que residem no mesmo bairro que o entrevistado ou em uma proximidade geográfica. É importante que possa se identificar um contato gerado pela cotidianidade e a presença recorrente, que seja uma pessoa que “é vista” com regularidade.



Escola: aqui se reúnem as relações sociais que foram estabelecidas no começo em áreas da escola compreendendo ensino primário e médio (a universidade ou curso técnico serão considerados na dimensão de *trabalho ou estudo*). Neste sentido, pode ser inclusa tanto uma amizade originada no ensino médio, como relações entre duas pessoas por meio da escola compartilhada dos filhos (como uma amizade entre dois casais ou duas mães que levam o filho na mesma escola).



Saúde: inclui-se aqui qualquer tipo de relação social originada ou estabelecida por meio do uso do serviço de saúde. Um aspecto importante é avaliar a utilização dos serviços públicos, para serem verificados com os dados fornecidos pela Secretaria de Saúde.



Igreja e religião: aqui serão consideradas todas as relações sociais que foram originadas ou estabelecidas a partir de práticas relacionadas com a religião e a igreja. Não é excludente em termos institucionais, assim é possível reconhecer um vínculo de amizade originado pela prática compartilhada por duas pessoas de rezar, sem ter ido à igreja. Mas também se incluem aqui possibilidades de relações estabelecidas a partir de atividades como doações ou reuniões sociais que tenham lugar no interior do espaço institucional fornecido pela igreja.

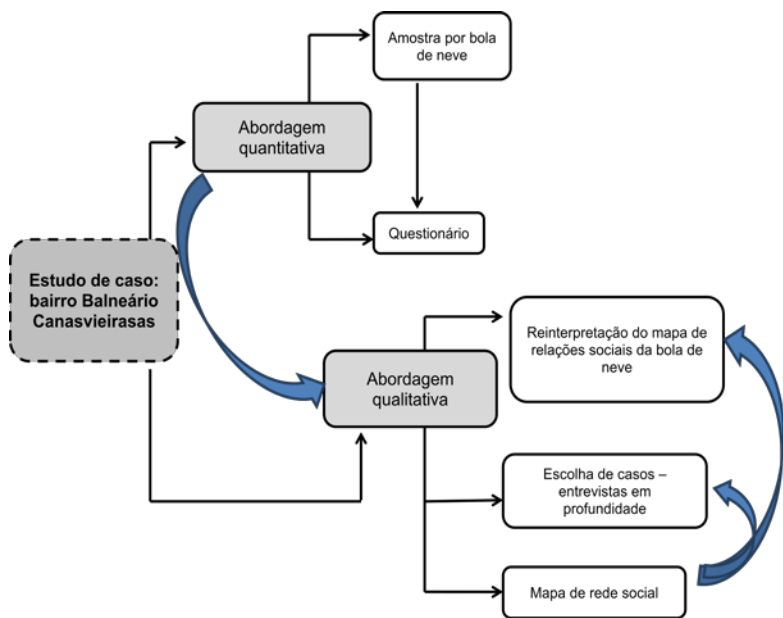
Na bibliografia existem diversos critérios utilizados na hora de analisar as redes sociais, como densidade, composição, dispersão, que

foram deixados de fora no caso da presente pesquisa, já que o objetivo principal era ter uma visão geral dos vínculos dos entrevistados. O mapa foi adaptado para ser trabalhado em casos individuais e foi feito junto com os entrevistados, o objetivo do mapa foi explicado antes de ser realizado e se fez primeiro uma lista dos nomes das pessoas que seriam incorporadas no mapa (para não repeti-las). Decidiu-se fazer o mapa depois da entrevista, caso o entrevistador perguntasse por alguma pessoa que foi mencionada ao longo da conversa para ter certeza dos tipos de vínculos identificados. Por exemplo, aconteceu que o entrevistado mencionou várias vezes como um grande amigo a pessoa X, mas depois colocou essa pessoa em uma categoria que representa um laço de menor grau ao referido. Ali é possível voltar sobre o tema, aprofundar mais sobre os vínculos estabelecidos. Também é possível observar que talvez uma das dimensões da vida da pessoa, como por exemplo, o trabalho, é a principal fonte de criação de vínculos duradouros e intensos, o que também pode indicar que essa dimensão é a que faz a pessoa se sentir mais integrada ao lugar aonde mora. Outra vantagem foi poder realizar um contraste entre afirmações dos entrevistados; ocorreu que um deles afirmava ter boas relações tanto com argentinos como com brasileiros, que não existia diferenças para ele. E na hora de realizar o mapa juntos apareceram muitos vínculos com argentinos e poucos com brasileiros.

Esses e outros dados foram oferecidos pelos mapas de redes sociais, o fato de terem sido feitos com os entrevistados permitiu: 1) aprofundar ainda mais nas percepções que eles têm sobre as relações interpessoais ao longo prazo; 2) perceber o valor relativo de cada uma das dimensões da vida dos indivíduos; 3) reconhecer regularidades de relacionamento em algumas dessas dimensões – é o caso dos vínculos por emprego, a repetição de chamar ou procurar outros argentinos quando se precisa de algum serviço -, entre outros aspectos. Segundo Sluzki (1990,1997) e as conclusões de Hering Queiroz (2008) um mapa de redes robusto pode ser entendido como equivalente a uma integração social forte, o que salientaria um sentimento de pertencimento a uma comunidade ou grupo humano. Como bem menciona Sluzki “os novos vínculos são incorporados conforme o tempo e as circunstâncias permitam” (SLUZKI, p 91 apud HERING QUEIROZ, 2008, p.38). Eis outra possibilidade de discussão, já que é possível constatar as valorações dos entrevistados (ou seja, se eles se sentem pertencentes ou não) com uma pluralidade de relações sociais colocadas e identificadas no mapa.

Como proposta sintética apresentam-se aqui as estratégias e ferramentas metodológicas utilizadas na pesquisa, detalhadas acima. A coordenação e concordância epistemológica entre elas foram a principal preocupação, na medida na qual se configuraram como o principal caminho para identificar, descrever, analisar e começar a compreender os fenômenos que se referem aos objetivos de pesquisa e aos interrogantes que deram início a presente pesquisa.

Figura 4 - Desenvolvimento das etapas quantitativa e qualitativa, desagregada em técnicas de pesquisa



Fonte: Produção do próprio autor (2012).

3. ANÁLISE QUANTITATIVA

A proposta de uma análise quantitativa formulou-se a partir das recomendações feitas na qualificação do projeto, tentando responder a uma necessidade fundamental da pesquisa: a falta de dados que permitissem estimar uma amostra, nem sequer um universo do objeto empírico escolhido para realizar o trabalho, ou seja, os argentinos residentes em Canasvieiras. Tinha se planejado uma análise qualitativa por seleção de casos e com ferramentas que respondessem a essa natureza metodológica, mas a necessidade de gerar informações básicas sobre os indivíduos exigiu ampliar o trabalho de campo em duas etapas. Como se especificou previamente, segundo a perspectiva de triangulação proposta, a etapa quantitativa teria que servir na composição de um patamar de informações para a etapa qualitativa seguinte. Compondo uma bola de neve, segundo as necessidades e possibilidades do trabalho de campo, aplicou-se um questionário a todos os argentinos que aceitaram participar, tendo como resultado final uma amostra de 25 (vinte e cinco) pessoas.

Como uma das principais referências bibliográficas e metodológicas foi utilizado o capítulo *De los conceptos a los índices empíricos*, de Paul Lazarsfeld³² e o livro *Estatística aplicada às Ciências Sociais*, de Barbetta; reconhecendo neles recomendações e indicações valiosíssimas na hora de pensar, planejar e desenvolver um trabalho de campo de natureza quantitativa. Lazarsfeld menciona cinco passos a serem realizados como mecanismos gerais na hora de operacionalizar conceitos e analisar os dados obtidos. Ele estabelece uma limitação importante que deve ser esclarecida em todo trabalho: a imensidade de possibilidades de análise e interpretação dos dados, o que implica no imperativo da escolha. Ou seja, no caso desta pesquisa é necessário reconhecer que vão ser utilizados alguns dos dados produzidos, escolhidos a partir de um critério de importância e prioridade explicativa frente aos nossos principais interrogantes.

A ferramenta metodológica utilizada foi um questionário que se aplicou pessoalmente, preenchido pela pesquisadora, e que procurou não só responder todas as questões (de tipos fechada e aberta) como também fornecer o espaço para um diálogo aberto, como alavanca para a escolha

³² LAZARSELD, Paul; BOUDON R. De los conceptos a los índices empíricos. In: **Metodología de las ciencias sociales**. Barcelona: Laia, 1973. v. 1. p. 35-46.

de casos na etapa qualitativa. Os principais conceitos a serem operacionalizados, em sintonia com os objetivos da pesquisa e as perguntas que a iniciaram foram: *integração e pertencimento*. Eles foram desagregados em onze dimensões ou variáveis:

1. Características sociodemográficas.
2. Conhecimento prévio do lugar (Balneário Canasvieiras) e relações sociais prévias no local.
3. Percepção do espaço de Balneário Canasvieiras. Relações sociais com outros argentinos.
4. Opinião sobre as relações entre argentinos e brasileiros.
5. Tipo de visto. Percepção dos mecanismos de integração e obtenção do visto.
6. Família na Argentina (contato e assiduidade).
7. Conhecimento sobre a atualidade política da Argentina e do Brasil.
8. Interesse na política e consumo de mídia.
9. Participação política formal.
10. Participação partidária e informal³³ na Argentina e no Brasil.
11. Percepção e comparação Argentina – Brasil (educação; economia; segurança; estabilidade; emprego; funcionamento das instituições públicas, oportunidades futuras).

Cada uma das dimensões foi desagregada em diversos indicadores de diferentes tipos, que podem ser observados no modelo colocado no anexo metodológico. Algumas perguntas foram desde o começo fechadas e outras, abertas; as segundas foram progressivamente fechadas por categorias estabelecidas a partir das primeiras aplicações do questionário. A base de dados final foi estruturada em Excel,

³³ A participação informal também foi chamada de participação ampla, que se refere à participação do indivíduo em ONGs, grupos, clubes, blocos e associações de vários tipos. Foram incluídos todos os tipos de atividades do sujeito com outras pessoas do bairro, ou do espaço geográfico próximo (distrito Canasvieiras). Esta classificação das atividades tem a ver com a necessidade de identificar diversas práticas com outras pessoas que não sejam aquelas estritamente políticas. Também porque, às vezes, para alguns indivíduos, as atividades eram da mesma natureza, todas consideradas conjuntamente. Em outras ocasiões os indivíduos faziam questão de diferenciar que eles “não participavam de política”, mas sim, de outras atividades.

trabalhada nesse programa e também em SPSS³⁴, tentando realizar descrição dos dados, frequências e alguns cruzamentos.

A análise dos dados quantitativos terá como principal intuito a descrição do universo em termos gerais (características sociodemográficas), assim como trabalhar alguns pontos sensíveis. O fato de ter trabalhado com uma amostra reduzida ofereceu a chance de identificar aqueles pontos sensíveis, questões que apareceram progressivamente, a modo de saturação, como polêmicas e significativas para os indivíduos consultados. É importante destacar, mais uma vez, que a escolha de trabalhar com determinados indicadores exige uma decisão, o que faz necessário realizar de maneira conjunta testes de correlações, a fim de verificar se realmente existem relações tão fortes como as que acreditamos encontrar em um primeiro momento. Por último, é importante destacar que, tratando-se de poucos casos nesta amostra, os cruzamentos de variáveis serão mais interessantes ou explicativos que as mesmas frequências de distribuição. Em outras palavras, é melhor conhecer bem os casos aqui trabalhados do que ter a pretensão de encontrar alguma conclusão que, pela sua concentração de casos, pudesse ser extrapolada ao universo.

Foram formulados quatro núcleos centrais para organizar a análise e que concentram as informações consideradas significativas. Primeiramente (I) trata-se de oferecer uma descrição ampla do universo em termos de características sociodemográficas: idade, ocupação, nível educativo, estado civil, etc. Em um segundo (II) momento, se tentará sistematizar alguns dados obtidos sobre atividades realizadas com outros argentinos, a importância que elas têm, opiniões sobre sentimentos de pertencimento, graus de integração, entre outras. Em um terceiro (III) momento se detalharão algumas percepções e avaliações em termos amplos da “realidade” da Argentina e do Brasil, segundo as respostas dos sujeitos. Este núcleo por assim dizer, permite identificar o grau de conhecimento que as pessoas têm sobre a atualidade de cada um dos países, mas conjuntamente, permite conhecer o tipo de consumo de mídia eles têm, entre outras informações. Por último (IV) será apresentado um conjunto de informações que se relacionam com a política, a participação, os tipos de participação em organizações políticas e sociais, o conhecimento sobre a atualidade, entre outras coisas.

³⁴ IBM SPSS Statistics Editor 20.

Estes núcleos aqui não são mais que possíveis caminhos a serem percorridos nos dados obtidos. Eles não pretendem esgotá-los, pelo contrário, eles oferecem um olhar exploratório à informação, tentando organizá-la em função dos interesses prioritários desta pesquisa. Em um primeiro olhar sobre os dados, as limitações são variadas e devem ser ponderadas na hora de formular algum resultado. Entretanto, acredita-se que é possível reconhecer regularidades e confluências de interesses e práticas que podem ser altamente proveitosas, especialmente porque os resultados aqui obtidos serão orientações significativas para a próxima etapa.

Para finalizar, e antes de aprofundar nas informações seguintes, é importante esclarecer algumas questões de ordem metodológica e da apresentação dos dados. Foram utilizadas quase que exclusivamente tabelas na descrição de frequências e cruzamento de dados. Esta escolha é resultado do número de pessoas que compõem a amostra, 25 casos. No caso de apresentar uma distribuição de frequência segundo alguma variável, a apresentação gráfica - seja em porcentagem como em números absolutos- pode resultar enganosa ou modificar as magnitudes correspondentes. Para evitar esta percepção distorcida, foi decidido apresentar as frequências e cruzamentos em tabelas, com as quantidades absolutas.

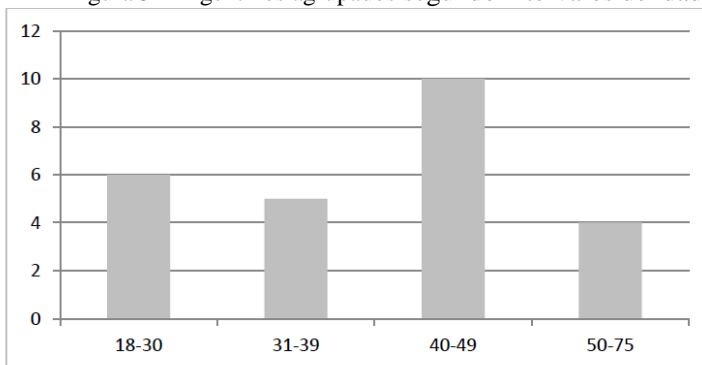
3.1 SOBRE AS CARACTERÍSTICAS SOCIODEMOGRÁFICAS.

É importante, antes de aprofundar em qualquer tipo de descrição de variáveis, frequências ou cruzamentos, detalhar primeiramente algumas das características básicas da população consultada. Desta maneira, saberemos quem participou da pesquisa por informações fundamentais como idade, gênero, ocupação, estado civil, filhos, nível educativo, tempo de residência em Balneário Canasvieiras, entre outros. Estes dados permitiram posteriormente reconhecer diferenças mais sutis em relação a cada uma das características sociodemográficas, como por exemplo: variação do grau de participação política segundo a idade ou gênero dos participantes da amostra.

A totalidade de pessoas que compuseram a amostra divide-se em 10 mulheres e 15 homens. As idades, como se mencionou na composição da amostra, vão desde 18 até 75 anos, e foram estabelecidos quatro intervalos etários para classificá-los: 18 – 30; 31 – 39; 40 – 49; 50 – 75. Existe uma irregularidade no último intervalo, já que ele não respeita a quantidade de anos dos outros, mas ele foi estabelecido pela

existência de 4 casos que se distanciavam do resto, mas que poderiam ser reunidos nesse último intervalo (53 anos, 56 anos e 75 anos) para não deixar um caso isolado.

Figura 5 - Argentinos agrupados segundo intervalos de idade



Fonte: Produção do próprio autor (2012).

Começando com o estado civil, há uma maioria de solteiros (11 casos), as pessoas casadas são 9 casos e os divorciados 5. No que refere à família, é possível observar que 14 indivíduos têm filhos. Destes sujeitos, 10 casos se correspondem com o intervalo etário de 40-49, com uma marcada diferença com os outros intervalos de idade. Nessa mesma faixa etária, que agrupa a maior quantidade de casos da amostra, têm prevalência os casados. E, conjuntamente, os últimos dois intervalos apresentam divorciados, ausentes em outras idades.

Tabela 5 - Argentinos segundo média de tempo de residência, filhos e estado civil

Idade	Frequência	Média de tempo de residência em anos	Pessoas que tem filhos	Solteiros	Casados	Divorciados
18-30	6	4,5 ³⁰ (2)	-	5	1	-
31-39	5	7	1	3	2	-
40-49	10	14,3	10	2	5	3
50-75	4	14,25	3	1	1	2
total	25	-	14	11	9	5
Porcentagem	100%		56%	44%	36%	20%

Fonte: Produção do próprio autor (2012).

É facilmente observável que há uma preponderância dos solteiros nos intervalos etários menores, que vai diminuindo enquanto vai aumentando a idade. Sobre as pessoas casadas é interessante destacar que existe uma maioria importante de casados com outros argentinos. Entretanto, os divorciados e os solteiros que estão em um relacionamento estável, a incidência da nacionalidade argentina do companheiro/a é menor, como é possível observar na seguinte tabela.

Tabela 6 - Argentinos segundo o estado civil e nacionalidade do companheiro/a

		Nacionalidade do companheiro/a			Total
		Argentino	Brasileiro	Não corresponde	
Estado civil	Casado	7	2	0	9
	Divorciado	3	2	0	5
	Solteiro ³¹	3	1	7	11
Total		13	5	7	25

Fonte: Produção do próprio autor (2012).

No que se refere às ocupações registradas, foram utilizadas 5 (cinco) categorias: empregado; desempregado; trabalhador por conta própria (comerciante ou pessoa que presta serviços de maneira autônoma: pintor, pedreiro, eletricista, etc); empresário (pessoa que possui imóveis de aluguel ou empresa de turismo, viagens ou serviços); profissional (pessoa que esteja exercendo uma profissão que se corresponda a um estudo universitário, em um empreendimento comercial adequado: estudo contábil, design gráfico, etc.) e estudante.

Tabela 7 - Argentinos segundo categoria ocupacional

Categoria ocupacional	Frequência
Desempregado	1
Empregado	8
Empresário	5
Estudante	2
Profissional	4
Trabalhador por conta própria	5
total	25

Fonte: Produção do próprio autor (2012).

A distribuição, segundo as ocupações, demonstram uma preponderância ocupacional de empregado (8), empresário (5) e trabalhador por conta própria (5). Na aplicação dos questionários esta preponderância das ocupações foi aparecendo progressivamente por várias razões. Um dado interessante é que alguns dos indivíduos consultados são empregados ou trabalhadores por conta própria apesar de serem profissionais. A explicação fornecida pelos indivíduos consultados é que no começo do seu estabelecimento eles não tinham visto que lhes permitissem trabalhar na sua profissão. Também explicaram que pelas particularidades econômicas do espaço de Canasvieiras, já que a principal atividade é turística, às vezes existe uma demanda maior de trabalho para empregados ou autônomos.

Agora bem, há uma diferença interessante no que refere às ocupações e sua distribuição, de acordo com o gênero dos indivíduos. Existe um peso maior na categoria de empregado no caso das mulheres (5), nos homens, a preponderância é dada pelas categorias de empresário e trabalhador por conta própria (4 casos respectivamente). É possível pensar que por tratar-se de um espaço dominado pela atividade turística, empregos como doméstica, mucama ou atendente são favoráveis para o gênero feminino. Levando em conta também que, do total dos empregados (8 casos), 7 deles trabalham em atividades relacionadas com o turismo, seja em agência de viagens, imóveis, atendente de hotel, faxineira, etc. O conhecimento da língua (do espanhol) resultou, nas explicações dos indivíduos, em um aspecto de peso na hora de procurar e conseguir emprego nas atividades turísticas, considerando que a visita de argentinos em Canasvieiras tem sido o principal fluxo de estrangeiros nos últimos 14 anos.

Tabela 8 - Argentinos segundo categoria ocupacional e gênero

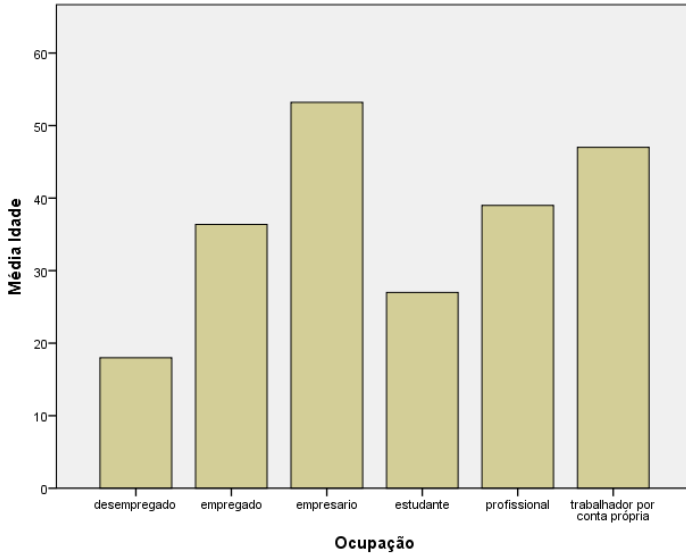
Ocupação		Desempregado	Empregado	Empresário	Estudante	Profissional	Trabalhador por conta própria	Total
Gênero	Feminino	-	5	1	1	2	1	10
	Masculino	1	3	4	1	2	4	15
Total		1	8	5	2	4	5	25

Fonte: Produção do próprio autor (2012).

Existe também uma variação na relação entre a idade e a ocupação que merece ser destacada. É possível observar que as pessoas desempregadas e estudantes pertencem à média de idade mais baixa, entre 18 e 28 anos. Enquanto os empresários se correspondem com a

maior média de idade, entre os 50 e 60 anos de idade. Os profissionais e os empregados colocam-se nos mesmos intervalos de idade, entre os 30 e 40 anos de idade.

Figura 6 - Distribuição de argentinos por ocupação segundo a média de idade



Fonte: Produção do próprio autor (2012).

Conforme alguns depoimentos, ser empresário em Canasvieiras leva um tempo considerável, sobretudo para comprar imóveis ou estabelecer um empreendimento comercial. Para aqueles que passaram um período de tempo ilegal não era possível efetuar este tipo de compra ou trâmites legais necessários para se estabelecer economicamente nestas atividades. Ressalta-se aqui também que as condições de obtenção do visto antes do ano 2006 eram exigentes em relação a uma quantidade de dinheiro depositado em contas de bancos, comprovação de patrimônio, etc. Por outro lado, para conseguir o investimento de capital necessário para o estabelecimento de um hotel, pousada ou departamentos, precisa-se de um período de tempo, seja para acumulá-lo ou para conseguir o financiamento. Outra possível razão mencionada pelos sujeitos é que leva um tempo para conseguir se inserir economicamente no espaço de Balneário Canasvieiras. Ou seja, precisa-se de um tempo para “ser conhecido” e que as pessoas te identifiquem, comprem na tua loja ou contratem teus serviços. Esse fator de “ser

conhecido” virou progressivamente um elemento explicativo importante, que será retomado na próxima sessão.

Para mencionar mais uma questão importante em relação às ocupações, podemos destacar a sua relação com o nível educativo dos indivíduos.

Tabela 9 - Argentinos distribuídos por ocupação segundo o nível educativo

Nível educativo		Secundário incompleto	Secundário	Universitário incompleto	Universitário	Total
Ocupação	Desempregado	1	-	-	-	1
	Empregado	-	1	3	4	8
	Empresário	-	2	-	3	5
	Estudante	-	-	-	2	2
	Profissional	-	-	-	4	4
	Trabalhador por conta própria	1	2	2	-	5
Total		2	5	5	13	25

Fonte: Produção do próprio autor (2012).

É interessante observar que a influência do nível educativo de universitário é igual na categoria empregado e profissional e é muito próxima no caso do empresário. A maior parte dos casos se reúne nas categorias superiores de nível educativo, mas a ocupação das pessoas não varia segundo a sua educação. Destarte é necessário pensar noutras razões pelas quais as ocupações das pessoas variam, como as que foram mencionadas pelos indivíduos consultados: tempo de residência, investimento de capital, relações sociais e parcerias, etc.

Estabeleceu-se então um cruzamento da ocupação com o tempo de residência, tentando identificar, neste caso, possíveis variações. Considerando que previamente se observou que o nível educativo não tem influência direta na ocupação dos sujeitos, talvez o tempo de residência reúna às pessoas em categorias ocupacionais. Para começar é necessário destacar que a maior concentração de pessoas se dá nos primeiros dois intervalos (de 6 meses a 7 anos) e nos intervalos penúltimo e antepenúltimo (dos 10 aos 19 anos).

Neste caso, é possível observar que os empregados se reúnem nos primeiros intervalos de tempo de residência. Entretanto, os empresários correspondem aos últimos três intervalos, o que de alguma maneira pode ser explicado pelas razões expostas anteriormente: o empresário precisa de um período de tempo maior para a acumulação do capital, compra de

imóveis, estabelecimento de lojas ou agências, entre outras coisas. Poderia se pensar que trabalhar como empregado requer menos tempo de preparação, não precisa de geração de recursos e, em vários casos, pode ser ativado a partir de relações sociais entre os sujeitos.

Até aqui foram expostos os detalhes sobre as características sociodemográficas, agora é preciso avançar para os próximos núcleos de dados. O principal objetivo aqui foi descrever rapidamente as características básicas das pessoas que fizeram parte da amostra, e tentar reconhecer algumas regularidades. Em outros termos, as atividades econômicas mais importantes, a distribuição etária e por tempo de residência e alguma confluência entre estas categorias.

Tabela 10 - Argentinos distribuídos em categoria ocupacional segundo tempo de residência

Tempo de residência em anos	Frequência	Desempregado	Empregado	Empresário	Estudante	Profissional	Trabalhador por conta própria
6 meses - 2 anos	6	-	3	-	2	1	-
4 anos - 7 anos	3	-	2	1	-	-	-
8 anos - 9 anos	2	-	-	-	-	2	-
10 anos - 16 anos	8	-	2	2	-	1	3
17 anos - 19 anos	4	1	-	1	-	-	2
20 anos - 24 anos	2	-	1	1	-	-	-
Total	25	1	8	5	2	4	5

Fonte: Produção do próprio autor (2012).

Em síntese, é possível observar que as pessoas que moram em Canasvieiras há mais tempo se correspondem com as categorias ocupacionais de empresário, enquanto os empregados, com maior participação das mulheres, são as pessoas que moram há menos tempo. É possível perceber que a maioria dos casos se corresponde com níveis educativos altos, mas isto não parece ter influência no tipo de trabalho que desenvolvem. Sobre as uniões afetivas a maioria dos indivíduos casados tem companheiro/a argentino/a, enquanto os outros tipos de relacionamentos não apresentam esta maior presença da nacionalidade. Para finalizar, em relação à família, deve destacar-se que os intervalos etários menores são os que apresentam a menor quantidade de pessoas que têm filhos, e que vão aumentando conforme a idade.

A partir destes resultados, serão trabalhados outros dados nas seguintes páginas a partir das primeiras classificações feitas sobre essas características sociodemográficas.

3.2 SOBRE A INTEGRAÇÃO, ESTABELECIMENTO E SENTIMENTOS DE PERTENCIMENTO.

Neste núcleo de dados serão escolhidas algumas variáveis que responderam, em termos conceituais, aos fenômenos que estruturam a pesquisa: I) o processo de *estabelecimento* e II) *integração* dos argentinos no espaço de Balneário Canasvieiras. A partir desta interpretação talvez seja possível pensar em algumas conclusões sobre sentimentos de pertencimento e suas manifestações. Para isso, a análise será restringida a algumas dimensões: a) Conhecimento prévio do lugar (Balneário Canasvieiras) e relações sociais prévias com pessoas que moram ali; b) Percepção dos argentinos e brasileiros e relações sociais/atividades compartilhadas com outros argentinos; c) Opinião sobre as relações entre argentinos e brasileiros; d) Tipo de visto. Percepção dos mecanismos de integração e obtenção do visto.

Para começar é importante lembrar duas coisas, em primeiro lugar, uma das justificativas citadas para o estudo de caso de Balneário Canasvieiras foi o forte fluxo turístico de argentinos, o que deve ser um dado a se levar em conta. Outro aspecto importante, citado por Harguindeguy (2007), é que em alguns espaços turísticos é possível compreender que o conhecimento precedente do local por férias e lazer se constitui em um dos fatores determinantes na hora que os migrantes decidem se estabelecer ali. Assim o conhecimento prévio do espaço de Balneário Canasvieiras quanto às relações sociais anteriores à migração, devem ser analisados e interpretados. No questionário tinha uma série de perguntas que procuravam saber se o indivíduo tinha visitado Balneário Canasvieiras, Florianópolis ou o Brasil previamente, bem como as razões pelas quais tinha viajado. Na seguinte tabela se resumem alguns desses dados:

Tabela 11 - Argentinos que visitaram previamente Balneário Canasvieiras segundo razões de visita prévia

Visita prévia de Balneário Canasvieiras ou Florianópolis.	Razões de visita prévia			Total
	Férias	Trabalho	Não corresponde	
Não	3	-	3	6
Sim	17	2	-	19
Total	20	2	3	25

Fonte: Produção do próprio autor (2012).

Inicialmente deve se destacar a significativa quantidade de pessoas que tinham conhecido Balneário Canasvieiras ou Florianópolis antes de vir morar ali. Isto pode nos dar uma ajuda para pensar os motivos que tiveram os indivíduos que decidiram morar nesse espaço. Tinha-se mencionado que um dos fatores importantes das dinâmicas de migração são as relações sociais prévias, existentes com pessoas que moram no espaço aonde vão se estabelecer. Isto funciona como alavanca de ajuda para conseguir emprego, um lugar onde morar, e, sobretudo, contar com uma pessoa conhecida, que fala a mesma língua e que pode receber e ajudar ao migrante. Em consequência, é importante saber se essas pessoas que tinham vindo previamente a Florianópolis ou a Balneário Canasvieiras tinham forjado relações sociais prévias, que os ajudaram na hora de migrar e se estabelecer no novo espaço.

Tabela 12 – Argentinos que visitaram previamente Balneário Canasvieiras segundo relações sociais prévias

Visita prévia a Balneário Canasvieiras ou Florianópolis.	Relações sociais prévias no espaço de Balneário Canasvieiras.		Total
	Não	Sim	
Não	3	3	6
Sim	9	10	19
Total	12	13	25

Fonte: Produção do próprio autor (2012).

Tabela 13 – Distribuição de frequência das relações sociais segundo o tipo de vínculo prévio

Tipo de vínculo prévio	Frequência
Afetivo	2
Amizade	1
Amizade por férias	4
Emprego	4
Familiar	2
Total	13

Fonte: Produção do próprio autor (2012).

Nos dados resumidos e apresentados é possível observar que, embora a maior parte das pessoas (19 casos) tenham conhecido anteriormente o espaço físico de Balneário Canasvieiras, isto não fez variar em maior ou menor medida o estabelecimento de relações sociais prévias. Isto reforça a chance de explicar o fenômeno de migração pelas razões mencionadas por Harguindeguy (2007); ou seja, explicar a decisão de migrar considerando mais o conhecimento prévio do lugar do que o estabelecimento de relações sociais com outras pessoas que moravam ali. Este fenômeno foi destacado pela autora em relação à Guarda dos Búzios e é referida como excepcionalidade constitutiva de um espaço turístico.

Os principais tipos de vínculos prévios constituídos pelos 13 indivíduos correspondem à amizade feita em épocas de visita por férias e por emprego. É interessante que a família não seja um dos vínculos mais importantes, já que é assinalada pela bibliografia como um dos mecanismos mais frequentes de migração de indivíduos ou grupos. Essa recorrência da amizade por férias reforça que o turismo é uma fonte produtora de conhecimento do espaço geográfico, econômico e social que, lembremos, é um aspecto importante na hora de decidir migrar.

Da totalidade de argentinos que participaram do questionário, 12 disseram que receberam ajuda na hora em que chegaram a Canasvieiras, entretanto, 13 indivíduos não receberam nenhum tipo de ajuda prévia.

Tabela 14 – Distribuição de frequência do tipo de ajuda que se recebeu

Tipo de ajuda que recebeu	Frequência
Emprego	3
Ingresso à faculdade	1
Integração social	2
Moradia	2
Moradia temporária e emprego	1
Obtenção do visto	2
Recebimento	1
Não corresponde	13
total	25

Fonte: Produção do próprio autor (2012).

Tabela 15 – Argentinos distribuídos por relações sociais prévias e segundo se recebeu ajuda

Recebeu ajuda	Relações sociais prévias		Total
	Não	Sim	
Não	10	3	13
Sim	2	10	12
Total	12	13	25

Fonte: Produção do próprio autor (2012).

O mais importante seria então observar se existe uma confluência dessas pessoas que tinham forjado relações sociais prévias e aquelas que receberam ajuda na hora de se estabelecer em Balneário Canasvieiras. Das 12 pessoas que tinham relações prévias, quase a totalidade, 10 delas, receberam ajuda; ou seja, foram muitos os casos que conseguiram ativar ou utilizar essas relações. Aliás, existem alguns casos de pessoas que não conheciam ninguém e que, ainda assim, receberam ajuda no seu processo de estabelecimento. É preciso esclarecer aqui que o questionário não discriminava essas relações sociais prévias sejam elas com brasileiros ou com argentinos. Em relação aos tipos de ajuda, estes se correspondem à obtenção de emprego, integração social e moradia. No caso de emprego e moradia trata-se de necessidades urgentes e básicas na hora de uma pessoa se estabelecer e começar uma vida. A integração social responde ao recebimento de uma pessoa, mostrar-lhe o

bairro, apresentar-lhe outros argentinos, etc. Embora sejam somente dois casos, esse tipo de nomeação de “ajuda” foi proposta pelos mesmos entrevistados, eles a mencionaram como “me ajudaram a me integrar, a conhecer as pessoas e os lugares”.

Uma vez analisado isto, é imperativo voltar à metodologia que foi utilizada na estruturação da amostra: a bola de neve, que se caracteriza por se constituir das relações sociais existentes entre os sujeitos que são considerados parte do universo. O principal tipo de relações sociais entre os indivíduos conectados na bola de neve foi amizade, seguida por relações afetivas e, em último lugar, relações de trabalho e familiares. Além disso, é preciso analisar as relações existentes entre os sujeitos que participaram do questionário. Foram indagadas as atividades que os argentinos realizam com outros argentinos, como reuniões, encontros esportivos, comemorações de datas pátrias, etc. Assim, foi possível também saber se para estes argentinos é importante que outros argentinos morem ou residam em Balneário Canasvieiras, assim como as razões pelas quais participam das atividades mencionadas, ou seja, qual é a importância de se encontrar com outras pessoas da mesma nacionalidade.

A totalidade dos participantes do questionário conhecem outros argentinos que residem no espaço de Balneário Canasvieiras. Quando se perguntou que tipo de vínculo eles têm com os outros argentinos, todos responderam amizade. Mas realizando uma análise mais profunda é possível identificar uma série de nuances nas relações entre estes argentinos. Referente à importância de que outros argentinos morassem no bairro, 6 pessoas responderam que não e 19 responderam afirmativamente. Nas seguintes tabelas apresentam-se as frequências correspondentes ao tipo de atividade realizada com outros argentinos e as razões pelas quais é importante que outros argentinos morem no mesmo bairro.

Tabela 16 - Distribuição de frequência segundo tipo de atividades realizadas

Tipo de atividades realizadas	Frequência
Jogar futebol e atividades informais juntos	11
Reuniões sociais	9
Saídas noturnas	1
Não corresponde	4
Total	25

Fonte: Produção do próprio autor (2012).

Tabela 17- Distribuição de frequência segundo razões pelas quais é importante que outros argentinos morem no bairro

Razões pelas quais é importante que outros argentinos morem no bairro	Frequência
Afinidades culturais	16
Favoreceram a integração no começo	4
Não corresponde	5
Total	25

Fonte: Produção do próprio autor (2012).

No que diz respeito às razões pelas quais é importante que outros argentinos morem no bairro, 15 pessoas responderam por afinidades culturais, ou seja, que com esses outros argentinos se compartilham coisas, maneiras e práticas que não se compartilham com pessoas de outras nacionalidades. Outros 4 indivíduos responderam que se trata de pessoas com as quais se conheceram e se integraram no começo do seu processo de estabelecimento, em consequência, se estabeleceram relações de amizade que se atualizam por meio das atividades mencionadas.

Agora bem, que tipo de atividades são realizadas? Que tipo de encontros ou reuniões tem prioridade na hora de agrupar os argentinos? 20 casos concentram-se em dois tipos de atividades, primeiramente em jogos de futebol marcados semanalmente e atividades informais que acompanham o esporte, como churrasco ou jantas posteriores ao jogo. Na segunda posição, as reuniões sociais concentram de maneira significativa os argentinos, especificamente 9 casos. É importante destacar que dos 11 casos que praticam com regularidade o futebol, todos eles são homens. Das pessoas que mencionaram as reuniões sociais, 8 dos 9 casos são mulheres. Existe assim uma relação entre o tipo de atividade compartilhada e o gênero. Além disso, é destacável que, no caso do futebol, trata-se de uma atividade que é compartilhada com brasileiros – que compõem outro time, ou se misturam no jogo-. Enquanto nas atividades desenvolvidas pelas mulheres, nas reuniões sociais não se incorporam pessoas de outras nacionalidades. Por último, 4 entrevistados expressaram que não participam de nenhum tipo de atividade social, reuniões, esporte, etc. com outros argentinos.

Tabela 18 - Argentinos distribuídos por atividades compartilhadas segundo a importância de que outros argentinos residam no bairro

Atividades compartilhadas	Importância de que outros argentinos residam no bairro		Total
	Não	Sim	
Futebol e atividades informais	1	10	11
Reuniões sociais	2	7	9
Saídas noturnas	0	1	1
Não corresponde	3	1	4
Total	6	19	25

Fonte: Produção do próprio autor (2012).

É possível observar, do cruzamento feito nesta tabela, que há uma concordância entre as pessoas para as quais é importante que outros argentinos residam no bairro e a participação em atividades compartilhadas com essas pessoas. Contudo, os outros casos são de argentinos para os quais não é importante que outras pessoas da mesma nacionalidade morem no bairro, o que se corresponde com aqueles que não participam das atividades organizadas, exceto em alguns casos isolados.

Tabela 19 - Distribuição de frequência segundo as razões pelas quais participa de atividades

Razões pelas quais participa das atividades	Frequência
Por que são pessoas que favoreceram a integração no começo	1
Por que é importante manter uma integração e contato permanente com outros argentinos	9
O importante é a relação com essas pessoas, não o fato de serem argentinos.	11
Não corresponde	4
Total	25

Fonte: Produção do próprio autor (2012).

Em relação às razões pelas quais essas pessoas mantêm as atividades com frequência, ou seja, porque participam desses tipos de atividades com outros argentinos, os 20 identificados ofereceram duas respostas: 9 responderam que é importante manter contato com argentinos e 11 responderam que as atividades são desenvolvidas pela importância que tem a relação interpessoal, ou seja, o importante são as pessoas com as quais se realiza, não o fato de elas serem argentinas. De certa maneira, parecem ser opostas: uma delas se justifica na nacionalidade dos companheiros e outra se baseia na singularidade da pessoa e não na sua pertença, o que nos leva a questionar a importância que tem o fato da outra pessoa ser argentino na hora de estabelecer relações interpessoais.

Outro conjunto de dados que vai nos permitir esboçar depois as valorações sobre o processo de estabelecimento e integração de um indivíduo migrante, provém dos mecanismos por meios dos quais estas pessoas obtinham o visto. Lembremos que parte da bibliografia consultada assinala que os mecanismos, facilidades e problemas que aparecerem no processo de obtenção do visto em questão podem influenciar ou até condicionar a valoração que a pessoa tem de como é recebido (CASTLES; MILLER, 2004; LÓPEZ SALA, 2006). Em outros termos, trata-se do processo de integração em termos legais, de quantos documentos, consultas, certificados, etc. essa pessoa deve enfrentar na hora de se estabelecer após ter migrado. Perguntou-se então qual o seu tipo de visto atual e se a pessoa esteve ilegal por algum tempo. Isto

também permite avaliar se, nos casos das pessoas consultadas, aquele convênio de residência celebrado por Argentina e Brasil tem influenciado na obtenção do visto.

Tabela 20 - Argentinos distribuídos por tempo de residência segundo tipo de visto e situação de ilegal

Tipo de visto		Ilegal ³²	Residência temporária	Residência permanente	Naturalizado
Tempo de residência	0,6 anos - 2 anos	-	3	3	-
	4 anos - 7 anos	-	-	3	-
	8 anos - 9 anos	-	-	2	-
	10 anos -16 anos	1	1	5	1
	17 anos - 19 anos	-	-	4	-
	20 anos - 24 anos	1	-	1	-
Total		2	4	18	1

Fonte: Produção do próprio autor (2012).

Do cruzamento feito nesta tabela é possível observar que o tipo de visto que predomina é o de residência permanente, independente do tempo que as pessoas tenham morado. É importante esclarecer isto. A partir do ano 2006 começou a reger o Convênio Bilateral de Residência Argentina – Brasil³⁵, que permitia a obtenção do visto de residente temporário no país de origem e, depois de dois anos de residência ininterrupta no país de destino, o migrante podia obter a condição de residente permanente. A taxa de obtenção do visto é relativamente baixa (125,00 reais) e os documentos necessários para obtenção do mesmo são: cópia de identidade, certificado de antecedentes penais e pagamento da taxa. Comparando com os requisitos que anteriormente eram pedidos para a obtenção do visto, este convênio fez com que fosse muito mais fácil conseguir as condições legais apropriadas para o migrante se estabelecer no país de origem. Aliás, fez com que o estrangeiro tivesse todos os mesmos direitos e competências que um nativo (para celebrar contratos, obter um crédito bancário, criar uma conta, obter carteira de trabalho, entre outras coisas), exceto direitos políticos.

Um dado significativo a ser destacado é que Brasil, no ano 2009, programou-se um processo de anistia geral aos imigrantes que se

³⁵ Para mais informação consultar o anexo, ali se encontra o texto integral da Ata do Convênio.

encontravam ilegais no território da União³⁶. Foi permitido para os imigrantes ilegais se registrarem e regularizarem a sua situação no período 02 de Julho a 30 de Dezembro do ano 2009 (com o resultado de 43.000 estrangeiros registrados). A anistia compreendeu imigrantes que tinham ingressado no Brasil com visto e tinham ficado mais tempo do que o permitido, bem como a pessoas que ingressaram ilegalmente no país. No caso dos argentinos, foi permitido para eles obter o visto de residência temporária e, depois de dois anos, obter a permanente, segundo estabelecido no Convênio. Da totalidade de casos aos quais se aplicou o questionário, 11 pessoas estiveram ilegais em algum momento, enquanto os 14 restantes não o estiveram.

Tabela 21- Distribuição de frequência por tempo de residência segundo se esteve ilegal ou não

Tempo de residência	Frequência.	Esteve ilegal	
		Não	Sim
0,6 anos - 2 anos	6	6	-
4 anos - 7 anos	3	2	1
8 anos - 9 anos	2		2
10 anos -16 anos	8	5	3
17 anos - 19 anos	4	1	3
20 anos - 24 anos	2	-	2
Total	25	14	11

Fonte: Produção do próprio autor (2012).

É considerável que quase metade dos casos esteve em condições ilegais em algum momento. Mas é possível observar que nos dos primeiros intervalos de tempo de residência só se contabiliza um caso ilegal. Lembremos que a anistia aplicou-se no ano 2009, o que permite observar que antes dessa data (intervalo de 4 anos) a existência de casos ilegais é quase a metade do total em cada um dos intervalos. As pessoas que correspondem ao primeiro intervalo, aonde não há nenhuma ilegal, vieram com visto de turista ou estudante e trocaram pelo permanente ou temporário, já que é permitido passar de qualquer destes vistos para a

³⁶ Para mais informação consultar:

<<http://portal.mj.gov.br/main.asp?View=%7BA5F550A5-5425-49CE-8E88-E104614AB866%7D&Team=¶ms=itemID=%7BB85FAE2B-B1EF-4DB4-8E5C-3BDF22094F92%7D;&UIPartUID=%7B2218FAF9-5230-431C-A9E3-E780D3E67DFE%7D>> Acesso 25 ago. 2012.

residência por simples expressão de vontade e pagamento de taxas. Ou seja, nos casos incluídos na amostra é possível afirmar que o convênio de obtenção de visto de residência para argentinos e brasileiros foi o mecanismo mais utilizado, o que permitiu que nenhuma das pessoas que fazem parte do primeiro intervalo de tempo estivesse ilegal. Ainda mais, dos 25 casos que constitui a amostra, 24 avaliaram o processo de obtenção ou troca do visto para residente como “muito fácil”. As principais razões da facilidade de obtenção do visto foi a mudança produzida no novo convênio e a agilidade do processo.

3.3 SOBRE ARGENTINOS E BRASILEIROS.

Um dos temas mais referidos na aplicação do questionário foram as percepções que os argentinos têm dos outros argentinos que moram no bairro, do processo de adaptação e da integração cultural dos mesmos. Tema que sempre vem acompanhado por avaliações e declarações sobre como os brasileiros reagem ao componente estrangeiro, argentino ou simplesmente à pessoa que não é “nativa” do lugar. A indagação sobre estes pontos sensíveis expressa muito sobre a experiência de cada participante da pesquisa, mas também pode conceder alguns indícios sobre possíveis conexões com outros fatores.

Tabela 22 - Distribuição de frequência segundo se considera os argentinos integrados à sociedade brasileira e o grau de receptividade dos brasileiros

Considera que os argentinos tem se integrado à sociedade brasileira.	Frequência	Grau de receptividade dos brasileiros aos argentinos, no espaço de Balneário Canasvieiras.	Frequência
Nenhum	1	Completamente receptivos	6
Quase todos	10	Receptivos	14
Só alguns	13	Muito pouco receptivos	4
Todos	1	Nada receptivos	1
Total	25	Total	25

Fonte: Produção do próprio autor (2012).

Foram realizadas duas perguntas diferentes no questionário. Uma delas procurava saber se os indivíduos consultados consideravam que os mesmos argentinos que moram no bairro conseguiram se integrar à sociedade brasileira. As categorias mais escolhidas foram as intermediárias: *quase todos* e *só alguns*. É interessante considerar que

nenhum dos indivíduos mencionou uma integração plena ou total, destacando que sempre se mantém diferenças culturais. A outra pergunta procurava identificar o grau de receptividade dos brasileiros. A maior parte dos participantes do questionário considerou que os brasileiros são *receptivos* aos argentinos, e em alguns casos foram avaliados como *completamente receptivos*. Sendo assim, por parte de ambas as populações, tanto argentina quanto brasileira, os sujeitos consultados consideram que há uma integração significativa, mas nunca completa.

Tabela 23 - Distribuição de frequência segundo razões que explicam o grau de receptividade dos brasileiros

Razões que explicam o grau de receptividade dos brasileiros.	Frequência
Atitude particular dos naturais da ilha	2
Diferenças culturais fortes	2
Diferenças ou dificuldades comuns	7
Experiência histórica com turismo ou emigração argentina	1
Experiência histórica com turismo ou emigração argentina. Característica cultural dos argentinos "arrogância".	8
Mantém diferenças de natureza nacionalista	4
Preconceito do argentino	1
Total	25

Fonte: Produção do próprio autor (2012).

Embora o grau de receptividade por parte dos brasileiros seja considerado alto, no questionário se aplicou uma pergunta sobre as razões pelas quais os participantes acreditam que os brasileiros podem não ser tão receptivos em alguns momentos. Ou seja, que aspectos contribuem para que, ainda parcialmente, exista uma distância entre o brasileiro e o argentino. Esta pergunta foi aberta para, posteriormente, fechar as opções, segundo a repetência de respostas. Uma grande parte destas se referiu a diferenças ou dificuldades comuns do processo de migração, ou seja, diferenças que apareceriam em qualquer outro espaço geográfico e que progressivamente vão se esvanecendo. A maior concentração de respostas se referiu ao produto da experiência histórica do turismo ou migração argentina (sempre circunscrita a determinados momentos históricos). Foi comum a referência à falta de respeito e educação dos turistas argentinos, e como isso contribui à formulação de

uma ideia “do argentino”. Quando se indagou mais profundamente nas características específicas que fizeram com que esses argentinos fossem identificados desta maneira, eles responderam que existe uma característica cultural nos argentinos que os fazem “arrogantes”. É interessante que as pessoas que expressaram esta percepção sobre os próprios argentinos realizaram juízos de valor, reprovando a mencionada característica cultural que, na opinião deles, é mesmo própria dos argentinos.

Tabela 24 - Argentinos por tempo de residência segundo as razões que explicam o grau de receptividade dos brasileiros

Tempo de residência em anos	Frequência	Razões que explicam o grau de receptividade dos brasileiros.						
		Atitude particular dos naturais da ilha	Diferenças culturais fortes	Diferenças ou dificuldades comuns	Experiência histórica com turismo ou emigração argentina	Experiência histórica com turismo Característica cultural "arrogância".	Mantém diferenças de natureza nacionalista	Preconceito do argentino
6 meses - 2 anos	6	-	-	4	-	1	1	-
4 anos - 7 anos	3	-	-	1	-	2	-	-
8 anos - 9 anos	2	1	-	-	1	-	-	-
10 anos - 16 anos	8	-	1	1	-	3	2	1
17 anos - 19 anos	4	1	-	1	-	1	1	-
20 anos - 24 anos	2	-	1	-	-	1	-	-
Total	25	2	2	7	1	8	4	1

Fonte: Produção do próprio autor (2012).

Se analisarmos as razões anteriormente mencionadas pelos próprios argentinos sobre as diferenças na receptividade dos brasileiros, podemos colocá-las em relação ao tempo de residência de cada um dos indivíduos, o que nos fornece uns indícios interessantes. Observe-se que a categoria *diferenças ou dificuldades comuns*, que é a que se refere às diferenças que apareceriam em qualquer situação de migração, corresponde às pessoas que possuem o menor tempo de residência no bairro. E quanto à categoria que congregou grande parte das respostas, a *experiência do turismo e a arrogância dos argentinos* relacionam-se com as pessoas que moram no bairro há mais tempo.

É interessante pensar que talvez o caso das pessoas que residem há pouco tempo explicam-se por si só as diferenças em termos de

diferenças comuns, na medida em que não tem experimentado várias temporadas turísticas, ou pelo pouco tempo que tem compartilhado no bairro. Enquanto as pessoas que moram ali há mais tempo, conseguem capitalizar uma experiência que responde (nas palavras deles mesmos) a diversas temporadas turísticas, aonde os argentinos tomam conta do bairro. É necessário destacar aqui que o principal aspecto mencionado na explicação de como os brasileiros percebem o argentino arrogante vem da experiência histórica com o turismo. As duas categorias apareceram juntas quase na sua totalidade, como pode se ver na tabela. Por isso, se considera que o fato de ter morado mais tempo no bairro e ter vivido várias dessas temporadas tão singulares como são as turísticas, é o fator que aparece com uma regularidade que permite explicar em parte esta imagem construída do argentino.

3.4 SOBRE AS PERCEPÇÕES DA ARGENTINA E DO BRASIL.

Outro conjunto de perguntas dentro do questionário teve como objetivo pedir uma possível comparação entre os dois países, conforme a opinião do indivíduo participante, a partir da sua experiência. Teve vários casos de pessoas que acreditaram não estar em condições de realizar essas comparações pelo fato de estar morando há muito tempo no Brasil, outros sempre destacaram que a sua referência não era um país como um todo, e sim, o lugar aonde eles tinham morado na Argentina e no Brasil (exemplo comparação Florianópolis – Buenos Aires). Ainda assim, foi possível realizar a comparação entre os dois países utilizando sete eixos de referência.

Cada um dos eixos teve que ser “desagregado” na hora de perguntar para a pessoa o que achava das realidades dos países em questão. Ou seja, não era possível chegar e pedir uma comparação em um nível abstrato sobre a economia na Argentina e no Brasil. Por isso, foram utilizadas algumas alusões circunstanciais, notícias de acontecimentos dos últimos tempos, mantendo sempre a referência ao registro individual da pessoa. Como que ele ou ela percebia esse fenômeno, se alguma vez tinha acontecido alguma coisa com eles, como viveram essa experiência, se lembravam dos últimos tempos na Argentina, entre outras coisas. Assim foi possível resgatar informações extras sobre cada um dos tópicos, o que permitiu pensar melhor sobre os dados obtidos, especialmente na hora de escolher os casos para a pesquisa qualitativa. Em seguida será apresentada uma tabela que resume estes aspectos e os relaciona com cada um dos eixos trabalhados. Na hora de realizar a comparação foram utilizadas simplesmente três opções: melhor que na

Argentina; igual à Argentina; pior que na Argentina. O mais interessante dos resultados é saber como os indivíduos avaliaram cada dimensão, a partir da distribuição de frequências.

Tabela 25 - Detalhe dos eixos de comparação e aspectos da comparação com "a realidade" da Argentina e do Brasil

Eixo de comparação	Detalhe da comparação: elementos que foram comentados pelos participantes. Aspectos aos quais se fez referência para explicar como fazer a comparação.	Aspectos relacionados que puderam ser resgatados do exercício da comparação. Permitiu aprofundar nas representações e o conhecimento da Argentina na distancia.
Educação	Acesso a bolsas, qualidade do ensino, experiências pessoais com as escolas, facilidade de colocar os filhos na escola, etc.	
Economia	Quase todos os participantes expressaram a sua avaliação em termos de crescimento econômico do Brasil nos últimos anos.	Referência paralela à realidade econômica da Argentina. Geralmente se estabeleceu a comparação com as características econômicas e sociais do ultimo tempo que cada pessoa morou na Argentina.
Segurança	A criminalidade experimentada ou conhecida por eles. Perguntou-se se é perigoso sair à noite, no caso de Balneario Canasvieiras. Indagou-se também sobre a falta de segurança nos últimos anos na Argentina, e o seu caráter urgente ou se se trata de uma construção da mídia.	Também permitiu identificar o conhecimento sobre os últimos acontecimentos na Argentina, em especial no momento de realizar o questionário tinha acontecido o Caso Candela ³⁵ em Buenos Aires.
Estabilidade	Possibilidade de obter um crédito, de crescimento nas suas ocupações ou empreendimentos comerciais ou econômicos.	Permitiu realizar uma comparação em termos de "oportunidades de crescimento". O mais importante é que esta comparação permitiu reconhecer a importância de outros momentos da história econômica argentina, como a hiperinflação e os "corralitos". O que demonstrou a importância de aqueles "momentos chaves" referidos na metodologia.
Emprego	Oportunidades de conseguir emprego para eles e para as pessoas em condições relativamente similares a eles: idade e nível educativo.	Ofereceu um panorama da percepção que os indivíduos têm da sua situação.
Funcionamento das instituições públicas	Na maior parte dos casos os entrevistados fizeram referência à saúde pública, as escolas e a Polícia Federal, aqui também foram feitas avaliações sobre o processo de obtenção do visto.	Permitiu aprofundar na dinâmica de inclusão por parte do tecido institucional do estrangeiro. De que maneira as instituições públicas reagem, reconhecem e incorporam ao estrangeiro. Assim como as variações nas suas condições (legais ou ilegais) e como isso pode ter influenciado nos sentimentos dos indivíduos.
Oportunidades futuras	Neste tópico foram indicadas especialmente as oportunidades dos filhos em relação ao estabelecimento econômico ou profissional, assim como as projeções que os indivíduos participantes têm sobre sua própria atividade econômica.	Este tema permitiu também voltar sobre as referências dos momentos chaves da história argentina. Assim como as projeções ou possibilidades de voltar ou se estabelecer novamente no país de origem.

Fonte: Produção do próprio autor (2012).

Serão apresentadas aqui as frequências absolutas, segundo os eixos, para posteriormente realizar alguns cruzamentos de resultados, a fim de poder observar se existe concordância nas percepções com outros dados como o tempo de residência, o tipo de ocupação, etc. Observando a tabela seguinte, a primeira conclusão que podemos tirar das frequências obtidas é que em todos os aspectos possíveis o Brasil é avaliado como melhor que a Argentina pelos indivíduos consultados, exceto na área da educação.

Tabela 26 - Distribuição de frequência segundo a comparação por eixos da Argentina e do Brasil

Eixos de avaliação	Avaliação			Total
	Melhor que na argentina	Igual que na Argentina	Pior que na Argentina	
Educação	3	3	19	25
Economia	24	1	-	25
Segurança	11	11	3	25
Estabilidade	24	1	-	25
Emprego	19	5	1	25
Funcionamento das instituições públicas	16	4	5	25
Oportunidades futuras	21	2	2	25

Fonte: Produção do próprio autor (2012).

A propósito, todos os argentinos que têm filhos em idade universitária e que possuem os recursos econômicos necessários têm enviado seus filhos para fazer a faculdade na Argentina. E em outros casos que foram consultados, de pessoas que têm filhos de menor idade que gostariam de fazer faculdade, também mandariam os filhos para estudar na Argentina. É interessante destacar as avaliações em relação à segurança, que divide em partes iguais os sujeitos consultados. Nos últimos anos na Argentina tem se experimentado um crescimento da taxa de criminalidade nos grandes centros urbanos. O momento de inflexão é considerado a crise do ano 2001, que veio acompanhada de acontecimentos na esfera pública sem precedentes (saqueios, roubos massivos). É possível ler várias notícias que, embora aumentem a contundência da taxa de criminalidade, como é o caso da multimídia

Clarín e outros grupos contrários ao oficialismo, conseguem transmitir o fenômeno de aumento da falta de segurança³⁷.

Para aprofundar a análise das percepções e comparações entre Argentina e Brasil, foram escolhidos dois intervalos etários como referência para realizar o primeiro cruzamento. É interessante observar se há diferenças nas percepções a partir de períodos de residência distantes: o primeiro grupo morou de 6 meses a 2 anos, e o segundo grupo, que corresponde ao penúltimo intervalo, mora ali entre 10 a 16 anos. De tal modo os dois intervalos escolhidos agrupam a maior quantidade de casos da amostra. Apresenta-se aqui um primeiro cruzamento das avaliações feitas sobre os eixos mencionados no grupo de pessoas que correspondem ao primeiro intervalo de tempo de residência. Mais na frente foi feita outra tabela que apresenta o mesmo cruzamento de dados para o intervalo de 10 a 16 anos.

Tabela 27 - Distribuição de frequência por eixos de comparação em Argentinos residentes no intervalo de 0,5 a 2 anos

Eixos de comparação entre Brasil e Argentina	Argentinos residentes no intervalo de 0,5 a 2 anos			
	Melhor que na Argentina	Igual que na Argentina	Pior que na Argentina.	Total.
Educação	2	2	2	6
Economia	5	1	-	6
Segurança	1	4	4	6
Estabilidade	6	-	-	6
Emprego	5	-	1	6
Funcionamento das instituições públicas	2	2	2	6
Oportunidades futuras.	5	-	1	6

Fonte: Produção do próprio autor (2012).

É possível reconhecer semelhanças e diferenças interessantes nas percepções que os sujeitos expressam. Destacando as discordâncias, o primeiro intervalo etário apresenta alguns aspectos interessantes. Primeiramente a avaliação da educação é claramente diferente. Todos os

³⁷ Para mais informação consultar

<<http://lta.reuters.com/article/domesticNews/idLTAASIE87P01220120826>> ou em notícias internacionais

<<http://www.elmundo.es/america/2010/02/11/argentina/1265916890.html>>

intervalos de idade, exceto o primeiro, acreditam que a educação é melhor na Argentina que no Brasil. Mas o intervalo de 6 meses a 2 anos, no qual se encontram os únicos dois estudantes da amostra, tem se distribuído de maneira igual nos três níveis de avaliação. No que diz respeito à segurança, este intervalo também avalia de maneira diferente, considera que Argentina é igual ou mais segura que o Brasil, o que também resulta num dado interessante. Por último, a avaliação do funcionamento das instituições públicas também se distribui de maneira equitativa nos três níveis. Lembremos aqui que a informação obtida deste intervalo é significativa, já que são as pessoas que tiveram o contato mais próximo em termos temporais com “a realidade” argentina, ou seja, são as que vieram morar no Brasil há menos tempo.

Tabela 28 - Distribuição de frequência por eixos de comparação em argentinos residentes no intervalo de 10 a 16 anos

Eixos de comparação entre Brasil e Argentina	Argentinos residentes no intervalo de 10 a 16 anos			
	Melhor que na Argentina	Igual que na Argentina	Pior que na Argentina.	Total.
Educação	1	1	6	8
Economia	8	-	-	8
Segurança	5	3	-	8
Estabilidade	8	-	-	8
Emprego	6	2	-	8
Funcionamento das instituições públicas	7	1	-	8
Oportunidades futuras.	6	2	-	8

Fonte: Produção do próprio autor (2012).

A educação, segurança e o funcionamento das instituições foram escolhidos para serem destacados, já que exibem uma diferença em relação aos outros tópicos, segundo os intervalos de tempo de residência. De maneira geral, todos os tópicos são considerados melhores no Brasil, exceto a educação, que favorece à Argentina, e a segurança, que é igual nos dois casos. O pessoal que mora há menos tempo no Brasil avalia de maneira diferente estes tópicos; embora isto não signifique que as percepções deles sejam mais reais ou verdadeiras, são as mais imediatas, isto implica que a sua experiência é diferente no casos das pessoas que moram há mais tempo no Brasil.

Deste modo, o intervalo de 10 a 16 anos são casos de pessoas que têm emigrado em períodos-chave: por um lado, o pessoal que migrou entre o ano 2000 – 2002 (10 a 12 anos), cuja experiência imediata foi a crise econômica, social e institucional da Argentina. E por outro lado, o pessoal que migrou durante a época da convertibilidade (década dos 90), o que permitiu que as pessoas que vieram com pesos argentinos possuíssem um capital equivalente em dólares. Isto fez com que eles pudessem comprar e construir imóveis ou complexos turísticos. Esta identificação do momento no qual os sujeitos têm migrado pode fazer com que as suas percepções sobre a realidade Argentina sejam diferentes às expressadas pelas pessoas que pertencem ao intervalo previamente mencionado.

Assim, para estas pessoas a *estabilidade* e a *situação econômica* no Brasil obtém a maioria das avaliações como melhor que na Argentina (nenhum caso mencionou a opção igual). Isto acontece até com casos de pessoas que se correspondem com este intervalo e que vão com certa regularidade para Argentina como parte do seu trabalho com turismo. No que refere às *instituições públicas*, no seu funcionamento, também foram avaliadas com uma maioria quase absoluta, como melhor que na Argentina. Agora bem, a diferença principal na avaliação de fatores é a educação: para a maior parte das pessoas a educação é pior no Brasil.

Em cruzamentos posteriores não foi possível observar variações nas apreciações sobre: *estabilidade*, *economia*, *emprego* ou *oportunidades futuras*, em relação às ocupações das pessoas (sejam empresários, empregados, profissionais). O nível educativo dos sujeitos também não apresentou diferenças na hora de avaliar estas dimensões. As pessoas que têm filhos também não apresentaram diferenças nas avaliações dessas dimensões, mas também não variaram em relação à segurança ou à educação. Sendo assim, é possível pensar na hipótese de que o tempo de residência e a época na qual se emigrou da Argentina são fatores que influenciaram as variações nas percepções e avaliações dos tópicos mencionados. Poderíamos pensar que temas como educação, estabilidade e segurança são sensíveis aos casos de pessoas que têm filhos, bem como as oportunidades de futuro e emprego são sensíveis à educação e idade das pessoas. Contudo, as avaliações não variaram em relação a estas diferenças, mas sim, em relação aos intervalos de tempo.

3.5 SOBRE A POLÍTICA, CONHECIMENTO, CONSUMO DE MÍDIA E PARTICIPAÇÃO.

O último aspecto de análise de caráter quantitativo formulado procura identificar o conhecimento e a participação política formal e em outro tipo de organizações. Por que isto é importante? O pressuposto do qual se parte é o seguinte. Todos os participantes do questionário manifestaram ter família na Argentina e manter contato de maneira assídua com ela. Poucos dos sujeitos têm viajado para Argentina nos últimos tempos e, se tem viajado, foram em ocasiões excepcionais como férias, por um período curto de tempo. Sendo assim, foi indagado o conhecimento dos sujeitos sobre a atualidade política da Argentina e da região do país onde eles moravam anteriormente. Desta maneira, o contato com a família se corresponde e se limita à esfera doméstica, enquanto o conhecimento da “realidade” do país poderia ser pensado em termos de uma perspectiva macro ou geral. Ou seja, indagando o conhecimento dos acontecimentos políticos, sociais e culturais da Argentina estaríamos em condições de definir, a grosso modo, o contato que o sujeito tem com o seu país de origem.

Basicamente foi necessário indagar sobre o interesse na política, já que é uma escolha ou predisposição de uma pessoa se informar sobre temas dessa natureza. Sendo que se uma pessoa se reconhece ou se declara não interessada na política, não faz muito sentido esperar dela um conhecimento profundo sobre questões que sejam dessa área. Assim, uma escassa quantidade, 4 apenas, se declararam *muito interessados* na política. Enquanto uma grande maioria, 21 deles, se identificou como *pouco* ou *mais ou menos interessados* no que refere à política.

Tabela 29 - Distribuição de frequência segundo o grau de interesse na política

Grau de interesse na política	Frequência
Pouco interessado	13
Mais ou menos interessado	8
Muito interessado	4
Total	25

Fonte: Produção do próprio autor (2012).

Para aprofundar no conhecimento que os sujeitos possuem “da realidade” dos países, foi analisado o consumo da mídia que eles têm, tanto da Argentina como do Brasil. Isto permitiu comparar se eles têm preferência na hora de se manter informados sobre alguns temas, em particular, e se escolhem se informar mais sobre algum dos países em questão. Também se tentou indagar a importância relativa que a política –argentina e brasileira- tem no consumo midiático que estes sujeitos expressam. Isto é importante já que uma pessoa pode assistir a noticiários com uma alta regularidade e ser se muito informada, embora a política não seja importante para ela, em consequência ela acaba estando afastada dessa esfera. No que diz respeito à mídia foi perguntado sobre o consumo de: televisão, rádio e jornal brasileiro ou argentino.

Tabela 30 - Distribuição de frequência segundo média de tempo dedicado à TV, tempo dedicado à política, por tempo de consumo de rádio e tempo dedicado à política na rádio

Média de tempo dedicado á TV na semana.	Frequência	Tempo dedicado à política na TV	Frequência	Ouve rádio	Frequência	Tempo dedicado à política na rádio	Frequência
1 hora	2	Nada	9	Sim	16	Nada	12
3 horas	14	Muito pouco	9	Não	9	A mesma quantidade que outros temas	2
10 horas	6	A mesma quantidade que outros temas	1	-----	-----	É prioritário respeito a outros temas	3
Não corresponde	3	É prioritário respeito a outros temas	6	-----	-----	Não corresponde	8
Total	25	Total	25	Total	25	Total	25

Fonte: Produção do próprio autor (2012).

Dos consumos midiáticos podem ser destacadas algumas diferenças em relação às preferências. Sobre a televisão, a maior parte dos indivíduos, 20 deles, consomem entre 3 e 10hs por semana. Mas no que diz respeito à participação que a política tem no consumo televisivo, 18 casos dedica *muito pouco tempo* ou *nada* a temas políticos. No caso da rádio também acontece a mesma coisa, quase a totalidade dos casos que ouve rádio com regularidade não dedica nenhum tempo à política. Estes dados nos permitem perceber que independentemente do acesso e consumo de mídia que estas pessoas tenham, a política não é um tema prioritário nem importante para eles.

No que diz respeito ao consumo e leitura de jornal também podemos tirar algumas conclusões provisórias. No caso do jornal, poderia se pensar que se trata de um consumo mais orientado às novidades e acontecimentos atuais. Assim, a política tem um protagonismo maior na publicação em jornais. Perguntou-se pela frequência de leitura de jornal, seja impresso ou on-line, argentino ou brasileiro. Mais da metade da amostra tem lido pelo menos um jornal nos últimos três dias, principalmente jornal argentino. No que se refere à importância da política no consumo do jornal, podemos observar que o interesse nela aparece mais do que no caso das outras mídias. Ainda assim, a totalidade dos casos se divide de maneira quase equitativa entre as primeiras duas categorias, que expressam pouco tempo dedicado à política e as duas categorias seguintes, que expressam maior interesse nela.

Tabela 31 - Distribuição de frequência segundo leitura de jornal argentino e/ ou brasileiro e tempo dedicado à política na leitura do jornal

Leitura de jornal argentino (impresso ou on-line)	Frequência	Leitura de jornal brasileiro (impresso ou on-line)	Frequência	Tempo dedicado à política na leitura do jornal	Frequência
Nos últimos três dias	18	Nos últimos três dias	15	Nada	6
Na última semana	0	Na última semana	1	Muito pouco	6
No mês passado	3	No mês passado	2	A mesma quantidade que outros temas	9
No último ano	4	No último ano	7	É prioritário respeito a outros temas	4
Total	25	Total	25	Total	25

Fonte: Produção do próprio autor (2012).

Para se ter uma ideia mais apropriada do conhecimento atual que os sujeitos têm sobre a “realidade” de cada um dos países, foram incorporadas algumas perguntas a mais. Como é possível observar nesta tabela, a maior parte dos sujeitos diz que conhece algum tema sobre a atualidade política, seja argentina ou brasileira.

Tabela 32 - Distribuição de frequência segundo conhecimento de temas da política atual brasileira e argentina

Conhecimento de temas da política atual brasileira	Frequência	Conhecimento de temas da política atual argentina	Frequência
Sim	18	Sim	20
Não	7	Não	5
Total	25	Total	25

Fonte: Produção do próprio autor (2012).

Pediu-se então aos indivíduos que citassem alguns dos temas atuais da política argentina ou brasileiro. Como alguns deles responderam que não são conhecedores dos temas de política, foi solicitado que fizessem referência aos últimos acontecimentos dos quais tiveram conhecimento. Portanto, alguns dos temas mais mencionados foram os seguintes:

Tabela 33 - Distribuição de frequência segundo temas de conhecimento atual da política brasileira e da política atual argentina

		Frequência			Frequência
Temas de conhecimento atual da política brasileira.	Corrupção	6	Temas de conhecimento atual da política argentina.	Caso Candela	2
	Mudanças gerais no governo de Dilma	9		Eleições (Buenos Aires e Nacionais)	11
	Eleições presidenciais brasileiras no ano 2010.	1		Mudanças econômicas gerais.	3
	Planos econômicos.	1		Caso Schoklender e Madres de plaza de mayo	3
	Programas ambientais	1		Policiais	1
	Não corresponde (não conhece nenhum)	7		Não corresponde (não conhece nenhum)	5
	Total	25		Total	25

Fonte: Produção do próprio autor (2012).

No detalhe dos temas sobre os quais se tem conhecimento da atualidade brasileira, as principais respostas foram sobre corrupção e mudanças gerais no governo (6 e 9 casos, respectivamente). Esta última

opção foi a mais ampla, para pessoas que não souberam especificar nomes ou áreas definidas do governo. Mas quase a mesma quantidade disse não conhecer nenhum tema, 7 no total (outras respostas foram que não acompanham as notícias, que não conhecem muito sobre Brasil). É interessante observar que temas mais específicos, como planos econômicos ou programas ambientais, apresentam somente um caso cada categoria.

Na atualidade argentina os principais temas referidos foram o caso Candela, que estava tendo uma ampla repercussão nesse momento na Argentina, assim como as eleições na cidade de Buenos Aires, e os preparativos para as eleições presidenciais em Outubro do ano 2011. O caso Scholkender e as Madres de Plaza de Mayo também foram referidos³⁸. No que refere ao desconhecimento de temas atuais, 5 deles disseram não conhecer nenhum tema ou não acompanhar a atualidade de cada país.

Foi importante também indagar sobre a participação dos argentinos nas eleições, especialmente por duas razões. Em primeiro lugar é interessante observar se eles cumprem com essa obrigação fora do território nacional; já que na situação deles, a frequência de contato com temas políticos e sociais tem diminuído, mas também porque as sanções recebidas pela falta de voto são menores ou nulas. Por outro lado deve destacar-se que para eles conseguirem votar é preciso que façam uma série de trâmites e visitas ao consulado, e que acabam sendo procedimentos que levam bastante tempo. Desta maneira é importante saber se eles votaram no ano 2007, se pensaram em votar nas eleições do ano 2011, assim como as razões pelas quais eles escolhem ou não participar. Segundo os dados obtidos é possível elaborar a seguinte tabela:

³⁸ Tratou-se de um caso que teve muita presença nas publicações do multimídia Clarin, que na sua campanha contrária ao oficialismo, insistiu nas relações existentes entre o Executivo e as Madres de Plaza de Mayo.

Tabela 34 - Distribuição de frequência segundo a participação nas eleições presidenciais do ano 2007, participação às eleições do ano 2011 e conhecimento de candidatos para as eleições de 2011

Participação nas eleições presidenciais 2007	Frequência	Pensa em participar nas eleições presidenciais 2011	Frequência	Conhecimento dos candidatos para as eleições do ano 2011	Frequência
Sim	5	Sim	6	Sim	19
Não	20	Não	19	Não	6
Total	25	Total	25	Total	25

Fonte: Produção do próprio autor (2012).

Existe um grande número que não participou das eleições do ano 2007, por razões que depois serão detalhadas. Quase a mesma quantidade pensa em não votar nas eleições do ano 2011³⁹. Mas quando se perguntou pelos candidatos à presidente, grande parte dos indivíduos demonstrou conhecimento, alguns deles até conseguiram mencionar nomes e filiação partidária. Isto é importante porque no período no qual o questionário foi aplicado as eleições internas estavam sendo definidas. Ou seja, os sujeitos consultados conheciam mais de um ou dois candidatos por partido. Por último deve-se mencionar que as pessoas que votaram nas eleições do ano 2007 são as que se correspondem com o menor intervalo de tempo de residência. Ou seja, todos os que votaram residem há 4 anos ou menos no Brasil. Isto quer dizer que, as pessoas que participaram das eleições moravam na Argentina no momento no qual a eleição presidencial foi realizada. Nenhum dos sujeitos que morava no Brasil no ano 2007 participou.

Quanto às razões pelas quais os sujeitos não votaram, foi possível fechar as respostas em 4 opções, nas quais os indivíduos se distribuem da seguinte maneira:

³⁹ É preciso lembrar aqui que os questionários foram realizados antes das eleições de outubro. Outro aspecto importante é que em 2011 na Argentina foram realizadas inicialmente eleições primárias, o que permitiu definir os candidatos de cada partido, e posteriormente, as eleições diretas. Essas eleições primárias foram consideradas como altamente influentes nos resultados das eleições presidenciais, pela maioria que teve Cristina Kirchner no oficialismo.

Tabela 35 - Distribuição de frequência segundo razões pelas quais não votou no ano 2007

Razões pelas quais não votou no ano 2007	Frequência
Complicações várias	7
Não corresponde	5
O voto não é obrigatório	6
Por que não se interessa	7
Total	25

Fonte: Produção do próprio autor (2012).

A opção *complicações várias* responde a acontecimentos que impediram as pessoas de votarem, mas que foram externas a suas vontades, como por exemplo: trabalharam o dia inteiro, tiveram outras ocupações, não tinham a documentação pronta, estavam viajando, etc. É importante mencionar aqui que para eles poderem votar é preciso cumprir uma série de passos: a) se registrar como estrangeiro na Polícia Federal, b) se registrar no Consulado da Argentina e mudar o endereço para o atual no Brasil, c) uma vez atualizado o endereço é necessário se registrar como votante no exterior e esperar ser incluído na lista do Consulado correspondente. O mais importante é ver quem deles decidiu enfrentar as documentações e trâmites necessários para efetuar o voto, e as razões pelas quais não votaram. A maior parte das pessoas que não votaram foi porque o voto não é obrigatório⁴⁰ ou porque não se interessaram em votar. Esta resposta foi regularmente acompanhada com expressões como “*eu já estou longe do país*”; “*agora é com o pessoal que mora lá*”; etc.

⁴⁰ Na verdade o voto é sim obrigatório, mas as punições correspondentes não são aplicadas no caso da pessoa que mora no exterior.

Tabela 36 - Argentinos distribuídos segundo o grau de interesse na política segundo as razões pelas quais não votaram

Razões pelas quais não votou	Complicações várias	O voto não é obrigatório	Porque não se interessa	Não corresponde	Total
Grau de interesse na política					
Pouco interessado	-	2	7	4	13
Mais ou menos interessado	2	3		3	8
Muito interessado	4	0	-	-	4
Total	6	5	7	7	25

Fonte: Produção do próprio autor (2012).

Existe uma consistência significativa no grau que as pessoas dizem ter na política e as razões pelas quais elas não votaram nas últimas eleições. Como é possível observar na tabela de cruzamento de dados, as pessoas que se declararam *muito interessadas* na política e que não puderam votar, na sua maioria, por conta de várias complicações, definidas como exteriores à vontade. E no caso das pessoas que se declararam *pouco interessadas* na política, na sua totalidade, disseram não ter votado porque não se interessam. As duas categorias que manifestam um baixo interesse na política, possuem seus casos distribuídos nas opções de voto não obrigatório e falta de interesse em votar. Assim é possível ponderar que a pessoa que se manifesta interessada tem sido consequente nas suas razões dadas, assim como a pessoa que se declara não interessada, ou só um pouco interessada, tem dado uma resposta concordante com sua posição.

A partir dos resultados sobre os graus de interesse das pessoas na política, foi interessante relacioná-los com a participação que cada sujeito teve em atividades políticas e não políticas. É possível pensar que como resultado da falta de interesse na política, a participação em instituições entendidas como estritamente políticas, como é o caso dos partidos, teria diminuído significativamente. Agora bem, o fato de somente pensar nestas instituições políticas poderia resultar em um detrimento de outras instituições que receberam um grau de participação maior. Assim foram discriminadas dois tipos de “participações”. A participação política, ou seja, aquela realizada em nome de uma orientação política em instituições identificadas a partir de uma facção

política (partido político, agrupação militante, agrupação política da sociedade civil). E foi pensada também a opção de participação ampla, que incorpora nela todo tipo de organização da sociedade civil, mas sem identificação política. Ali se reconheceram blocos de carnaval, ONGs, ajuda aos moradores de rua, clubes, grupos de atividades sociais, associação de vizinhos, etc.

Como resultado, podemos observar primeiramente que, tratando-se dos mesmos indivíduos, eles participaram mais em atividades ou instituições políticas na Argentina do que aqui no Brasil.

Tabela 37 - Distribuição de frequência segundo a participação política na Argentina e no Brasil

Participação política em Argentina	Frequência	Participação política no Brasil	Frequência
Sim	7	Sim	1
Não	18	Não	24
Total	25	Total	25

Fonte: Produção do próprio autor (2012).

Os participantes de política na Argentina resultam em 7, do total de 25. Por outro lado, a quantidade de pessoas que participaram de política no Brasil é muito menor, somente 1 delas. Sobre o tipo de participação formal que os indivíduos praticaram, a principal atividade foi se registrar em um partido político. Há outros casos que fizeram parte de algum ato ou reunião de algum partido. Enquanto o caso isolado de participação política no Brasil foi de participação em uma reunião promovida por um partido político.

Tabela 38 - Distribuição de frequência segundo o tipo de participação política na Argentina e no Brasil

Tipo de participação política na Argentina	Frequência	Tipo de participação política no Brasil	Frequência
Registro formal em um partido político	4	Participação nas reuniões ou algumas atividades promovidas por algum partido político	1
Candidato a um cargo eletivo	1	Não corresponde	24
Participação eventual em algum ato ou reunião de algum partido político	2	/	
Não corresponde.	18		
Total	25	Total	25

Fonte: Produção do próprio autor (2012).

Uma vez detalhado isto, é necessário descrever as atividades de participações entendidas como “ampla”, ou seja, atividades ou organizações sociais. Em termos absolutos é possível observar que na ocorrência de participação ampla na Argentina, a metade da amostra respondeu que tem participado de algum tipo de organização. Entretanto, aqui no Brasil o número de pessoas que participa de algum tipo de atividade ou organização é de 7, dos 25 totais. Na seguinte tabela são resumidos os resultados:

Tabela 39 - Distribuição de frequência segundo a participação "ampla" na Argentina e no Brasil

Participação "ampla" em Argentina	Frequência	Participação ampla no Brasil	Frequência
Sim	12	Sim	7
Não	13	Não	18
Total	25	Total	25

Fonte: Produção do próprio autor (2012).

É possível indagar ainda mais profundamente nestes dados e saber que tipos de participação e atividades estas pessoas têm desenvolvido, tanto na Argentina quanto no Brasil.

Tabela 40 - Distribuição de frequência segundo o tipo de participação "ampla" na Argentina e no Brasil

Tipo de participação "ampla" na Argentina	Frequência	Tipo de participação "ampla" no Brasil	Frequência
Organizações comerciais	1	Organizações comerciais	2
Organizações sociais	5	Organizações sociais	5
Organizações na universidade	3	Não corresponde	19
Manifestações sociais	3	/	
Não corresponde	13		
Total	25	Total	25

Fonte: Produção do próprio autor (2012).

Uma vez desagregados os dados é possível observar que, sobre a participação ampla realizada na Argentina, as organizações sociais são as que reúnem a maior quantidade de casos. Mas as organizações na universidade e manifestações sociais também foram mencionadas. Sobre a participação ampla no Brasil, as organizações sociais também são as que mais concentram fatos, exceto dois indivíduos que participaram de organizações comerciais. Estes dois sujeitos que participaram em agrupamentos comerciais são dois empresários, cujos empreendimentos funcionam em Balneário Canasvieiras, e que moram no bairro há muito tempo. Estas duas situações levaram a pensar a importância do tempo de residência no Brasil, a fim de verificar se existe alguma relação entre esta variável e a participação ampla.

Tabela 41 - Argentinos distribuídos por anos de residência segundo participação ampla na Argentina e no Brasil

Tempo de residência em anos	Frequência	Participação "ampla" em Argentina		Participação "ampla" no Brasil	
		Sim	Não	Sim	Não
6 meses - 2 anos	6	4	2	-	-
4 anos - 7 anos	3	1	2	1	-
8 anos - 9 anos	2	2		-	-
10 anos - 16 anos	8	4	4	2	-
17 anos - 19 anos	4	-	4	2	-
20 anos - 24 anos	2	1	1	2	0
Total	25	12	13	7	-

Fonte: Produção do próprio autor (2012).

Do cruzamento feito nesta tabela é possível observar que não existe uma relação entre o tempo de residência no Brasil e a participação “ampla” realizada na Argentina. Isto pode deduzir-se do fato de que tem a mesma quantidade de participantes no intervalo de menor tempo de residência, 6 meses a 2 anos, e um dos intervalos maiores, de 10 a 16 anos. Mas no caso das pessoas que participaram de diversas instituições no Brasil, sim, se correspondem com os intervalos de mais quantidade de tempo de residência neste país. Ou seja, é possível pensar que quanto mais tempo uma pessoa reside no Brasil, maior é a tendência em participar de organizações sociais que pertencem ao espaço no qual moram. Isto não é uma questão menor, já pode pensar-se efetivamente que quanto mais tempo se passa no território brasileiro, maior é o engajamento ou comprometimento com a realidade social do bairro ou das atividades econômicas (no caso de organizações comerciais).

Tabela 42 - Argentinos distribuídos por intervalo de idade segundo participação ampla na Argentina e no Brasil

Intervalo de idade	Frequência	Participação ampla em Argentina		Participação ampla no Brasil	
		Sim	Não	Sim	Não
18-30	6	4	2	1	5
31-39	5	3	2	1	4
40-49	10	2	8	2	8
50-75	4	3	1	3	1
Total	25	12	13	7	18

Fonte: Produção do próprio autor (2012).

O cruzamento de dados de idade com a participação “ampla” na Argentina e no Brasil oferece um pouco mais de detalhe sobre este tópico. É possível observar que os indivíduos que se correspondem ao intervalo de idade de 40 a 49 anos são os que menos participaram de organizações na Argentina, somente dois deles têm desenvolvido atividades. Trata-se da mesma quantidade que no Brasil, a maior parte das pessoas desse intervalo também não participou de nenhuma organização depois de terem migrado. No caso de intervalos etários menores, vemos que a tendência de participação na Argentina se mantém, todos os intervalos (exceto de 40 - 49 anos) exibem mais pessoas que participaram na Argentina que as que não participaram. No

caso de quem participou em organizações no Brasil, o único intervalo que exhibe mais pessoas é o último, de 50 – 75 anos.

Em síntese, a tendência de participação ampla no caso dos sujeitos que compõem a amostra não responde pelo menos de maneira direta, nem às diferenças de idade nem ao tempo de residência no Brasil. Existe sim, uma preeminência de participação destas pessoas quando moravam na Argentina, quantidade que se reduz significativamente quando se trata de participar de organizações aqui no Brasil.

Resta por analisar as possíveis relações que existem entre o tipo de participação que os sujeitos disseram ter, seja formal ou ampla, e os graus de interesse que cada um deles expressa ter. A suposição inicial seria que a pessoa que se disse interessada na política tivesse participado formalmente em alguma atividade ou organização política. Por outro lado, poderia se pensar que a participação ampla demonstrasse uma variação maior entre os graus de interesse na política, já que se trata de organizações da sociedade civil. Tendo isto em mente estruturou-se a seguinte tabela:

Tabela 43 - Argentinos distribuídos por grau de interesse segundo a participação em política na Argentina e no Brasil

Grau de interesse na política	Participação em política na Argentina		Total
	Sim	Não	
Pouco interessado	3	10	13
Mais ou menos interessado	2	6	8
Muito interessado	2	2	4
Total	7	18	25
Grau de interesse na política	Participação em política no Brasil		Total
	Sim	Não	
Pouco interessado	1	12	13
Mais ou menos interessado	0	8	8
Muito interessado	1	3	4
Total	2	23	25

Fonte: Produção do próprio autor (2012).

Do cruzamento de dados obtidos é possível observar que participação em política não responde de maneira direta ao grau de interesse na política dos indivíduos. As pessoas que participaram de política na Argentina se distribuem de maneira semelhante em cada categoria de interesse. Existe uma confluência muito clara entre as

peças que são pouco interessadas ou mais ou menos interessadas e que não participaram de política. Enquanto no Brasil, as peças que têm interesse em política têm presença igual tanto nas categorias de pouco interessado quanto na categoria de muito interessado. Pelo escasso número e por sua apresentação, é possível descartar relações entre estas duas variáveis.

O mesmo resultado se obtém do cruzamento do grau de interesse na política dos sujeitos com participação ampla que eles têm desenvolvido nos dois países. No caso da Argentina, é possível observar que o grau de interesse não se relaciona com variações nas quantidades de casos que tem participado ou não de organizações da sociedade civil. Em cada nível de interesse os casos se dividem equitativamente, entre os que têm participado e os que não têm participado. Ou seja, não há uma maior quantidade de peças que participam de maneira ampla e que estejam mais interessadas na política, nem menos.

Tabela 44 - Argentinos distribuídos por grau de interesse na política segundo a participação "ampla" na Argentina e no Brasil

Grau de interesse na política	Participação "ampla" na Argentina		
	Não	Sim	Total
Pouco interessado	7	6	13
Mais ou menos interessado	4	4	8
Muito interessado	2	2	4
Total	13	12	25
Grau de interesse na política	Participação "ampla" no Brasil		
	Não	Sim	Total
Pouco interessado	12	1	13
Mais ou menos interessado	5	3	8
Muito interessado	1	3	4
Total	18	7	25

Fonte: Produção do próprio autor (2012).

No caso das atividades desenvolvidas no Brasil, existe sim uma confluência de casos entre aqueles que têm participado de maneira ampla e os que estão mais ou menos interessados ou muito interessados

em política. Esta é talvez a primeira variação possível de observar, mas ela não é tão significativa para explicar um encontro de orientações nos interesses e práticas; já que dos *mais ou menos interessados*, 5 não tem participado de maneira ampla no Brasil.

3.6 PRIMEIRAS CONCLUSÕES

Até aqui foram expostos alguns dos dados obtidos na aplicação do questionário na amostra composta por 25 casos de argentinos residentes em Balneário Canasvieiras. Embora as frequências e cruzamentos sejam limitados, comparados com os diversos caminhos possíveis de serem traçados, foram pensados como os primeiros dados a serem produzidos na procura de responder aos fenômenos de *integração e pertencimento*, eixos estruturantes desta pesquisa. Em um primeiro momento foram formulados alguns núcleos de informações, detalhados nas primeiras linhas desta seção:

- I) Características sociodemográficas (idade, estado civil, filhos, ocupação).
- II) Atividades realizadas e compartilhadas, percepções sobre graus de integração e receptividade. Tipo de visto, condição ilegal, percepção sobre os mecanismos de obtenção do visto. Relações sociais prévias e conhecimento do espaço geográfico.
- III) Percepção e avaliação das “realidades” argentina e brasileira.
- IV) Consumo de mídia, conhecimento de política e participação formal e ampla.

Sintetizar-se-ão alguns dados que se referem ao primeiro momento de estabelecimento no espaço de Balneário Canasvieiras. Para iniciar, tentaremos compreender o processo de tomada de decisão de migrar para outro lugar, neste episódio, um espaço turístico. Deste modo, e tendo a bibliografia como referência, podemos citar dois tipos de mecanismos que alimentam ou sustentam este processo de decisão: ou se tem família, amizades ou possibilidades de emprego, que salientem a migração com algum grau de certeza de que alguém vai receber a pessoa e ajudá-la a se estabelecer. Ou se tem algum tipo de conhecimento prévio do lugar, atividades econômicas, e outros aspectos significativos. Nesse caso, quase a totalidade da amostra tinha visitado previamente Balneário Canasvieiras, especialmente por motivos de férias, ou seja, havia condições para que estes indivíduos tivessem um conhecimento prévio do lugar.

Por outro lado, quase a metade da amostra tinha estabelecido relações sociais prévias à migração, produto de épocas de férias e empregos compartilhados. Sendo assim, no caso de Canasvieiras não se aplica aquele modelo de compreensão de migrações por meio de família ou relações sociais aonde uma pessoa migra, se estabelece e serve de suporte ou alavanca para que outras pessoas do mesmo lugar migrem para Balneário Canasvieiras. É importante destacar que, embora alguns indivíduos não tivessem estabelecido relações sociais prévias, ainda assim, receberam ajuda quando chegaram a Canasvieiras. Os principais tipos de ajuda foram para conseguir emprego e moradia, assim como para conhecer o bairro e outras pessoas, ou seja, para se integrar. Em síntese, no caso de Balneário Canasvieiras as relações sociais prévias foram o fator mais importante no processo de migração, e não o mecanismo de apoio por família ou amigos ou migração em grupos. Estas relações sociais prévias fazem parte do conhecimento do lugar, em contraposição aos mecanismos migratórios por familiares, sendo que uma pessoa conhece o lugar e algumas pessoas que ali moram que poderiam eventualmente servir de ajuda se fosse preciso.

Outro aspecto que se refere aos primeiros momentos de residência tem a ver com o tipo de visto que se conseguiu na hora de migrar, se a pessoa esteve ilegal por algum tempo e, finalmente, se tem trocado o seu visto por outro diferente. Isto procura não só avaliar de alguma maneira aquele convênio de residência entre Argentina e Brasil que rege desde o ano 2006 e a anistia feita pelo Governo brasileiro no ano 2009, mas também permite observar de que maneira têm variado os mecanismos e facilidades para se conseguir os vistos ao longo do tempo. Neste sentido, foi demonstrado que o intervalo de tempo que reúne as pessoas que migraram depois da data de estabelecimento do convênio de residência não apresenta nenhum caso ilegal. Entretanto, a anistia permitiu que todas as pessoas que estivessem ilegais pudessem mudar a sua condição, aproveitando a possibilidade de tirar o visto de residência temporária e, posteriormente, a permanente (como é estabelecido segundo o convênio).

Esta condição de residente permanente tem uma maioria significativa em relação a outro tipo de vistos na amostra. É interessante destacar que muitos dos casos estão em condições de serem naturalizados, tanto pela quantidade de tempo de residência quanto pelo fato de terem filhos brasileiros. Poderia se pensar que por conta da residência permanente conceder as condições legais que garantem ao migrante igualdade de direitos em relação ao brasileiro, a naturalização

não é prioridade ou escolha. Dos 25 casos que compõem a amostra, só um homem tem se naturalizado. No que diz respeito à avaliação dos mecanismos de obtenção do visto, dos 25 indivíduos, 24 têm considerado o procedimento fácil e rápido (sendo que todos eles têm experiência de ter tirado vistos prévios).

Ao aprofundarmos mais nos dados, é interessante saber se os argentinos têm desenvolvido algum tipo de laço ou relacionamento entre si. Mas também será importante destacar de que maneira eles percebem as relações entre os argentinos e os brasileiros, suas opiniões sobre graus de receptividade e integração. Assim é possível observar que, segundo os dados obtidos, eles acreditam que os imigrantes argentinos tem se integrado à sociedade brasileira, mas não na sua totalidade (as categorias mais representativas são *quase todos* e *só alguns*). É mais positiva a avaliação sobre a receptividade dos brasileiros para com os argentinos, aonde as principais categorias para representar esta característica foram muito *receptivos* ou *completamente receptivos*.

Uma vez identificado isto, foi importante analisar as razões pelas quais existem alguns obstáculos à integração. Uma categoria que reuniu várias respostas foi sobre *dificuldades comuns no processo de migração*, ou seja, diferenças que apareceriam em qualquer outro espaço geográfico, momento ou país. Por outro lado, outra categoria com uma frequência igual foi sobre as *experiências de migração/ turismo argentino* em Balneário Canasvieiras, destacando a característica cultural da *arrogância dos argentinos*. Avançando neste sentido, há uma diferença entre as pessoas que optaram por uma categoria e por outra. Os indivíduos que têm morado menos tempo em Balneário Canasvieiras optaram pela primeira categoria, enquanto as pessoas que moram há mais tempo ali optaram pela segunda. Este aspecto relaciona-se, nas diversas explanações dos sujeitos, à experiência de ter passado em Balneário Canasvieiras várias temporadas de turismo. Todos os entrevistados mencionaram que a temporada turística é o ponto de inflexão na ocupação de argentinos, que tomam conta do bairro. Deste modo é possível pensar que a pessoa que tem vivido mais temporadas de turismo em Canasvieiras, atribui ao turismo e ao comportamento dos turistas a imagem “do argentino” que o pessoal do bairro tem. E quanto às pessoas que moram há menos tempo, não pensam nestes, a não ser nas dificuldades comuns de toda mudança ou migração.

Para uma parte importante dos argentinos que participaram da amostra (20 casos) é importante que outros argentinos morem no bairro, seja por afinidades culturais ou porque no começo foi importante ter se integrado ao grupo preexistente. Dessa maneira, essas 20 pessoas

realizam diversos tipos de atividades com outros argentinos periodicamente. Entre as atividades mencionadas, destacam-se partidas de futebol e churrascos realizados por homens e reuniões sociais e encontros realizados pelas mulheres. Agora bem, na hora de aprofundar nas razões pelas quais é importante compartilhar esse tipo de atividades, os indivíduos destacaram o fato de estas pessoas serem argentinas, ou seja, por afinidades culturais. Mas outros argentinos disseram que realmente é por causa das relações interpessoais, sem dar importância à nacionalidade dos amigos. Em outros termos, embora para estes sujeitos seja importante morar perto de outros argentinos e realizar atividades com eles, isto não é necessariamente pelo fato de essas pessoas serem argentinas, mas também pelo fato de elas terem um relacionamento de amizade. Cabe para a próxima seção aprofundar neste fenômeno e identificar a maior quantidade de vínculos que estas pessoas têm, por meio do mapa de relações sociais.

A dimensão da política foi escolhida nesta pesquisa na tentativa de identificar manifestações daquele sentimento de pertencimento, pensando na hipótese que, de alguma maneira, a pessoa que age em favor dos interesses de um grupo ou bairro é porque se sente pertencente ao mesmo. Assim indagou-se sobre o interesse na política, consumo de mídia (destacando a política), participação formal em instituições políticas e aquele tipo de participação chamada de “ampla”. O primeiro dado obtido foi que a maioria dos casos manifestou ser *pouco interessado* ou *mais ou menos interessado* na política. Isto tem influenciado o consumo de mídia, aonde se apresenta uma alta frequência de consumo, mas aonde a política tem uma escassa participação. O único detalhe a ser destacado é que estes argentinos leem mais jornais argentinos que brasileiros. Algo similar aconteceu com o conhecimento sobre a atualidade da Argentina ou Brasil. Embora quase todos manifestassem conhecer a atualidade dos países (18 referiram-se ao Brasil e 20 à Argentina) na hora de aprofundar nos temas, poucos deles conseguiram diferenciá-los.

Outro aspecto da participação política foi o voto nas eleições presidenciais do ano 2007, aonde foi possível identificar que as únicas pessoas que votaram foram as que moravam na Argentina nesse momento. Ou seja, nenhum dos argentinos que moravam em Canasvieiras votou. Existe sim uma concordância entre o grau de interesse na política deles com as razões pelas quais não votaram. Em outras palavras, as pessoas que não estão interessadas na política votaram porque “não se interessam”, enquanto os interessados em

política não votaram por causas externas a sua vontade, como trabalho ou obrigações. Uma questão interessante foi observar que poucos deles têm pensando em participar nas eleições do ano 2011, mas ainda assim, demonstraram um alto grau de conhecimento dos candidatos, embora não definidos nesse momento. As eleições presidenciais são uma boa maneira de avaliar a participação política dos sujeitos por duas razões: em primeiro lugar é a instância eleitoral mais importante, por outro lado, para poder votar os argentinos devem realizar uma série de trâmites e documentos que não são muito simples. Assim, é possível avaliar quantos deles estiveram ou estão dispostos a realizar esses trâmites com o objetivo de poder votar.

O contraste com a participação política de natureza formal exhibe 7 casos na Argentina e só um no Brasil, com uma preponderância do tipo de participação em partidos políticos. Mais interessante talvez, seja observar a participação “ampla”, já que a metade da amostra participou de alguma organização na Argentina, com preponderância de organizações sociais. No que refere ao Brasil, a participação “ampla” apresenta mais ocorrências que a participação formal (em total 7), aonde também se destacam as organizações sociais. Existe um encontro de características interessante entre as pessoas que mais participam de maneira “ampla” e aquelas que moram há mais tempo em Balneário Canavieiras. Dos cruzamentos feitos, nem a participação formal em política nem a participação “ampla” se relaciona de maneira direta aos graus de interesse na política manifestados pelas pessoas.

O último aspecto restante são as avaliações que cada sujeito fez sobre “a realidade” da Argentina e do Brasil, comparando-as segundo alguns eixos detalhados acima. A estratégia de análise foi escolher os intervalos de menor tempo de residência em Balneário Canavieiras (6 meses a 4 anos), já que eles oferecem a experiência mais imediata de residência na Argentina. Comparou-se com o penúltimo intervalo de tempo de residência, que possui quase a mesma quantidade, de pessoas que moram de 10 a 16 anos em Canavieiras. Isto ofereceu resultados interessantes, para começar, o Brasil foi avaliado como melhor que a Argentina em todos os aspectos, exceto na educação. Mas na divisão de intervalos, as pessoas que moram há menos tempo no Brasil são as que exibiram uma avaliação diferente em relação aos temas de educação, segurança e funcionamento das instituições públicas, beneficiando mais a Argentina. Enquanto o outro grupo de sujeitos escolhidos avalia de maneira positiva todos os aspectos do Brasil, exceto claro, a educação.

Este aspecto é importante porque, além de fornecer as avaliações e o conhecimento geral que as pessoas têm, concede informação

também dos momentos nos quais estas pessoas migraram porque se trata da última experiência de residência que elas tiveram na Argentina. Isto nos leva a pensar novamente sobre a importância dos *momentos-chave* no processo migratório, de momentos de crise ou benefícios econômicos que fizeram com que as pessoas migrassem e que, de certa forma, condicionam a percepção que eles vão ter do país de origem.

3.7 RETOMANDO AS PERSPECTIVAS TEÓRICAS

A partir dos achados primeiramente esboçados aqui é interessante voltar sobre as contribuições teóricas que serviram de guia nesta pesquisa. À luz dos dados obtidos é possível determinar que algumas ferramentas teóricas e conceituais podem nos ajudar a compreender os fenômenos de *integração* e *pertencimento* que ocorrem em Balneário Canasvieiras, mas, detalhando sempre que cada perspectiva teórica tem um limite na hora de ser aplicada a um referente empírico específico. O pano de fundo da presente pesquisa é o crescimento dos movimentos migratórios, os fluxos, os mecanismos legais e suas consequências políticas, culturais e sociais (CASTLES; MILLER 2004; HALL, 2008; APPADURAI, 1996; MARTINEZ PIZARRO, 2000; LÓPEZ SALA 2006), especialmente em espaços geográficos que procuram e planejam a integração regional, como é o caso da Argentina e do Brasil no MERCOSUL. Esta nova importância política se traduz em parte na crescente complexidade da dimensão social e cultural nas sociedades atuais, o que é genericamente discutido como multiculturalismo (TAYLOR, 1994 apud GUTMAN, 1994, HABERMAS, 1994).

Trata-se de problemáticas que atingem a dinâmica de reprodução cultural, política e social da sociedade. Quer dizer, esta crescente importância política das migrações tem a ver mais com estas problemáticas que emergem da convivência dos grupos que com a incorporação propriamente dita dos imigrantes na esfera política, já que para isso é preciso partir da condição de cidadão do país aonde se tem migrado. Ambos os aspectos são altamente complexos e dificilmente resolvíveis por meio de políticas unidimensionais, ou seja, por decisões feitas desde a dimensão política, sem considerar a cultural, social, étnica, etc. Esta afirmação será explicada e desdobrada ao longo das páginas seguintes, destacando as peculiaridades do caso de Balneário Canasvieiras.

Existe um fenômeno que a simples vista aparece com muita contundência em Balneário Canasvieiras, que pode ser pensando em

termos gerais para os fluxos migratórios entre Argentina e Brasil. Este fenômeno tem a ver com o Convênio de Residência Permanente para argentinos e brasileiros sancionado no ano 2005, tanto os argentinos que migraram para Balneário Canasvieiras, quanto os que já moravam ali, têm obtido majoritariamente o visto de residência. Trata-se de um visto muito fácil de obter, vários dos argentinos optaram por ele depois da anistia e ele garante aos argentinos todos os direitos de um cidadão brasileiro, exceto os políticos. Isto em parte explica porque várias pessoas não optaram pelo processo de naturalização, embora estivessem em condições de fazê-lo.

Para explicar de maneira apropriada estas afirmações, serão revisitadas algumas contribuições teóricas estudadas; para isso é importante estabelecer uma ordem de apresentação. Para dar início devemos esclarecer que o caso das migrações é uma das manifestações do amplo fenômeno do multiculturalismo e das problemáticas políticas, sociais, étnicas e culturais mencionadas anteriormente. O foco principal é destacado por Zapata-Barrero (2003), estabelecendo que o fenômeno da migração pode acabar gerando uma problemática de exclusão/inclusão, já que se trata da singularidade de um fenômeno de presença de *não cidadãos*, ou seja, pessoas que em alguma dimensão da sua vida encontram-se em detrimento da população natural do país. Segundo o autor, este tipo de situação pode gerar um desequilíbrio nas relações de poder surgido de um fato simples, mas contundente: trata-se de pessoas que não compartilham os mesmos tipos de direitos (ZAPATA-BARRERO 2003).

O apontamento do autor é lúcido e apropriado, na medida na qual ele demonstra um terreno fértil para a aparição de relações de poder que poderiam gerar um ordenamento hierárquico entre os grupos. Mas, a partir dos dados obtidos aqui, é possível observar que a maioria dos argentinos está numa condição na qual eles têm todos os mesmos direitos que qualquer cidadão brasileiro, exceto como já foi dito, os direitos políticos. Uma vez que foram indagados os graus de interesse na política, o consumo sobre temas dessa natureza, assim como os tipos de participação política, é possível observar que para estes argentinos a dimensão política não possui um alto grau de importância, o que desfavoreceria a aparição de relações de poder a partir da carência de direitos políticos entre brasileiros e argentinos residentes.

Em conclusão, considerando as contribuições de Zapata-Barrero é possível compreender que no caso estudado, não existem aqueles fatores definidos por ele como possível terreno fértil para a aparição de relações de poder ou desequilíbrios derivados da diferença do status entre

argentinos residentes e brasileiros. Por outro lado, a condição de residente faz com que os direitos sejam iguais em ambos os grupos, só restando uma diferença nos direitos políticos que, por sua vez, não parecem ser um aspecto importante para os argentinos. Esta possível falta de conflitos ou desequilíbrios de poder pode ser reforçada desde a perspectiva de Castles e Miller (2004) já que, segundo eles, “a condição agonizante dos estrangeiros deve-se a sua situação de *não cidadão* de frente às instituições que não os aceitam, e os direitos que fazem deles iguais frente aos outros indivíduos” (CASTLES, MILLER, 2005, p. 59). Neste sentido, é possível pensar que, pelo fato da condição de residente garantir estes direitos, a mesma situação de angústia ou pressão que os estrangeiros poderiam sentir diminui significativamente.

Continuando com estes autores, eles detalham vários modelos de integração por meio dos quais o indivíduo relaciona-se com o Estado, por meio da cidadania. Este aspecto é significativo já que vai nos permitir pensar um pouco melhor de que maneira os argentinos se sentem ou não integrados, assim como os requisitos institucionais. Dos cinco modelos mencionados, três são os que interessam aqui por serem os mais frequentes e atuais:

I) modelo étnico que implica pertença étnica para obter a cidadania, de forte exclusão social, baseia-se nos critérios de nascimento e descendência. II) o modelo assimilacionista, que exige ao estrangeiro abrir mão da sua bagagem cultural (língua, religião, práticas) para adotar as próprias do país, caso que se corresponde às condições estabelecidas na Constituição do Brasil. III) modelo multicultural, aonde é permitido que todas as práticas culturais originais sejam perpetuadas, sem ter que modificar ou incorporar nenhuma característica cultural nova (CASTLES, MILLER 2004, p. 60, 304).

Deste modo, a tensão existente aparece entre o modelo que o Brasil tem para a integração de uma pessoa como cidadão, o modelo assimilacionista, como bem pode ser observado na Constituição ou no Estatuto do Estrangeiro; e a condição de residente permanente que é garantida pelo convênio mencionado. Acaba acontecendo que dos 25 casos consultados só uma pessoa optou pela naturalização, sendo que vários deles se encontravam em condições de pedi-la. Ou seja, isto produz não só um esgotamento dos procedimentos por meio do qual o

estrangeiro iria se “integrar” ou “incorporar” à sociedade, senão que também inabilita qualquer tipo de participação política formal, já que não é cidadão. Esta situação aonde se combinam os dois caminhos: obtenção da cidadania por naturalização e residência permanente por convênio, faz com que estes indivíduos acabem escolhendo a facilidade da residência contra os estritos requisitos da naturalização.

O panorama descrito neutraliza qualquer tipo de discussão sobre os modelos de cidadania e os laços de pertencimento nos quais elas se baseiam. Só que a problemática emerge claramente: a condição de residente é altamente favorável, não exige abrir mão da identificação nacional e é muito fácil e simples de obter, mas desabilita as práticas políticas formais, já que não permite que o indivíduo ganhe direitos políticos. Diante de um olhar amplo, o resultado desta integração pela metade é produto do visto de residência que pode ser pensado como “*consequências imprevistas ou não desejadas dos processos de migração*” (CASTLES; MILLER, 2004, p 228), ou seja, resultados fáticos de políticas migratórias que visaram determinados objetivos e produziram outros. Este tipo de fenômeno é comum de ver nos processos de integração regional, aqueles esforços de políticas que buscam integrar dois ou mais países atravessando diversas dimensões. Nas palavras dos autores:

A integração regional –criação de áreas de livre comércio e comunidades políticas regionais - algumas vezes é vista como uma maneira de diminuir a migração “não desejada”, ao reduzir as barreiras no comércio e promover o crescimento econômico; também pelo fato de legalizar o movimento internacional de mão de obra. Mas a integração regional bem sucedida, com frequência se dá entre estados que compartilham valores políticos e culturais, que além disso, se parecem entre si no econômico (CASTLES, MILLER 2004, p 346, tradução nossa)⁴¹

⁴¹ “La integración regional –creación de áreas de libre comercio y comunidades políticas regionales- algunas veces es vista como una forma de disminuir la migración “no deseada”, al reducir las barreras en el comercio y promover el crecimiento económico; lo mismo que al legalizar el movimiento internacional de mano de obra. Pero la integración regional exitosa, con frecuencia se da entre estados que comparten valores políticos y culturales; que además, se parecen entre sí en lo económico”.

Essa categoria de “consequências não desejadas” não se aplica aos fluxos migratórios. Senão ao resultado do convênio, que é o fato dos argentinos não mudarem o seu status.

Neste sentido Castles e Miller (2004) reconhecem que existe um legítimo direito do Estado, para estabelecer os critérios da integração, de privar aos estrangeiros não naturais dos direitos políticos, e do acesso a cargos públicos. Esta exclusividade de acesso a benefícios e direitos políticos funcionam como diferenciais e incentivam os estrangeiros a se naturalizarem. No entanto, somente irão funcionar se os mecanismos e requisitos de naturalização forem eficientes, rápidos e eficazes. A problemática emerge em espaços nacionais onde estas condições e mecanismos não funcionam exatamente assim, na opinião dos autores é necessário que um país com um sistema e base democrática garanta o espaço para que estas pessoas possam agir e se manifestar em termos políticos⁴².

Sendo assim, as formas de participação “ampla” ganham importância, já que se apresentam como espaço onde estes argentinos poderiam canalizar as preocupações, interesses e participações que não encontram lugar na esfera política. Dos 25 casos pesquisados, mais pessoas participaram de maneira “ampla” do que de maneira formal em instituições estritamente políticas, na Argentina e no Brasil. Isto pode ser resultado de várias causas, mas demonstram que existe nestas pessoas, razões e motivação de participarem de espaços coletivos e preocupações da mesma natureza. Não é possível afirmar que a falta de participação, em termos formais ou políticos, dos estrangeiros é devido à carência do status necessário para realizá-la, já que por momentos parece ser uma relação inversa: porque eles não se interessam em participar politicamente é que não procuram mudar o seu status de residentes.

Continuando com esta temática, é possível retomar outra contribuição apropriada para o fenômeno que está sendo progressivamente identificado. Numa detalhada análise dos processos de integração, López Sala (2006) destaca diversas maneiras em que os estrangeiros podem e são integrados a uma sociedade, que dá como resultado o fenômeno denominado *estratificação cívica*. A autora

⁴² Os autores citam a experiência de corpos de representação especiais para não cidadãos residentes, como é o caso de Suécia e Holanda, ambos os casos de Estados que possuem modelos de integração multiculturalistas. Para mais informação ver Castles e Miller (2004, p 340).

começa por um ponto essencial: o efeito que têm a formulação e aplicação de políticas sobre a imigração, ou seja, a geração de diversas categorias de estrangeiros. Trata-se em princípio de que o Estado determina as maneiras e os graus de integração de um indivíduo a sua sociedade, e isto faz com que essas pessoas acabem tendo diversos status, o que leva à multiplicação de condições no interior da categoria estrangeiro.

Esta situação faz com que os resultantes graus de integração dos estrangeiros desafiem diretamente o componente étnico e cultural do substrato da cidadania e da nação. Os casos de estrangeiros que não obtêm a cidadania, ou seja, que possuem um status de pertença a outro Estado acaba sendo exemplo de proliferação de pertença múltipla que desafia diretamente o sentido de integração étnico de uma sociedade e seus cidadãos. No caso da pesquisa realizada é possível observar isto claramente, aonde uma maioria quase absoluta encontra-se nesse status de dupla pertença, o laço com Argentina não tem sido modificado e não se tem realizado uma integração completa “ideal” ao Brasil. “Ideal” no sentido formal das categorias utilizadas, já que a lógica que sustenta os processos de naturalização para a obtenção da cidadania pressupõe uma integração completa na hora em que a pessoa consegue a sua nacionalidade (PEÑA DE MORAES, 2000; PASSOS DE FREITAS, 2006).

Como possível solução desta problemática, López Sala (2006) menciona casos de países que têm ampliado progressivamente os direitos aos estrangeiros sem outorgar os políticos, como reserva do status de cidadão. Este é claramente o caso dos argentinos que participaram da pesquisa, que desfrutam dos direitos adquiridos pela condição de residente, sendo privados dos direitos políticos. Há dois aspectos que esta autora traz que permitem avançar na discussão sobre a integração. Por uma parte ela menciona o conceito de *estratificação cívica*, proposto por Lockwood, que procura ser mais sensível ao interior da experiência do estrangeiro. Não se trata da posse formal ou legal de direitos (ou a sua carência) e sim, das possibilidades reais que o estrangeiro tem de viver de maneira plena a sua vida, assim como de constituir a sua identidade. Isto se relaciona com a maneira na qual esse estrangeiro é percebido na sociedade e as possibilidades que ele tem nas diversas áreas da sua vida (econômica, institucional, educativa, etc.); aspectos fortemente influenciados pela maneira na qual o Estado concebe o imigrante e responde por ele.

O segundo aspecto que a autora trabalha, ignorado por outros autores, é o mercado, questão que ficou pendente de ser explicada mais

acima e que tem a ver com a absorção de mão de obra estrangeira. Isto faz com que o mercado vire um ator socioeconômico significativo na hora da formulação de políticas de migração (LÓPEZ SALA, 2006). No caso dos argentinos em Canasvieiras, é possível observar que o mercado tem, efetivamente, um papel significativo. É preciso lembrar aqui que existe um grande número de argentinos que trabalha na área turística, utilizando as relações sociais entre eles e recursos como o conhecimento do espanhol. A forte presença dos empregados se corresponde com ocupações de atendente de comércios, agência de viagens, domésticas, entre outros. Os empresários e trabalhadores por conta própria também se correspondem com atividades turísticas (donos de pousadas, pintores, carpinteiros que trabalham quase que exclusivamente para as pousadas ou hotéis). Da amostra constituída, todos eles destacam a época turística como a mais importante para suas atividades econômicas; os únicos que não dependem exclusivamente da temporada, em termos econômicos, são os profissionais. O resto dos argentinos explicou que, ao longo do inverno, os salários diminuem, assim como as horas trabalhadas, sendo o momento econômico mais difícil para eles.

Em outras palavras, López Sala (2006) explica que a multiplicidade de condições e categorias é definida pelo Estado, mas são geradas e mantidas por outros agentes como o mercado. E isto parece explicar em grande parte o que acontece com os argentinos residentes em Canasvieiras; não só pelo tipo de trabalho que eles têm, e a próxima relação entre suas ocupações e as temporadas turísticas, mas é pelo fato desse turismo ser argentino que eles conseguem se inserir no mercado de trabalho de Balneário Canasvieiras. Talvez se o componente argentino no fosse tão importante no fluxo turístico que Canasvieiras recebe todos os anos (ao longo dos últimos quinze anos), quem sabe talvez para os argentinos que ali moram não teria sido tão fácil conseguir empregos ou serem proprietários. Esta participação do mercado no processo de integração não pode ser dispensada, embora neste caso o emprego não seja o motor do fluxo migratório, ou pelo menos não pode ser afirmado com base nos dados disponíveis, de acordo com Castles e Miller (2004), como o principal motivo. Pode ser afirmado que se trata de um mecanismo de integração, já que os argentinos não só encontram emprego, como também uma brecha, um espaço propício no qual conseguem trabalho devido a suas características culturais (línguas, conhecimentos geográficos, o mesmo fato de ser argentino) que podem ser pensadas como vantagens na hora de trabalhar na área de turismo.

É possível observar que começa a surgir uma tensão entre as categorias de *cidadania* - dimensão política da nacionalidade - e o processo de integração que é efetivamente observado nesta pesquisa. Para aprofundar nesta problemática, é preciso destacar que a literatura (PEÑA DE MORAES, 2000; PASSOS DE FREITAS, 2006) define um sentido complexo e sociológico à definição de nacionalidade como:

[...] adstrito ao conceito de nação, vale dizer, comunidade de assento cultural, caracterizada por tradições, costumes, língua, interesses, origem e história comuns, e provida da comunhão de ideias coletivas e aspirações de futuro (PEÑA DE MORAES, 2000, p 3).

Dessa maneira, autores como López Sala (2006), Castles e Miller (2004), Taylor apud Gutmann (1994), Habermas (1994) e Zapata-Barrero (2003) exigem compreender que o pertencimento e a integração de uma pessoa a um coletivo é um fenômeno muito mais amplo que aquilo que pode ser explicado por uma categoria teórica. A sua complexidade e seus diversos graus fazem com que os sentimentos de pertencimento possam ser desenvolvidos em descompassos em relação a determinadas construções de valor. Em outras palavras, as dimensões mencionadas como constitutivas da definição sociológica de nacionalidade podem estar presentes em casos de estrangeiros em relação à sociedade onde moram, sem necessariamente ter passado pelos processos formais de integração, ou cogitar a chance de realizá-lo. Considerando isto, quais são as razões pelas quais estes estrangeiros não optam pela naturalização? Reserva-se para a etapa qualitativa conseguir explicar melhor este fenômeno, já que responde a uma natureza especial que exige uma metodologia diferente à quantitativa.

Uma vez exploradas estas considerações é necessário deslocar o escopo de análise a um registro menos geral, a um nível micro aonde seja possível observar não só dinâmicas particulares do caso, como também ponderar as vantagens de pensar nas características singulares de Balneário Canasvieiras. Colocar a ênfase nas relações sociais de interação cotidianas pode ser um recurso valioso na hora de avaliar as formas de constituição e manutenção de vínculos. Isto nos leva novamente a refletir sobre as dinâmicas entre os argentinos e com os brasileiros, assim como eventos e atividades que podem juntá-los.

Às vezes estes vínculos têm a ver com a formação de comunidades, a geração de espaços de comemoração de datas

específicas, atividades organizadas e compartilhadas pelos estrangeiros, representações sociais sobre determinados aspectos da sua vida, até o consumo de determinados produtos, entre outros. Uma contribuição que ajudou muito na hora de pensar a formação e estabelecimento de relações sociais entre as pessoas, ou seja, o processo por meio do qual é possível reconhecer fases de integração e pertencimento, são os conceitos de *vizinhança* e *localidade* de Appadurai (1996). Estes conceitos vão permitir pensar os contextos cotidianos de convivência e mistura dos argentinos e brasileiros, em sintonia com a perspectiva metodológica de estudo de caso proposto para esta pesquisa.

Este autor ofereceu o conceito de *localidade* como um marco abstrato geral, onde se insere a noção de *vizinhança*⁴³, que se refere às potencialidades de interações sociais possíveis de serem identificadas em espaços reduzidos, delimitados a partir de características específicas. Mais que uma referência geográfica, se trata de um critério social, um tecido de interações que compõe uma sociabilidade específica. As características desta sociabilidade se correspondem com o conhecimento interpessoal, interações cotidianas numa escala reduzida, o que traduz a singularidade deste tipo de vínculo. Assim se consegue fugir da ideia de que “[...] as identidades de grupos implicam necessariamente que a cultura seja enlaçada espacialmente, que tenha uma única consciência histórica, ou formas etnicamente homogêneas” (APPADURAI, 1996, p. 183, tradução nossa).

Outra ferramenta conceitual que ajuda definir um pouco melhor o tipo de relações e interações que estão sendo identificadas é o clássico estudo de *Estabelecidos e Outsiders* de Norbert Elías e John Scotson (2000). O autor define seu estudo de caso concentrando-se nas relações da comunidade, as pensa e expõe de uma maneira que concorda com a presente pesquisa, já que define que:

É evidente que se está fazendo referência à rede de relações entre pessoas que se organizam como uma unidade residencial – de acordo com o lugar em que normalmente vivem. As pessoas estabelecem relações quando negociam, trabalham, rezam ou se divertem juntas, e essas relações podem ou não ser altamente especializadas e organizadas. Mas eles também estabelecem relações quando “moram juntos no

⁴³ No original o conceito é *Neighborhood*.

mesmo lugar”, quando constroem seus lares num mesmo local. As interdependências que se estabelecem entre eles como criadores de lares, nos quais dormem, comem e criam suas famílias, são especificamente comunitárias. (ELIAS; SCOTSON. 2000, p. 165)

Utilizando estas contribuições é possível compreender que a criação e estabelecimento de relações sociais de argentinos com outros argentinos e brasileiros não precisa ser pensada necessariamente em meios institucionais. Pelo contrário, o simples fato da proximidade geográfica da residência na *singularidade do caso* faz com que o bairro de Balneário Canasvieiras vire um terreno fértil para a geração e desdobramento de relações de diversas índoles a partir das interações cotidianas mais comuns. Por isto é interessante voltar sobre aquelas percepções que os argentinos têm sobre os graus de integração dos outros argentinos e a receptividade dos brasileiros. O que se relaciona com esta sociabilidade constituída na cotidianidade de interações circunscritas no espaço de Balneário Canasvieiras.

Lembre-se que para os argentinos da amostra existe um alto grau de receptividade por parte dos brasileiros e, em um grau menor, uma tendência de integração por parte dos argentinos. Mas na hora de aprofundar nas razões pelas quais existia uma brecha que distanciava em algum momento aos argentinos e brasileiros, as respostas variavam segundo o período de tempo de residência em Balneário Canasvieiras. As pessoas que moram há menos tempo atribuem as diferenças ou dificuldades mesmo ao processo mesmo de migração, enquanto as pessoas que moram há mais tempo no bairro reconhecem a característica cultural da arrogância dos argentinos como um dos motivos centrais, ao qual se adiciona a experiência histórica do turismo argentino. Este último aspecto ganha uma especial importância desde a perspectiva de *vizinhança* de Appadurai, na medida na qual se explica que os espaços geográficos e sociais são contextos que ao mesmo tempo geram contextos. Ou seja, nestes espaços acontecem variados processos de produção e reprodução de sociabilidades, interações, identidades e grupos (APPADURAI, 1996; p 184-185).

Portanto, é visível a importância fundamental que a experiência histórica do turismo argentino tem na dinâmica de reprodução de contextos e para explicar as percepções dos argentinos, as razões que segundo eles, definem as distâncias com os brasileiros. A singularidade do espaço de Balneário Canasvieiras encontra-se atravessada pela

importância do turismo argentino, de acordo com os participantes da pesquisa, influenciam fortemente as maneiras nas quais os argentinos são percebidos (FRIDMAN; IÓRIO, 2010). Esta forte presença do turismo argentino define as maneiras de reprodução de identidades, formas de interpretação das relações sociais e formação de grupos e vínculos. Esse contexto é produzido por essas experiências do turismo, no seu seio é reproduzido outro contexto de maneira cotidiana que, segundo estes argentinos, encontra-se definido pelas características culturais da arrogância e da história do turismo no bairro.

Uma perspectiva concordante com o mencionado aqui e que potencializa o estudo das interações num nível microssocial é o reconhecido estudo de Granovetter (2007) intitulado *The Strength of Weak Ties*. Neste estudo o autor expõe uma série de discussões e considerações que excedem à pesquisa realizada, mas o aspecto crucial e decisivo é que muitas vezes os laços sociais que seriam concebidos como fracos, intermitentes, indiretos, podem ser um recurso de pesquisa para compreender fenômenos únicos e especiais. Em outras palavras, se trata de cogitar que, talvez estes argentinos se sintam integrados e pertencentes do coletivo que se corresponde ao espaço reduzido do bairro e não necessariamente à “sociedade brasileira” ou do “Brasil”. O aprofundamento deste assunto ficará pendente para a etapa qualitativa, especialmente na análise da constituição de relações sociais e a aparição, formulação e funcionamento de imagens e estereótipos no estabelecimento dos vínculos sociais entre brasileiros e argentinos.

Resta saber então se nesta dinâmica de produção e reprodução social existe alguma tendência à constituição de grupos ou comunidades, especialmente a partir do mencionado no parágrafo anterior, como a manifestação daquela atividade de produção e reprodução das relações sociais nos contextos. Para poder responder este interrogante temos a disposição as respostas sobre: se conhecem outros argentinos, o tipo de vínculo que eles têm, as atividades que realizam com outros argentinos e as razões pelas quais para eles são importantes.

De acordo com os dados disponíveis, os argentinos disseram conhecer outros argentinos por meio da amizade que eles têm. Para uma grande maioria deles é importante que outros argentinos morem no bairro, já que existem afinidades culturais entre si, mas também porque eles favoreceram a integração social nos primeiros tempos daqueles que tinham migrado para Balneário Canasvieiras. As atividades desenvolvidas são realizadas por essas pessoas que manifestaram que é importante a existência de outros argentinos no bairro, ou seja, que

existe uma concordância entre sentimentos e práticas. Como foi detalhado, em alguns casos não é que seja importante que se trate de outros argentinos, mas sim de pessoas com as quais se estabeleceu um vínculo pessoal significativo. Em outras palavras, seja pelo fato de ser “argentino”, quanto pelo fato de serem amigos, entre estes argentinos existem laços pessoais e atividades por meios das quais se atualizam os mencionados vínculos.

Entretanto, é importante lembrar as palavras de Stuart Hall (2008) quando procura definir o processo de constituição de comunidades. Segundo este autor:

O termo “comunidade” (como em “comunidades de minorias étnicas”) reflete precisamente o forte senso de identidade grupal que existe entre esses grupos. Entretanto, isso pode ser algo perigosamente enganoso. Esse modelo é uma idealização dos relacionamentos pessoais dos povoados compostos por uma mesma classe, significando grupos homogêneos que possuem fortes laços internos de união e fronteiras bem estabelecidas que os separam do mundo exterior [...] Um quadro mais preciso teria que partir da complexidade vivida que surge nessas comunidades diaspóricas, onde as formas de vida derivadas de suas culturas de origem e denominadas “tradicionais” continuam influenciando as autodefinições comunitárias, embora constantemente operem em todos os níveis ao longo das interações cotidianas amplas [...] as tradições variam de acordo com a pessoa, ou mesmo dentro de uma mesma pessoa, e constantemente são revisadas e transformadas em resposta às experiências migratórias (HALL, 2008, p. 62-63).

Em outros termos, não devemos pensar simplesmente que pelo fato destas pessoas compartilharem uma procedência e residirem no mesmo espaço geográfico, ou pelo fato de realizarem atividades e serem conhecidas, podemos determinar que constituíssem uma comunidade étnica. Isto implicaria que elas funcionassem de maneira comunitária em um monte de aspectos: língua, reprodução de tradições, comemorações de datas específicas, fortes relações pessoais de apoio, ajuda e companhia, entre outras coisas. No caso dos argentinos da amostra,

existem determinados vínculos interpessoais entre eles, mas seria apressado afirmar que existe uma dinâmica de constituição de comunidades étnicas entre eles. Para conseguir compreender de maneira mais profunda a natureza dos vínculos que eles mantêm e as maneiras nas quais funcionam, será preciso utilizar a abordagem qualitativa, que vai permitir interpretar as construções de sentido destes indivíduos.

Outra maneira de avaliar se existe efetivamente um funcionamento como comunidade entre estes argentinos é analisar os mecanismos de ajuda que existem entre eles, o que demonstraria algum grau de funcionamento comunitário. Neste sentido, foi observado que a metade dos argentinos tinha estabelecido relações sociais prévias ao momento da migração; dos quais quase a totalidade recebeu ajuda na hora de se estabelecer em Balneário Canasvieiras. Outros sem ter conhecido pessoas que morassem ali, receberam igualmente ajuda de outros argentinos no primeiro tempo de residência em Canasvieiras. Ou seja, como foi mencionado, as pessoas que tinham relações sociais anteriores conseguiram utilizá-las como mecanismos para melhorar o processo de estabelecimento após a migração. No que diz respeito ao conhecimento prévio do lugar, a grande maioria dos argentinos (19, do total de 25) tinha conhecido Balneário Canasvieiras. Os mecanismos de ajuda ou conexão para migração, neste sentido, aparecem muito fracos no caso desta pesquisa, comparados com o funcionamento que poderiam ter em comunidades de imigrantes em outros casos referidos pela literatura.

Estes dados são muito importantes para refletir se existem, de fato, razões para pensar o movimento migratório em termos de redes entre pessoas. Assim, pode-se pensar em famílias, amigos, ou simplesmente redes por meio das quais as pessoas que vem do mesmo lugar e vão para determinados destinos, contatam-se com outras que já moram ali, para receber algum tipo de ajuda. Com o intuito de compreender melhor isso, é possível voltar a Castles e Miller (2004), já que eles detalham três níveis de estruturas nos movimentos migratórios: as macroestruturas que serão trabalhadas mais na frente; são mencionadas também estruturas intermediárias, pensadas como um conjunto de mecanismos que comunicam os níveis extremos. E por último, as microestruturas, definidas como:

as redes sociais informais, desenvolvidas pelos próprios migrantes para lidar com a migração e o estabelecimento [...] as redes informais incluem as relações pessoais, padrões de organização familiar

e do lar, os vínculos de amizade e comunitários e a ajuda mútua em assuntos econômicos e sociais. Esses vínculos aportam recursos vitais para os indivíduos e grupos [...] a família e a comunidade são críticas nas redes migratórias [...] os vínculos familiares com frequência proporcionam tanto capital financeiro como cultural que fazem possível a migração. É típico que as cadeias migratórias comecem por um fator externo [...] os migrantes seguem por “rotas conhecidas” recebem ajuda de parentes e amigos que já estão na área de imigração. As redes baseadas na família e na origem comum, ajudam a proporcionar albergue, trabalho, orientação nos procedimentos burocráticos e apoio nas dificuldades pessoais. Estas redes fazem que o processo migratório seja mais seguro [...] as redes de migração aportam a base para os processos de estabelecimento e formação de comunidades na área de imigração. Os grupos migrantes desenvolvem sua própria infraestrutura social e econômica (CASTLES; MILLER, 2004, p 40-41, tradução nossa).

Esta perspectiva citada pelos autores é uma das posições centrais dos estudos migratórios que considera essas microestruturas como um elemento constitutivo dos fluxos. No caso dos argentinos que participaram da pesquisa em Balneário Canasvieiras é possível reconhecer alguns dos mecanismos que fazem parte destas microestruturas. Existiram relações sociais prévias, recebimento dos imigrantes, ajuda para conseguir emprego e moradia e, o mais importante, ajuda no processo de integração social ao bairro e com outros argentinos. Mas não existem outros níveis de sociabilidade entre estes argentinos, além dos mencionados anteriormente (reuniões sociais e jogos de futebol). Ou seja, os vínculos, mecanismos e dinâmicas mais complexos que definiriam a constituição de uma comunidade de migrantes encontram-se ausentes no caso dos argentinos em Canasvieiras. Fica pendente para a etapa qualitativa compreender de maneira mais profunda e, em detalhes, os significados que estes vínculos e conexões têm para cada indivíduo.

É possível se perguntar as razões pelas quais não se desenvolvem mecanismos ou dinâmicas comunitárias. Algumas ferramentas e perspectivas são oferecidas por Sorensen (1997) nos seus estudos sobre migrações. Desenvolvendo uma complexa discussão sobre as maneiras

nas quais os estrangeiros constroem a sua identidade depois de ter migrado, a autora procura quebrar o dogma de pensar que a migração é simplesmente uma perda do lugar, da origem e a pertença de uma pessoa; aspectos que geralmente levam a pensar a formação de comunidades de imigrantes. Neste sentido a autora destaca que se as pessoas não compartilhavam um tempo e lugar no passado, dificilmente começarão a estabelecer laços sociais e vínculos pessoais entre elas no novo local. Em outras palavras:

[...] eles não sofreram um deslocamento como uma perda de sentido [...] eles não compartilham nenhum passado ou lugar de procedência. Devido ao fato deles terem vindo de diversos lugares, faz com que eles não compartilhem experiências [...] e por isto eles não podem facilmente transformar as suas experiências individuais em uma narrativa coletiva e estandardizada do passado (SORENSEN, 1997, p 153, tradução nossa).⁴⁴

A grande vantagem da perspectiva de Sorensen (1997) é pensar a experiência do migrante não simplesmente como uma perda de um passado, lugar e história significativa, pelo contrário, a autora pensa os migrantes primeiramente como sujeitos ativos que podem reconstruir seu lar. Isso vem de encontro à necessidade de pensar que pelo fato de haverem muitos argentinos no mesmo lugar, conectados entre si e compartilhando atividades, eles vão formar uma comunidade étnica e vão desenvolver mecanismos, tradições, costumes, etc., para reproduzir ou manter uma bagagem cultural.

Paralelamente, é preciso considerar se mantém ou atualizam conexões com o país de origem, neste caso, com a Argentina. Exemplos destas são a comunicação assídua com a família ou amigos que ficaram no país, que fornece um tipo de vínculo singular, produto dos inovadores desenvolvimentos tecnológicos (FOG OLWIG, 1997, CASTLES; MILLER, 2004; APPADURAI, 1996). Lembremos aqui que dos argentinos que fizeram parte da pesquisa, a totalidade deles tem

⁴⁴ The settlers did not experience displacement primarily as a loss of meaning [...] but rather as an encounter with a space that was still almost empty of meaning [...] that they did not share any past time and place. Since they came from various places they had no shared experiences [...] and hence they could not easily transform their individual experiences [...] into a collective, standardized narrative of the past”.

família na Argentina, todos eles mantêm contato por internet ou telefone e 24 dos 25 disseram conversar, pelo menos, três vezes por semana, com sua família ou amigos na Argentina.

Existem maneiras mais sutis de manter subjetivamente um laço com o espaço de origem. Os argentinos que participaram da amostra consomem produtos importados da Argentina, especialmente aqueles que são identificados como representativos do país (caso da erva-mate, doce de leite, carnes importadas etc.). Para alguns dos autores citados, como Fog Olwig (1997); Fridman e Iório (2010) e Harguindeguy (2007), os imigrantes conseguem expressar a sua identidade por meio do consumo destes tipos de produtos a partir do significado que eles têm para o consumidor.

Esta conexão com o país ou o lugar de origem pode ver-se condicionada pelas percepções que se tem do mesmo, às vezes definidas ou influenciadas pela memória que se tem do período anterior a migrar. Isto se relaciona com o conceito de macroestruturas de migração previamente citado por Castles e Miller (2004). Estas estruturas correspondem a um nível geral das condições econômicas, políticas, sociais e culturais do país de origem do migrante e do país aonde eles têm decidido migrar. No caso específico da pesquisa, refere-se a um determinado momento da história da Argentina, aquele no qual as pessoas decidiram migrar. Existe a possibilidade de que esses momentos sejam concordantes com momentos de crise, depressão econômica, instabilidade social ou política do país, ou não (HARGUINDEGUY, 2007)⁴⁵. Nos estudos de fluxos migratórios é fundamental tentar identificar e reconhecer se existe uma concordância entre o nível macroestrutural e o nível micro, já que é um possível caminho para reconhecer uma articulação entre a sociedade e o indivíduo. Isto se relaciona de maneira estreita com as avaliações das realidades argentinas e brasileiras, por meio dos eixos definidos para a comparação. Segundo o tempo de residência e o momento no qual se emigrou da Argentina, as percepções sobre as respectivas realidades brasileiras e argentinas variam. Esta parte será mais bem aprofundada na etapa qualitativa, para compreender efetivamente os momentos particulares nos quais os entrevistados migraram e se isto determina ou

⁴⁵ Harguindeguy menciona cinco momentos históricos importantes na sua análise das migrações argentinas no caso de Armação dos Búzios (RJ): o primeiro nas décadas dos 40 e 50; o segundo no intervalo de anos do 1966 a 1970; o terceiro na última ditadura militar (1976-1983), o quarto nos anos de 1989-1990 e, no quinto lugar, o fluxo atual considerado a partir do ano 2000.

condiciona as percepções que eles têm do país enquanto o tempo vai passando.

Para finalizar, é possível destacar grandes semelhanças entre os resultados obtidos no caso de Canasvieiras e aqueles obtidos por Harguindeguy (2007) na Armação dos Búzios RJ, que demonstra algumas peculiaridades dos casos turísticos. Nos dois referentes foi possível observar que as pessoas tinham um conhecimento prévio do lugar, produto de tê-lo visitado em ocasiões de férias. Em consonância a este tipo de conhecimento anterior, os argentinos não funcionaram como redes de migração, como aquelas assinaladas pela literatura, senão por meio de conexões fracas em momentos específicos. A familiaridade gerada pela atividade de turismo parece ter fornecido-lhes a confiança que outros migrantes procuram nas redes sociais ou migrações familiares. Após a migração e o estabelecimento no espaço de destino, estes argentinos tanto em Búzios quanto em Canasvieiras, se conhecem entre si, compartilham atividades e até comemoram datas importantes, porém sem se constituir como comunidades já que, como foi mencionado, este tipo de vínculo requer outro tipo de relações, atividades, e proximidade entre os sujeitos.

3.8 FUTUROS PASSOS PARA A ETAPA QUALITATIVA

Uma vez sintetizados os primeiros achados da análise quantitativa é importante detalhar de que maneira esta etapa forneceu pontes de contato com a etapa qualitativa posterior. Como se tinha estabelecido, o principal objetivo desta primeira etapa era constituir um patamar de informações básicas, para posteriormente aprofundar em temas que fossem sensíveis, importantes ou que apresentassem discordâncias ou confluências. Serão apontados aqui alguns dos temas que orientarão à análise qualitativa na próxima etapa, originados da interpretação realizada dos dados.

I. Em primeiro lugar se tratará a temática da identidade, como a porta de ingresso à análise qualitativa. Enunciaram-se os primeiros critérios de identificação expostos pelos entrevistados, a partir dos quais se tentará aprofundar em outras dimensões.

II. Em segundo e terceiro lugar se identificará a presença de estereótipos “de argentinos” e “de brasileiros” e as maneiras nas quais estes interferem ou não no estabelecimento de relações sociais, a partir das percepções dos entrevistados.

III. Em terceiro lugar será preciso retomar o respectivo às percepções e avaliações na comparação entre Argentina e Brasil, tentando resgatar “imagens” do país que cada entrevistado exibiu, assim como possíveis influências de “momentos-chave”, que tenham influenciado a migração ou que estejam presentes na memória ou conhecimento dos indivíduos.

IV. Por último se trabalhará com o tema da naturalização e as perspectivas de se obter a nacionalidade brasileira, bem como a maneira de fechar o ciclo de análise, voltando parcialmente ao tema da identidade.

4 ANÁLISE QUALITATIVA

Como já foi detalhado anteriormente, foi realizada uma etapa do trabalho de pesquisa a partir de uma abordagem quantitativa cujos resultados orientam, parcialmente, esta etapa qualitativa. Em outras palavras, os fenômenos que estruturam esta pesquisa desdobram-se em algumas dimensões que são dificilmente acessíveis por meio de uma abordagem quantitativa, devido principalmente à natureza dos dados e as maneiras nas quais acessar a eles, trata-se de construções de valor, representações sociais, maneiras de reconstruir trajetórias e formas de explicar a realidade por parte de cada um dos sujeitos. As entrevistas foram realizadas e utilizadas em espanhol. Devido a que os entrevistados escolheram se comunicar em espanhol, e considerando as conotações identitárias que a língua pode expressar, considerou-se importante respeitar esta escolha.

Sendo assim, a abordagem qualitativa será desagregada em três momentos. O primeiro momento será uma análise de conteúdo das narrativas dos entrevistados, atravessando-as e estruturando-as por meio de eixos de interesse que tenham emergido de: a) do desenvolvimento mesmo do trabalho de campo e das conversas na aplicação do questionário, e b) no processo de análise e interpretação dos dados quantitativos. Trata-se de pontos sensíveis que se apresentam como significativos a partir da sua repetência ou sua ausência, assim como o recurso por parte dos entrevistados a determinados temas como centrais nas explicações que eles deram das suas vidas, realidades cotidianas, relações, etc.

Os dados obtidos a partir disto permitiram uma análise profunda e múltipla sobre diversos temas que obviamente não serão esgotados nesta pesquisa. A escolha de temas é imperativa, assim como a delimitação dos mesmos para poder trabalhar com aqueles elementos que respondem de maneira mais concordante com os processos estruturadores do trabalho. Dessa forma, fica pendente um amplo espectro de temas e problemáticas que poderiam ser analisadas e que fornecem material para futuros trabalhos.

Em segundo lugar será realizada uma análise sobre as formas gráficas das relações sociais, utilizando os recursos do mapeamento das relações sociais que foi realizado com cada um dos entrevistados após o término da entrevista. Tendo detalhadas as questões metodológicas na seção correspondente, neste momento, o objetivo será conhecer o mais profundamente possível os vínculos sociais que se estabelecem entre os

indivíduos que fizeram parte da pesquisa. No que se refere aos mapas de redes sociais, eles resultaram numa ferramenta para obter uma “fotografia” das relações sociais do indivíduo naquele momento determinado. Esta apresentação gráfica é necessariamente transitória, mas permite, em concordância com os depoimentos obtidos nas entrevistas, apresentar um panorama geral do grau e maneira de integração do sujeito. Como se verá mais na frente, estes mapas de redes permitem observar participações maiores e menores de algumas das dimensões identificadas na elaboração do mapa.

A diferença da etapa quantitativa, neste caso, é que esse diálogo entre os dados e os resultados e a teoria aparecerá progressivamente nesta etapa, já que se trata não só de uma característica da abordagem qualitativa, como também o caminho para avançar no amadurecimento e definição de ideias e novos eixos para interpretações futuras. Trata-se então de uma ida e volta entre o registro empírico e o nível teórico, tentando garantir uma interpretação comprometida com as perspectivas expostas pelos entrevistados.

4.1 SOBRE AS NARRATIVAS

O principal objetivo deste primeiro momento é a análise das representações sociais dos entrevistados. Retoma-se aqui a formulação clássica de Moscovici (1978), que as define como:

[...] entidades quase tangíveis, elas circulam, cruzam-se e se cristalizam incessantemente através de uma fala, um gesto, um encontro, em nosso universo cotidiano. A maioria das relações sociais estabelecidas, os objetos produzidos ou consumidos, as comunicações trocadas, delas estão impregnados [...] a representação social constitui uma das vias de apreensão do mundo concreto [elas] são conjuntos dinâmicos, seu status é o de uma produção de comportamentos e de relações com o meio ambiente [...] têm uma lógica [...] que se assenta em valores e em conceitos [...] elas determinam o campo das comunicações possíveis, dos valores ou das ideias presentes nas visões compartilhadas pelos grupos, e regem, subsequentemente, as condutas desejáveis ou admitidas [...] se mostra como um conjunto de proposições, reações e avaliações que

dizem respeito a determinados pontos [...] a representação contribui exclusivamente para os processos de formação de condutas e de orientação das comunicações sociais (MOSCOVICI, 1978, p. 41, 50, 67 e 77).

As representações sociais se apresentam como um fértil caminho para acessar as construções de sentido, valorações, percepções, explicações e reconstruções que cada entrevistado tem sobre a sua realidade, sua vida, as pessoas que conhece, as relações que tece. Desdobrar-se-á também sobre temas como a cotidianidade, o espaço de Balneário Canasvieiras, as relações com outros argentinos ou brasileiros, as “imagens” que eles têm sobre as condições gerais do país de origem, a Argentina, e sobre o Brasil. Estas representações confluem e combinam-se de maneira a constituir uma impressão e explicação do mundo no qual estes sujeitos se encontram inseridos.

A vantagem de analisar a dimensão representacional dos entrevistados é compreender que, como bem explica Moscovici (1978), estas maneiras de entender e interpretar o mundo são guias para a ação. Eles agem a partir da compreensão que têm do seu contexto e das relações sociais. Compreender a influência destes elementos em relação ao estabelecimento de vínculos, amizade e relações em geral entre os entrevistados com outras pessoas – argentinos e/ou brasileiros – permite identificar o que Durkheim (1977) denominou como o caráter moral das representações sociais. Retoma-se então a perspectiva deste autor, que chama a atenção sobre maneiras nas quais estas representações fornecem o substrato de laços sociais entre indivíduos. Elas constituem um patamar desde o qual é possível compreender proximidade ou afastamento entre determinados indivíduos orientados por maneiras de vida adotadas a partir de critérios valorativos.

Têm se formulado um conjunto de interrogantes ou preocupações centrais, que emergem como principais núcleos a serem explorados no interior das narrativas dos entrevistados. **Em primeiro lugar (I) busca-se compreender de que maneira os entrevistados definem a sua identidade**, que progressivamente apareceu relacionada com determinados consumos, práticas e definições de si próprios e “de outros”. Ganha importância aqui compreender se estes entrevistados se definem como brasileiros ou argentinos, porque se definem de uma maneira ou outra e as características culturais que eles citam e das quais se aproximam.

Em segundo lugar (II) será trabalhada a possível presença ou ausência de estereótipos percebidos pelos entrevistados por parte “dos brasileiros” e a maneira na qual isto influencia ou não as relações estabelecidas entre argentinos e brasileiros. Neste processo de análise também serão destacados estereótipos que estes argentinos constroem de maneira a explicar semelhanças e diferenças entre eles e os brasileiros, a partir de generalidades e experiências que eles tiveram ao longo do tempo em que eles se estabeleceram no Brasil. Destaca-se que se utilizaram referências como “os argentinos” e “os brasileiros” entre aspas. Isto responde às expressões que os entrevistados expõem e que buscam estabelecer generalizações tanto de uma população como de outra. Sendo assim, se respeita a referência, mas colocando-as entre aspas para destacar o viés que elas têm.

Em terceiro lugar (III) se trata de compreender as maneiras na quais se estabeleceram e se mantém relações entre argentinos, e com brasileiros. Será possível aprofundar nas formas em que se constroem determinados vínculos (profissionais, familiares, de amizade, de proximidade geográfica no bairro) tentando identificar se existem ou não regularidades nas variantes dessas relações e a importância de determinados espaços que funcionam como fontes geradoras de relações sociais. Isto permite pensar em uma possível articulação com a aparição e manutenção de estereótipos como elementos que influenciam as relações entre argentinos e brasileiros, assim como a maneira em que experiências do turismo argentino podem fazer parte dessa dinâmica de diferenciação identitária.

Os **itens II e III** estão fortemente relacionados, já que é possível pensar as relações sociais que as pessoas tecem como suportes na hora de se sentir conectado a um coletivo, a esse grupo de pessoas com as quais se compartilha um espaço, o bairro, a escola dos filhos, o trabalho, etc. Atingem também às maneiras específicas pelas quais uma pessoa sente que a sua identidade emana ou é em parte fornecida pelo grupo ao qual pertence. No caso de determinadas imagens ou estereótipos sobre os argentinos ou brasileiros, será possível determinar se funcionam como obstáculos ou, por outro lado, como fonte geradora de relações sociais. Poderia se pensar que, de frente a atitudes de segregação geradas pelos estereótipos ou preconceitos podem deduzir-se preferências a manter relações entre argentinos ou entre brasileiros e não entre pessoas de diferentes procedências.

Quarto lugar (IV) se propõe analisar as imagens que estes entrevistados têm da Argentina, procurando destacar as características do momento que eles migraram do país e o

conhecimento que eles têm sobre as condições atuais do mesmo. Isto possui importância já que, como foi possível observar nos resultados da etapa quantitativa, a decisão de migrar pode estar relacionada com momentos específicos da história do país de procedência. Em outras palavras, pode ser que as decisões de migrar derivem de **momentos de crise econômica, institucional e política na Argentina**, o que tem influenciado fortemente não só a memória e percepção deste país, como também têm condicionado as avaliações que os argentinos fizeram sobre diversas facetas da Argentina (economia, educação, estabilidade, segurança, etc). Esta marca na memória pode ser a que define a decisão de nunca mais voltar para o país, e até uma série de **sentimentos negativos** sobre Argentina.

Em quinto lugar (V) e por último, uma vez explorado os itens anteriores, será possível resgatar considerações sobre as perspectivas de naturalização – e obtenção da cidadania – por parte destes entrevistados. Dentro dos grupos formulados existem pessoas que estão em plenas condições de conseguir a sua naturalização, mas não têm planejado fazê-lo. O desafio é tentar então compreender as razões ou explicações que estes sujeitos dão para esta peculiar situação. Por outro lado, existem outros sujeitos que, por enquanto, não estão em condições de conseguir a naturalização, mas é interessante conhecer suas perspectivas em relação a este tema, se eles estão considerando conseguir a naturalização no futuro, e as razões pelas quais eles gostariam ou não de obtê-la. Para poder definir de maneira completa este panorama é importante levar em conta que, exceto por um caso, o resto dos entrevistados têm a residência temporária ou permanente graças ao convênio de residência entre Brasil e Argentina do ano 2005.

Esta questão talvez decorra dos itens precedentes já que os pontos desagregados anteriormente permitiriam considerar as maneiras e os graus ou níveis nos quais o indivíduo se sente pertencente e integrado à sociedade à qual tem migrado. Isto pode ajudar a compreender até que ponto a maneira na qual o indivíduo se sente pertencente e se traduz em um status legal definido como é a naturalização e a obtenção da cidadania. Ainda falta esclarecer que é difícil isolar temas tão intimamente conectados como àqueles que estruturam os eixos aqui enunciados. Dessa maneira, pede-se ao leitor que tente realizar uma leitura contínua dos cinco eixos, já que para compreender a verdadeira contundência e importância de alguns elementos devem-se invocar aspectos prévios. E, em outros momentos, se apresentaram afirmações que se sustentam em achados posteriores que serão apresentados em

relação aos fragmentos de entrevistas que se consideraram mais significativos.

4.1.1 Eixo 1: Identidade

Em relação à identidade, a maior parte dos entrevistados se define como argentino. Geralmente esta expressão vem acompanhada da consideração de ter adotado alguns traços culturais do Brasil. A afirmação da identidade argentina parece realizada e atualizada por meio de alguns elementos e práticas que se repetem com diversa frequência. Para começar, serão destacadas as manifestações que os entrevistados fazem da sua identificação como argentinos, acompanhadas por costumes, consumos e práticas que viabilizam e dão realidade a essa identidade que eles expressam.

Existem três elementos que se repetem na hora de definir a identidade, estes aspectos serão contrapostos constantemente às características brasileiras. Ou seja, eles não são diferentes senão opostos à maneira de ser dos brasileiros, no que diz respeito aos tópicos apresentados. Segundo estes argentinos estes três elementos diferenciadores são: a participação e o comprometimento político; o consumo de determinados produtos e diferenças de gênero. É interessante destacar que, o consumo de produtos específicos é explicado mais como uma maneira de perpetuar costumes argentinos do que como um diferenciador próprio de cada um. Estes mecanismos de manter costumes ganham importância nos casos de entrevistados que são pais e os utilizam como meios de transmissão culturais. De todas as formas, para todos os entrevistados o consumo seletivo tem um protagonismo importante.

É possível observar que alguns fragmentos das entrevistas expõem de maneira muito clara a questão política, a atitude frente a ela e como isto se apresenta como um critério para definir identificação:

“G - ¿en Argentina no! En Argentina si suben, si suben diez centavos la tarifa del ómnibus sale la gente con... M - (risas) con una cacerola G - ¿con una cacerola! ¿entendés? Allá la gente me parece... que tiene más actitud así... M - y eso ¿te parece... te parece que puede hacer una diferencia? G - imagino que si... M - uhum...¿y te identificas más con esa actitud, con esa .. con ese sentimiento de por ahí reclamar sobre las cosas G - (interrumpiendo) ¡¡¡Si por supuesto!!! me identifico mucho con eso. Acá... cuando yo estaba en la escuela, era yo que apuntaba los defectos, que apuntaba a las cosas que estaban mal en la escuela y ahí nadie me daba bola y ahí yo me quedaba solo” (Gastón, 18 anos).

É interessante destacar aqui que Gastón é o entrevistado que morou mais tempo no Brasil, veio com apenas oito meses de vida, e em todo momento se identifica como brasileiro e como argentino. Mas ele destacou este aspecto como característico dos argentinos e sente um diferencial nele. No caso de Dario, o único entrevistado naturalizado, também aparece como diferencial a atitude política e ativa como diferencial dos argentinos:

“D - algún día puede ser vereador y armarse una carrera. A mí en realidad lo que me interesa es usarlo a él para que el barrio este mejor ¡¡Después si él quiere ganar plata con eso, cosa de él. Yo quiero que el barrio este mejor!! ¿me entendés? M – si de una, y ese entusiasmo, esas ganas de participar ¿es algo, un ímpetu personal tuyo o es parte o característica de ser argentino? D - ¡¡claro que es eso, es eso!! No es porque yo sea así, probablemente aun de esta manera yo en Argentina paso completamente desapercibido. A mí me parece que ya somos medio así, somos así, tenemos sangre, le ponemos garra y voluntad a las cosas ¡¡Enseguida nos calentamos, enseguida queremos hacer!!” (Dario, 38 años).

Existe mais um caso que deve ser destacado em relação à percepção política como diferença dos brasileiros, o caso de Tamara, a entrevistada que mora aqui há mais tempo (24 anos). Tamara destaca o seu sentimento de pertencimento, definindo que não reconhece o povo brasileiro como o seu próprio; esta diferença emana do fato de que “eles” não são participativos, e isso é o obstáculo para sua identificação com eles.

“M - ¿y acá porque no participas? ¿Por qué no te inspira? T – no me interesa laburar por un pueblo que no es el mío. Pero después porque ¡al brasileiro no le importa! O sea no sé si me estas entendiendo. Vos te pones en la esquina a conversar con alguien y no pasa nada M –¿pero si ellos fueran más participativos, si se comprometiesen más, vos si participarías? T – si yo encontrara una cultura así, ¡hubiera participado mucho más! Mi problema acá no es solo una cuestión cultural . Entonces a fin de cuentas al brasileiro le importa, tres carajos de que alguien haya muerto en la dictadura. No, no, son individualistas, yo no los veo luchando juntos, como te dije antes el fenómeno Lula no ha sido un fenómeno luchado, por un país entero, que quiere modificar una realidad como la de Brasil, que es tan injusta. O que estaba siendo tan injusta, tal vez sería más correcto decir eso ahora. No ha sido una lucha, no ha sido una señora que ha salido a la calle con una olla y

golpeó, no ha sido un hombre que saqueó un supermercado ¡porque tenía hambre!” (Tamara, 56 Anos)

Estes três casos que se distinguem a partir da política têm um importância significativa já que eles demonstram percepções de si mesmos, esclarecidas e definidas a partir do critério político sem se sustentar em outros aspectos. O principal efeito que esta diferenciação tem é de definir-se de maneira oposta ao que “os brasileiros” são. Ou seja, que se trata de uma identidade estabelecida pela diferença, ou de maneira negativa – aspecto que será trabalhado com mais profundidade na frente –. Em outras palavras, À medida que este critério de identificação se mantém, também a diferença com os brasileiros será mantida e reforçada.

Por outro lado, é interessante destacar que os entrevistados que mencionaram este critério como diferenciador são os que moram no Brasil há mais tempo, comparado com o resto dos entrevistados. Gastón mora aqui há 17 anos; Dario o único naturalizado, mora aqui há 14 anos; Tamara mora no Brasil há 24 anos, sendo a pessoa que tem mais tempo de residência neste país. O caso de Gastón chama ainda mais a atenção, já que se trata de uma pessoa que não teve experiência de residir na Argentina, ou seja, que ele não esteve em contato com aquelas atitudes e valorações que ele define como “argentinas”, além das experiências diretas que teve com sua família e outros argentinos residentes em Canasvieiras. Esta regularidade na diferenciação pode derivar-se de percepções providas ao longo período de tempo de residência no Brasil, que traz como resultado o amadurecimento de determinadas representações sobre as inclinações políticas “dos argentinos” e “dos brasileiros”. Embora este critério de identificação apareça em todas as entrevistas, em fragmentos que serão utilizados nas próximas seções, não se encontra formulado de maneira tão esclarecida como nos casos citados. Isto já pode chamar a atenção para a presença de estereótipos e a sua circulação sobre como supostamente “o argentino” se comporta e age em relação à política.

O segundo elemento que sustenta a identidade dos argentinos é o consumo de determinados produtos de procedência argentina que eles relacionam com sua origem. Este tipo de consumo geralmente se vincula com costumes específicos que, na perspectiva dos entrevistados, define práticas que os diferenciam dos brasileiros.

“M – hay... ¿hay alguna costumbre que vos hayas mantenido mientras estás acá... que vos digas esta es una costumbre argentina y no la voy a

perder? T - ¡¡mate!! Ni a palos dejo de tomar mate... mirá hoy al final con toda esa correría no dio para pasar por cada y pegar un mate. Sino iba a tomar mate con vos, ando siempre con el mate en el auto, siempre organizadisímo. El mate, primera costumbre...comidas segunda costumbre M - ¿qué comidas? T - las comidas nuestras digamos yo sigo cocinando con nuestro estilo sólo que adapto algunos platos de acá. T - el dulce de leche también, el que es muy bueno también es el Ilolay, también lo compro M - ¿sos de comprar así productos argentinos? T - ¡la yerba!... La Taragüi, ahora tomo la taragüi con naranjitas, y cuando no hay en el mercado me muero” (Tamara, 56 años)

Este consumo seletivo de determinados produtos não só se traduz em costumes específicos, como é o caso do mate comentado por Tamara, como também modificam os hábitos mais básicos de alimentação na cotidianidade, como explica Andrés:

“Hem... ¿mantenés algún tipo de costumbre argentina, por decirlo de una manera? ... me dijiste que no tomas mates... A - ¡nunca tomé mate! Ni allá M - bueno entonces se perdona (risas) pero ¿hay alguna otra cosa que la mantengas así... como algo que no quieras perder? A - ¡si, la comida! La comida a rajatabla... ¡eso del arroz y el feijao a mí! M - ¿no comes arroz con feijao? A - como... pero no me gusta, ni a palos. M - ¿Qué es lo que no tiene que faltar en tu mesa entonces? A - ¡jel asado, los ravioles, los sorrentinos!! Esta pancita cómo pensás que la cultivé (risas) ¿con feijaocito? Nooo M - (risas) entonces sos de los míos, tipo cuando voy al supermercado y veo un dulce de leche Sancor, o Ilolay A - ¡ha Sancor sí!... aceite de oliva Cocinero...ha sí... vino compro argentino ¡ni se te ocurra otro tipo de vino!” (Andrés, 34 años)

Este tipo de costume ou inclinação ao consumo de determinados produtos argentinos considerados diferentes expressam uma identidade baseada também na diferença, em hábitos cotidianos que acabam expressando uma distinção entre eles e os brasileiros. Embora parecendo uma questão fútil, determinadas preferências no consumo de produtos alimentam não só uma demanda característica no lugar, já que a probabilidade de achar estes produtos argentinos em Balneário Canasvieiras é maior que em outros espaços, como também fazem parte de práticas de socialização, como é o consumo do mate que, como será exposto mais na frente, acaba promovendo espaços de encontro e contato.

“M - ¿vos ves que hay argentinos que no consiguen integrarse? ¿o que por ahí se aferran a ciertas cosas, costumbres, no sé el idioma por ahí?

V – y... sí, hay algunos que son más cerrados. Creo que te había comentado que algunos, los que se mantenían mas así, mas cerrados, les costó mucho y se volvieron M – si me habías dicho V – después estamos los que comemos dulce de leche argentino, queso rallado argentino, vino argentino (muchas risas) M – (risas) ¿y por qué es eso? V – y te pasas la voz entre los amigos “che entre los amigos “che en el supermercado Magia están vendiendo dulce de leche Ilolay”. O sea vivís acá, pero consumís ciertos productos argentinos que extrañas y que considerás superior a los de acá o porque tu paladar no se terminó de acostumbrar a cosas de acá. M – sí V – pero quitando eso... el resto M – te adaptas V – sí, sí”. (Valeria, 42 años)

Neste fragmento da entrevista é possível observar talvez a melhor significação que este tipo de consumo seletivo tem para os entrevistados. Acaba sendo uma singularidade dos argentinos, parece até ser uma maneira de manter um vínculo com um passado ou com o país por meio de produtos que dele provém. As práticas de consumo acabam aparecendo como um parêntesis da integração ao Brasil, um espaço aonde se mantém preferências por elementos da Argentina.

Um terceiro ponto mencionado por entrevistados em relação a sua identidade refere-se às diferenças de gênero, expressado principalmente por duas entrevistadas solteiras de idades muito diferentes. O primeiro caso é o de Mónica, que mencionou diversas diferenças entre ela e uma mulher brasileira, procurando explicar de que maneira a sua identidade de argentina se mantém ainda morando no Brasil.

“M – me encantó eso de... soy una argentina viviendo en Brasil pero... ¿que son esas cosas que te definen como una argentina? E - ¡todo! (risas) el cantito cordobés es lo primero no... no sé, todo. Yo soy súper argentina, me encanta todo... mi país, lo adoro, pero realmente creo que... hem M – y de esas cosas que hablábamos antes, de esas cosas que vos decís que te definen como argentina ¿qué cosas son? O mejor... ¿Cuál es la diferencia entre vos y una mina brasileira? E – no uso salto alto (muchas risas) M – eso sin duda E – creo que las argentinas, las argentinas mujeres somos mucho más relajadas que las brasileiras en muuuuchos sentidos. Por ejemplo en la vestimenta, en el maquillaje, en la apariencia en sí. Las brasileiras por ejemplo van al sacolao pintadas como una puerta, de saltos altos, divinas, para comprar un kilo de papas. Y yo me levanto tal cual... obviamente no en pijamas porque no lo hago acá, me da vergüenza. Pero qué se yo... me voy con la maya, un vestido y las havaianas y está todo bien. Eso creo que es una de las

cosas que me definen, que me ven a cinco cuadras y que dicen “allá va la argentina”. (Mónica, 24 años)

A preocupação pela aparência estética nas mulheres aparece no discurso de Mónica como um elemento que a diferencia das mulheres brasileiras e que, de maneira conjunta, a torna singular como argentina. Ela enuncia diversos aspectos, como o sotaque próprio da sua região na Argentina, mas coloca a ênfase em uma série de questões estéticas que, segundo ela, traduzem um caráter de “relaxamento” por parte das mulheres argentinas na hora de sair de casa, até nas interações mais cotidianas.

A outra entrevistada que mencionou estas diferenças foi Tamara, que em sua opinião, as diferenças entre a mulher argentina e a brasileira se encontram em um nível mais profundo:

“T - Bueno... celosa, vos viste como son las brasileiras con el tema de los celos ¿no? ¿son terribles, terribles! Enfermas... eso del control, el teléfono sonando, mensaje todo el tiempo. M - ¿a vos te parece que las argentinas no somos tan celosas? T - a ese nivel no y tengo certeza... no tenemos eso del control... no, te lo digo con absoluta certeza... hace veinticuatro años que vivo en este país, al menos en esta parte tengo mil casos para contarte Magali, mil casos. E incluso cosas que han pasado conmigo, tipo cuando yo era joven y era bonita... nada fuera de lo común pero linda. Y por sobre todas las cosas... algo importante que tiene la mujer argentina es la libertad. Imagínate joven, bonita... y con esa libertad. He tenido problemas serísimos, gente que no entiende como es, problemas serios.”. (Tamara, 56 años)

No caso de Tamara é possível observar que para ela as diferenças entre brasileiras e argentinas atinge as mesmas dinâmicas de se relacionar com outras pessoas, ou seja, no que diz respeito às relações íntimas. Ela expressa suas opiniões de maneira muito contundente, justificando-se na quantidade de anos que ela mora no Brasil, fazendo da sua experiência um acervo na hora de explicar as maneiras nas quais as pessoas agem. No seu entendimento, esta diferença entre as maneiras de agir das mulheres brasileiras e argentinas enraíza-se na liberdade nos relacionamentos, e o que é significativo são os diversos problemas que estas diferenças têm gerado nas relações estabelecidas por ela com homens e mulheres.

Sobre a identidade

Até aqui foram destacados três eixos centrais na definição da identidade: política, consumo e gênero, que se apresentaram como aspectos que permitiram observar duas faces significativas da constituição e afirmação da identidade: a afirmação positiva de aquilo que o sujeito é, e aquilo do qual o sujeito, sendo o que é, se diferencia. Retomando aqui algumas contribuições de Da Silva (2003) no seu capítulo *A produção social da identidade e da diferença*, será possível compreender melhor o que isto significa. O autor citado procura exibir e explicar o caráter social e dinâmico da definição da identidade na sua relação com a diferença, nas suas palavras:

A afirmação “sou brasileiro”, na verdade, é parte de uma extensa cadeia de “negações”, de expressões negativas de identidade [...] por trás da afirmação [...] deve-se ler: “não sou argentino”, “não sou chinês” [...] As afirmações sobre diferença também dependem de uma cadeia, em geral oculta, de declarações negativas sobre (outras) identidades. Assim como a identidade depende da diferença, a diferença depende da identidade. Identidade e diferença são, pois, inseparáveis [...] A identidade e a diferença têm que ser ativamente produzidas. Elas não são criaturas do mundo natural [...] Somos nós que as fabricamos, no contexto de relações culturais e sociais. A identidade e a diferença são criações sociais e culturais (DA SILVA, 2003, p. 75-76).

Esta contribuição do autor permite compreender melhor as exposições que os entrevistados fizeram na hora de definir a sua identidade, assim como a repetência dos critérios que apareceram e foram transformados em eixos. Estes três elementos: política, consumo e gênero funcionam como definições duplas já que destacam a semelhança e diferença simultaneamente na identidade expressada pelos entrevistados. O comprometimento político, o consumo de determinados produtos escolhidos pelo fato de “serem argentinos”, e as diferenças em termos de gênero enunciadas pelas duas entrevistadas, expressam aquilo do qual estes entrevistados procuram se diferenciar dos brasileiros.

Mas por outro lado, eles conseguem definir de maneira muito clara essas características que afirmam positivamente em sua identidade

argentina. Às vezes de maneira explícita, como no caso de Gastón, e outras vezes, por meio da diferença em si, ou seja, naquilo que eles não são, ou não querem se identificar. A preferência e consumo diário de determinados produtos argentinos ajuda a compreender uma afirmação positiva da identidade, os entrevistados acabam justificando o seu consumo porque conhecem os produtos, porque gostam da prática de “tomar mate”, e porque faz sentido consumir os produtos pelo fato de serem de origem Argentina. O caso do comprometimento político funciona também de maneira positiva e negativa, alguns entrevistados destacam isso como algo que eles consideram positivo “dos argentinos”, e por isso, o escolhem para se identificar. Em outros momentos funciona como maneira negativa, o que eles identificam como negativo⁴⁶ “dos brasileiros” e se afastam dessa característica, contrapondo-a aos atributos “dos argentinos”.

A questão do gênero é, talvez, o exemplo mais claro da definição pela negativa, o que as duas entrevistadas mencionam como características “das mulheres brasileiras” aparecem enfaticamente como aquilo que elas não são, é o que as diferencia. Esta diferença de gênero, estas “imagens” do que a mulher brasileira supostamente é, se desdobra em dimensões estéticas e em características dos relacionamentos estabelecidos com outras pessoas. As consequências diretas ou indiretas das maneiras de definir a identidade, de maneira positiva e/ ou negativa, têm consequências que podem atingir as relações sociais estabelecidas pelos entrevistados com outros argentinos e com brasileiros, por tratar-se de critérios sustentados nessas diferenciações.

Para compreender este caráter duplo da identidade podemos retomar algumas considerações feitas por Bauman (2001) na sua entrevista com Benedetto Vecchi sobre o tema *Identidade*. Como é bem conhecido este autor, considera a identidade relacionada com a progressiva dissolução de marcos que foram fixos na época da modernidade, e que nos nossos tempos atuais caracterizam-se como líquidos. A conotação deste adjetivo deriva de uma definição de afrouxamento das dimensões institucionais, individuais, de classes sociais, divisão do trabalho, pertencimento geográfico, entre outras, a partir das transformações que têm levado à modernidade para um estágio definido pelo autor como modernidade líquida⁴⁷. Tentando ir

⁴⁶ Este aspecto tomará especial importância na definição de estereótipos, na próxima seção.

⁴⁷ “Seria imprudente negar, ou mesmo subestimar, a profunda mudança que o advento da “modernidade fluída” produziu na condição humana. O fato de que a

além deste marco de pensamento, que não se encaixa na perspectiva proposta para a pesquisa, Bauman ajuda sim a pensar de maneira apropriada a identidade quando especifica que:

tornamo-nos conscientes de que o “pertencimento” e a “identidade” não têm a solidez de uma rocha, não são garantidos para toda a vida, são bastante negociáveis e revogáveis, e de que as decisões que o próprio indivíduo toma, os caminhos que percorre, a maneira como age [...] são fatores cruciais tanto para o “pertencimento” quanto para a “identidade”[...] a ideia de “ter uma identidade” não vai ocorrer às pessoas enquanto o “pertencimento” continuar sendo o seu destino, uma condição sem alternativa [...] As “identidades” flutuam no ar, algumas de nossa própria escolha, mas outras infladas e lançadas pelas pessoas em nossa volta, e é preciso estar em alerta constante para defender as primeiras em relação às últimas (BAUMAN, 2001, 17-19).

Bauman ressalta os dois aspectos que apareceram nas identidades expressadas pelos entrevistados: a margem existente para uma definição própria da identidade. Isto é destacável já que demonstra que os entrevistados possuem um conhecimento dos aspectos definidos por eles: graus de comprometimento “dos brasileiros” e “dos argentinos”, importância política desta proximidade e afastamento, representações sobre o gênero, o conteúdo simbólico que tem o consumo de produtos argentinos. Mas também demonstra um uso deliberado destes, já que os entrevistados recorrem a estas atitudes, práticas e características para se definir e se diferenciar. É importante reforçar aqui que Bauman, igualmente a outros autores citados, procura destacar a importância dos “outros” nesse processo de definição da identidade. Nesta seção será trabalhada a perspectiva mais individual e subjetiva da identidade,

estrutura sistêmica seja remota e inalcançável, aliado ao estado fluído e não estruturado do cenário imediato da política-vida, muda aquela condição de um modo radical e requer que repensemos os velhos conceitos que costumavam cercar suas narrativas” (BAUMAN, 2001, p.15). Para mais informação sobre estas transformações e definições próprias do autor recomenda-se a leitura da obra *Modernidade Líquida*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001.

reservando o papel dos estereótipos e as relações sociais como fatores fundamentais para a próxima seção.

Isto pode ser pensando mais claramente desde a perspectiva *do projeto reflexivo do eu* de Giddens (1994), aonde o autor destaca esta nova capacidade de escolha da identidade e estruturação da trajetória biográfica do indivíduo, como resultante do desenvolvimento da modernidade tardia. Assim os sujeitos têm a capacidade de escolher aquilo que eles querem ser e os elementos que melhor conseguem manifestar isso que eles desejam, utilizando de maneira seletiva os recursos que eles entendem como valiosos. Trata-se de

[...] novos mecanismos de identidade do eu [O eu] já não é uma entidade passiva determinada por influxos externos [a identidade se converte em uma] tarefa que terá que se realizar em meio de uma complexa diversidade de opções e possibilidades” (GIDDENS, 1994, p. 10-11, tradução nossa).

Este uso deliberado e seletivo de determinados elementos por parte dos entrevistados, que eles reconhecem como recursos para definir sua identidade, é um processo que pode ser observado em outros casos de pesquisas orientadas a migrações, em casos específicos de argentinos radicados em Santa Catarina. Primeiramente, na sua pesquisa sobre argentinos radicados em Balneário Camboriú, Lopes e Vasconcellos (2005) destacam este esforço de encontrar uma coerência na trajetória biográfica dos imigrantes argentinos, característica do *caráter reflexivo do Eu*. Segundo as autoras, a busca se traduz em uma ressignificação das práticas, dos modos de vida, da criação de formas de se vincular ao lugar onde se mora e as pessoas que ali moram:

[...] sendo a trajetória do migrante marcada pela reelaboração dos referenciais identificatórios – traços socioculturais com os quais os sujeitos identificam-se e a partir dos quais se fazem reconhecidos como membros de um grupo – e, portanto, envolve um questionamento de valores e de imagens de si e do outro [destaca-se] a preservação de modos de vida da Argentina e também a negação destes modos de viver (LOPES, VASCONCELLOS, 2005, p. 4-5).

Este processo expressa um conjunto de singularidades nas relações estabelecidas entre o indivíduo e a maneira na qual ele constrói a sua identidade. Primeiramente se trata explicitamente de uma construção, já que essa identidade do argentino encontra-se atravessada pela escolha deliberada e valorativa do entrevistado. Esta escolha manifesta um conhecimento do que cada coisa significa, para ele, para os outros argentinos e para “os brasileiros”.⁴⁸ Trata-se de um conhecimento derivado das interações cotidianas, dos vínculos sociais estabelecidos, da experiência de residir no espaço de Balneário Canasvieiras por um determinado período de tempo, como será trabalhado na próxima seção. Podemos avançar aqui, com a ajuda do trabalho citado, no caráter não fixo da identidade, a sua contínua (re)definição por parte do indivíduo, orientado segundo as suas percepções dos elementos que escolhe para determiná-la e os juízos de valor que realiza sobre os citados elementos. Em outras palavras, existem determinadas situações nas quais estes sujeitos exaltam a sua identidade de argentinos, se orgulham das características que escolhem; mas também se distanciam daqueles traços culturais que acreditam negativos “no argentino”, com o intuito de não se definir por eles.

Na sua análise das trajetórias migratórias dos professores argentinos em Florianópolis, Burgos (2009) incide no mesmo ponto que se está trabalhado aqui, o caráter relacional (negativo e positivo) da identidade. Ou seja, a necessidade da existência de outra identidade em relação à qual o sujeito vai definir a sua. Mas a autora chama a atenção para reconhecer a importância dos resultados da interação destas identidades diferentes, existirão elementos ou traços que não podem ser definidos estritamente como “argentinos” ou “brasileiros”, porque se forem considerados desta maneira vamos recair no mesmo erro de considerá-los estancos. Assim, é possível compreender que a noção de comprometimento toma um valor positivo quando se relaciona à dimensão política, e será utilizada como fator definidor como “argentino”. Em contrapartida, a falta de comprometimento político é considerada negativa, e é identificada diretamente nos “brasileiros”.

⁴⁸ Trabalhando sobre as contribuições de Seyferth, as autoras estabelecem que: “[os imigrantes] criam solidariedades e lealdades vinculadas, no caso aqui apresentado, ao ser argentino. O autor refere que há situações em que o indivíduo obscurece sua identidade étnica e em outras procura enfatizá-la, e que estas escolhas variam de acordo com a percepção dos sujeitos sobre o contexto sócio-histórico em que vivem” (LOPES, VASCONCELLOS, 2005, p. 21).

O detalhado até aqui, a escolha e uso de elementos, somente funciona a partir da lógica que os entrevistados desenvolvem, ou seja, as relações entre traços culturais e o que eles consideram como identidade ganha coerência quando eles explicam as suas interpretações e percepções de “eles” e dos “outros”. Tanto Burgos (2009) como Lopes e Vasconcellos (2005) identificaram que existem, segundo os casos, movimentos oscilantes dos imigrantes argentinos, tentando-se identificar de uma maneira ou de outra. No caso da presente pesquisa se identifica o mesmo fenômeno, aonde alguns dos entrevistados (e outros argentinos, segundo eles) se apegam – às vezes fortemente – a determinados traços culturais que acreditam serem “argentinos” e que, por extensão, os definem. Em outros casos, alguns sujeitos se afastarão – às vezes completamente – destas atividades e adotarão costumes, práticas, consumos culturais, alimentícios e simbólicos, que os ajudarem a definirem-se como brasileiros.

Neste sentido fica muito claro que, elementos que parecem desprovidos de significação social, como é o caso do consumo de “dulce de leche” ou o costume de “tomar mate”, ganham significado e valor como costumes e produtos argentinos na perspectiva daqueles argentinos que assim os percebem e utilizam como um meio para expressar sua identidade. (SORENSEN, 1997). Um claro exemplo de como o consumo de determinados produtos pode expressar, e até afirmar, uma identidade nacional é o trabalho por Woodward (2003) nas distinções ao longo da guerra entre sérvios e croatas pelos cigarros que eles fumavam. A autora estabelece que:

A representação conclui as práticas de significação e os sistemas simbólicos por meio dos quais os significados são produzidos, posicionando-nos como sujeitos. É por meio dos significados produzidos pelas representações que damos sentido à nossa experiência e àquilo que somos (WOODWARD, 2003 p. 17).

Preferir ou não determinados produtos, em determinados momentos, se explica, conforme a autora, pela importância que alguns símbolos têm para marcar a identidade nas suas diversas dimensões (podem ser de gênero, nacionais, regionais, etária, etc.). A questão reincide em que os produtos mencionados pelos entrevistados só têm o poder de defini-los porque eles lhes entregam este valor, eles os dotam do caráter necessário para estabelecer a singularidade daquele que

consume. É um elemento simbólico que só tem significado quando é colocado em relação com outros elementos, que orienta a conduta a partir deste valor que tem frente a outros produtos.

Até aqui é possível destacar o caráter não fixo, deliberado, construído e reflexivo da *identidade*, trata-se de um processo de definição constante e deliberado, orientado segundo juízos de valor sobre atitudes e práticas. A referência a determinados traços culturais, consumos e definições próprias deriva do plano representacional que os entrevistados desdobram nas suas narrativas. O valor que é imputado a estes elementos no processo – constante – de definição da identidade que resulta de uma interação contínua entre uma identidade definida como “argentina” e outra como “brasileira”, resultando que determinados traços culturais sejam somente valiosos na medida em que se definem relacionalmente.

É necessário esclarecer aqui que não se trata de pensar as características da identidade derivadas do diagnóstico de época proposto por Bauman ou Giddens, embora eles fossem citados⁴⁹. Eles foram citados para pensar este caráter não fixo, relacional e passível de ser relativamente modificado a partir da vontade do indivíduo, ativado pela experiência de migração, e condicionado pelas suas singularidades. Se voltarmos até as primeiras perguntas que nortearam esta pesquisa, podemos refletir sobre a importância que tem estas maneiras de definir a identidade, especialmente no que diz respeito ao sentimento de fazer parte de uma comunidade, de um coletivo, assim como as razões que poderiam, eventualmente, levar uma pessoa a agir em favor ou em detrimento dele.

Dentro do horizonte do que seriam as modificações que as grandes mudanças que a modernidade traz consigo, fica claro que existe uma transição do paradigma das identidades adscritas às identidades escolhidas ou constituídas. O que se evidencia muito claramente nesta pesquisa no caso dos imigrantes argentinos. Neste novo espaço de constituição identitária é necessário compreender as razões pelas quais um sujeito se identifica de uma determinada maneira e não de outra. Em outras palavras, o indivíduo passa a ser o agente legitimado para decidir que tipo de elementos ou traços culturais considera identificadores [por quais vai tentar ser reconhecido por outros] e quais lhe parecem secundários. Neste sentido, a identidade conjuga no seu seio um aspecto

⁴⁹ Estes autores consideram que este processo de transformação na definição das identidades é característico e derivado das transformações próprias da Modernidade nas condições do seu máximo desenvolvimento.

moral, ou seja, aquilo que é realmente importante para essa pessoa, e o reconhecimento por parte dos outros (CORTINA, 1998, p. 197-199).

A preocupação da autora citada cobra relevância quando se coloca em diálogo estes novos processos de (re)definição da identidade com os laços que um indivíduo estabelece com outros e com um coletivo:

A identidade [...] tem também esses elementos específicos de cada indivíduo e de cada comunidade étnica, religiosa ou nacional à que pertencem, e que são os que lhes propõem boas formas de vida [...] somente a pessoa que se sente membro de uma comunidade concreta, que propõe uma forma de vida determinada; somente quem se sabe reconhecido por uma comunidade deste tipo como um dos seus e cobra sua própria identidade como membro dela, pode se sentir motivado para se integrar ativamente nela. (CORTINA, 1998, p. 31-32, tradução nossa).

Trata-se de, por momentos, não ser aquilo que o indivíduo acredita que está errado, que é moralmente rejeitável ou que simplesmente não estima como valioso nos outros que compartilham o espaço aonde mora. As maneiras nas quais são possíveis definir a própria identidade podem traduzir-se em limites para a integração, na medida em que o indivíduo passaria a não se considerar parte do coletivo e, em consequência, não agiria em favor desse grupo. Isto pode ter diversos alcances que vão desde a participação em instituições, cumprir com determinadas obrigações civis e, num nível micro, relacionar-se com atitudes de respeito e reconhecimento orientadas aos outros.

Trata-se então de identidades definidas, em grande parte, a partir “dos outros” e em relação “aos outros”, orientada a partir do que esses “outros” fazem ou deixam de fazer. É indispensável avançar para a próxima etapa, aonde se procurará identificar se existem ou não representações sociais de tipo estereótipos sobre “os argentinos” e “os brasileiros”. Conjuntamente, tentar-se-á identificar e analisar se existem formas específicas em que estes estereótipos intervêm nas relações sociais, o que permitirá compreender melhor o fenômeno de integração.

4.1.2 Eixos 2 e 3: Estereótipos e relações sociais

Como se mencionou anteriormente, um possível resultado das maneiras de definir a identidade a partir de critérios negativos é a produção de representações sociais baseadas em estereótipos “dos brasileiros” e “dos argentinos”, que podem derivar em ideias homogeneizantes e nos limites à integração. A constituição de estereótipos encontra-se intimamente relacionada às diversas relações sociais que se estabelecem entre os indivíduos, que se orientam e se consolidam a partir das representações sociais que eles têm dos outros e de si mesmo. Isto pode ser explicado por algumas contribuições teóricas e epistemológicas que serão retomadas aqui, procurando entender que estas maneiras de representar as pessoas, as maneiras de ser e de pensar, e as maneiras de agir, serão elementos que, em diversos graus e formas, modelarão as relações sociais que se estabeleçam entre argentinos, e com os brasileiros.

Tomaz Tadeu da Silva (2003) procura nos chamar a atenção ao caráter social e dinâmico da constituição da identidade e a diferença, porque isso implica em compreender que elas estão constantemente mudando. Também exige pensar que, em se tratando de uma relação social, elas se encontram constantemente sujeitas às nuances de relações de poder e disputa nos espaços sociais.

Não se trata, entretanto, apenas do fato de que a definição da identidade e da diferença seja objeto de disputa entre grupos sociais assimetricamente situados relativamente ao poder [...]. Há, entretanto, uma série de outros processos que traduzem essa diferenciação [...]. São outras tantas marcas da presença do poder: incluir/ excluir (“estes pertencem, aqueles não”); demarcar fronteiras (“nós” e “eles”); classificar (“bons e maus”; “puros e impuros”; “desenvolvidos e primitivos”); normalizar (“nós somos normais; eles são anormais”) [...] implicam, sempre, as operações de incluir e de excluir [...]. Afirmar a identidade significa demarcar fronteiras [...]. Dividir e classificar significa, neste caso, também hierarquizar. Deter o privilégio de classificar significa também deter o privilégio de atribuir diferentes valores aos grupos assim classificados (DA SILVA, 2003. P. 81-82).

Neste sentido observa-se que, identificar possíveis estereótipos de “os argentinos” e “os brasileiros”, e compreender as maneiras nas quais eles intervêm nas relações sociais e vínculos entre os indivíduos, é fundamental. O autor assinala o fato de que se trata de complexas maneiras de constituir e atualizar as identidades, negociando e disputando relações de poder, de reconhecimento, o que deriva do fato de que as formas de identificação são acompanhadas por classificações e hierarquias valorativas. Em parte foi possível observar isto nas apreciações sobre identidade, já que os entrevistados escolhem algumas formas de se identificar e rejeitam outras, a partir de critérios valorativos, daquilo que eles acham bom ou mal/ ruim.

Estas dinâmicas de definição das identidades influenciadas pela formulação de estereótipos faz com que a constituição de grupos por meio de diferenciações binárias seja uma provável consequência das formas de se representar as pessoas e as relações. A constituição de grupos, de formas identitárias de “nós” e “eles”, é um vetor que permite pensar possíveis mecanismos de comunidades étnicas. Sendo assim, serão trabalhadas primeiramente (I) aquelas representações sociais expostas pelos entrevistados que poderiam ser categorizadas como estereótipos que eles têm sobre as pessoas brasileiras, assim como as concepções que eles têm sobre pessoas de origem argentina. Posteriormente (II) serão trabalhadas as maneiras nas quais eles percebem que existem estereótipos por parte “dos brasileiros”, a partir da experiência da cotidianidade e das interações com outros residentes de Balneário Canasvieiras. Para finalizar se destacará as formas nas quais os entrevistados acreditam que os estereótipos intervêm na constituição das relações sociais, se eles obstaculizam os vínculos sociais, se existe alguma diferença entre relacionar-se com outro argentino ou com pessoas brasileiras.

Estereótipos “dos brasileiros” e “dos argentinos”

Começando com as percepções que os entrevistados têm sobre as pessoas brasileiras é possível reconhecer alguns elementos que se repetem, estruturando as maneiras nas quais eles explicam as singularidades “dos brasileiros”. Um deles é a noção de compromisso, a maneira e o grau de comprometimento que “os brasileiros” têm com questões políticas e sociais, que aparece em diversas ocasiões sempre carregando um valor negativo. É possível observar que esta suposta falta

de comprometimento é percebida pelos entrevistados no que diz respeito aos relacionamentos íntimos, presente no fragmento seguinte:

“E - Pero... lo que me parece desfavorable y que extraño mucho del argentino es lo genuino en las cuestiones amorosas o en las cuestiones de relaciones que de repente me parece eso, que al brasilero hem... ¿no le importa nada! ¿me entendés? Y... creo que el argentino es como mucho más sincero en ese sentido. M – en relación al laburo ¿los ves como tipos serios? E – hem... sí, sí, sí. No sé si serios, descontracturados los veo, pero... si tal vez comprometidos en nada, en ningún tipo de relaciones ahora que lo pienso, ahora que me pongo a pensar. Claro... ¿no les importa nada! Esa es la verdad M- y eso... ¿te hace pensar que vos podrías formar una familia acá? E – si... ¡¡con alguien argentino!!” (muchas risas) (Mónica, 24 años).

Mas também é um aspecto que atravessa outras dimensões consideradas significativas, como é o caso do trabalho e em relação a manifestações sociais ou atividades coletivas:

“[...]Lo que pasa es que... los argentinos me parece que discutimos por lo que nos parece justo tal vez ¿entendés? En cambio por ahí el brasilero lo acepta, o no, pero sin... cuestionarlo. [...]M - ¿en relación al trabajo por ejemploE – sí, creo que los argentinos y las argentinas como que se por si... ¿tenemos otra cultura del trabajo! Los brasileros como yo te decía como que son súper descontracturados, no les importa nada son... como ... mucho más lentos, [...] M – y a vos te parece, no se... por ejemplo, lo que pasó... no sé, lo que fue el cacerolazo en el 2001 ¿ a vos te parece que algo así podría pasar acá? E - ¡¡no, no!!... (breve silencio) naaa... mirá... como mucho van a tocar la pandereta y se van a bailar una samba en la Beira Mar, pero no van a hacer un cacerolazo... olvidate... ¡olvidate! M - ¿y porque no? E - ¡¡porque son más conformistas! Porque no... no... no les ... que se yo, eso., son más conformistas, esa es la palabra” (Mónica, 24 años).

A questão política ganha uma presença significativa em relação às maneiras nas quais estes entrevistados percebem as atitudes das pessoas brasileiras.

“G – porque acá en Brasil hay un... un histórico de no interesarse por política M - ¿sí? G – si... la gente lo tiene como... un asunto cansado M – y que...¿vos decís que en el caso de los argentinos es diferente eso? G – la gente se importa un poco más ¿no tanto! Pero un poco más si M – ¿y por qué será eso? G – no se... diría cuestión cultural (breve silencio) M – ¿será por eso que nosotros reclamamos mas también? G -

¡¡exacto!! M - ¿sí? ¿Y te parece que políticamente criticamos un poco más? G - ¡sí! Gracias a dios si M - ¿gracias a dios? G - ¡¡Claro, hay que ser!! hay que siempre estar activo” (Gastón, 18 anos).

Para Dario este desinteresse por parte “dos brasileiros” tem consequências que vão além do nível micro, ele relaciona estas atitudes com problemáticas macro, de natureza política e de funcionamento da mídia:

“D – ahora Lula, yo tengo las revistas Veja de aquella época y es para morir de la risa ¡y se robó muchísimo más! ¡y no se hizo nada! M - ¿pero por qué? Por falta de experiencia, porque a la gente no le importa D - ¡¡a la gente no le importa!! Porque así, yo creo que tiene que ver mucho así, el tema del mensalão por ejemplo, se divulgo, se divulgo, se divulgo hasta que un día, no sé si vos viste que la Globo paro ¿sabes cuándo paro? Cuando se liberaron cinco mil millones de reales para la Globo para cubrir la deuda, justo en esos días. (breve silencio) Primero eso, segundo ¡la gente ni se interesa! M - ¿Por qué no se interesa? D - ¡¡porque no hay interés!! El brasilero es diferente, me parece. Si bueno... a ver... veamos... ¡la pasividad! Si lo llevas al terreno de la política ¡es una cagada! Y decís “¡puta que falta de comprometimiento! ¡Que lo parió! ¡Qué indiferentes que son!” ... ¡pero les está sirviendo!” (Dario, 38 anos).

Os fragmentos utilizados de Tamara na seção anterior (Eixo 1: identidade) também têm destacado esta percepção em comum, de uma falta de comprometimento e atitudes políticas que estes argentinos acreditam que “os brasileiros” têm. Andrés também destaca esta falta de comprometimento na sua percepção “dos brasileiros”.

“No coincido en la forma... uff... en determinadas formas de sentir, de expresarse M - ¿qué sería más o menos eso?... ¿en la manera en que entienden las relaciones? A – sí, en cómo se relacionan M - ¿los notas más... comprometidos, o más volátiles? A - ¡menos comprometidos! M - ¿menos comprometidos? A – como sociedad... son una sociedad menos comprometida M - ¿en relación a que...al trabajo, a la política? A - ¡a todo! A todo... son muy individualistas M - ¿más que el argentino? A – si... en determinados aspectos si” (Andrés, 33 anos).

As representações expostas pelos entrevistados se mostram como estereótipos, na medida em que expressam considerações homogêneas, percepções que não se distinguem entre as pessoas brasileiras, do contrário, se referem a elas como um conjunto indiferenciado. Se

estabelecemos uma relação com o que foi mencionado anteriormente sobre a identidade, é possível deduzir que estes estereótipos funcionam de maneira negativa fazendo sentido na medida em que são avaliados por um critério valorativo. Isto se articula com aquela dinâmica de definição da identidade a partir da diferença, ou seja, continua funcionando como um elemento diferenciador daquilo que os entrevistados adotam como próprio e daquilo que não. Verifica-se que se trata de um critério que também se encontra justificado em um discernimento entre aquilo que é bom e o que está errado.

Ainda será necessário identificar e compreender se estes entrevistados acreditam que existem estereótipos sobre “os argentinos”, e se estes influem de alguma maneira nos relacionamentos e interações com pessoas brasileiras. A aparição de possíveis estereótipos é uma porta de acesso para identificar e analisar possíveis dinâmicas de identidade de grupo, de um reconhecimento de “nós” argentinos, na medida em que estabelece e atualiza uma diferenciação por parte de um grupo que procura se distinguir. Enfatiza-se que é possível encontrar uma distância instaurada pelos entrevistados “dos brasileiros”, como também de outros argentinos que, por determinadas razões não são aceitos como uma referência de reconhecimento. A importância da identidade estabelecida a partir do outro consiste em esclarecer não somente distâncias e proximidades em termos de identificação, como foi mencionado, como também permite pensar as bases de dinâmicas sociais, de interações que podem influenciar até nos usos do espaço e nas formas de apropriação.

Esta foi talvez uma das principais conclusões às quais chegaram Elias e Scotson (2000): as maneiras nas quais a constituição de identidade(s) reflete em dinâmicas espaciais, de apropriação do espaço público, e especialmente na diferenciação de grupos na lógica “nós” e “eles” a partir de uma diferença negativa. Entretanto, esta constituição de grupos não responde a um processo mecânico, senão conjuga estereótipos, orientações valorativas, relações cotidianas e a mobilização de passados históricos. Este último aspecto ganha importância considerando a influência que tem a história do turismo argentino no caso de Balneário Canasvieiras, como foi demonstrado no capítulo anterior, configura-se como solo fértil para a criação de estereótipos sobre “os argentinos” e influencia as percepções que os entrevistados argentinos têm sobre si mesmos e as maneiras nas quais esses estereótipos intervêm na constituição das relações sociais.

Estas considerações permitem a integração dos eixos II e III, com o objetivo de compreender maneiras nas quais estas identidades

constituídas nas semelhanças e diferenças podem derivar em uma efetiva constituição de grupos, como bem explicam Elias e Scotson com os *Estabelecidos e os Outsiders* (2000).⁵⁰ Considerar o passado permite pensar a importância que ele tem como elemento constituinte destas representações sociais sobre “os argentinos” e “os brasileiros”. Lembra-se que, quando se trata de mergulhar nas representações sociais deve-se considerar que:

[...] a natureza representacional [é] profundamente marcada pela historicidade, o grupo enquanto sujeito-objeto da sua história [...] está relacionada com sua função, enquanto vetor do passado que veicula não somente fatos, mas, sobretudo maneiras de ser e de pensar (BLOCH, 1925).
O estudo das representações sociais sob este ângulo só pode nos trazer de volta lá onde o grupo guarda suas lembranças, à memória social (KALAMPALIKIS, 2009, p. 109).

A referência de Kalampalikis (2009) permite pensar a importância das experiências históricas e a repetência de determinados eventos, como é o caso da permanência dos grandes e permanentes fluxos migratórios argentinos no espaço de Balneário Canasvieiras. Este turismo não só modifica o aspecto físico do bairro, mudando cartazes, nomes de lojas, como também promove que o espanhol apareça como uma segunda língua nas interações cotidianas. A constância do fluxo turístico é fundamental na constituição das representações sociais sobre “os argentinos” e “os brasileiros”, já que “[se] estabelece que toda representação social organiza-se ao redor de elementos centrais, particularmente estáveis e consensuais no seio do grupo considerado” (ROUQUETTE, 2005, p. 195). Ou seja, requer pensar que as representações sociais são estabelecidas a partir de uma presença específica do elemento constante que, conjugado com outros aspectos, acaba gerando estes estereótipos.

⁵⁰ A dinâmica detalhada pelos autores permite entender que estas identidades se constituíam em processos donde “[os estabelecidos] tratavam os recém-chegados como pessoas que não se inseriam no grupo, como “os de fora”. Esses próprios recém-chegados, depois de algum tempo pareciam aceitar [...] a ideia de pertencerem a um grupo de menor virtude” (ELIAS; SCOTSON, 2000, p. 20).

Vejamus de que maneira os entrevistados percebem e explicam em parte o funcionamento destas representações sociais:

“E - Porque acá ya de por sí, acá y en muchos otros lugares, los argentinos tenemos esa fama de agrandado y de que nos las sabemos todas y ¡claro! A la primera que venís con esas cosas... M – pero eso...¿eso es algo que suele aparecer? E - ¡sí!... si de vez en cuando he escuchado algún comentario, no del argentino ¡claro! Pero ... a ver... ¿a quién suena?... vos sabes bien (muchas risas) este... si, si, de vez en cuando he escuchado. Por ahí no tanto con la gente que está acá, pero por ahí sí en el verano, que está inundado de gente. Los comentarios de “ha... este porteño agrandado quién se piensa que es” M – y eso... ¿funciona como una barrera?...digo ¿para integrar a los argentinos? E – si... si pero es... hasta que te conocen tal vez. No sé si como una barrera para integrar a los argentinos, pero un preconceito que ya se tiene... que de hecho ¡creo que los mismos argentinos lo tenemos!” (Mónica, 24 años).

Segundo a opinião de Mónica podemos observar que existe um preconceito sobre “os argentinos” que ela sente por parte “dos brasileiros”. Ela afirma que, em parte, os mesmos argentinos reconhecem esse estereótipo em outros argentinos, e que esta idealização ganha uma presença maior na época de férias, por causa do turismo. Entretanto, Mónica destaca que, apesar deste estereótipo “do argentino” intervir nas relações que se estabelece com brasileiros, uma vez que o conhecimento interpessoal chega a um determinado grau, esta representação deixa de interferir ou influenciar as relações. No mesmo sentido, Andrés destaca as raízes históricas desse estereótipo promovido pelos mesmos argentinos:

“Brasil se vendió de esa manera... y el argentino se vendió con la arrogancia. Pensando que puede avasallar, pasar por encima de todos, pegando dos o tres gritos. Estoy pensando en el hecho de que acá, en la isla, en la época del uno a uno. No “deme uno.... Deme dos, deme tres ¡deme cuatro!” La gente se compraba de todo, diciendo todo el tiempo “¿y vos quién sos? ¡Callate!” Pasando por encima de... creyendo que porqué tenía plata era más que el otro. M - ¿y eso se mantiene? A – y hay cierta cantidad de argentinos que sí, hay un grupo minoritario pero que todavía se siente... se siente superior M – sí, si entiendo ¿esos estereotipos, esas ideas... influyen mucho a la hora de construir una relación personal? ... una amistad... A – genera una cierta desconfianza, lleva más tiempo M - ¿pero es algo que puede superarse

digamos? A – sí, si se supera claro ¡con diálogo! ¿no? Hablando... compartiendo... sí. Con el tiempo... todo funciona” (Andrés, 33 años).

Este entrevistado também reconhece o que Mónica enunciou: com tempo as relações interpessoais conseguem superar as distâncias que resultam da influência dos estereótipos. A emergência destes se deve àquela experiência do turismo, como já foi dito, mas também se deve a uma característica cultural que é a arrogância derivada principalmente das vantagens econômicas de momentos de auge do turismo definidos pela paridade do dólar e do peso argentino. Gastón, por sua vez, destaca ainda mais a importância do turismo como fonte geradora do estereótipo que ele reconhece “dos argentinos”, explicando que as características negativas que lhes são atribuídas acabam sendo próprias de todos os turistas:

“G – si tienen el estereotipo de que gente, mucha gente que yo conozco, gente que trabaja con posadas con hoteles, que los argentinos son muy ... son muy sucios M – ¿en serio? G – el argumento que yo uso es ... es que ¡no son los argentinos que son sucios! ¡son los turistas! ¡todo turista va a ser una persona incómoda para la persona que lo está recibiendo!!. Vos estas yendo para un lugar ¡donde nadie te conoce, te vas a quedar allá dos semanas y vas a poder hacer lo que querés! ¡¡Obvio que vas a incomodar a las otras personas, vas a hacer barullo, vas a hacer suciera, vas a joder!! ¿entendés?. M – sí, entiendo. Y te parece... que los argentinos ¿los argentinos... tienen algún preconceito con los brasileros? G – no... me parece que no M –es algo que estaría más fuerte en los brasileros que en los argentinos G – ¡é... si! si... M – ¿y eso por qué será? ¿será tal vez por el turismo? G – imagino que si... imagino que si...y porque los brasileros son muy... son muy cerrados para ideas nuevas, especialmente en Florianópolis es mi opinión” (Gastón, 18 años).

Um aspecto importante é que para Gastón há uma representação social estereotipada “do argentino”, produzida principalmente pelo turismo; mas ele não reconhece uma reciprocidade, ou seja, segundo ele, “os argentinos” não manifestam ideias da mesma natureza ou da mesma força sobre “os brasileiros”. Este caso talvez seja mais sensível ao turismo, já que se trata de uma pessoa que morou a vida inteira em Balneário Canasvieiras, tem trabalhado sempre nas temporadas em atividades relacionadas ao turismo, e seus pais também são argentinos que trabalham em atividades turísticas.

Um caso interessante que deixou ver uma nuance diferente nas interações entre argentinos e brasileiros foi o de Fábio, que frente à pergunta sobre momentos difíceis que passaram no Brasil, mencionou o Campeonato mundial de futebol:

“Fábio... ¿cuál fue el momento más difícil que les tocó vivir a ustedes acá en Brasil? F - ¡el mundial del año pasado! ¿Por qué? F – porque ya llegaba a ser una xenofobia que ¡querías matar a todo el mundo! M – pero en serio ¿por qué? F – hem... simple, que alguien te hinche una vez, está bien, dos veces, está bien... ya no te lo aguantas ... ¡¡que te jodan, te dejan loco, me dejaban loco!! Gente que te digo... ibas a comprar algo, no se podía estar, la gente te gritaba cosas por la calle, te insultaban, te decían cosas o te comparaban con Maradona, los medios no saben tratar a la rivalidad los brasileiros en ese sentido ¡son horribles! Tienen una incitación a la violencia o sea nuestros enemigos eran... no eran nuestros rivales M - ¿a vos te parece que para nosotros esa rivalidad no es tan... F – no... me parece que no M - ¿y ahí fue que te hicieron acordar qué eras extranjero? F – no mira, no me digas, era terrible... cualquier cosa terminaba en eso ¡era un sufrimiento! [...]M – y eso ¿te parece que lo tienen con los argentinos o con cualquier extranjero o gringo digamos? F - ¡con los argentinos! Y ese fue el momento más difícil, terminó el mundial y se pasó ¡sí! ¡era feo, era triste! Esas cosas te abatían, te daban bronca... pero sobre todo tristeza” (Fábio, 27 anos).

Fábio identificou um momento em especial – o Campeonato Mundial de futebol – como um divisor de águas na sua experiência de morador de Balneário Canasvieiras. Ele foi bastante enfático na hora de explicar diferentes tipos de interações cotidianas ao longo da temporada do Mundial, que fizeram com que ele se sentisse por momentos, até discriminado. Na sua percepção, a singularidade da Copa do Mundo fez com que determinadas diferenças aparecessem em termos de nacionalidade. Noções como violência, tristeza e rivalidade aparecem repetidamente nas suas expressões, ligando a emergência destas diferenças e oposições ao futebol.

Nos casos restantes apareceram dois elementos que merecem ser destacados. Trata-se de determinadas situações que fizeram com que alguns entrevistados que se consideram altamente integrados sentissem, sob a pressão da situação, que eles nunca deixaram de ser estrangeiros:

“M - ¿cómo juega el hecho de ser argentino en eso? D – hem...Es que yo ya... ya quebré el paradigma ya rompí... supere esa barrera que nos yo ya rompí esa barrera pero... ser argentino...¡es jodido! Ser

argentino... como diría ser extranjero es jodido, ser argentino es ser extranjero con agravante (risas) D - ¡¡es la verdad!! Ser argentino es jodido... ¡siempre sos el gringo! Ya me ha pasado “¡jhaaa gringo de mierda!!” ¿entendés? Porque para ellos... es ... M -¿pero es ser gringo o es ser argentino? D - ¡¡ser gringo es ser argentino!! No hay nadie que sea gringo... el gringo sólo es argentino, acá vos no sos gringo porque sos americano. La mayoría es... acá el americano es americano, el uruguayo es uruguayo ... el argentino es gringo, que es despectivo... que es diferente entonces yo ya... me parece que yo pasé por eso. Igualmente yo creo ... que eso está latente. Tipo así... si yo meto la pata tres o cuatro veces... M - ¿lo van a resaltar? D - ¡soy el gringo de mierda! Lo cual... ¡es lo que más me duele de todo esto acá! Porque yo... yo... yo cada vez que vuelvo a Argentina siento que vuelvo al cielo, siento ¡me siento bien!” (Dario, 38 anos).

A entrevista de Dario ganha valor considerando que ele é uma pessoa que define a sua identidade a partir da sua pertença ao bairro⁵¹, ele acredita ser reconhecido pelas pessoas e reconhece um grande valor nisto. Aliás, ele participa do bloco de Balneário Canasvieiras e de diversas atividades sociais relacionadas ao espaço do bairro. Um aspecto que deve ser adicionado é que ele é o único argentino naturalizado brasileiro, a sua esposa morou a vida inteira em Balneário Canasvieiras, e Dario tem trabalhado sempre ali, até ter estabelecido seu escritório contábil. Por isso é considerado como um dos casos que manifesta se sentir altamente integrado.

Tamara também fez referência a essa diferença que emerge em momentos determinados e específicos, mas que pela sua explicação, acaba mantendo-se latente:

“T - yo tuve un problema muy serio con una persona, que fue muy grave En un momento me sentí... cuando el problema acontece, me sentí muy

⁵¹ “D – así, cuando la gente se enteró. Porque es así, yo vivo acá hace mucho tiempo, unos trece o catorce años ya, en poco tiempo van a ser quince. Qué pasa? Siempre con mi hija en la calle, de la mano, paseándola, la llevaba en el triciclito, después caminando y después en bicicleta. Siempre con mi hija para todos lados, yo me he dado cuenta de eso ahora que... hem... todo ese tiempo he sido parte del barrio y yo no sabía. Yo pensaba que siempre iba a ser visto como el de afuera pero me he dado cuenta de Abril para acá... que la gente me conoce. No solo que yo soy el padre de Daniela, como yo pensaba, como yo creía que todas las personas pensaban. Pero y ... ¡no! Y la gente ha venido confiando en mi como persona sin saber si yo estaba apto como contador” (Dario, 38 anos).

sola ¡me sentí muy argentina! Por la poca protección que tenía... ¿Qué me pasaba a mí siempre acá? Y en ese momento fue un poco demostrada la situación ¡nunca dejaba de ser argentina para... ¡todo! Siempre quedaba a un lado, si tenías algún problema, si tenías que hacer una denuncia policial, y la persona que estaba del otro lado era brasilera tenía muchas más chances de zafar... a pesar de estar comprobado el problema ¡y me pasó muchas veces eso! M - ¿o sea que a eso lo sentiste en las instituciones mismas? T - ¡sí, sí, tal cual! M - ¿y eso en algún momento se va? ¿dejás de ser argentina? T - (breve silencio) no... M - ¿seguís siendo gringa digamos? T - ¡sigo siendo gringa! M - entiendo, pero ¿gringo es el argentino o gringo son todos? T - ¡no, ellos tiene problemas con el argentino! M - ¿sí? T - sí, sí. Es muy marcada M - Digo ¿el brasilero tiene preconceito con el argentino? T - ¡sí! M - ¿el argentino tiene un preconceito con el brasilero? T - me parece que no... no en la medida en que el brasilero lo tiene con el argentino. M - ¿y cómo interviene eso en las relaciones? T - (risas) ¡de mala manera! M - ¡qué directa! (risas) pero... si hace mucho tiempo que tenés esa relación, digo años de amistad ¿ese preconceito desaparece? ¿en algún momento las personas se olvidan que sos argentina? T - mira... todo depende” (Tamara, 56 años).

Tamara, coincidiendo com Gastón, también indica uma diferença na intensidade de estereótipos, sendo na opinião dela, os estereótipos “dos argentinos” mais fortes que os “dos brasileiros”. O mais importante deste fragmento é destacar o que significa ser estrangeira para Tamara. Ela explica que a condição de “argentina”, de “gringa”, foi sentida especialmente a partir da ausência das instituições em um momento problemático⁵²; esta distância institucional se traduz em situações vantajosas para pessoas brasileiras frente aos argentinos. De maneira conjunta, na explanação de Tamara, igual ao caso de Dario, esta situação de “gringo”, parece também estar constantemente latente, a pessoa nunca deixa de ser estrangeiro, independentemente da quantidade de tempo de residência ou da sua integração. Isto é tão evidente que em determinadas situações esta identidade diferencial, na percepção dos entrevistados, aflora condicionando as relações que se estabelecem entre eles e “os brasileiros”.

⁵² “T - Mañana estás en la esquina y tenés un problema con un brasilero, llega el policía militar ¡la prioridad no sos vos! La prioridad es el brasilero, siempre ¿correcto? Si el otro dice, independientemente de lo que haya sucedido, si el otro dice, está equivocado, te pegó vos sos mujer, te rompió la cara, estas sangrando ... la prioridad es el brasilero” (Tamara, 56 Anos).

Até aqui é possível resumir algumas questões em relação à formação e presença de estereótipos. Em primeiro lugar se conseguiu reconhecer que existe um estereótipo por parte dos entrevistados sobre “o brasileiro”, especialmente ligado à política e o comprometimento com questões de natureza social e política. No entanto, este estereótipo que os entrevistados expressam e mobilizam na hora de explicar as relações sociais se caracteriza também pela noção de falta de comprometimento a um nível micro ou cotidiano: amizade, relacionamentos íntimos, trabalho. Por outro lado, estes entrevistados também exibem um conhecimento sobre estereótipos “do argentino”, que nas suas percepções são mobilizados pelos “brasileiros”. Além disso, eles são capazes de explicar origens históricas determinadas (turismo), características culturais (como a arrogância) e também práticas e momentos específicos nos quais estes estereótipos ganham importância (como é o caso do Campeonato Mundial de futebol).

Sobre as relações sociais

Em alguns momentos foi possível reconhecer de que maneira, nas interpretações destes sujeitos, os estereótipos intervêm nas relações sociais, mas seria preciso detalhar um pouco melhor este tópico, especialmente porque as possíveis distâncias ou discordâncias entre “brasileiros” e “argentinos” podem derivar-se de características específicas do espaço de Balneário Canasvieiras. Em outras palavras, trata-se de uma conjunção de fatores que confluem na singularidade do caso, que permitiu escolhê-lo como especial. Em parte existem os fatores mencionados anteriormente como causas e consequências da mobilização de estereótipos “do argentino”, mas também existem algumas características percebidas pelos entrevistados que correspondem a Balneário Canasvieiras e à população dali. Portanto, se deve agora destacar estes dois aspectos: as relações sociais orientadas por preferências a argentinos ou brasileiros, sendo sensíveis à influência dos estereótipos, e possíveis características peculiares do espaço de Balneário Canasvieiras.

Neste sentido, Mónica destaca aspectos importantes sobre as relações sociais entre os argentinos, definindo-as a partir de dois aspectos centrais: trabalho e afinidades culturais, como é possível observar em seguida:

“E - no sé, como que me siento en casa. Creo que los argentinos están más predispuestos porque, también cada uno debe haber pasado su

historia y demás. E - ¿es una cuestión de afinidad cultural? M - si... ojo que yo vivo con dos brasileiros. Pero si bueno, creo que se dio la afinidad porque al principio éramos todos argentinos. Pero bueno, más allá de eso, creo que es bueno tener personas, tener una compañía para sobrellevar por ahí la lejanía. M - pero esa gente que vos me decís no son todos argentinos... E - no, no, no... gente que se me fue cruzando en la vida y me hice amiga y pegamos buena onda, pero no es necesariamente argentino. M - y quería preguntarte, cómo funciona el tema del trabajo y las temporadas en Canasvieiras... por ahí... ¿son predispuestas a ayudar? E - si... si E - ¡¡sin duda!! De hecho hay un grupo que se llama Argentinos en Floripa creo, que a veces se juntan, así... hacen reuniones, para no se... fechas típicas, cumpleaños. De repente se pide "necesito un chapista para el auto" y de repente hay otro argentino Que es chapista. O ese tipo de cosas, o cuentan su historia, de cómo se vinieron, de cómo les costó. Es como que ... como que está esa afinidad cultural E - si.... Si claro que funciona así ¡¡de una totalmente!! O al menos hacer un contacto para el trabajo y demás. Si ¡¡tratar de dar una mano siempre, siempre!!" (Mónica, 24 años).

Esta entrevistada foi a primeira que destacou determinadas características nas relações entre argentinos e brasileiros em Canasvieiras. Existe uma realidade laboral dos argentinos que ela conhece, como se demonstrou na etapa quantitativa anterior, que se encontra intimamente relacionada ao turismo. Muito mais que isso, grande parte das relações sociais procura satisfazer necessidades laborais, sendo que um argentino acaba contatando outro argentino para trabalhar, ou seja, funcionam dando preferência de contratar a conhecidos ou recomendados. A entrevistada explica isto como relações nascidas parcialmente de afinidades culturais que, ainda que não sejam exclusivas, têm um papel importante na hora de buscar trabalho, contatar pessoas, e, sobretudo de se ajudar mutuamente.

Isto não é menor, já que o trabalho resulta em um elemento que estrutura os tempos de atividades forjando uma dependência das épocas turísticas que faz com que a temporada baixa seja um momento de solidão, necessidade de companhia e ajuda. Isto não só foi comentado por Mónica, como também por Tamara, como é possível observar:

"E - Como que nos hicimos el súper aguante en el invierno porque fue difícil, porque por ahí algunos no estaban trabajando, porque el salario es lo mínimo, porque hace frío, por un montón de cosas. M - uhum... y esto que vos me decías de pasar el invierno, que de alguna manera hay que aguantarse, que se yo... hay gente sin laburo ¿Cómo es? ¿Cómo que son un grupo que se acompañan un poco más? E - si, si... a ver. O

sea desde el principio conozco bastante personas y siempre estamos, como que dándonos una mano, o sea... siempre M – y ¿qué es... qué es lo que hacen? E - que se yo, ya el hecho de tener una compañía, de juntarte, de estar, de convivir, de bajar a tomar un mate a la playa, creo que eso ya es un alivio al no estar solo” (Mónica, 24 años).

“M –¿uno se pone triste? T – el argentino se aísla M - ¿de los otros argentinos? T - ¡de todos! M - ¿incluso aquellas personas que dicen que ya se han integrado? T - ¡haa no mentira! En invierno se cagan de angustia todos. Se cangan de angustia, no saben qué hacer, quieren conversar con otra persona y tomar mate, que saben que les va a dar un poco de afecto verdadero” (Tamara, 56 años).

Estas observações sobre os “tempos” do ano, que marcam o ritmo das atividades e do trabalho é consequência direta da influência do turismo como atividade econômica do bairro de Balneário Canasvieiras, mas também indica a dependência dos argentinos em termos laborais desse tipo de atividade. Esta influência é percebida também por entrevistados que não se encontram inseridos neste tipo de atividade econômica, como é o caso de Fábio:

“F - ¡si! si encima... Canasvieiras es particular, a ver cómo te digo... no sé, en Canasvieiras hay un ritmo, tiene un ritmo. Los argentinos que están allá son muy... para no decir busca (se sonríe), están muy activamente todo el tiempo trabajando, viendo qué pueden hacer y parece que... ¡como que te quieren cagar todo el tiempo! F – no se... o a veces parece... que son unos malandras Como que todos están trabajando del turismo, siempre buscando, haciendo... y no está mal. O sea ¡trabajan del turismo! Y a mí me resulta muy difícil, ellos están en otro ritmo, hablan de otras cosas, que para mí no... o sea, cuanto hacen acá, cuanto sacan allá M – como que siempre están a la expectativa F – sí, o sea... ellos tiene su... como que tienen su grupo ahí, que juego al futbol de vez en cuando, pero se hablan mucho de esas cosa que... tiene eso... o sea entonces la gente que conozco allá no... no es muy amiga (risas) por otro lado venís acá (UFSC) y acá tengo un montonazo de amigos brasileiros. Pero bueno este... me parece que es un contexto que lleva a la gente a ser así. Pero allá ¡vienen soldados de batalla! por lo menos en Canasvieiras los brasileiros que viven ahí son la misma cosa ,en el futbol nosotros lo vemos a eso y es lo mismo ¡incluso no te das cuenta! Además algunos muchachos hablan español, otros hablan portugués. Ta todo muy ahí viste. Hay muchísimos brasileiros viviendo ahí de la misma forma en Canasvieiras y que viven del turismo ¿me entendés?” (Fábio, 27 años).

Os comentários de Fábio ajudam a compreender as maneiras nas quais as relações entre “argentinos”, no espaço de Balneário Canavieiras, encontram-se condicionadas pela atividade turística, fazendo com que aqueles que não compartilham essa atividade se sintam distanciados. Como bem explica o entrevistado, a influência não se restringe somente às atividades, como também produz atitudes específicas na hora de procurar emprego. Fábio também reconhece o influxo na estruturação dos “tempos” do ano (como ele explica, por momentos seu prédio e o bairro ficam desertos). De qualquer maneira, o entrevistado estabelece as diferenças entre ele e “os argentinos” e “os brasileiros” que se dedicam à mesma atividade econômica.

Dario adiciona alguns elementos para compreender melhor como é que as relações entre argentinos são constituídas. Em sua opinião não existe uma integração forte entre eles:

“D –pero... yo creo que el relacionamiento de los extranjeros entre sí es complicado. Yo una vez hable con el Padre José que es... es de la pastoral del migrante bueno y él me decía... que los grupos se juntan. Y la comunidad de los argentinos ¡¡no los puedes juntar con nadie!! Y yo conozco... yo por ejemplo Gastón, yo lo conozco desde que yo vine y Andábamos por mundos diferentes, no había ¡¡no hay una integración!! No hay...hay una... ¡no sé si se lo puede llamar maldad! Pero hay una especie de ... viste... tipo “este es un garca, este es un grasa”. Yo tenía un grupo, nos llevábamos bien y el resto era como que... como que no quería, que no querían integrarse, como que.... Había una... M ¿será que hay gente que quiere alejarse un poco, como que no quiere ser identificado como argentino? D - ¡¡Exactamente!! Me parece que hay una vergüenza de ser argentino, me parece que viene más por ahí. M - ¿y eso sera producto de la autocrítica o por el hecho de que los otros te ven así? D - ¡¡noooo cero autocrítica!! No, es por causa de los brasileros”. (Dario, 38 anos).

Este entrevistado explica que existem pessoas que ele conhece há muito tempo e que, ainda assim, não existe uma integração com eles, além de determinados momentos e a partir de necessidades pontuais. Isto pode ser entendido em concordância com o exposto por Mônica, que se gera proximidade entre argentinos a partir de necessidades econômicas, de trabalho e naqueles momentos difíceis do inverno e de pouca atividade. Mas fora destes aspectos, parece difícil encontrar outros focos geradores de relações sociais, já que como bem explicam Tamara e Dário, estes argentinos não têm desenvolvido uma integração plena.

Embora pareça paradoxal ao mencionado até aqui - essa falta de integração profunda entre “os argentinos”, que não vai além do âmbito laboral ou momentos específicos – existe uma tendência clara de constituir amizades e relações próximas entre argentinos, em detrimento de fazê-lo com brasileiros.

“M – y ... ¿fue difícil adaptarse acá, construir una vida? ¿hacer nuevos amigos? V – no, para mí no. Hem... no me hice de muchos amigos, pero los que me hice fueron lindas amistades. Muchas se fueron, porque acá también hay mucha gente de afuera y a veces se van a otro lugar, a otro país M – uhum ¿personas argentinas o personas brasileñas? V – hem... argentinas, brasileñas M - ¿hubo una mayor tendencia a acercarse a las personas argentinas que ya vivían acá? V – y mirá... nosotros nos damos cuenta ahora con el tiempo de que sí de que... bueno así, cuando recién llegamos queríamos hacernos amigos brasileños, no solo argentinos. Y nosotros decíamos “pero no, si nos vinimos a vivir acá porque nos gusta la mentalidad brasileña, porque nos gusta el Brasil ¿cómo nos vamos a encerrar sólo en los argentinos? Pero al final la vida te va llevando que uno por afinidades, por un pasado en común y por cosas así uno se va amuchando con la gente. Y ahora que nos ponemos a pensar tenemos más amigos argentinos que brasileños. Si bien tenemos muy buenos amigos brasileños, que siempre decimos “¿que no tiene nada que ver de dónde sean las personas, que así contando con la mano tenemos más amigos argentinos que brasileños” (Valeria, 42 años).

Mas isto é aparentemente paradoxal, já que não se trata de fenômenos excludentes e sim, complementares. É possível compreender que, como expressa Valeria – Mónica e Andrés - se constituem amizades entre argentinos, especialmente no começo da etapa de estabelecimento no bairro de Balneário Canasvieiras. Estas relações respondem a determinadas necessidades dos argentinos, seja em termos de emprego ou trabalho, necessidades de companhia e apoio ao longo das temporadas baixas. Esta afinidade a partir da atividade econômica é expressamente reconhecida por Fábio, não só no caso dos argentinos como também por parte dos brasileiros. E é a razão que explica a distância que ele sente das pessoas que se dedicam ao turismo, até o ponto de sentir que o ritmo de vida, práticas e atitudes delas se encontram afastadas daquilo que ele reconhece como próprio. Ou seja, as relações geradas no espectro econômico e social condicionado pelo turismo, acabam se fortalecendo e se atualizando a partir dele, o que

acaba definindo-o como principal atividade econômica e social do espaço geográfico e social recortado.

De maneira paralela, como bem destacam Tamara e Dario, trata-se de tipos de relações que não conseguem produzir uma integração profunda, que não vão além dos motivos que as geram, o que pode tentar ser explicado por diversas perspectivas. Por um lado, e como mencionam alguns dos entrevistados, existe uma atitude por parte das pessoas nativas de Florianópolis frente ao grande fluxo migratório de brasileiros, inclusive, de outros pontos do Brasil⁵³. Por outro lado, em sintonia com as manifestações dos entrevistados, trata-se de limitações inerentes aos vínculos estabelecidos, que se correspondem ao fato de que estas relações sociais são geradas e mantidas por elementos circunstanciais. Como explica Andrés:

“A – mirá... acá vos te juntas con la gente de la siguiente manera. Vos con determinada gente te saludás, compartís un café, porque hablás el mismo idioma, le hablas de River, le hablas de Boca, le hablas de tango. En fin... conoce un sinfín de códigos que por ahí con un gaúcho no los terminas de compartir, si bien la cultura es bien parecida, no los termina de conocer. Ta bien. Ahora si vos vivieras en Buenos Aires, o en cualquier otro lugar, y esa persona se te cruza... ¡¡no le darías ni el cinco de pelotas!! Porque son totalmente opuestos”. (Andrés, 33 años)

O fragmento citado acima transmite a ideia de que os fundamentos dos vínculos que se estabelecem entre “os argentinos” de Canasvieiras respondem a afinidades culturais básicas entre eles, como é o futebol, a música e, especialmente, a língua. Mas que não se trata de vínculos profundos, já que não se fundamentam em afinidades pessoais

⁵³ A - Porque el problema que hay por lo menos acá, en la isla, es que los brasileiros que vienen acá también son extranjeros, entre comillas M - ¿para los que son de la isla? A - ¡claro! No hay gente nativa, nativa. Es todo gente de afuera, que tiene una cultura completamente diferente. Hay mucha gente de Porto Alegre. La gente de Porto Alegre, el gaúcho, tiene una cultura muy parecida en algunas cosas con la cultura argentina. En la manera de sentir, en la música que escucha, en la comida... es bien más parecido que con respecto a un paulista ¡ni hablar de un bahiano! Sin embargo el gaúcho se siente tan o más brasileiro que el bahiano Uno es argentino, el otro brasileiro entonces ¡la frontera es política! M – pero entonces de esa manera, según lo que vos decís parecería que un gaúcho es tan gringo como un argentino acá A – y ... uno habla en español y el otro en portugués, pero sí... es más ¡se ríen del gaúcho! Dicen que... dicen que es un gringo que habla portugués (Andrés, 33 años).

que vão além da *condição de estrangeiro*. Como explica Andrés, se tratam de códigos, de elementos que são compartilhados pela bagagem cultural que todo argentino poderia ter, mas que não derivam, promovem ou alimentam laços de outro tipo entre estes estrangeiros.

Sobre a interação dos estereótipos e as relações sociais.

Para esclarecer os resultados conseguidos até aqui é necessário começar definindo a importância do turismo como fonte geradora de estereótipos, relações sociais e princípio organizador da vida e das atividades. Este aspecto, já destacado anteriormente, tem sido afirmado por outras pesquisas que ajudaram a pensar a presente investigação. Considerando estas questões, é inegável a importância desta atividade econômica, mas é preciso avançar em relação a determinados resultados.

As maneiras nas quais os diversos estereótipos sobre “argentinos” e “brasileiros” são derivados ou produzidos, foi um tema amplamente trabalhado por Schmeil na sua pesquisa *Alquila-se una isla* (1994, 2002), direcionando especial atenção a Canasvieiras como espaço turístico. Em uma extensa análise a autora aprofunda em categorias, nomeações, diferenças, semelhanças e diversos matizes nas interações promovidas pela atividade turística. Nesta análise aparecem elementos em comum com as entrevistas realizadas aqui: diferenças de gênero, a importância do nível educativo dos argentinos, e especialmente, a característica cultura da arrogância. Um aspecto que ajuda a explicar a percepção negativa do turismo argentino, é que devido a sua grande participação no total dos turistas, são diretamente identificados com os problemas que derivam necessariamente das condições de infraestrutura e organização dos espaços turísticos de Florianópolis, especialmente de Canasvieiras⁵⁴. Segundo a autora da pesquisa “[...] a população detesta o argentino, ou gringo, como são chamados, em função dos problemas que trazem ou causam para a cidade: [...] a sujeira, por atitudes agressivas

⁵⁴ “O turismo, na alta temporada, tem se expressado de uma forma visivelmente desorganizada, ou não planejada; o que transforma a vida da população local num verdadeiro caos. A infraestrutura existente não é adequada para o atendimento da população que na cidade desembarca [...] enquanto os habitantes da cidade não possuem clareza de que deveríamos ter mais benefícios que prejuízos com o turismo [...] os maiores atacados serão os turistas, mas diretamente os “gringos” como pejorativamente são conhecidos os turistas argentinos em Florianópolis” (SCHMEIL, 1994 Apud BURGOS, 2009 p. 111).

[...] até desrespeitosas” (SCHMEIL, 1994, p. 105-106) Mas o limite de explicação dessa pesquisa é que se trata somente de argentinos que vieram a tirar férias no espaço de Canasvieiras.

Considerações semelhantes realizadas por Burgos (2009), ou Fridman e Iório (2010) destacam os efeitos da grande influência do turismo argentino nos espaços de Florianópolis, e a singularidade de alguns espaços, entre eles Balneário Canasvieiras, que são preferências “dos argentinos”. Mas estas referências também apresentam os mesmos limites, somente trabalham sobre pessoas que vieram tirar férias. O que gera uma grande necessidade de compreender o que acontece com aqueles argentinos que residem no mesmo espaço que é “invadido” por outros argentinos. Existem razões específicas que favorecem a contratação de argentinos e seus empreendimentos econômicos na área do turismo, especialmente a língua, a ambientação de música, comidas, e o apelo a simbologias culturais que podem gerar uma empatia por parte do cliente argentino. Considerando esta inserção econômica, é preciso compreender que estes argentinos fazem parte do bairro, estão estabelecidos ali, junto com suas famílias. Como explica Harguindeguy (2007) no caso de Armação dos Búzios “[...] pode-se afirmar que os argentinos, que agora fazem parte da imagem/paisagem do município *contribuíram para o seu crescimento e desenvolvimento como cidadãos, embora nem sempre se sintam como tais*” (HARGUINDEGUY, 2007, p. 86, grifo nosso).

O turismo é, sem dúvida, a principal atividade econômica da maior parte dos argentinos que participaram do questionário, e também dos entrevistados⁵⁵. Sendo assim, ele influencia e condiciona um conjunto de aspectos vitais para estes argentinos:

- 1) Modifica o espaço público, provocando um grande fluxo de turistas argentinos, gera problemas de trânsito e congestionamento pela quantidade de pessoas (SCHMEIL, 1994, apud BURGOS 2009), o espanhol ganha espaço e preponderância frente ao português em publicidades, cartazes, cardápios, etc.
- 2) Estrutura em grande parte os “tempos” de trabalho e atividades dos argentinos que têm empregos ou atividades relacionados, produz

⁵⁵ Somente dois deles não dependem economicamente das atividades turísticas. Fábio, que é um estudante com bolsa do programa de Pós-graduação em Engenharia Mecânica da UFSC e Valeria que é Designer gráfico. De qualquer maneira, Valeria reconhece as influências econômicas na sua atividade graças ao turismo, que lhes fornece contratos, encomendas e pedidos de hotéis e pousadas.

um grande benefício e oportunidades em temporadas altas de turismo, e salários reduzidos e “momentos tristes” em temporadas baixas.

3) Relacionado ao ponto anterior, o aumento ou detrimento de atividades econômicas segundo as temporadas turísticas atualizam de diferentes maneiras os laços estabelecidos entre os argentinos ligados a esta atividade. Nos chamados “momentos difíceis ou tristes” alguns argentinos se encontram, se acompanham e ajudam. Em momentos de muita atividade econômica eles se procuram, se indicam para dar prioridade à contratação de outro argentino.

4) É a fonte geradora de conhecimento prévio do espaço geográfico que salientou a decisão de migrar, em contraposição a dinâmicas mais tradicionais como as familiares ou econômicas. Todos os entrevistados tinham vindo pelo menos uma vez a Balneário Canasvieiras e, em alguns dos casos, permitiu o estabelecimento de relações sociais prévias que lhes permitiram conseguir emprego posteriormente.

Ainda será necessário compreender como são mobilizados os estereótipos que foram possíveis reconhecer e as maneiras nas quais eles podem influenciar, ou não, as relações entre argentinos e brasileiros. Conjuntamente deverão identificar-se algumas características dos vínculos que se tecem entre os entrevistados, assim como a percepção que eles têm das relações entre os argentinos que fazem parte do seu universo representacional. É preciso detalhar que, embora considerando o efeito do turismo argentino, a sua transcendência histórica e sua importância, Florianópolis também se apresenta como uma singularidade no que diz respeito aos fluxos migratórios que recebe de outras partes do Brasil. Isto foi destacado pelos entrevistados como um aspecto importante, onde pessoas provenientes de São Paulo e gaúchos são, por vezes, percebidos como estranhos⁵⁶. Como destaca Burgos

⁵⁶ É possível aqui citar o caso do CTG (Centro de Tradições Gaúchas) fundado em Novembro do ano 2000, no bairro de Balneário Canasvieiras, que gerou uma série de atitudes reacionárias por parte dos “nativos” de Canasvieiras e Florianópolis, que se traduziu em parte em uma série de debates no jornal A Notícia. Teve lugar uma contínua publicação de opiniões que rejeitavam não só ao gaúcho “de chapéu e bota” senão a todos aqueles que tinham costumes culturais diferentes aos autodefinidos manezinhos. Foi evocado um passado em comum, hábitos alimentares, preferências musicais, entre outros. Esta onda de reações culminou na definição binária entre açorianos e gaúchos (LARENTES DA SILVA, 2003, p. 211-223).

(2009) “[...] no espaço florianopolitano, as identidades nacionais tendem a se sobrepor a outras fontes mais particularistas de identificação cultural” (BURGOS, 2009, p. 106).

Talvez uma boa maneira de sintetizar como o estereótipo “do argentino” é mobilizado é o uso da palavra “gringo”, como termo pejorativo para se referir ao estrangeiro. Todos os entrevistados utilizam a palavra, reconhecem a sua conotação pejorativa que vai além do fato de ser estrangeiro; ela expressa de alguma maneira aquele que é reconhecidamente diferente “dos brasileiros”. Este significado que carrega o termo gringo é muito bem trabalhado por Schmeil (1994) em sua pesquisa, especialmente no caso de Balneário Canasvieiras, aonde o turismo argentino tem efeitos que explicam, na perspectiva da autora, as más relações entre argentinos e brasileiros.

Os resultados aqui obtidos vão além destes dados e conclusões, tratando-se de argentinos radicados e expostos às dificuldades e incomodidades provocadas pelos outros argentinos, pode-se observar que eles mesmos mobilizam o termo “gringo” para se referir a outros argentinos e, inclusive, a outros brasileiros que migraram para o espaço do bairro. Um aspecto que deve ser destacado é aquela sensação que Dario e Tamara expressaram como um estado latente que, perante uma situação de diferenças, tensão ou discordância entre eles e um brasileiro, emerge claramente. É interessante considerar que estes dois entrevistados são casos excepcionais, são os dois sujeitos que moram há mais tempo no Brasil (14 e 24 anos respectivamente). Dario é o único argentino naturalizado brasileiro, e é altamente participativo, participando de diversas atividades, como do bloco de carnaval. Tamara é a entrevistada que mora há mais tempo no Brasil e é uma pessoa que, igualmente a Dario, diz ter boas amizades e relações de trabalho no bairro. Parece então que estas diferenças entre brasileiros e argentinos passam eventualmente a segundo plano na cotidianidade e nas interações rotineiras do contexto do bairro. Mas o recurso a determinados elementos que atualizam e expressam as diferenças, como é o caso do termo “gringo”, acaba tendo um protagonismo maior, inclusive, em casos de pessoas altamente integradas.

A diferença da pesquisa de Schmeil (1994) centrada nos casos de argentinos que só ficam em Balneário Canasvieiras no período de férias, da presente pesquisa demonstrou que os argentinos radicados ali, que trabalham em atividades turísticas e que mantêm um contato com outros argentinos, reconhecem que existe um estereótipo “do argentino”. Conseguem explicar as razões históricas dele, os motivos pelos quais “os nativos” reagem de determinada maneira e concordam nos traços

culturais que são imputados a estes estereótipos. Entre os traços mencionadas encontram-se: a) a característica cultural da arrogância e soberba do argentino (LOPES; VASCONCELLOS, 2005, SCHMEIL, 1994 e 2002) e b) as atitudes arrogantes que prevaleceram especialmente nas épocas turísticas da paridade dólar e peso (SCHMEIL, 1994, p. 114).

Na perspectiva de Burgos (2009), os argentinos que residem em Florianópolis não só carregam essa identificação negativa gerada a partir do turismo argentino, como acabam gerando um fenômeno de solapamento das identidades nacionais perante os diversos contextos sociais. Com esta ideia a autora chega a uma conclusão semelhante à obtida por Lopes e Vasconcellos (2005), que explica de que maneira frente aos estereótipos negativos “dos argentinos” eles mesmos acabam por tentar se afastar de determinados aspectos culturais que definem as representações sociais mencionadas. Esta utilização deliberada e seletiva de determinados elementos, práticas e atitudes entendidas como “argentinas” foi demonstrada na seção anterior sobre identidade. A escolha reflexiva e com objetivos determinados indica que, neste aspecto, os resultados são concordantes. A adoção e reprodução de determinados traços culturais como fatores que definem a identidade pode derivar, como assinalaram Hall (2008), Elias e Scotson (2000) e Da Silva (2003), na constituição de grupos relativamente fechados ou comunidades étnicas. Estes desdobramentos encontram-se ausentes⁵⁷ no caso dos argentinos que participaram da presente pesquisa, assim como no caso dos professores radicados em Florianópolis na pesquisa de Burgos (2009).

É possível estabelecer então que não existe entre os argentinos que participaram da pesquisa em Balneário Canasvieiras uma tendência a formar grupos ou instituições como no caso de Balneário Camboriú. A

⁵⁷ Este dado contrasta diretamente com os resultados obtidos por Lopes e Vasconcellos (2005) já que no caso de Camboriú existem sim duas instituições grande importância: o Círculo Argentino e a Fundação República Argentina. É preciso destacar aqui que, nas eleições presidenciais do ano 2011, o Consulado Argentino em Florianópolis conseguiu constituir uma mesa eleitoral na cidade de Camboriú, sendo uma exceção ao regulamento estabelecido. Segundo dados extraoficiais, o Consulado requereu a ajuda do Círculo Argentino para organizar uma mesa eleitoral nessa cidade, devido à grande presença de argentinos ali radicados. Estas instituições funcionam como redes de sociabilidade que ajudam a conseguir moradia, emprego, ajuda financeira, consultoria sobre vistos, contatos familiares (LOPES; VASCONCELLOS, 2005, p. 16).

importância deste resultado deriva do fato de que estes grupos poderiam funcionar como fontes geradoras de sociabilidade, ajuda e auxílio. É possível reafirmar a contribuição de Hall (2008), que estabeleceu que a formulação de comunidades étnicas não deve ser pensada como um resultado mecânico da existência de imigrantes em um espaço nacional. Isto destaca os limites da lógica de constituição da identidade como “nós” e “eles”, como foi explicado por Tomaz Tadeu Da Silva (2003). Aparecem formas de distinção binária, que auxiliam na hora de “escolher” os elementos com os quais os entrevistados vão se identificar, e até estabelecem uma hierarquização e normalização de traços culturais expressados em juízos de valor e rejeições. O que se resumiu antecipadamente na definição da identidade pela negativa, aquilo que eles não querem ser. Mas a afirmação positiva da identidade não consegue gerar os laços e vínculos necessários para caminhar em direção a uma integração mais profunda entre “os argentinos”. Os tipos de atividades compartilhadas, as razões pelas quais eles se encontram e os motivos que os levam a entrar em contato não fornecem um solo fértil para a constituição de grupos consolidados como é o caso de Balneário Camboriú.

Neste horizonte deve destacar-se que existem maneiras locais que, em alguns dos casos, fazem com que os entrevistados se sintam integrados. As relações sociais que se tecem no espaço geográfico circunscrito do bairro, as amizades, os empregos compartilhados, fazem com que o pertencimento ao universo social do bairro ganhe importância. Nos casos de Dario, Gastón e Mónica, a importância das relações sociais com as pessoas do bairro, acompanhadas pela rotina e as interações cotidianas, é destacável. Por momentos aparecem como os principais vínculos que os seguram; além disso, aparecem como elementos que definem positivamente a sua identidade. Em outras palavras, eles são isso porque são reconhecidos, porque seus amigos moram ali, porque as pessoas os conhecem, porque eles merecem confiança na medida em que são conhecidos.

Isto deve ser destacado a partir da contribuição de três autores que assinalam a importância do espaço geográfico próximo e reduzido aonde se inserem as interações que se caracterizam dessa maneira: rotineiras, permanentes, reduzidas e locais. Primeiramente Granovetter (2007) no seu ensaio *The strength of weak ties* tenta chamar a atenção para este tipo de vínculos entre os indivíduos, justificando a sua riqueza analítica. Mas o principal aporte deste autor para esta pesquisa

é que esses laços que são pensados como fracos, porque são pessoais, reduzidos e intermitentes, acabam gerando uma integração mais forte ou com maior presença que os laços que são pensados em termos macro. Estes laços, às vezes, acabam sendo os únicos existentes; são estabelecidos a partir do conhecimento pessoal e seu alcance só consegue conectar até uma terceira ou quarta pessoa. Os laços definidos como fortes são aqueles gerados a partir de um conhecimento pessoal profundo, por uma quantidade generosa de tempo compartilhado e por uma intensidade emocional significativa (GRANOVETTER, 2007, p. 1361).

Esta definição de laço forte vai acompanhada por uma hipótese considerada pelo autor como plausível que estabelece que “[...] enquanto mais forte o laço entre dois indivíduos, mais semelhantes eles são” (GRANOVETTER, 2007, p. 1361-1362). “Aos laços fortes, como os definidos, e os laços macro – como poderia ser a identidade nacional” – (GRANOVETTER, 2007, p. 1377), contrapõem-se os laços fracos. Estes permitem por sua vez um conjunto de interações que, pela sua curta duração, pela falta de conhecimento profundo, contribuem em certo grau a uma integração social, já pela sua efemeridade, ficam isentas de estereótipos.

Em sintonia com isso, Elias e Scotson (2000) também insistem na importância de considerar as relações sociais numa escala comunitária, entendida por eles como os laços definidos pela proximidade entre as pessoas, no espaço geográfico reduzido e a cotidianidade⁵⁸. Eles permitiram compreender que, a partir das dinâmicas específicas das interações no espaço reduzido de Balneário Canasvieiras, é possível identificar lógicas de diferenciação identitária como a mencionada “nós” e “eles”. Mas também permitiram observar que esta diferenciação em grupos não avança em direção a uma constituição efetiva dos mesmos. Pelo contrário, os vínculos caracterizados por uma gestação “comunitária”, como eles a definem, são os cimentos de uma integração

⁵⁸ “O que importa é reconhecer que os tipos de interdependências, estruturas e funções encontrados nos grupos residenciais de famílias que constroem lares com um certo grau de permanência suscitam problemas próprios, e que o esclarecimento desses problemas é central para a compreensão do caráter específico da comunidade” (ELIAS; SCOTSON, 2000, p. 166).

significativa sentida por alguns dos entrevistados ao bairro. Em outras palavras, “[foram] as atividades sociais as que vincularam as pessoas juntas em relações íntimas, e as que também as ligaram a terra; as que deram à localidade sua identidade e lugar particular” (SORENSEN, 1997, p. 149) Assim como os autores mencionaram, os fatores responsáveis por isso são compartilhar o espaço, empregos semelhantes, experiências (como as temporadas baixas “tristes” da falta de turismo). O que marca a distância sentida pelo único entrevistado que se encontra afastado desta atividade econômica.

Este sentimento de pertencer ao bairro, e não a uma sociedade ou a um grupo, tem um grande valor já que permite compreender de que maneira estes entrevistados estão integrados a um espaço social. Sendo assim, eles contribuem à reprodução dos contextos e sociabilidades próprios desse espaço local. Como explica Appadurai (1996), a *localidade* é o espaço e o conceito que nos permite compreender a importância das relações sociais de escala reduzida, na reprodução de representações sociais e suas cargas valorativas. Isto pode ser observado em como os entrevistados reconhecem e manifestam valorações sobre o estereótipo “do argentino” e “do brasileiro”, o que às vezes colabora para manter distâncias ou preconceitos. Eles respondem ao influxo histórico de determinados eventos (o turismo argentino)⁵⁹ e, inseridos dentro dessas relações sociais definidas e caracterizadas, acabam fazendo parte do contexto social, da vizinhança (*neighborhoods*) e de uma dinâmica que, por sua vez, os define. É a *vizinhança* o que atribui valor a determinadas práticas, identidades e valores dos sujeitos que ali habitam, o que faz compreensível que alguns destes entrevistados se sintam identificados e próximos ao bairro e, paralelamente, longe e diferente das pessoas brasileiras que conhecem e ali moram.

Encerrando esta seção é possível formular o assunto que será abordado na próxima etapa. Desde a etapa anterior foi trazida a necessidade de saber se existiam estereótipos “dos argentinos” e “dos brasileiros”, e se eles interviam ou não nas relações sociais. Foi possível identificar que não só existem, como estão muito presentes nas interações e nos vínculos entre argentinos e brasileiros. Agora bem, constatou-se também que entre os argentinos não existem laços fortes que permitam a constituição de grupos ou comunidades que, por sua

⁵⁹ “Yet this dimensional aspect of locality cannot be separated from the actual settings in and through which social life is reproduced [...] the production of neighborhoods is always historically grounded and thus contextual” (APPADURAI, 1996, p. 182).

vez, forneceriam ajuda, auxílio, apoio etc. Estes argentinos encontram-se mais integrados ao espaço do bairro do que a grupos ou organizações. Em grande parte isto remete ao motivo de alguns argentinos manterem o estereótipo negativo “do argentino”, por outro lado também se deve às diferenças em relação às atividades econômicas definidas pelo turismo (como no caso de Fábio).

Na seção quantitativa se citou a Sorensen (1997) para trazer à tona uma contribuição que pode ajudar a refletir sobre este tema. Como se mencionou antecipadamente, a perspectiva desta autora é privilegiar a capacidade dos imigrantes de construir um sentimento de pertencimento ao lugar aonde eles tenham migrado, em detrimento da clássica conceitualização de nostalgia pela terra perdida. Os imigrantes são pensados, então, como sujeitos ativos capazes de gerar laços com o espaço e vínculos entre eles. Mas esta possível aproximação entre os imigrantes não se deve necessariamente ao fato de que eles provenham do mesmo país, é preciso que eles tenham compartilhado muito mais. É preciso a existência de um passado comum, de identidades definidas e lugares em comum⁶⁰.

Isto exige ir além dos resultados até então conseguidos. Primeiramente deve-se reconsiderar a contribuição de Burgos (2009), que estabelece que para definir ou compreender a identidade – especialmente de um imigrante – é necessário considerar muito mais que a nacionalidade. Pode-se pensar que a ausência de proximidade entre os argentinos que participaram na pesquisa de Balneário Canasvieiras derive do fato de que anteriormente, ou seja, antes de migrar, existiam laços fracos, em termos de identidade compartilhada ou sentido de pertença. Uma maneira de explicar a fraqueza desses vínculos preexistentes no país de origem é avaliar as imagens ou percepções que os entrevistados têm sobre a Argentina. Poderia se pensar que a identidade argentina sofreu um afrouxamento anterior à migração a partir da deterioração percebida do país em algumas dimensões. Em outros termos, se o sujeito avalia de maneira negativa a Argentina, e

⁶⁰ “[...] eles não sofreram um deslocamento como uma perda de sentido [...] eles não compartilham nenhum passado ou lugar de procedência. Devido ao fato deles terem vindo de diversos lugares, faz com que eles não compartilhem experiências [...] e por isto eles não podem facilmente transformar as suas experiências individuais em uma narrativa coletiva e estandardizada do passado” (SORENSEN, 1997, p 153, tradução nossa).

considerando o grau de escolha e uso reflexivo dos elementos identitários, ele pode escolher se afastar dessa identificação nacional. Ou seja, ele não vai querer se identificar com uma coisa que ele concebe de maneira negativa, como já foi observado previamente. Isso deve ser acompanhado por outro aspecto importante: o momento – e as possíveis causas – que levou ao sujeito a migrar. Estas podem ajudar a compreender essas percepções do país, e contribuir a identificar se existe, a partir disso, um afrouxamento da sua identidade em termos de nacionalidade.

4.1.3 Eixo 4: Imagens do país

A análise proposta nesta seção procura identificar as percepções que os entrevistados têm da Argentina como um caminho para compreender um possível afrouxamento das suas identidades nacionais. Por “imagem” procura-se definir e identificar a percepção que cada entrevistado tem e consegue expor sobre o país, condicionada pelo conhecimento do mesmo. Em sintonia com a análise das representações sociais:

Podemos supor que essas imagens são espécies de “sensações mentais”, de impressões que os objetos e as pessoas deixam [...] ao mesmo tempo, elas mantêm vivos os traços do passado, ocupam espaços de nossa memória para protegê-los contra a barafunda da mudança e reforçam o sentimento de continuidade do meio ambiente e das experiências individuais e coletivas. Pode-se, para esse efeito, revocá-las, reanimá-las no espírito, do mesmo modo que comemoramos um evento, evocamos uma paisagem ou contamos um encontro que teve lugar outrora. Elas efetuam sempre uma filtragem de informações possuídas ou recebidas pelo sujeito (MOSCOVICI, 1978, p. 45).

É uma definição que, por momentos, pode ser estática, detida no tempo como uma fotografia; e em alguns casos pode exibir um caráter dinâmico e histórico. Ou seja, pode remeter-se somente àquelas últimas impressões prévias à migração, ou de um momento determinado, assim como pode incorporar conhecimento de processos, mudanças ou

acontecimentos de períodos de tempo nos quais o entrevistado já não morava ali.

O momento no qual o entrevistado decidiu emigrar pode aparecer como um divisor de águas, por crise econômica ou política da Argentina, por situações de dificuldades pessoais, em relação ao emprego, família, etc. O interessante seria tentar identificar se existem articulações entre os registros individual e estrutural (no caso de situações que influenciaram a migração). Reconstruir as trajetórias biográficas dos entrevistados habilita a capacidade de reconhecer “momentos-chave”, que são momentos históricos significativos para os entrevistados. Estes momentos são vividos, percebidos e lembrados de uma maneira específica, eles estruturam as trajetórias e podem, ou não, se corresponder com momentos de conjuntura a nível macro ou geral do país. Em sintonia com isso, na sua pesquisa em Búzios, Harguindeguy (2007) estrutura os dados disponíveis sobre fluxos migratórios em momentos históricos que foram determinados mais por situações ruins na Argentina que por momentos benéficos e de crescimento econômico no Brasil⁶¹.

Grande parte da análise aqui realizada deriva dos resultados progressivos que foram obtidos na etapa precedente e são orientados nesta seção pela perspectiva da triangulação metodológica. Na análise quantitativa foi utilizado um conjunto de referências a modo de eixos (estabilidade, economia, educação, etc.) para comparar os dois países, utilizando as categorias de: “melhor que na Argentina”, “igual que na Argentina” e “pior que na Argentina”. Destes eixos de comparação só a educação apareceu como um aspecto positivo da Argentina, a segurança foi avaliada como igual e o resto dos aspectos como melhores no Brasil. Estas comparações são realizadas a partir do conhecimento que cada indivíduo carrega consigo da Argentina e também do contato que mantém com “a realidade” do país (consumo de mídia que o informem sobre o país). É possível também considerar que, em alguns casos, o último contato que se teve com o país foi no momento que se emigrou ou num passado afastado. Em outros casos, o contato com a Argentina pode ser até frequente, mas condicionado pela curta duração, o que

⁶¹ “Entre os anos 1989 – 1990 se apresenta o quarto fluxo migratório que ocorre durante o período da hiperinflação. Os problemas econômicos deste instável período, que levaram o país a situações limites de violência, pobreza e incertezas, também ocasionaram uma emigração considerável” (HARGUIDEGUY, 2007, p. 84).

permitira um conhecimento atualizado, mas reduzido “da realidade” do país.

Esta ligação com o país de origem pode ajudar a entender, como explica Woodward (2003), não só as tentativas de resolver fragmentações de identidade e laços sociais do presente, como também desenvolve um esforço a voltar num passado que, de maneira redundante, já passou. Como explicam Lopes e Vasconcellos (2005), em relação aos argentinos que querem voltar “[...] entram em contato com a quebra do ideal. O país do retorno não existe mais, o processo de volta implica novas construções” (LOPES; VASCONCELLOS, 2005, p. 19). Neste complexo processo de apelar e reconstruir um passado supostamente compartilhado, que é necessariamente parcial a partir da experiência de cada indivíduo, acaba abrindo-se o espaço para transformar e formular novas identidades (WOODWARD, 2003, p. 11). Esta evocação do passado encontra-se diretamente ligada com a identidade, como coloca a autora e como se tentará trabalhar nesta seção, utilizando as referências ao país como uma maneira de compreender as identificações. Woodward (2003) coloca apropriadamente esta questão:

Pode-se perguntar, primeiramente: existe uma verdade histórica única que possa ser recuperada? [...] ao afirmar uma determinada identidade, podemos buscar legitimá-la [ou rejeitá-la] por referência a um suposto e autêntico passado – possivelmente um passado glorioso, mas, de qualquer forma, um passado que parece “real” – que poderia validar a identidade que reivindicamos (WOODWARD, 2003, p. 25 - 27).

A pergunta sobre a Argentina procura então identificar e compreender as avaliações que os entrevistados fazem do país, o que pode esclarecer aspectos que são mais significativos para eles que outros. Mas também pode nos ajudar a pensar a força que têm determinadas identificações, o que na seção anterior tentou-se colocar como aspectos concebidos como bons ou ruins que são avaliados e escolhidos para se identificar.

Sobre a Argentina.

Identificou-se uma série de elementos que ganharam peso na medida em que apareceram com uma alta frequência nos relatos dos entrevistados. Tentar-se-á trabalhar com eles aqui, procurando destacar a importância que eles têm para os entrevistados. A primeira delas foi *a falta de estabilidade (econômica e/ou política)* característica da Argentina.

“¿ves muchas diferencias entre los dos países? E – hem... veo ciertas diferencias en lo que respecta (breve silencio)... ¡sí, veo diferencias! En realidad creo que por ahí... Brasil es como más estable tal vez, en ciertas cosas [...] Como lo de De la Rúa ¡¡naaa eso no tengo certeza de que no vuelva a pasar!! M - ¿hay cosas que vos pensás que nunca volverían a pasar en Argentina? E - ¡¡naaa yo creo que en Argentina todo puede volver a pasar!! Desde el cacero lazo, desde que un presidente... que un presidente se vaya volando en un helicóptero⁶²... ¡hasta que haya un golpe de Estado! Pienso que todo puede volver a pasar” (Mónica, 24 años).

“M - si la situación económica y política de Argentina sería diferente hem... ¿pensarías en volver allá? Pero el problema no es solamente la situación de Argentina, el problema es la situación acá. Y para mí la sensación de estabilidad es fundamental, acá hay una sensación de estabilidad muy fuerte y en Argentina siempre hay una sensación de inestabilidad. A cada siete u ocho años tenemos una crisis, a cada siete, ocho ... diez años, tenemos crisis. Y tenemos una crisis ¡donde se rompe todo! Y tenemos que comenzar desde el inicio, todo de vuelta o cuando se termina un gobierno y se abre otro, o sea quiero decir cuando termina un gobierno y comienza otro ... el país comienza de vuelta.” (Dario, 38 años).

“V - ¡sí! hem eso siempre. Yo no acompaño mucho las noticias, las cosas que pasan, pero él siempre entra a los diarios, todos los días, lee un poco El Clarín y La Nación. Y yo por lo que veo sí, siempre están habiendo cosas. Yo no sé si es porque nosotros no nos enteramos de lo que pasa acá ¡pero no es como allá! Yo también creo que allá es como que siempre hay un peligro inminente de que algo pase, como que hay una inestabilidad. Fijate vos que el tema de la inflación y de la gente y del dólar ¡hay como una psicosis colectiva!” (Valeria, 42 años).

⁶² A entrevistada faz referência à ocasião em que o presidente De la Rúa fugiu da Casa Rosada deixando vaga a sua posição como mandatário, no dia 20 de dezembro do ano 2001.

É possível observar a importância que este aspecto tem pelos fragmentos escolhidos destas entrevistas. Mónica, Dario e Valeria conseguem expressar a importância que a estabilidade tem para eles em várias ocasiões, destacando o contraste entre Argentina e ou Brasil. O fato de o Brasil ser mais estável fundamenta a decisão deles de ficar aqui, e de não pensar em voltar para Argentina. Outra faceta importante é que eles percebem esta instabilidade como inata e própria do país, eles não descrevem ou formulam os aspectos que a geram, nem que tipo de mudanças poderia fazer com que ela deixasse de ocorrer. De maneira conjunta, esta instabilidade se traduz na possibilidade de que qualquer tipo de acontecimento passado na história da Argentina possa se repetir sem nenhum tipo de esforço. Quando eles explicam isso, eles fazem referência às situações mais extremas da história política e institucional das últimas décadas do país: quando o presidente De la Rúa fugiu da Casa Rosada e o golpe militar.

Esta percepção de fragilidade da normalidade, que eventualmente pode se dissolver, em qualquer momento e sem aviso prévio, traduz a fraqueza das instituições que constituem e regulam a ordem social.

“F – sí, es que ese es el problema que tenemos todos los argentinos con nuestros gobiernos es como que... “o está bien o está mal digamos”. Que ese es el problema de cómo se fueron dando las cosas también, si vos opinas que hay algo bueno sos un oficialista, un peronista. Y si opinas que hay algo malo sos la oposición y muera la presidenta M - ¿tipo blanco y negro? Como que no hay un... F – exactamente. Y no hay una visión de “ha mira, esto está bueno. Si pero esto está mal”. Pero que eso... eso ... ¡a veces yo digo que ella misma lo está haciendo! [...]yo creo que allá ni siquiera sabemos cuál es la política de Argentina. allá está el peronismo clavado y cuando se quiere subir otro lo bajan enseguida, entonces en ese sentido me parece que la política argentina es el peronismo... te guste o no” (Fabio, 27 años).

“y no se qué... viste cuando hay una... no se... ¡¡una agresividad latente en Argentina!! Me da la sensación de que hay una agresividad constante, y esto pasa después que asumió esta gente⁶³... el nivel de confronto, de enfrentamiento “¡o vos sos mío o sos contra mí!”. Y eso pasa en la calle, pasa con las personas, no se... me parece, te digo por lo que yo veo. Yo escucho la radio, voy de vez en cuando y leo el diario ¡nada más! M – la última vez que fuiste ¿fue en abril? D – no ahora... hace quince días. Estuve ahora... ¡y es lo mismo! Y ojo mira que yo

⁶³ Refiriéndose al actual partido político en el gobierno: Frente para la Victoria, liderado por la facción kirchnerista.

hablo, hablo con los recepcionistas del hotel, hablo con la gente que presta servicios, a mí me cantan conversar y preguntar. Pero es muy raro lo que está pasando en Argentina. Por un lado hay gente que está bien, por otro lado... vos ves cómo es la gente del gobierno ¡la gente del gobierno es mala, es agresiva! M – si en eso yo concuerdo, es como que el nivel de conflictividad en el aire ha aumentado mucho”. (Dario, 38 años)

Fabio e Dario mencionam dois aspectos interessantes da esfera política a nível nacional da Argentina. Por um lado, o primeiro entrevistado chama a atenção à diferenciação binária entre as tendências políticas, aquilo que é chamado de posições de “preto e branco”, o que acaba derivando na sensação de um enfrentamento. Isto conflui com um dos resultados mencionados anteriormente sobre a instabilidade: a incapacidade de desenvolver planos ou projeções a nível nacional em longo prazo, condicionado pela alternância de governos com tendências sempre opostas. Dario, por sua vez, também destaca este enfrentamento necessário em termos políticos, mas no caso dele, o aspecto central é a agressividade derivada deste tipo de enfrentamento. Além disso, o entrevistado coloca que, em sua opinião, a agressividade está sendo um elemento estruturante das interações e definições políticas. No seu entendimento esta agressividade não permite uma evolução em termos políticos, e é um enfrentamento que tem se estendido até impregnar a vida cotidiana, as interações na rua. Em grande parte Dario atribui estes enfrentamentos ao governo atual (ele manifesta ser contrário à Kirchner) e, por momentos, acaba definindo esta agressividade como uma política formulada pelo governo, como uma maneira de intervir na sociedade em benefício próprio.

Por outro lado, apareceram algumas contribuições de Valeria e Andrés que propõem que existe uma conexão direta entre os tipos de governo da Argentina (avaliados como negativos) e as características da sociedade argentina.

“M - No sé... ¿a vos qué te parece? Que según lo que venimos hablando se podría pensar que los gobiernos en Argentina son más inestables o conflictivos porque la sociedad es así V – y yo me baso mucho en esa frase famosa que no sé quién la dijo pero me parece muy cierto que cada pueblo tiene el gobierno que se merece, creo que es así... tal cual. Porque justamente, al gobierno lo elige el pueblo cuando se trata de democracia obviamente. Y bueno y si eligen al candidato con el cual se ven mejor representados es... es justamente el cual está reflejando lo

que el pueblo es... o lo que el pueblo cree que necesita” (Valeria, 42 años).

“Primero hay que educar al pueblo... y después son cuatro o cinco generaciones que tienen que pasar. Si vos no educas al pueblo y no pones en práctica esa educación que vos le enseñás, y lo hacés debatir ¡los debates son maravillosos! Son... es confrontar dos ideas. No importa si uno no tiene la razón, es debatir y exponer dos, cuatro, cinco, diez... veinte ideas. Y es tener la capacidad de razonar y analizar y de poder elegir... cual es la que mejor te representa ¡si no hay debate ya está! Hoy por hoy los sistemas políticos se encargaron de hacer alianzas para que no haya oposición o disminuir la oposición a la mínima expresión ¿para qué? Para ser mayoría entonces que pasa... ¡nadie los debate y está todo bien! [...] yo creo en la democracia, totalmente creo en la democracia. Soy una persona descreída de cómo se vota. En como... en cómo se elige. Porque el ciudadano no elige con la razón, si fuese racional M – vos decís que ¿sacrificaría ciertas cosas? A - ¡totalmente! Y nadie sacrifica nada. Por el bien de un país, por un proyecto de país.” (Andrés, 33 años).

No caso dos fragmentos aqui colocados, aparece um vínculo estabelecido entre a sociedade Argentina e os governos que o país teve. Estes entrevistados explicam que a qualidade dos governos depende das características da sociedade, e esta conexão se deve à natureza/funcionamento dos democráticos. Ou seja, que não existe nenhum obstáculo entre a relação de governo e sociedade. Valeria define isto dizendo que cada sociedade tem o governo que merece. Andrés destaca especialmente que os cidadãos argentinos não são eleitores racionais e os define como egoístas na medida em que estas pessoas não estão dispostas a sacrificar objetivos pessoais tendo em vista um projeto do país. É importante levar em conta então que é desta sociedade, com estas características, que eles querem se diferenciar. E, em consequência, pelo fato deles serem diferentes a esta sociedade, eles não são os responsáveis pelas qualidades negativas dos governos da Argentina.

Em sintonia com este aspecto, um terceiro elemento apareceu de maneira importante e que está extremamente ligado, trata-se da *corrupção política* e o *mau funcionamento das instituições*.

“[...]o sea, porque lo hacías sólo por obligación? E – porque me parece que esta todo tan corruptamente horrible que hum.... Que por más que... no te digo que yo no vaya a hacer la diferencia, pero creo que por más que haya... cincuenta votos a favor, ellos pueden poner

esos votos en contra sin ningún tipo de problema E – entonces, creo que es como una pantalla el tema de las elecciones no... ¡no les creo! No les creo en los votos, no les creo que el pueblo elija [...] siento que hay tanta corrupción y tanta cosa... envuelta en eso que tal vez la persona que aparezca no pueda actuar. Porque creo que hay personas que quieren un cambio pero... es tanta la corrupción que hay que va a ser muy difícil. M - pero.. ¿Cómo? E – y por qué... ¡porque no está bien la situación! Económicamente, en cuestión educación... ¡Argentina está pésimo! Esta pésimo, vive de planes, hay cada vez más pobreza, más robos, mas estafas... ¡está horrible!” (Mónica, 24 anos).

“A mí me sorprende que con el temperamento argentino, que es tan politizado y tan así, como es con la justicia y con lo que debe ser T – a ver... mirá lo que pasa es que la sensación en Argentina es así. La sensación que la Argentina te pasa ¡y mirá que yo no vivo allá! Eso es importante de recordar, que yo no vivo allá. Pero te pasa la sensación de que las instituciones ya no están respondiendo ¡y eso es grave, eso es grave!” (Tamara, 56 anos).

Mónica primeiramente coloca o problema da corrupção que tem como principal efeito fazer com que ela não acredite nas eleições ou na importância do seu voto. Esta condição da política argentina, segundo a entrevistada, não permitiria, inclusive, que alguma figura política conseguisse fazer alguma diferença em relação aos problemas do país. Na opinião de Mónica, além deste aspecto, são várias as questões que deveriam ser resolvidas na Argentina, como a educação, políticas públicas do tipo bolsa família, há muita pobreza e roubos, insegurança, etc. Tamara também coloca as suas preocupações em relação aos problemas do país, enfatizando a dissolução das instituições e a falta de cumprimento das suas obrigações. Ressalta-se aqui que, na perspectiva da entrevistada, a sua mesma integração e reconhecimento por parte da sociedade brasileira estava marcada pelo afastamento que ela sentia das instituições. Isto explica porque este aspecto é tão significativo para ela e permite explicar a importância do que está acontecendo na Argentina.

Até aqui foram mencionados alguns aspectos que apareceram nas narrativas dos entrevistados como as principais problemáticas da situação atual da Argentina que sempre apareceram em contraste com o Brasil. Para apresentar isto de maneira mais sucinta oferece-se aqui um quadro que resume a data de migração, a frequência de viagem para à Argentina (o que ajuda a considerar o último contato que se teve com o país) e as principais referências que apareceram nas entrevistas. Entre diversos aspectos destacam-se: *a instabilidade; a corrupção; as*

políticas assistencialistas e seus efeitos negativos e finalmente os conflitos e enfrentamentos da esfera política. Na tabela apresenta-se também em que casos apareceram a referência a cada aspecto, o que permite ver uma repetência do fator de instabilidade e dos conflitos e enfrentamentos na esfera política, por sobre os outros aspectos.

Tabela 45 - Entrevistados classificados por grupo, data de migração e frequência de viagens à Argentina, segundo temas que apareceram sobre as imagens do país

Entrevistado	Data de migração	Frequência de viagem à Argentina	Instabilidade (econômica e/ ou política)	Corrupção	Manutenção de "planes sociales" e efeitos negativos	Conflitos, enfrentamento e esgotamento na esfera da política
Mónica	2010	Uma vez por ano	X	X	X	-
Gastón	1993	Uma vez na sua vida.	-	-	-	-
Fábio	2009	Uma vez por ano	-	-	X	X
Dario	1997	Duas ou três vezes por ano*	X	X	-	X
Valeria	2002	Uma vez por ano	X	-	-	X
Andrés	2001	Uma vez por ano	X	-	-	X
Tamara	1987	Uma vez a cada cinco anos (em média)	X	-	-	X

*(trabalha em viagens de turismo para Argentina)

Fonte: Produção do próprio autor (2012).

É possível observar que esta preeminência dos fatores mencionados anteriormente não responde a diferenças nas datas de migração dos entrevistados, também não varia segundo a frequência de contato que eles têm com “a realidade” Argentina, por viagens. Isto pode ser explicado se pensarmos que se trata de problemáticas que se mantém ao longo do tempo, fazendo com que seja identificável ao longo de mais de vinte anos. A única exceção foi o segundo fator - os conflitos, enfrentamentos e o esgotamento da esfera política -. Embora ele fosse relacionado a diferentes momentos da história do país, no momento da explicação, as referências foram sempre aos tempos atuais, e em alguns casos, remeteu-se diretamente ao governo atual e sua pertença peronista.

A crise do ano 2001

No que diz respeito à instabilidade, a crise do ano 2001 apareceu como a principal referência para explicar as situações extremas (tratando-se da crise institucional mais importante da Argentina nas últimas décadas) que em qualquer momento poderia se repetir. Esta presença exige que se aprofunde um pouco mais na importância da data, especialmente para poder saber se foi um momento que determinou a migração de alguns dos entrevistados. Como é possível observar na tabela, dois casos, Valeria e Andrés, migraram nos anos da crise. Sendo assim, seria interessante resumir as suas percepções sobre a crise e poder colocá-las em diálogo com outras percepções, para saber se existem especificidades na hora da crise ser expressa por alguém cuja trajetória migratória foi marcada por ela.

“Y hem... en el 2002 nosotros tuvimos un inconveniente por así decirlo, nos robaron en nuestra oficina, nuestro estudio de diseño que teníamos con él. Nos robaron el primero de año, entraron y nos robaron todo lo que teníamos, las computadoras, los equipos, todo, todo. Y entonces bueno, así, justo fue la época de... el 2002 fue la época ¡de la crisis donde el dólar dio una disparada! No había precios para comprar equipamientos, directamente si querías comprar cosas de informática no había precios. Como era todo en dólares directamente no te vendían, era todo un problema. Entonces delante de esa situación, que nos habían robado, no teníamos seguro. Teníamos que empezar, no de cero por así decirlo, pero teníamos que comprar equipamientos... ¡el espíritu en general del pueblo estaba muy decaído! Estaban todos muy... muy tristes. Y él, él me dijo “yo me quiero ir a Brasil ¿quierés ir junto?” y yo lo miré y le dije “bueno” (risas) (Valeria, 42 años).

“A - y en el... 2000 yo estaba en la facultad y trabajando allá y empezaron a recortar los salarios, con el tema de que estaba comenzando la crisis allá, empezaron a recortar los salarios por la mitad y yo les dije ¡que por la mitad yo no trabajaba! [...] sobre todo mi generación, que es la generación que se fue, toda la generación de los veintitrés, veinticuatro años a los treinta ¡no quedó nadie viviendo en Argentina! Entre el 2000 y el 2001 [...] A – porque no comparto la idiosincrasia del pueblo argentino M - ¿desde cuándo sentís que no compartís eso? A – desde el 2001. M – ¿por qué? ¿Qué significó esa crisis para vos? A – me cambiaron las reglas del juego, de la noche a la mañana. “El que tenía dólares, recibirá dólares”, yo tenía dólares y me dieron un bonito que lo voy a cobrar al año 2012 ¡el año que viene! Si es que no lo cambié, yo soy... era joven, había gente que tenía ochenta

años ¡se murió! Los nietos o los bisnietos tal vez lo reciban ¡las reglas son claras! ¡no confío más en nada! En el sistema político no confío más, no existe... no! ¿Qué cambió?! Se robaron tus dólares, no cambió nada... todo sigue de la misma manera... ¿entendés? Es por eso que... que no comparto la idiosincrasia. ¿Por qué tenemos la cultura de comprar dólares? ¡Por que no crees! En definitiva le estás diciendo “Flaco, no te creo”. Si vos comprás dólares es porque no crees ¡un brasileiro no! No sabe lo que es un dólar. M - ¿vos pensás que eso que pasó en el año 2001 podría volver a repetirse nuevamente en Argentina? A - ¡se va a repetir! M - o sea que es algo que... ¿es algo que no se va a modificar? A - Ya le robaron a tu abuelo, le robaron a mi papá, me robaron a mí y si me quedo a mis hijos también le van a robar... no, a mis hijos no porque me fui” (Andrés, 33 anos).

Os fragmentos aqui apresentados dos casos de Valeria e Andrés são muito expressivos de maneira na qual a crise do ano 2001 (que começou nos finais do ano 2000 e se estendeu até o ano 2002) foi determinante na decisão de migrar. No caso de Valeria eles não só foram vítimas dos inúmeros saqueios e roubos que caracterizaram a crise, como também se encontraram impossibilitados de reconstruir a agência de comunicação já que, devido à desvalorização drástica do peso, não era possível comprar os equipamentos necessários. Sendo que em todos os pontos da Argentina as restrições de compra de produtos importados eram as mesmas, a opção de morar em outro país acabou parecendo a mais favorável. Quando o marido de Valeria fez a proposta de migrar para o Brasil confluíu o fato de eles terem conhecido previamente Canasvieiras e Florianópolis (eles tinham planejado tirar férias novamente ali nesse ano) o que ajudou a concretizar a decisão e começar a projetar uma vida no Brasil.

No caso de Andrés aconteceu que seu salário foi reduzido até a metade por causa da crise (ocorreram reduções de salários frequentes nas empresas argentinas na época da crise). Sendo assim, ele aceitou trabalhar no empreendimento hoteleiro da sua prima em Florianópolis. Na entrevista de Andrés apareceu um aspecto central que se relaciona não só com a instabilidade econômica e política como também com aquela dissolução das instituições e a falta de cumprimento nas suas tarefas. O entrevistado entende o estabelecimento de restrições para a livre disponibilidade de depósitos bancários e o posterior processo de confiscação e expropriação dos mesmos, conhecido comumente como “*corralito*”, como uma suspensão “das regras” estabelecidas do contrato. Ele expressa que a mudança dos critérios legais e institucionais ao longo da crise do ano 2001 provocou o sofrimento e até a morte de

pessoas que ficaram envolvidas nessa problemática. Além disso, é importante destacar que para ele trata-se de uma falta das garantias que vem se repetindo e afetando a várias gerações, já que é uma característica que parece manter-se ao longo do tempo.

No resto dos casos escolhidos a crise do ano 2001 serviu como referência daqueles casos extremos que poderiam se repetir devido à instabilidade que acaba sendo constante no país. Mas não apareceu com a importância ou conotação que teve nos casos nos quais foi a principal causa de migração. Entretanto, existe um caso que foi excepcional porque fez referência à crise do ano 2001 com a mesma intensidade que Andrés e Valeria. Trata-se de Dario, o único argentino naturalizado, que veio morar no Brasil no ano 1997. Ele viveu a crise morando no Brasil, mas como já foi observado na seção sobre identidade, e como será trabalhado na próxima seção, ele se define sempre como argentino e apela a determinados aspectos que geram uma *hiperargentinidad*.⁶⁴

“M - ¿Cómo sentiste el 2001? D – haaa ¡¡mal!! Me cayó tan mal ¡tenía ganas de llorar todos los días! Trabajé en el barco en el verano y... y encima el animador era uruguayo y hacia una despedida al final, y hacia una despedida especial para los argentinos y ¡me daban unas ganas de llorar! Y todos los días, yo sabía todos los días lo que él iba a decir, que lo decía falsamente ¡y todos los días me daban ganas de llorar! ¡me daban gana de llorar todos los días! Una tristeza, una tristeza. Por lo que había pasado, no sé porque, porque siempre estamos en crisis. Y de alguna manera yo creo que no puedo haber sido más terrible” (Dario, 38 años).

Dario expressa que sentiu a crise do ano 2001 de uma maneira muito próxima, passando por sentimentos de tristeza e com vontade de chorar. Em concordância com o exposto pelos outros entrevistados, ele também entende a crise como um aspecto que se repete na história, já que ele compreende que a Argentina sempre passa por este tipo de crise.

⁶⁴ Este termo foi resgatado por Burgos (2009, p. 112) na sua dissertação que foi utilizado por um entrevistado que participou da sua pesquisa. Ele utilizou este termo para referir-se ao excesso de práticas específicas que eram entendidas por ele, como características de um argentino e que, segundo ele, serviam para definir a sua identidade frente aos outros argentinos e brasileiros apelando a um conhecimento comum deles. Um exemplo disto é “tomar mate”. No caso de Dario esta *hiperargentinidad* é dada pelo seu forte sentimento de se sentir argentino, explicando as suas experiências e percepções em termos de sentimentos.

Ele é o único entrevistado que se relaciona de maneira tão próxima à crise, e é o único que manifesta ter sentido um vínculo definido por sentimentos. Ainda é importante destacar que Dario é o único entrevistado que ficou tão ligado aos acontecimentos daquele momento na Argentina, sendo que já estava radicado com sua família em outro país. Isso exibe uma singularidade no caso de Dario, que será analisada na próxima seção, mas a sua peculiaridade se orienta pelo seu forte sentimento de ser argentino, e à ligação emocional que isto implica.

Em síntese

A análise das “imagens” da Argentina nas narrativas dos entrevistados tentou compreender de maneira mais profunda aquela comparação feita pelos argentinos no questionário, avaliando a Argentina e o Brasil a partir de uma série de aspectos considerados importantes. Como já foi mencionado, o Brasil se posicionou de maneira quase absoluta sobre a Argentina, variando em algumas considerações como na segurança e na educação. Nesta seção tentou-se verificar se estas imagens do país estariam influenciadas pelo último momento em que se morou no país, ou seja, se o último contato condicionou de alguma maneira o que os entrevistados pensam da Argentina e como explicam estas características. Isto é importante no caso de pessoas que migraram sob a pressão de um momento de crise, aonde a melhor (ou talvez a única) escolha era sair do seu país. Mas também foi considerado o fato de que vários deles conseguem viajar com diferentes frequências à Argentina, o que fornece um contato reduzido, mas que pode atualizar as representações sobre o país.

Os principais resultados foram uma série de aspectos que apareceram com uma determinada força, exibidos na tabela 45, que caracterizaram a realidade da Argentina e que apareceram como constantes, ou seja, traspassando limites de tempo ou referência a uma crise. A instabilidade econômica e/ou política foi o aspecto que teve mais presença e que implica para estes entrevistados, e que crises institucionais fortes, golpes de Estado, panelazos, entre outras coisas, podem se repetir tranquilamente hoje no país. A sensação de esgotamento, conflitos e enfrentamentos na esfera política é considerada por alguns entrevistados como um aspecto estrutural da Argentina, exemplificado pela confrontação e que deriva na incapacidade de formular e efetuar políticas e planos em longo prazo. Em relação a isto, trata-se de uma característica que tem sido exacerbada pelo governo atual da Argentina, com o qual a maior parte dos entrevistados discorda,

mas que também os remete a tendências políticas e históricas como é o peronismo.

Os casos de argentinos que migraram como consequência da crise do ano 2001 exibem uma imagem muito forte dela, dos problemas e do alto nível de dificuldade que tiveram para sobreviver àquela crise. Os conflitos que acompanharam o desenvolvimento da crise ajudam a compreender porque para estas pessoas emigrar a outro país pareceu a melhor escolha, considerando especialmente que os efeitos da crise atingiram o país em toda sua extensão. Andrés consegue explicar claramente as consequências da dimensão econômica e institucional da crise, esclarecendo que a partir disso ele começou a desconfiar completamente do sistema político, já que se desrespeitaram os contratos e garantias mais básicas.

Um aspecto que ganha muita importância aqui é a maneira na qual os entrevistados relacionam as características enunciadas dos governos e do país com a sociedade argentina, vínculo reforçado pela democracia que acaba fazendo com que esse seja “o governo que o povo merece”. Esta questão é significativa, já que de alguma maneira acaba funcionando como uma identidade negativa, eles não estão lá, eles não participaram das eleições, e como resultado, aquelas características ruins do governo e do país não estão ligadas a eles senão aos argentinos que moram lá. Em termos de pertencimento isto aparece como um divisor de águas porque enquanto se tratem de aspectos negativos se observa um afastamento identitário por parte destes entrevistados.

Em sintonia com isso podemos observar que, no caso dos argentinos que participaram desta pesquisa, não existe um passado ao qual eles gostariam de voltar; pelo contrário, o que eles descrevem é uma situação do país *atualmente* negativa e *historicamente* instável. Ou seja, que não se trata de esperar até o momento passar, até a crise terminar, mas sim, que a maior parte dos aspectos mencionados se mantém no tempo e acabam sendo estruturais. Sem um passado nostálgico ou benéfico ao qual volver, marcados por um momento de crise que fez com que a melhor opção fosse migrar do país, e com uma percepção atual de instabilidade, esgotamento político e corrupção, estes entrevistados se encontram altamente desvinculados da “realidade” Argentina. O que vem acompanhado por uma avaliação negativa em quase todos os aspectos previamente pedidos no questionário. Não existe então uma nostalgia forte que alimente um sentimento de voltar ou um sentimento de perda do lar ou da origem.

Como bem colocou Sorensen (1997), não devemos pensar nos imigrantes somente como sujeitos que têm perdido a sua origem e que vivem reproduzindo e evocando um lugar e um passado que tragicamente perderam. Reincidir em pensar a disjunção do presente e do passado de maneira dramática acaba colocando necessariamente uma ênfase no passado que pode obliterar a riqueza de um processo de integração e de pertencimento no presente. Muitas vezes, esta lógica leva a pensar em termos de como determinadas coisas eram “antes” e “depois” do deslocamento dos imigrantes, sem levar em conta que os mesmos indivíduos têm plena consciência de que se trata de realidades nacionais, sociais, políticas e culturais completamente diferentes. A diferença da pesquisa de Lopes e Vasconcelos (2005) é que aqui não há um ideal de um país aonde os imigrantes querem voltar, nem um passado nostálgico que acaba destruído quando eles entram em contato com a realidade e o tempo que passou. Pelo contrário, aparece uma série de fatores negativos que caracterizam a “realidade” do país e que, alimentada por um contato esporádico de viagens para Argentina, acabam se definindo como características estruturais do mesmo.

Na seção anterior se determinou a necessidade de compreender se existiam identidades nacionais fortes ou fracas no período anterior à migração como um patamar sobre o qual tentar reconhecer porque atualmente não se tem um sentimento de união e a formação de grupos. De certa maneira, é possível observar que aqueles fatores que foram usados para definir a “realidade” argentina acabaram funcionando, cada um de um jeito diferente, como mecanismos para afastá-los da Argentina, considerada como uma totalidade. A instabilidade política e econômica não é só um elemento que atrofia as projeções ao futuro, individuais e familiares, como também foi a causa de que, na crise do ano 2001, de desrespeito às garantias básicas dos indivíduos, dissolvendo a importância e capacidades das instituições. Paralelamente, a corrupção e o esgotamento da esfera política, a agressividade e os conflitos, são vistos como características gerais, mas alheias a eles. Em contrapartida, outros aspectos os afastaram da política do seu país, dando espaço para governos definidos como negativos que se derivam necessariamente das escolhas realizadas pelos outros argentinos, os que moram no país e os que votaram.

Considerando isso, é possível deduzir que, se é possível pensar em uma identidade nacional argentina, ela tem sido atravessada por uma série de experiências econômicas, políticas, institucionais e sociais que tem dissolvido a possibilidade de se pensar pertencente. Não existe a vontade de voltar porque as condições não fazem com que seja uma

decisão positiva, nem que favoreçam aos seus planos. Inclusive nos casos em que apareceu o desejo de voltar para Argentina, de Tamara e Dario, é descartado automaticamente porque “não podem”, porque eles têm compromissos econômicos e familiares que não podem ser cumpridos em Argentina. A situação benéfica do Brasil, traduzida em diversas arestas da vida destas pessoas, faz com que desprender-se da Argentina seja um resultado reforçado pelas características negativas – e constantes – do país. Para fechar, resta destacar então que nas narrativas destes entrevistados não apareceram “momentos-chave”, além dos casos de migração efetuados a partir da crise do ano 2001. Pelo contrário, apareceram elementos negativos que não são circunstanciais, senão constantes “na realidade” argentina, e que em qualquer momento sobressaem com diversa intensidade.

4.1.4 Eixo 5: Naturalização e obtenção da cidadania.

Como já foi explicado, este primeiro item tentará expor considerações sobre as escolhas dos entrevistados de mudar o seu status de residentes para naturais e virar cidadãos. Também foi destacado em várias ocasiões que só um deles tem se naturalizado, em contraste com o resto que possui o visto de residente. Sendo assim, é de grande importância compreender os motivos pelos quais estes indivíduos querem ou não obter a nacionalidade e quais são as razões pelas quais eles mantêm o status de residente. De maneira paralela é preciso ser sensível à possibilidade da aparição de questões referentes à identidade como um elemento que poderia explicar as escolhas referidas.

Em princípio é possível considerar a existência de uma concordância entre o grau de pertencimento do indivíduo e a condição legal que ele tem. Conjuntamente deve levar-se em conta o tempo como um fator importante, como possível variável que influencie em algum grau a condição dos sujeitos, assim como seu sentido de pertencimento. Poder-se-ia pensar que uma pessoa que leva mais tempo morando no Brasil que na Argentina pode desenvolver sentimentos de pertencimentos mais fortes devido ao tempo de residência. Paralelamente é fundamental considerar as dificuldades e facilidades de obtenção do visto de residência, assim como as condições e procedimentos para a obtenção da nacionalidade. Como bem explicam Castles e Miller (2004), estes aspectos são fundamentais na hora de analisar os movimentos migratórios e as razões pelas quais existem imigrantes ilegais, residentes e até naturalizados. Isto responde em parte

aos modelos de integração que cada país tem e que traduz em grandes traços a concepção de integração e pertencimento que pressupõe o processo virar parte de uma nação.

Neste sentido, as condições estabelecidas pelo país na hora de conceder a nacionalidade a um estrangeiro remetem a uma ampla problemática que diz respeito ao quanto o imigrante tem que adquirir e deixar para se naturalizar. Isto dialoga diretamente com a aparição de comunidades étnicas, que têm gerado grandes problemas de racismo e a necessidade de políticas multiculturais. Ou seja, com desafios de respeitar, aceitar ou vedar determinados costumes, línguas, tradições, etc.; o que implica pensar em um terreno fértil para a aparição e permanência de identidades híbridas. Entretanto, já se tem visto que, no caso da presente pesquisa, a constituição de comunidades étnicas, de grupos, associações ou instituições que agrupem os participantes da pesquisa, não tem muita força. Isto discute diretamente com uma série de questões que dominam o espaço de debate sobre multiculturalismo, identidade, proibições, políticas da diferença, entre outras. Especialmente porque, como colocam Castles e Miller (2004):

[um problema] ainda mais sério é o desafio à identidade nacional [...] com frequência esta unidade tem sido fictícia, mas tem proporcionado poderosos mitos nacionais. A imigração e a diversidade étnica ameaçam ideias como as da nação porque criam um povo sem uma origem étnica comum [...] uma das maneiras centrais em que se expressa o vínculo entre o povo e o Estado são as traves das normas que regem a cidadania e a naturalização [...] a maioria dos cientistas sociais argumentam que todo mundo tem uma etnicidade, definida como sentido de pertencimento a um grupo, baseada em ideias de origens, história, cultura, experiência e valores compartilhados [...] em contraste muitos antropólogos utilizam uma concepção de etnicidade “situacional”. Os membros de um grupo específico decidem “invocar” a etnicidade como um critério de autoidentificação em uma situação aonde esta é necessária ou útil (CASTLES; MILLER, 2004, p. 47-48, tradução nossa).

Poderia se pensar então que a existência de um fluxo migratório generoso e constante, que gere grupos de imigrantes e a permanência de

costumes, língua e hábitos diferentes à nação aonde eles se inserem, pode acabar sendo um desafio direto à identidade nacional, que tem garantido um determinado patamar de igualdade cultural como princípio de coesão do país. Em contraste a isto, no caso da presente pesquisa – e dos fluxos entre Brasil e Argentina após o convênio do ano 2005 – existe claramente a possibilidade de residir pelo menos 10 (dez) anos (segundo o estabelecido pelo convênio) tendo todos os mesmos direitos que qualquer brasileiro, exceto os políticos. De maneira paralela, a naturalização se caracteriza por ser um processo que exige diversos documentos, tempo e uma série de requisitos que não são poucos. Considerando tudo isso, é necessário indagar porque os entrevistados não optam pela nacionalidade, e as razões pelas quais eles mantêm o status de residente.

As principais diferenças entre as duas condições tem a ver com os direitos políticos de votar, de ser votado e de acessar a um cargo público. Como se viu já na análise quantitativa, este aspecto não parece ter muito peso em comparação à inserção laboral que estes argentinos têm no espaço de Balneário Canasvieiras. Entretanto, quando se perguntou sobre este tema nas entrevistas apareceram três posições que agruparam os entrevistados. Por um lado estão aqueles que estão com visto de residente, mas pensariam em se naturalizar considerando benefícios e/ou perdas que esta mudança implicaria. Esta posição agrupa a Fábio, Valeria, Andrés e Gastón.

“M –Che Fábio ¿ustedes pensarían en tener su familia acá? F – uff, eso ya lo pensamos, pero es... un día sí, un día no. Pero probablemente sí, probablemente sea una cosa práctica me parece M - ¿cómo práctica? F – hum... bueno a ver cómo te explico. Es que es así, ser brasilero no podes, bha si podes hay acuerdos, convenios de naturalización que... ¡que son muy complicados de hacerlo! Vamos un poquito más atrás... si vos te casás, no tiene la misma validez casarte allá que casarte acá. Si algún día querés comprar algo, precisas sacar un crédito, el matrimonio acá te facilita un poco las cosas, entonces uno tendría que revalidar su casamiento. Eso por un lado. Por otro lado si vos tenes un hijo acá es brasilero, pero por padre puede ser argentino, la doble nacionalidad la podes tener y va a tener mucha más oportunidades en los dos lugares, o sea las mismas acá y allá digamos. Cosa que si fuera el caso contrario no sería así. Yo sé que parece un poco frío pensarlo así, de esa manera, pero... M – si entiendo, claro F – es que nosotros lo pensamos así porque, por ejemplo, yo me creo apto y en condiciones de concursar cualquier cargo público acá, son los mejores cargos que hay acá. Sin embargo para concursar cargo público la condición es ser naturalizado

o brasileiro, o sea naturalizado brasileiro, entonces eso pensándolo así sí bueno, pero por ahí hay muchas posibilidades, cosas o situaciones, por menores que pueden hacer que te termines yendo para allá y listo M – sacando el procedimiento por hijo ¿harías la naturalización en Brasil? F – mira yo no la haría por una cuestión de que no tengo ni tiempo ni paciencia ni plata digamos ¿no sé si vos viste todo lo que precisas para hacer la naturalización? M - pero si no fuera ¿lo harías? F - ¡sí, claro que sí! Pero no se... el otro día estaba viendo lo de la naturalización y es... complicado.” (Fábio, 27 anos).

“M - ¿y pensás en naturalizarte por ejemplo? V - ¡no! Creo que no hay necesidad... tanto no M - ¿y por qué? V – y porque primero sé que es un trámite complicado, segundo por lo que sé tenés que renunciar a tu naturalidad, a tu nacionalidad M – si cambias la nacionalidad V – claro, y por eso... no tengo un motivo fuerte como para hacer eso. Si fuera para entrar a trabajar en algún lugar, viste que acá se presentan para concurso, si querés trabajar en algún lugar del Estado ahí sí me parece que tenés que ser naturalizado. M – sí V – bueno si se diera una posibilidad de esas así ¡sí! Si valiese la pena por algo así sí lo haría. Ahora si es sólo para decir “soy brasilera” no M - ¿no? V - no... ¡así estoy bien! En relación a las elecciones eso ni lo cogité porque sé que no podemos votar M – ¿y vos pensás no sé... “bueno hace tanto tiempo que vivo acá es hora de empezar a elegir también”? V – mirá en relación a eso sí vengo acompañando mucho más las elecciones de acá, o sea las seguí más de cerca, escuché a los candidatos, bien, estuve interiorizándome un poco más en estas que en las de allá ¡porque la de acá realmente me involucra más! O sea soy directamente beneficiada o perjudicada por eso, dependo de eso, por eso la de acá me interesó mucho más, participé mucho más, de manera indirecta digamos, que en las de Argentina M – sí, si entiendo. Pero por ahora cambiar la nacionalidad y empezar a votar en Brasil ¿no? V – no, no, no veo la necesidad. Es como ya te dije, a no ser que aparezca una oportunidad así tipo “bueno, vas a entrar a trabajar en el ministerio” o en alguna cosa así que tenga que ver y tenga que... porque viste que acá todo el mundo quiere entrar a trabajar en el empleo público, que tienen salarios re buenos, todo el mundo hace concurso, concurso M – sí, la estabilidad también V – claro. Pero hasta para los brasileiros es súper difícil entrar a trabajar así que también sería una cosa... muy excepcional” (Valeria, 42 anos).

No caso destes dois entrevistados é possível observar que a possibilidade de mudar a sua nacionalidade depende das vantagens que isto traz, especialmente em relação a emprego público. Para eles, procurar ou não a cidadania não se relaciona diretamente com a

identidade ou pertença da Argentina, os fatores que mais influem são as dificuldades, documentos e tempos extensos para obter a nacionalidade. A questão política aparece com pouca força nestes depoimentos, só Valeria faz referência ao fato dela se sentir mais comprometida com as eleições realizadas no Brasil, pelo fato de ser beneficiada ou prejudicada por isto. Em síntese, não aparecem referências a sentimentos de nacionalidade, identidade ou algum outro tipo de fator mais profundo que funcionasse como o determinante de adotar ou não a nacionalidade brasileira.

O caso de Andrés apresenta certa sintonia com estes entrevistados. Embora ele não pondere a obtenção da nacionalidade brasileira a partir dos benefícios de um emprego público, ele se manifesta também de maneira bastante afastada sobre o tema. Andrés não quer mudar de nacionalidade porque senão ele perderia a sua dupla cidadania argentina-alemã, mas se não fosse por este fator ele dispensaria tranquilamente a nacionalidade argentina. Ele não se sente mais pertencente à sociedade argentina, discorda em aspectos culturais e políticos como já mencionou e, a partir disso, ele diferencia completamente a sua identidade – relacionada com suas relações pessoais – da sua nacionalidade argentina.

“M – bueno Andrés ¿pensaste en naturalizarte? A – hem si... pero no me voy a naturalizar. Porque pierdo la ciudadanía y el pasaporte alemán. M – si... me habías comentado ¿y no estarías dispuesto a renunciar? A – na... M - ¿es más por eso o porque no da el coraje de dejar de ser...? A – no, no es por eso. Es por eso. M – pero si no tuvieras ese costo, de desprenderte de la ciudadanía alemana ¿lo harías? A – si... M - ¿ya te sentís parte... A – sí... totalmente integrado. M - ¿y alguna vez te replanteaste volver a Argentina desde que llegaste acá? A – no... a Argentina no ¡sería un fracaso volver! M - ¿no te duele un poquito haberla dejado? ¿no hay nada que extrañes... nada que te haga sentir propio de allá? A - ¡yo no perdí mi identidad! No perdí nada... no perdí mis amigos, los sigo viendo, les sigo escribiendo con ellos. Pero de Argentina no... no ¡es más voy de vacaciones a Argentina! Porque no me identifico con esa sociedad ni un poco”
(Andrés, 33 anos).

Os motivos expostos por Andrés se parecem às razões que Gastón colocou a respeito das perspectivas de se naturalizar brasileiro. Lembre-se que este último veio morar no Brasil com somente dezoito meses de vida, o que poderia fazer do seu caso o que apresentasse mais chances de procurar a nacionalidade.

“M –yo quiero saber si vos te identificas como brasilero o como argentino G – as veces me identifico como argentino y as veces me identifico como brasilero, es bien extraño eso M - ¿y de que depende eso? G – no sé... por ejemplo cuando me veo presionado por la... por la ignorancia de la gente de acá me siento como un argentino ¿entendés? Y as veces... ¿as veces cuando veo algo bueno en la televisión! Sobre Brasil siento orgullo, porque yo también... ¡soy de acá! ¿entendés? O sea tengo orgullo, tengo orgullo... de ser argentino y tengo orgullo de haber sido criado en el Brasil, porque me gusta mucho este país, lo siento como algo... [...] G – cuando sos adolescente siempre te van a marcar por algo ¡y yo era el gringo! O alguna cosa así M - ¿y te jode eso? G – naaa... tranquilo M – che ¿y vos pensás en nacionalizarte brasilero? G - ¡no! no... M - ¿no? ¿y por qué? G – porque si me nacionalizo voy a tener que prestar... el ... M – el servicio militar G – eso... M - ¿pero... y porque no queres? G – no me interesa ni un poco, no me gusta la ierarquia” (Gastón, 18 anos).

Gastón expressa que ele se define tanto como argentino como brasileiro e, que no seu caso, se nacionalizar como brasileiro implicaria ter que cumprir com as obrigações de serviço militar. Ou seja, os motivos que ele e Andrés apresentam para não obter a nacionalidade brasileira não têm a ver com a identidade deles, a condição de ser brasileiro para eles implica na perda de benefícios ou no cumprimento de obrigações. Em outras palavras, o fato de não optar pela naturalização está definido pelos motivos negativos que vem junto com esta mudança.

Estes quatro casos têm em comum que todos eles definem a obtenção ou não da nacionalidade brasileira a partir dos benefícios ou prejuízos que ela implicaria para cada um. Ou seja, não se encontra definida pela identidade, em momento nenhum eles colocam a ideia de se naturalizar porque se sentem de uma maneira ou outra. Só Andrés remete à identidade para explicar que ele já não se sente pertencente à sociedade argentina, mas não acaba sendo um fator que explique a opção ou renúncia da nacionalidade. Encerrando com estes casos é possível deduzir que para eles ter ou não a nacionalidade brasileira acaba sendo uma questão instrumental, ou seja, um meio para conseguir um determinado fim. Em alguns casos é a possibilidade de acessar a um cargo público (estimado como um emprego altamente benéfico) e em outros casos, a possibilidade de não ter que enfrentar obrigações ou enfrentar perdas não desejadas.

Diferente são os casos de Mónica e Tamara que, muito afastadas em idade e em trajetórias migratórias, convergem na explicação da opção da nacionalidade a partir da identidade.

“M – aham... bueno, por lo que vos me habías dicho fue bastante fácil para vos obtener la visa de residente permanente, hem... temporario E – sí... si M – ¿y lo vas a pasar a permanente? E – hem... sí. Pasados los dos años M – ¿y pensaste en naturalizarte? E – hem... no sé cómo es el tema de la naturalización... la verdad es que ni siquiera averigüé M – tenes que bueno en realidad sería cambiar tu pertenencia de un país a otro. E – no... la verdad que no M – ¿y por qué no? E – y ... porque soy argentina, no lo niego. Es como te decía ¡adoro ser argentina, soy una argentina que vive en Brasil!” (Mónica, 24 anos).

“M – ¿para vos es importante participar en las elecciones? T – ¡si! M – ¿Por qué? T – porque me hace sentir parte. Yo sería una persona muy participativa a nivel político si estuviera allá. M – ¿y acá porque no? T – no me interesa laburar por un pueblo que no es el mío. Pero después porque ¡al brasilero no le importa mamita! [...] Es fuerte eso ¡yo no siento integración de mi parte aquí! La integración... viste no me interesa integrarme ni a un nivel de negocios. Porque para eso me voy a la Argentina que allá tengo las dos integraciones ¿me entendés lo que te digo? Allá está mucho más luchado para conseguir el mango, yo sé que está mucho más luchado. Pero me interesa mucho más ¡porque es más rico! ¡¿Para qué quiero estar en un lugar donde lo único que voy a hacer... ¡está bien! Vamos a suponer que las cosas hubieran andado muy bien y yo hubiera hecho mucho dinero ¡¿vos te pensás que yo estaría feliz?! ¡¡No!! A mi ¡me sigue faltando un pedazo! ¿me entendés? Porque mi vida Magali ¡no es material!” (Tamara, 56 anos).

Como é possível observar nestes fragmentos, as duas entrevistadas rejeitam a possibilidade de obter a nacionalidade brasileira pela razão de que elas “são argentinas”. Estes casos aparecem quase opostos aos previamente citados, que expunham um claro afastamento entre as duas coisas. Mónica diz que ela adora ser argentina, se define como uma argentina que mora no Brasil, ela não tem pensando em mudar a pertença nacional, nem sequer fez questão de averiguar as condições, documentos e requisitos para fazê-lo. Tamara expressa esta relação entre a identidade e a nacionalidade de uma maneira mais enfática, colocando especial atenção na falta de integração que ela sente em respeito ao provo brasileiro. Sendo assim, na sua explicação, ela coloca o bem-estar econômico em um degrau inferior ao seu sentimento de integração; ou seja, mesmo que sua situação econômica e laboral

tivesse melhorado (como efetivamente aconteceu) ela ainda assim sente falta de pertencimento, desse “pedaço que está faltando”. Considerando isto, os casos de Mónica e Tamara definem a nacionalidade a partir da identidade, e ali manter a nacionalidade argentina é um fim em si mesmo, não admitindo considerar a outra hipótese.

Ainda falta esclarecer o caso de Dario, o único argentino naturalizado que fez parte da amostra à qual se aplicou o questionário e também dos entrevistados. Ele aparece não só como uma singularidade pela sua condição, como também pela maneira que ele se manifesta em relação a este tópico trabalhado.

“M – si mal no recuerdo vos me habías contado que estas naturalizado D – sí, porque si yo quiero ocupar un cargo público tengo que ser naturalizado. Porque mi idea inicial era ocupar, porque así para hacer un concurso tengo que ser naturalizado, mi idea era entrar a la policía federal. Pero no... no te perjudica en nada ser naturalizado. Si... tenés que renunciar a tu ciudadanía, pero antes de renunciar yo fui al consulado y pregunté “¿qué pasa si renuncio?” “naaa” me dijeron “renuncia, hace lo que quieras ¡porque Argentina no renuncia a vos!” entonces bárbarooooo y porque es verdad, no tiene lógica renunciar al lugar donde naciste ¡¡no existe!! M – y por qué... ¿Por qué decís que cada vez te sentís más argentino? D – haaa ¡porque me da orgullo cualquier cosa! Cualquier cosa me da orgullo, yo no sé... no te puedo... no sé cómo explicártelo M – y no te costó un poco hem... no sé, las veces que hablamos vos sos un tipo muy interesado en política D - ¡si! (interrumpiendo) M – claro... ¿vos podés votar para Argentina? D – siii no perdí nada M - ¿y votaste? D – no, porque no estaba en el padrón... no es culpa mía. Igual ¡yo quiero votar acá, yo quiero votar! M - ¿aca en Brasil? D – si... quiero votar M – y ¿Por qué? D – y porque es una obligación... ¡creo que es un derecho! O sea... ¡tengo que poder elegir a los representantes también! ¡tengo que formar parte... si al final de cuentas yo soy el que lo banca⁶⁵! Yo, vos, todos los que pagamos los impuestos, yo más que nunca sé de los impuestos. Entonces me parece que tenemos que votar, que tenemos que participar, en ese sentido ¡¡todos tenemos que participar!! A mí no me gusta que, por ejemplo, en este barrio la gente no participe en nada, los argentinos principalmente. ¿Por qué? ¡Porque hay que participar! Si yo soy parte de esto, porque en relación a los votos tiene que haber uno, y uno ... y así se suma. Entonces me parece que tendría que formar parte, así como tendría que regularizar mi situación en Argentina, que no pude... porque no da... M

⁶⁵ O entrevistado faz referência ao fato de que todas as pessoas, por pagarem os impostos, acabam pagando o salário do funcionário público.

– pero también quisieras...quisieras elegir D - ¡si si! Si si totalmente.”
(Dario, 33 anos).

Primeiramente Dario explica que ele buscou se naturalizar pelo seu objetivo de ocupar um cargo público, o que motivou a sua decisão. Mas, diferindo dos depoimentos anteriores, ele se informou sobre quais seriam as perdas de fazer esta troca. Uma vez que ele ficou sabendo que esta modificação não iria prejudicar a sua cidadania argentina decidiu realizar a documentação e os procedimentos. Paralelamente ele expressa que se sente muito argentino, diz se sentir muito orgulhoso do “seu país” – Argentina – e que esse sentimento de pertencimento é até difícil de explicar. A política aparece com muita contundência nos seus depoimentos, o que justifica também a sua singularidade. Para este entrevistado as possibilidades de agir na esfera política, principalmente votando, é de suma importância, tanto que ele enfatiza o seu desejo de poder escolher os seus representantes políticos no Brasil. Ele conecta vários aspectos ao mesmo tempo: votar e escolher os seus representantes é um direito e uma obrigação, e ele tem esse direito pelo fato de morar aqui, por pagar impostos e por fazer parte de uma sociedade. A sua vontade de votar na Argentina se explica pelo seu sentimento de pertencimento ao país, a partir da sua identidade, ou seja, ele se define argentino porque se sente como argentino.

Em síntese.

O trabalho sobre as opções dos entrevistados de adotar ou não a nacionalidade brasileira é o último degrau da análise das entrevistas, que permitira fechar um ciclo de análise qualitativo sobre as narrativas dos entrevistados, para posteriormente passar às conclusões. Conseguir a nacionalidade é o requisito para poder exercer a cidadania, já que se trata da dimensão política da nacionalidade de um indivíduo, a pergunta é quais são as razões para procurá-la.

Propuseram-se três posições no que diz respeito às perspectivas de obter ou não a nacionalidade brasileira, e as razões oferecidas para estas escolhas. A primeira posição aparece como uma relação instrumental, de um meio para um fim, aonde a nacionalidade brasileira parece uma boa escolha para conseguir um emprego bom; em outros casos a escolha, é pela negativa, para não perder benefícios. A segunda posição é a rejeição da naturalização a partir da afirmação da identidade argentina, para estas entrevistadas não existe chance de assumir uma nacionalidade diferente. A terceira posição, o único caso de um

naturalizado, exhibe a hibridez da identidade expressada na dupla pertença. Dario avalia como importante a opção de participar politicamente que a nacionalidade brasileira lhe proporciona, mas ele define a sua identidade como argentino e só aceitou a nacionalidade brasileira quando soube que não perdia a argentina.

Existem então diversas relações entre o sentimento de identidade e a sua tradução em um status formal de pertencimento, neste caso, a naturalização. A primeira posição em relação a isso talvez seja a que gere mais conflito, já que se encontra afastada do ideal normativo de relação direta entre estes dois polos. Há uma mediação entre o polo da identidade e o polo do status legal que se desdobra naqueles fins ponderados pelos entrevistados, de benefícios ou perdas. Isto traduz aquela afirmação de que “parte da particularidade dos indivíduos resulta das maneiras nas quais eles integram, refletem e modificam sua própria herança cultural” (GUTMANN, 1994, p. 7). Em outras palavras, estas pessoas reconhecem a sua procedência e herança cultural, mas a modificam, escolhem determinados elementos que vão identificá-los, rejeitam outros; conseguindo que a sua identidade proceda independente da sua tradução em termos legais. O que aparece como oposto à segunda posição e que não consegue fugir da relação direta entre a identidade e status legal, é o fato das entrevistadas explicarem que elas não vão se naturalizar como brasileiras pelo simples fato de serem outra coisa, “argentinas”.

O raciocínio que devemos tentar reconstruir aqui é aquele que coloca em diálogo a ideia de pertencimento traduzido em uma identidade nacional, com a categoria de cidadania como o status baseado na nacionalidade. Tratando-se de definir o pertencimento de uma pessoa, é preciso voltar sobre a definição de nação, que classicamente tem sido pensada como:

[...] uma comunidade política imaginada – e que é imaginada ao mesmo tempo como intrinsecamente limitada e soberana. É *imaginada* porque até os membros da mais pequena nação nunca conhecerão, nunca encontrarão e nunca ouvirão falar da maioria dos outros membros dessa mesma nação, mas, ainda assim, na mente de cada um existe a imagem da sua comunhão [...] Em última análise, é essa fraternidade que torna possível que, nos últimos dois séculos, tantos milhões de pessoas, não tanto matassem, mas quisessem morrer por imaginários tão limitados (ANDERSON, 2005, p 25- 27, tradução nossa).

A questão central aqui é que na definição frequentemente citada de Anderson se destaca o caráter imaginado da nação. E por imaginada devemos compreender que é construída, mantida e atualizada constantemente por uma série de mecanismos exercidos ao longo do tempo em âmbitos simbólicos e culturais. Neste sentido, como expressa Smith (1993), alguns componentes devem ser reconhecidos na constituição dos Estados-nação de ocidente, definidos como “[...] uma população humana nomeada que compartilha um território histórico, mitos e memórias históricas comuns, uma cultura pública e massiva, uma economia e direitos legais comuns assim como obrigações para todos os membros” (SMITH, 1993, p. 14, tradução nossa). Assim as gerações de cidadãos são as responsáveis por continuar e reproduzir aquela memória coletiva, por meio de uma história comum, língua, costume, valores, etc.

Considerando isto, é necessário voltar sobre a etnicidade entendida como um sentimento de pertencimento a um grupo a partir de elementos como origens, história e cultura. Em outras palavras, se trata do sentido sociológico da nacionalidade que se justifica e emana dessa bagagem cultural compartilhada que se reproduz e atualiza de maneira cotidiana, alimentando a identidade das pessoas. Então, referente à primeira posição detalhada, os entrevistados manifestam que poderiam tranquilamente se desprender da sua identidade argentina e assumir a brasileira se isto fornecesse algum benefício para eles. Isso não só traduz um afrouxamento da sua identidade argentina, da qual dispensariam a partir de um objetivo determinado, como também implica numa identidade brasileira fraca que careceria de sustento, já que os motivos que levariam a adotá-la são instrumentais e não derivam de uma definição individual da identidade. Por isso, eles se contrapõem ao segundo grupo, que manifesta um status legal escolhido a partir de um critério identitário, ou seja, que seu grau de pertencimento encontra-se sustentando pela apropriação dos elementos culturais mencionados no conceito de nacionalidade.

O último caso apresentado se encontra em consonância com a segunda posição definida. Ele também mantém uma relação direta entre o polo da identidade e o status legal que ele tem. Embora ele tenha se decidido a optar pela naturalização brasileira para obter um emprego público, ele manifesta com muita intensidade o seu desejo de participação política, compreende o voto como um direito e uma obrigação e acredita que a participação é uma obrigação de todos. A sua

identidade argentina é definida por meio de sentimentos, de manter uma língua, práticas e conhecimento sobre o país que são até ensinados para seus filhos, igualmente a Tamara. Dario pertence a dois países porque se sente parte dos dois, ele sente a necessidade e o direito de participar em ambos os espaços nacionais, porque acredita fazer parte deles.

A importância dos primeiros quatro casos referidos aqui é que eles aparecem como uma consequência não desejada dos mecanismos de integração (CASTLES; MILLER, 2004). Trata-se de pessoas que se encontram em condições de conseguir a sua nacionalidade brasileira e por enquanto não a escolhem. Esta perspectiva instrumental sobre a cidadania brasileira acaba dissolvendo os fundamentos dos pressupostos que levam a um Estado-nação, neste caso o brasileiro, a integrar a um estrangeiro que cumpre com os requisitos estipulados. Estes mecanismos são os que, na perspectiva de Habermas, sustentam o controle do Estado da expansão da comunidade política o que, em última instância, visa gerar uma base de lealdade por parte dos cidadãos para a manutenção das instituições (HABERMAS, 1994, p. 137 - 138).

O estrangeiro que está em condições de conseguir a naturalização é aquele que cumpre com os requisitos que, segundo o Estado e a Constituição, garantem um mínimo de conhecimento e tempo de residência que lhe permite o status de cidadão. No caso dos quatro primeiros casos aparece aquela etnicidade situacional citada mais acima, onde o indivíduo modifica de maneira deliberada e refletiva a sua identidade a partir de uma situação aonde esta autoidentificação se justifica por uma necessidade ou utilidade. Aquela garantia mínima que os complexos critérios estipulados pelo Brasil para conceder a nacionalidade se dissolve frente a estes casos de entrevistados que decidem de maneira instrumental sobre uma condição que hipoteticamente deveria traduzir um vínculo de pertencimento.

4. 2 MAPAS DE RELAÇÕES SOCIAIS

Como já foi mencionado anteriormente, se realizou junto aos entrevistados um exercício para identificar relações sociais a partir do gráfico do mapa. Este basicamente reconhece quatro dimensões centrais: família, amigos, trabalho e estudo (universitário) e comunidade (desagregado em pessoas que moram próximas no bairro, serviços de saúde, assistência a igrejas ou grupos religiosos, relações estabelecidas na escola dos filhos). Reconhece a procedência das pessoas, se são argentinos ou brasileiros e exibe a diferença do gênero, entre homens e mulheres.

Os critérios foram detalhados extensamente na seção metodológica, de tal modo que aqui o mais importante é tentar interpretar esta “fotografia” das relações sociais e colocá-las em diálogo com os depoimentos obtidos. Ressalta-se aqui que por categoria procura-se expressar o caráter estático desta apresentação gráfica, porém o seu potencial aprofunda-se nos caminhos alternativos para afirmar ou relativizar as informações fornecidas pelos entrevistados.

Mónica:

A primeira entrevistada exhibe uma preeminência de relações sociais com outros argentinos, que reconhece como as relações mais íntimas e importantes (localizadas no nível 1). Esta maior participação de argentinos aparece nas áreas de trabalho, o que faz sentido, já que Mónica trabalha na área de turismo, seu chefe é argentino e os contatos que ela reconheceu como importantes na entrevista procuram principalmente conectar argentinos entre si para dar-lhes prioridade de encontrar um emprego. Ela também tem vínculo com argentinos que moram próximo, mas não são do tipo mais próximo.

Neste caso então é importante destacar que a apresentação gráfica concorda parcialmente com o depoimento da entrevistada, já que exhibe uma supremacia de vínculo com argentinos na área de trabalho, estruturada a partir do turismo. Também concorda com aquilo que Mónica comentou no que diz respeito às relações interpessoais. A entrevistada explicou que, embora os estereótipos intervenham nas relações entre argentinos e brasileiros, quando o conhecimento entre as pessoas chega a um determinado grau estas barreiras são superadas. Neste sentido é possível observar que, em relação às amizades mais próximas, a entrevistada tem a mesma quantidade de amigos argentinos e brasileiros.

Gastón:

Este entrevistado apresenta uma grande preeminência de amizades do tipo mais próximas com brasileiros, como ele bem explicou na entrevista, mas tem amigos de menor importância de nacionalidade argentina. As suas relações de trabalho também apresentam uma maior participação de brasileiros, assim como as suas relações de proximidade geográfica, ou seja, os amigos do bairro. Os únicos laços próximos, de tipo 1, que tem com argentinos é com sua família – estritamente com os pais, já que o irmão atualmente mora na Argentina -.

Gastón explicou no seu depoimento que ele tem mais contato com brasileiros por compartilhar grupo de amigos, e que o fato de pertencer a um grupo de meninas e meninos brasileiros ele carregou o diferencial de ser “gringo”. É possível observar que se trata de uma pessoa que morou a vida inteira no bairro e que desenvolveu os laços sociais mais importantes neste espaço (amizade, namoro, colegas de escola, etc.). Sendo assim, a preeminência de laços constituídos com brasileiros responde a meios institucionais, como a escola, mas também derivam de um contato constante. Ele também explica esta alta integração com pessoas brasileiras pelo esforço que seus pais fizeram para integrar à família no bairro.

Fábio:

Este entrevistado também colocou no mapa, de maneira concordante, as informações que ele forneceu na entrevista. Ele se sente pouco integrado ao espaço de Balneário Canasvieiras por conta das diferenças que ele sente com o ritmo de vida e os interesses dos argentinos e brasileiros que ali moram e se dedicam ao turismo. Nesse sentido é possível observar quase uma ausência total de relações sociais que se referem à comunidade. Como Fábio explicou, dentro da UFSC, que alude à área de estudo, grande parte dos seus amigos são brasileiros e se tratam de vínculos muito significativos para ele, como bem se transmite no mapa.

Em relação à amizade, vemos uma maior participação de brasileiros do que de argentinos. Isto deve ser acompanhado por outras informações. Na hora de realizar o mapa Fábio manifestou que para ele é difícil estabelecer relações próximas com argentinos, já que quase todos os que ele conhece são os que moram em Balneário Canasvieiras, dos quais, como já se mencionou, ele se sente afastado. E os poucos argentinos que ele conheceu e que considera muito próximos são os que não trabalham no turismo (o caso de Valéria e seu marido) e de pessoas que conheceu na faculdade ou por meio da sua namorada. Em relação aos brasileiros que ali aparecem como amigos muito próximos, também não moram em Balneário Canasvieiras, são pessoas que ele conheceu no seu estágio em Porto Alegre ou em outros espaços alheios ao bairro.

Valeria:

Esta entrevista exhibe uma multiplicidade de vínculos e de diferentes graus de proximidade. Primeiramente ela manifestou ter gerado muitas relações na área da comunidade a partir da proximidade geográfica, é o primeiro caso que considera esta proximidade como um

fator importante. No que diz respeito ao trabalho, ela divide de maneira quase equitativa as suas relações com argentinos e brasileiros, como ela bem explicou na sua entrevista, ou seja, ela consegue trabalhar sem que essa diferença apareça. Deve considerar-se aqui que o trabalho de Valeria e de seu marido não depende do turismo, é um dos poucos casos de profissionais que tem um escritório. Encontrando-se relativamente alheios ao turismo é compreensível que suas relações de trabalho não estejam tão influenciadas por esta diferença.

Em relação às amizades mais próximas, Valeria reconheceu que eles fizeram um esforço para se vincular com brasileiros, porém, ao longo do tempo, acabaram por se relacionar mais com pessoas argentinas. Isto se traduz em uma grande presença de amigos argentinos muito próximos, do tipo 1; que no caso de brasileiros, acaba sendo menos da metade. Valeria tem também parte da sua família no Brasil, mas como eles moram longe, no Rio Grande do Sul, o contato com eles é bastante reduzido. Isto tem levado a entrevistada a considerar uma proximidade menor com eles.

Dario:

Este caso apresenta, de maneira semelhante ao de Valeria, uma presença maior de relações sociais estabelecidas na área da comunidade. Este aspecto pode ser deduzido pela quantidade de tempo que eles moram no bairro (aspecto que também se destacou no caso de Gastón) e também por relações geradas a partir das atividades dos filhos (enunciado por Valeria). Dario apresenta uma maior presença de amizades muito próximas, do tipo 1, com argentinos, em um claro detrimento de brasileiros. Em compensação, ele estabeleceu vínculos muito próximos com amigos com os quais fez faculdade na UFSC, e relações importantes com a família da sua esposa brasileira. A falta de conexões geradas a partir do trabalho pode ser deduzida do fato de que o entrevistado tem um escritório contábil, e que foi progressivamente se afastando das atividades turísticas do bairro. Na atualidade ele trabalha como guia turístico com grupos que viajam para Argentina.

A grande presença e distribuição de vínculos na área da comunidade, tanto com argentinos quanto com brasileiros, transmite aquela ênfase colocada por Dario nas inúmeras relações sociais que ele teceu ao longo do tempo no bairro. Destaca-se que para ele este conhecimento que as pessoas têm dele o define em grande parte, até o ponto em que ele aparece mais integrado ao espaço de Balneário Canasvieiras do que em escala maior como a sociedade brasileira.

Andrés:

No caso deste entrevistado é possível observar que ele teceu um grande número de conexões com as pessoas que fazem parte da família da sua namorada brasileira. Em vários momentos ele explicou a importância que esta família tem para ele e que eles o consideram parte da mesma. A presença de relações com argentinos remete a sua prima e a família dela, os donos do hotel que propuseram o emprego quando ele decidiu emigrar.

Em relação à amizade, a participação de argentinos e brasileiros é equitativa, considerando-se somente dois amigos muito próximos. Em relação ao trabalho, Andrés também enumerou de maneira equitativa a participação de brasileiros e argentinos. A única diferença no que diz respeito aos outros casos é que Andrés estabeleceu vínculos muito próximos com brasileiros que moram próximos a ele. Isto deve relativizar-se já que o entrevistado reside parte do ano em uma casa em Palhoça, mudando-se para Balneário Canasvieiras nos meses de setembro até março. Então vários dos vínculos que foram colocados aqui não correspondem a pessoas conhecidas que moram no bairro.

Tamara:

Esta entrevistada apresenta regularidades semelhantes a outros casos, como o de Mônica. Tamara colocou muitas pessoas argentinas próximas, do tipo 1, na área de trabalho; isto quer dizer que a entrevistada trabalha na área de turismo há muito tempo e ela também manifestou a importância do turismo (a prioridade que se dá para contratar argentinos e os “tempos tristes” das temporadas baixas). A entrevistada tem uma maior quantidade de amigos argentinos muito próximos em comparação aos brasileiros, o que concorda com o depoimento dela sobre a influência das diferenças identitárias nas relações entre argentinos e brasileiros.

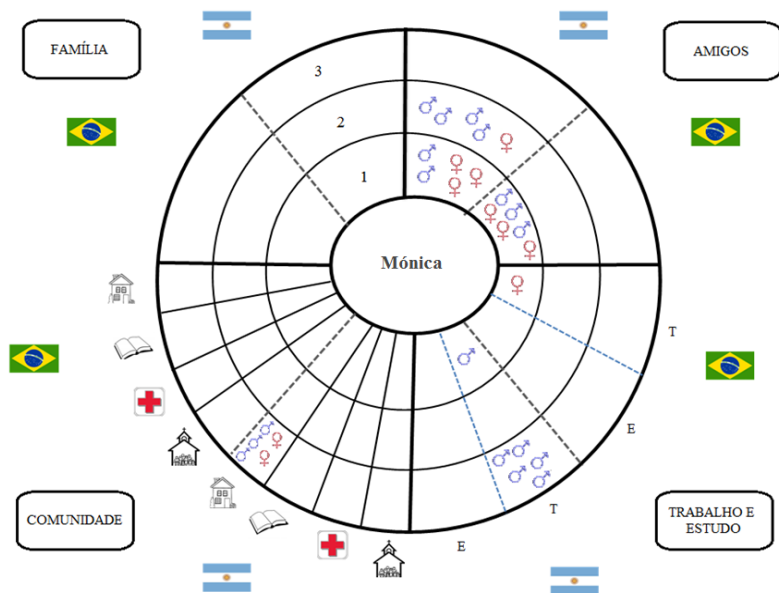
A singularidade do caso de Tamara tem a ver com a importância que teve o grupo religioso ao qual ela pertencia quando morava na Argentina. A entrevistada contou que, quando ela chegou ao Brasil, procurou o mesmo grupo no país, já que se trata de um grupo de presença internacional, mas acabou encontrando muitas diferenças que a impediram de se relacionar com eles. Sendo assim ela retomou o contato com o grupo religioso da Argentina por meio de correios, telefone e posteriormente, pela internet. Tamara recorreu ao grupo religioso em períodos de muitas dificuldades, e esse grupo funcionou várias vezes como um conector com a sua família na Argentina.

Sintetizando, estes mapas de relações sociais elaborados junto com os entrevistados, procurou funcionar como uma fotografia, um

gráfico estático de um momento determinado da integração, preferências e tendências por parte dos argentinos que participaram das entrevistas. Foi interessante porque forneceu uma ideia geral da presença de determinadas áreas geradoras de sociabilidade, o que se apresenta concordante com os depoimentos dos entrevistados. Foi possível observar que os casos inseridos nas atividades turísticas reconhecem o trabalho como uma fonte geradora de vínculos importante. No caso de entrevistados que se sentiam afastados desta área, como o caso de Fábio, a sua identificação de relações sociais foi completamente coerente, o que demonstrou a importância que estas diferenças têm para ele, o que o leva a não estabelecer vínculos.

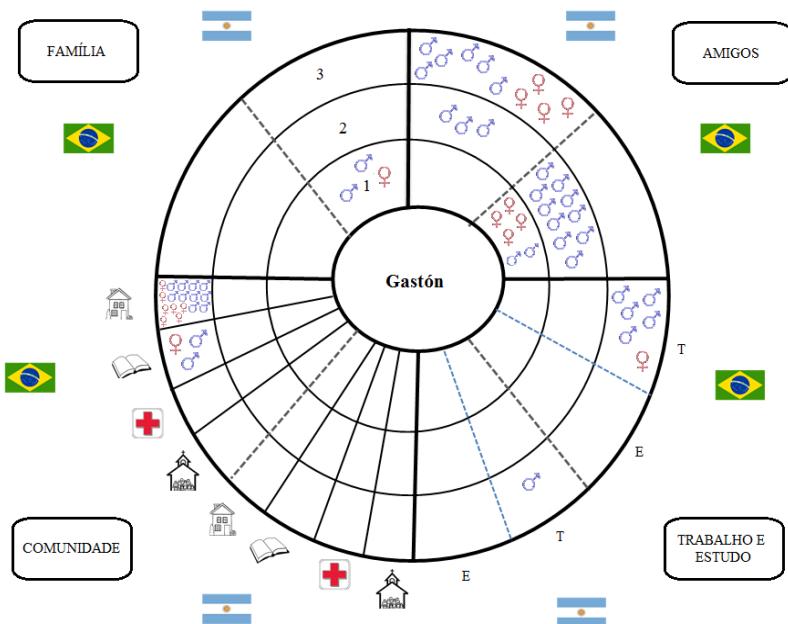
O intuito de utilizar esta ferramenta metodológica respondeu aos objetivos da validação confluyente da perspectiva de triangulação metodológica. A ideia central é tentar chegar ao mesmo resultado, reconhecendo múltiplas dimensões do mesmo, transitando por diferentes caminhos. Neste caso, o mapa consegue combinar as relações sociais entre argentinos e brasileiros, manifestando se existe ou não uma inclinação maior a se relacionar mais com uns do que com outros. E ao mesmo tempo consegue exibir a importância variável de determinadas áreas e atividades como fontes geradoras de relações sociais, que dialogam com as representações e valorações expostas pelos entrevistados previamente.

Mapa 6 - Mapa de relações sociais. Entrevistada 1: Mônica



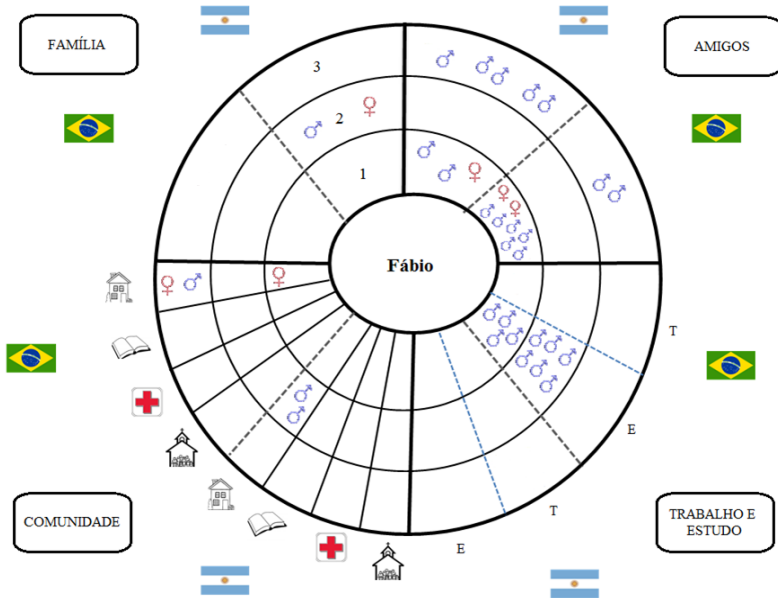
Produção do próprio autor (2012).

Mapa 7 - Mapa de relações sociais. Entrevistado 2: Gastón



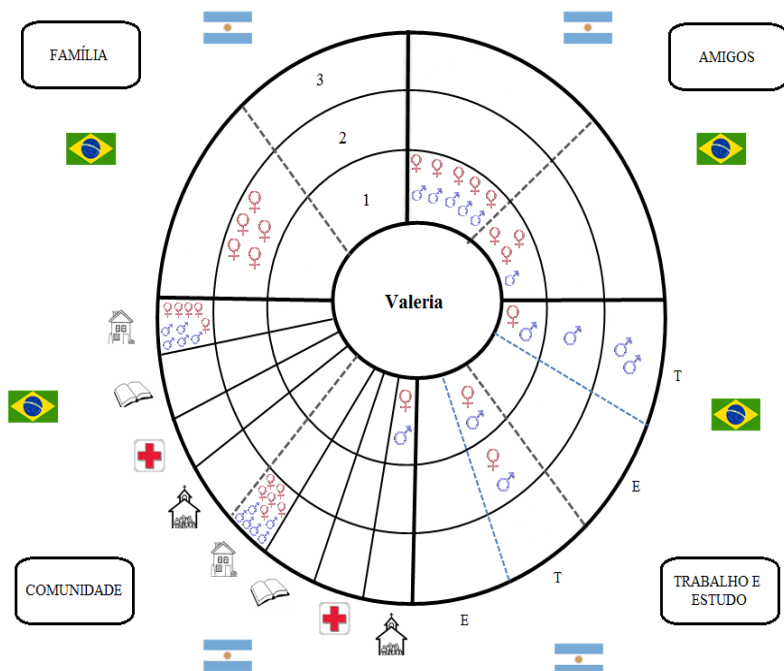
Produção do próprio autor (2012).

Mapa 8 - Mapa de relações sociais. Entrevistado 3: Fábio



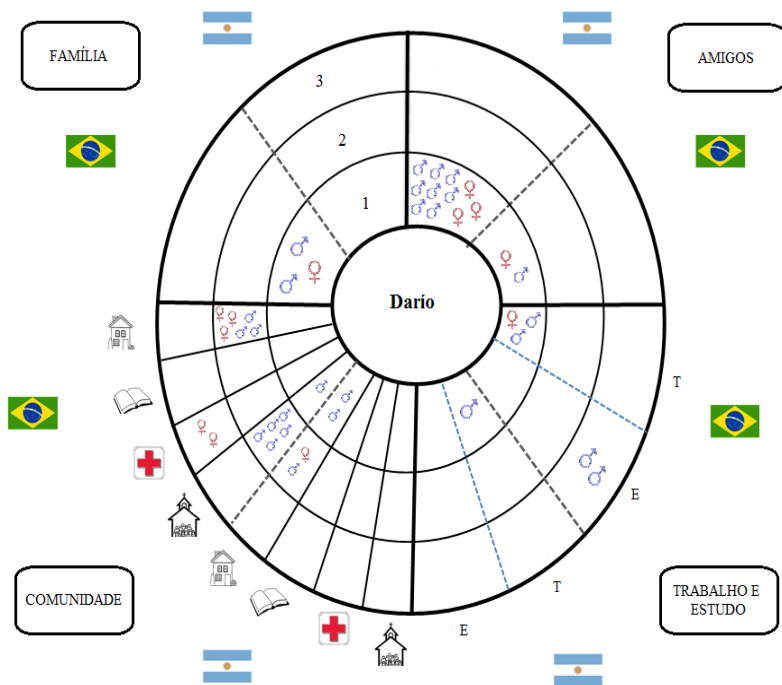
Produção do próprio autor (2012).

Mapa 9 - Mapa de relações sociais. Entrevistada 4: Valeria



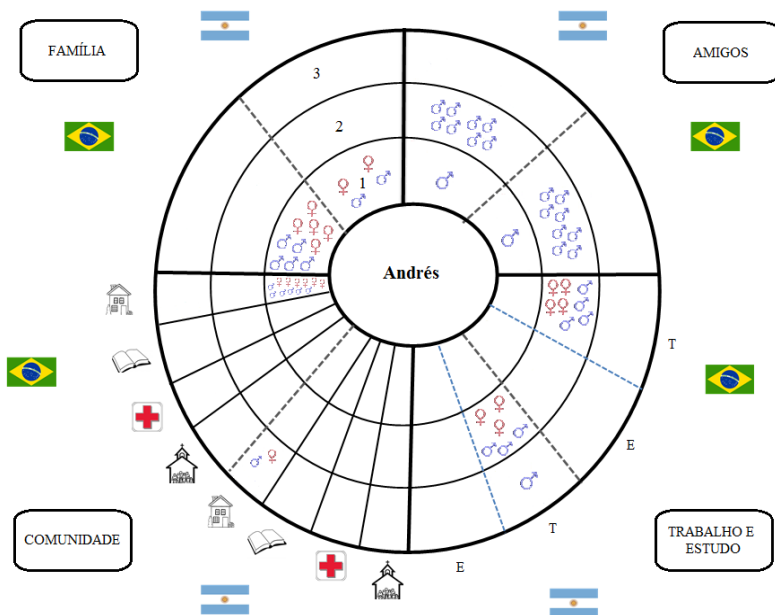
Produção do próprio autor (2012).

Mapa 10 - Mapa de relações sociais. Entrevistado 5: Dario



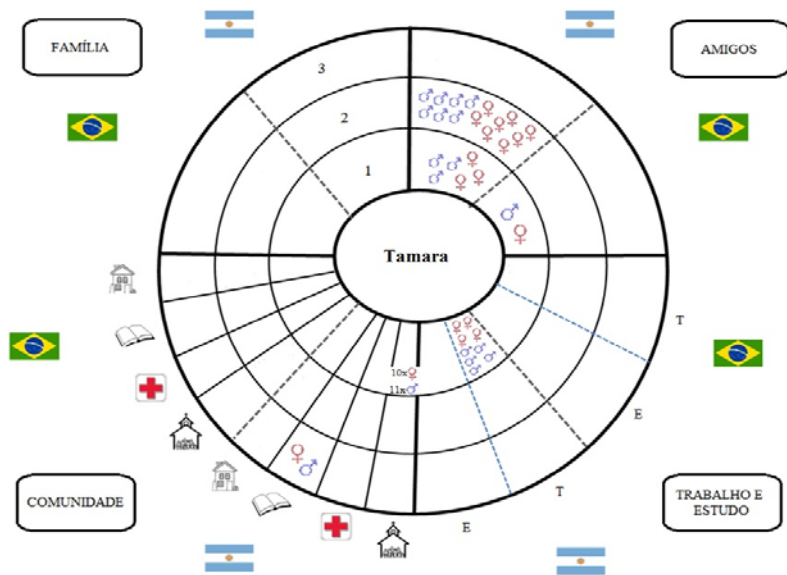
Produção do próprio autor (2012).

Mapa 11 - Mapa de relações sociais. Entrevistado 6: Andrés



Produção do próprio autor (2012).

Mapa 12 - Mapa de relações sociais. Entrevistado 7: Tamara



Produção do próprio autor (2012).

CONCLUSÃO

Ao longo desta pesquisa tentou-se responder ao interrogante que deu origem à investigação: *porque uma pessoa que decide morar em outro país, se estabelecer e projetar a sua vida ali escolhe não adotar a nacionalidade – cidadania - desse espaço?* Esta pergunta transformou-se no objetivo geral da pesquisa, levando em conta uma série de aspectos. O referente empírico escolhido para realizar esta pesquisa foi um recorte sociogeográfico de um estudo de caso: Balneário Canasvieiras, em Florianópolis, no ano 2011. Fundamentado em uma série de características que fazem deste espaço rico e valioso, o estudo de caso permitiu uma compreensão profunda dos diversos processos que acontecem ali no seio de uma população argentina dificilmente mensurável. A partir disso a estratégia metodológica da triangulação apresentou-se como o caminho mais apropriado para a produção de dados gerais da amostra e compreensão de trajetórias e representações sociais.

As categorias mencionadas de *naturalização e cidadania* – que traduzem o grau de integração de um indivíduo – pressupõem um laço entre ele e um Estado, um coletivo, sustentado em um patrimônio cultural compartilhado, uma identidade nacional nutrida por uma bagagem de memória, línguas, tradições, costumes, etc. Considerando a pergunta colocada, o objetivo deste trabalho orientou-se a tentar *identificar se existem processos de constituição de um vínculo identitário, de um laço social entre um indivíduo imigrante e a sociedade aonde ele se insere, como a base para compreender porque os indivíduos optam ou não por virar cidadãos do Brasil.*

A problemática emerge quando, segundo a teoria política e os modelos de integração, o status de cidadão sustenta-se nesse vínculo – identitário – que deve estabelecer-se entre um indivíduo e o Estado. Este laço pressuposto é o que justifica os complexos requisitos que são impostos a um estrangeiro na hora de se naturalizar, contando com longos períodos de residência, provas de conhecimento e múltiplos documentos, como é o caso do Estado Brasileiro. Entretanto, como explicavam Habermas (1994) e Castles e Miller (2004), este esforço pela assimilação cultural (no caso específico do Brasil) não pode pressupor mecanicamente uma transformação identitária do sujeito que transforma seu status. Mas, por outro lado, justifica-se o mencionado esforço nos efeitos dissolventes que o elemento estrangeiro apresenta para a coesão identitária e cultural longamente construída pela nação.

E é neste sentido que cobra importância a dialética entre *direitos e identidade* referida por Zapata-Barrero (2003) citada anteriormente neste trabalho. Não é possível para um estrangeiro ter posse plena dos seus direitos no Brasil senão por meio da naturalização a fim de que se converta em cidadão⁶⁶. A dialética parece simples, para obter direitos o indivíduo deve mudar a sua identidade. Mas esta “troca”, esta assimilação cultural intercambiada pelos direitos e a integração do indivíduo (CASTLES; MILLER, 2004) pode acabar sendo altamente problemática, dependendo dos casos. A situação contrária, a existência e permanência de grupos estrangeiros que se mantêm em uma condição de não cidadão pode chegar a ser até mais conflitiva, como explica Zapata-Barrero (2003) e Lopez Sala (2006), gerando uma série de enfrentamentos e limitações às expectativas vitais dos estrangeiros que na cotidianidade se enfrentam com a sua condição de não completamente integrados. A principal consequência, segundo a última autora, é um *déficit cívico*, ou seja, um estrangeiro que tem conseguido a cidadania, mas que se sente e age afastado de todos os espaços de participação como resultante de uma série de experiências cotidianas que estabeleceram, progressivamente, uma diferença entre eles e os “nativos”.

Esta tensão entre a categoria da *cidadania*, como fase expressiva da nacionalidade, ou seja, como status legal máximo de pertencimento, e a *identidade*, pode ser explicada ou definida a partir da natureza das mesmas. Tanto cidadania quanto identidade são categorias que procuram dar conta de um complexo processo que integra tensões, identificações e sentidos relacionais. Será a categoria de *identidade*, a que talvez hospede em si mesma, as nuances mais complexas do caso desta pesquisa. Identidade como categoria procura nomear uma construção subjetiva e intersubjetiva de um significado, trata-se de um constante processo lábil. Em outros termos, trata-se de uma identificação que constantemente esta se (re)construindo e definindo, em relação à percepção e ações dos “outros” e do sujeito em si mesmo; ligada também às relações de poder e formas de reconhecimento (HALL; DA SILVA 2003).

⁶⁶ “A condição de residente e habitante não implica estar vinculado nem jurídica nem politicamente com o Estado. A diferença principal é que o cidadão tem uns direitos políticos (e outros) que o residente não possui necessariamente. Se utilizarmos os termos genericamente, uma pessoa pode pertencer à população de um Estado, mas não ao seu *demos*.” (ZAPATA- BARRERO, 2003, p. 180, tradução nossa).

A partir do trabalho de campo conseguiu-se reconhecer que os indivíduos constituem a sua identidade por meio da utilização de determinados elementos imbuídos por um valor cultural. O uso destes elementos (sejam aspectos culturais definidos ou o consumo de determinados produtos) é deliberado e procura exibir uma identificação particular. O valor cultural e identitário destes recursos utilizados comumente pelos indivíduos são definidos exclusivamente dentro dos sistemas de significações que eles têm; fora desse sistema tanto uma determinada atitude quanto um produto carece de sentido. Isto leva a refletir novamente sobre esta dinâmica constante, fluída e não determinada da identidade, sempre sendo (re)significada a partir da compreensão que o indivíduo tem dela, assim como segundo a interação que é estabelecida com os outros. É por isso que a identidade é pensada constantemente em termos de positividade – afirmar aquilo que sou – e negatividade – afastar-me de aquilo que não quero ser -. Estas duas dinâmicas ganham sentido quando são inseridas dentro das complexas interações entre estereótipos e valores culturais que eles carregam. Deste modo, as relações sociais entre argentinos, e com os brasileiros, ganham centralidade, são essas interações cotidianas, constantes, rápidas, as que alimentam e mobilizam os estereótipos, mas também os desafiam e os anulam.

Em concordância com outras pesquisas empíricas⁶⁷, os imigrantes argentinos radicados em Balneário Canasvieiras exibem uma série de características:

I. Conhecem, reconhecem, explicam e utilizam um conjunto de estereótipos que definem parcialmente as identificações de “argentino” e “brasileiro”.

II. São sensíveis aos efeitos de processos econômicos e sociais que afetam os espaços geográficos onde moram, tanto em momentos prévios quanto posteriores a sua migração (influência do turismo, crises políticas e econômicas, deterioração institucional, etc.).

III. Exibem, dependendo dos casos analisados, tendências à formação de comunidades de ajuda e integração social; entretanto, em outros espaços aparecem tendências de segregação e falta de reconhecimento.

IV. Têm um conhecimento sobre a conotação de determinados elementos simbólicos e culturais que definem a

⁶⁷ Burgos (2009), Lopes e Vasconcelos (2005), Harguindeguy (2007) e Schmeil (1994, 2002).

identidade, acompanhado de um uso deliberado dos mesmos para afirmar ou escamotear as identificações.

Isto permite compreender que a identidade destes argentinos que participaram da pesquisa é, sem dúvida, produto de uma combinação de elementos culturais que funcionam como recursos identitários, dependendo da valoração que cada indivíduo faz em relação aos outros. Sendo assim é possível já compreender que não existe uma definição clara da identidade, do tipo “sou argentino” ou “sou brasileiro”, o que já torna mais complexo o diálogo entre *identidade* e *cidadania*. Outro resultado interessante que foi possível obter na etapa quantitativa, é que as atividades políticas (votar, participar em organizações políticas, partidos políticos, ser candidato, etc.) são de pouquíssima importância para estes argentinos. *O que faz com que a carência de direitos políticos não seja significativa para eles, não se converta em um motivo para mudar a sua condição de residente para cidadão, mas também não se converta em um foco de conflito onde a diferença de status se traduza em diferenças nas relações de poder* como pressupõe Zapata- Barrero (2003).

Destaca-se aqui que a maior parte da amostra composta de argentinos possui o visto de residência permanente como resultado do Convênio estabelecido entre Argentina e Brasil no ano 2005. Além disso, muitos deles que tinham visto de turista ou estavam ilegais automaticamente conseguiram este visto a partir da anistia do ano 2009, realizada pelo governo do Brasil. A característica valiosa da amostra foi que existem vários indivíduos em plenas condições de obter a naturalização e não a pediram; conjuntamente existem outros sujeitos que, embora faltasse tempo para consegui-la, forneceram razões pelas quais optariam ou não por ela. Em resumo, a maior parte dos entrevistados expressou uma *escolha instrumental* sobre o status de cidadão, baseado principalmente na possibilidade de obter um emprego por concurso público (para o qual devem ser naturais). Ou seja, para estes indivíduos encontram-se completamente afastados os polos mencionados de identidade e cidadania, onde a obtenção da cidadania não tem nada a ver com a identidade. Em outros casos, se apresentou um *conector* entre estes dois polos, aonde prevaleceu a identidade argentina.

Em todos os casos, o vínculo entre estes argentinos (naturalizados ou não) e o país de origem, a Argentina, encontrou-se definido a partir das avaliações que eles fazem “da realidade” do país, definida a partir de vantagens e desvantagens em relação ao Brasil. Estas avaliações do país de origem explicam em grande parte o afrouxamento das suas identidades argentinas, já que nos momentos de identificar aspectos

negativos do país, eles se afastavam completamente, estabelecendo uma identidade negativa. Estas identidades também se encontram atravessadas pelos já mencionados estereótipos, afiançados por meio do turismo⁶⁸, que se apresentam como representações sociais homogeneizadoras que circulam e influenciam as relações sociais (embora até o ponto de um conhecimento íntimo).

Um dado significativo é que estes estereótipos funcionam como limites à integração tanto com brasileiros quanto com outros argentinos. Os entrevistados reconhecem elementos culturais negativos nesse estereótipo e os imputam aos outros argentinos, afastando-se deles. Estes limites à integração derivam também do tipo de vínculo que existe entre estes argentinos e as práticas que desenvolvem. Condicionadas principalmente por um caráter econômico e superficial, as atividades e uniões entre estes argentinos não forneceram espaços ou mecanismos para a constituição de grupos ou comunidades. Limitam-se a atividades recreativas esporádicas que não salientam formas de manutenção de tradições, costumes, etc. Embora exista uma maior tendência a entrar em contato e gerar amizade com outros argentinos do que com brasileiros, estes contatos respondem mais comumente às necessidades de trabalho e de integração nos primeiros momentos da migração.

A análise das representações sociais foi desagregada nesses cinco eixos: 1) identidade; 2) estereótipos; 3) relações sociais; 4) imagens do país; 5) cidadania e naturalização. Permitiu observar não só a produção, troca e mudança constante dessas representações sociais, cuja manifestação mais clara era os estereótipos. Senão que também habilitou a percepção sobre os efeitos morais – em termos do Durkheim - que estas representações têm. Elas funcionam como mecanismos de integração, de constituição de conexões, de aspectos identitários compartilhados. Mas, em alguns casos podem agir de maneira contrária, estabelecendo barreiras entre os sujeitos. Os efeitos das representações sociais foram identificados e colocados em diálogo com práticas, atitudes e juízos de valor que os entrevistados expressaram.

⁶⁸ Lembra-se aqui que o papel que o turismo tem como principal atividade econômica é altamente significativo. Ele define tempos vitais segundo as temporadas de trabalho, fazendo com que os momentos de baixa temporada sejam concebidos como “tempos tristes” onde se precisam da companhia de outros argentinos. Conjuntamente define atitudes, práticas, relações entre argentinos que trabalham no turismo, ritmos de vida, que são percebidos como alheios por outros entrevistados e que não se encontram inseridos nessa atividade econômica.

O estudo de caso permitiu, por meio do privilégio da singularidade do referente empírico recortado, compreender profundamente estes fenômenos e processos. A possibilidade de generalizar este conhecimento é mínima, e foge aos objetivos da abordagem escolhida, embora tenham aparecido pontos de confluência e divergência com outras pesquisas empíricas. As singularidades do caso fazem com que as suas especificidades sejam o mais importante, como estabelece Elias e Scotson (2000) “[...] concentrar a atenção nas diferenças [já que] nos estudos e casos específicos, elas sempre parecem destacar-se com mais nitidez” (ELIAS, SCOTSON, 2000, p 173). Conseguiu-se consolidar as perspectivas da triangulação metodológica, no desenvolvimento de uma etapa quantitativa que gerou bases e dados sensíveis para a etapa qualitativa⁶⁹, assim como a chance de escolher os casos para entrevistas. Diversas abordagens e metodologias interagiram, de maneira sequencial (ordem de tempo), contribuindo para o reconhecimento de aspectos de maior ou menor interesse. O diálogo com a teoria também variou em intensidade, segundo a abordagem, sendo mais constante e de ida e volta, no caso qualitativo do que no caso quantitativo.

Tinham sido propostas duas categorias na introdução deste trabalho como espaços a serem preenchidos de acordo com os resultados que se conseguiriam ao longo da pesquisa: as categorias de *integração* e *pertencimento*. Uma vez concluída a investigação é possível reconhecer aquela primeira noção de integração: que remete ao sentimento do indivíduo de estar articulado com um coletivo, cuja principal referência neste caso, foi o bairro, participando de atividades, estabelecendo relações sociais de diversos graus, conhecendo pessoas nesse contexto delimitado. Este fenômeno apareceu com muita força nesta pesquisa, onde a maior parte dos indivíduos se sente altamente integrada ao bairro. Aliás, em grande parte, a identidade deles deriva deste (re)conhecimento de outras pessoas, das relações sociais forjadas pela cotidianidade do espaço reduzido.

Entretanto, no que diz respeito à categoria de pertencimento, aparecem conflitos em termos de identidade. Em diversos casos tentou-se demonstrar este descompasso entre se sentir integrado, mas não sentir um vínculo identitário ou o sentimento de ter “algo em comum com os outros”. Pelo contrário, às vezes apesar de não ter nada em comum com as pessoas, os indivíduos dizem conseguir se relacionar. Este

⁶⁹ Embora não fosse possível aplicar as cadeias de referências como foi explicado previamente.

pertencimento encontra-se ameaçado diretamente pela circulação de estereótipos, pela identidade nacional argentina enfraquecida previamente à imigração e pelas avaliações negativas do país que fazem com que eles se afastem da Argentina.

Voltando à pergunta colocada mais acima, a categoria de *ciudadania* foi utilizada como eixo de referência da pesquisa. Ela foi analisada e questionada a partir do trabalho de campo, na medida em que ela pressupõe aquele laço entre o indivíduo e o Estado, sustentado em um complexo tecido de elementos culturais. Este laço garantiria uma comunhão cultural, e por isso, conjuga no seu seio as restrições do elemento estrangeiro para se converter em parte do coletivo. A questão central é que essa identificação pressupõe, em algum grau, uma predisposição por parte do sujeito a contribuir e agir em favor de uma comunidade (“imaginada”) à qual ele se sente pertencente. Em sintonia com grande parte da literatura, esta categoria aparece esgotada no caso desta pesquisa, já que os indivíduos que poderiam obter este status só o consideram por um critério instrumental. Por outro lado, a carência dele não gera conflitos, assimetrias ou relações de poder entre os indivíduos, devido à falta de valor que este status tem para os estrangeiros.

Esta situação, gerada à sombra do Convênio de residência do ano 2005, que procura uma circulação de pessoas controlada e fácil entre dois países que caminham em direção a uma integração cada vez maior e profunda, acaba colocando no centro da discussão o esgotamento da cidadania. Assim como a necessidade de pensar em outros termos a esfera política. É interessante destacar aqui que, em termos identitários, os argentinos participantes da pesquisa definiram com alta frequência a sua identidade em termos políticos. O comprometimento político, a participação em marchas e manifestações, o sentimento de ser um povo altamente politizado (como elemento que os diferencia dos brasileiros). A dimensão política aparece, por momentos, altamente valorizada, mas em outros aparece muito desprezada, como foi possível observar em relação ao consumo de mídia sobre política. Considerando isto, não é possível deixar de considerar a dimensão política como um espaço que fornece e nutre as identidades aqui reconhecidas.

Isto faz reconsiderar, como menciona Cortina (1998) que “[...] a atual proposta filosófica do multiculturalismo vem muito marcada por um caráter reivindicativo, mas referido à dimensão legal e política do conceito de cidadania que à dimensão social e civil” (CORTINA, 1998, p 192). Em outras palavras, a autora chama a atenção para que a problemática atual referida ao multiculturalismo tem mais a ver com a

afirmação dos direitos do que com uma questão de identidades coletivas, diferenciadas a partir de critérios étnicos, culturais, entre outros. Isso encontra concordância com as contribuições de Reis (2000) quando, retomando a Kelly (1979), diferencia uma esfera *cívica* da cidadania ligada aos deveres e responsabilidades de um cidadão, o que resulta de uma identificação com o coletivo; de uma dimensão *civil*, de afirmação dos direitos – políticos, culturais, sociais - como membros individuais da coletividade. No caso desta pesquisa, é possível observar que a dimensão civil tem uma predominância sobre a dimensão cívica, precisamente pela inexistência dos sentimentos de pertencimento a um coletivo. Estes indivíduos encontram a sua situação satisfatória, já que somente carecem de direitos políticos, tendo todos os outros direitos garantidos por serem residentes. Em contrapartida, não se reconhece aqui nenhuma luta por reconhecimento ou reivindicação de identidades ou permissões para práticas culturais ou manutenção de costumes.

Resumindo, a falta de expectativa e motivos políticos e/ ou identitários para trocar o status de cidadão, faz com que estes argentinos fiquem fora da dimensão política do espaço onde eles residem. Mas a política tem para eles uma importância identitária, que se valoriza em termos negativos na comparação com “os brasileiros”. Sendo assim, deve considerar-se as propostas de Leis (2000) e de Castles e Miller (2004) de ampliar o espaço e o jogo político. As migrações e os componentes estrangeiros são cada vez maiores, e conforme os autores, “A consequência é que o significado da cidadania provavelmente tenha que mudar e que o vínculo exclusivo com um Estado-nação seja mais tênue” (CASTLES, MILLER, 2004, p 63). Segundo eles, um Estado verdadeiramente democrático deveria deixar um espaço para a participação política dos residentes, independentemente dos seus status legais. Reis (2000) concorda neste sentido, considerando que as identidades devem primeiramente ser definidas por critérios e escolhas individuais. “As identidades sociais acabam sendo um obstáculo para a sociedade plenamente aberta e democrática” (REIS, 2000, p 216). A complexidade disto é a ameaça direta à coesão cultural que um Estado-nação precisa, segundo grande parte da teoria política, para poder funcionar como um todo.

Encerrando esta seção de conclusões é necessário compreender que este trabalho carrega consigo uma série de limitações próprias da sua natureza exploratória. Adiciona-se a isto a necessária aprendizagem no desenvolvimento do trabalho de campo e problemas próprios do campo, que tem a ver com disponibilidade e vontade das pessoas, tempos, cronogramas, etc. Como sugestão para futuros trabalhos, poderão

ser analisadas de maneira mais profunda as implicações da singularidade dos argentinos residentes – estritamente falando – de Balneário Canasvieiras, Florianópolis e até mesmo do Brasil, considerando que as consequências do convênio atingem ao país inteiro. Isto pode ser replicado também no caso da Argentina, já que ambos os países vão ter que lidar com o que Castles e Miller (2004) nomearam de “consequências não desejadas” das políticas migratórias. É possível observar que as condições e os efeitos do Convênio de Residência de 2005, no caso da amostra constituída para a pesquisa, têm atingido não menos que a condição de cidadão, a célula básica das chamadas “comunidades imaginadas”.

REFERÊNCIAS

AMARAL, Ernesto; FUSCO, Wilson. **Saphing Brazil**: the role of international migrations. Migration information source. jun. 2005. Acesso em 15 abr. 2001. [on line]. Disponível em: <<http://www.migrationinformation.org/Profiles/display.cfm?ID=311>>.

ANDERSON, Benedict. **Comunidades imaginadas**: Reflexões sobre a origem e a expansão do nacionalismo. Portugal: Perspectivas do Homem, 2005.

APPADURAI, Arjun. **Modernity at Large**. U.S.A: Minnesota University press, 1996.

ARIAS ALPÍZAR, L. Interdisciplinariedad y triangulación em ciencias sociales. **Diálogos**. Revista Electrónica de Historia. v. 10, n. 1, fev./ago. 2009. p. 117 – 136.

ARZALUZ SOLANO, Maria del Socorro. La utilización del estudio de caso en el análisis local. In: **Región y Sociedad**. v. 17, n. 23. Colegio de Sonora: México, 2005.

ATKINSON, Rowland; FLINT, John. Accessing hidden and hard-to-reach populations: snowball research strategies. **Social research update**. n. 33. Departament of sociology. Guildford, UK: University of Surrey 2001. Acesso em 15 abr. 2011. [on line]. Disponível em: <<http://sru.soc.surrey.ac.uk/>>.

BARBETTA, Pedro. **Estatística aplicada às ciências sociais**. 7. ed. Florianópolis: Editora da UFSC, 2010.

BAUMAN, Zigmund. **Comunidade**: a busca por segurança no mundo atual. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

_____. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

_____. **Identidade**: Entrevista a Benedetto Vecchi. Rio de Janeiro, Zahar, 2005.

BECK, U. **¿Qué es la Globalización?** Barcelona: Paidós, 1998.

BENHABIB, S. **Las reivindicaciones de la cultura:** Igualdad y diversidad en la era global. Buenos Aires: Katz, 2006.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil.** São Paulo: Vertice. 2005.

BURGOS, Nadia. **Trajetórias migratórias e redes sociais:** a mobilidade espacial de professores universitários argentinos para Florianópolis(SC). Dissertação em Geografia. UFSC. Florianópolis SC Brasil. 2009.

CORTINA, Adela. **Ciudadanos del mundo:** Hacia una teoría de la ciudadanía. Espanha: Alianza, 1998.

CASTLES, Steven; MILLER, Mark. (2004), **La era de la migración Movimientos internacionales de población en el mundo moderno.** México : Colección América Latina y el Nuevo Orden Mundial, 2004.

DA SILVA, Tomaz Tadeu (Org). **Identidade e diferença:** A perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis: Editora Vozes, 2003. p. 73 – 102.

DURKHEIM, E. **A divisão do trabalho social.** São Paulo: Martins Fontes, 1977.

ELIAS, Norbert; SCOTSON, John. **Os estabelecidos e os outsiders.** Rio de Janeiro: Zahar, 2000.

FRIDMAN, Anália; IÓRIO, Érika. **Argentinos em Florianópolis:** processos singulares na significação do “ser estrangeiro”. Complexo superior de Santa Catarina. CESUSC. Faculdade de Ciências Sociais de Florianópolis. FCSF. Curso de Graduação em psicologia. 2010.

FOG OLWIG, Karen; **Siting culture:** the shifting anthropological object. London: Toutledge, 1997. p. 17 – 38.

GANGULY-SCRASE, R. (2003) Paradoxes of globalization, Liberalizations, and Gender equality: the worldviews of the lower middle class in Wet Bengal, India. **Gender and Society**, v. 17, n.4, 2003. [on line] Disponível em: <www.jstor.org/stable/3594657>. Acesso em fev. 2009.

GIDDENS, A **Modernidad e identidade del Yo**. Barcelona: Península, 1994.

GRANOVETTER, Mark. The strength of weak ties. **The American Journal of Sociology**. v. 78, n. 6, 2007, p. 1360-1380. [on line] Disponível em: <<http://links.jstor.org/sici?sici=0002-9602%28197305%2978%3A6%3C1360%3ATSOWT%3E2.0.CO%3B2-E>> Acesso em: 10 out.2010.

GUTMANN, Amy. Introduction. In TAYLOR, Charles. **Multiculturalism**. Princeton University Press: New Jersey, 1994. p. 3 – 24.

HABERMAS, Jürgen. Struggles for recognition in the Democratic Constitutional State. In TAYLOR, Charles. **Multiculturalism**. New Jersey : Princeton University Press, 1994. p. 107 – 148.

HALL, Stuart. **Da diáspora: Identidades e mediações culturais**. UNESCO. Brasil: Editora UFMG, 2008.

HARGUINDEGUY, Jimena. Migração de argentinos para o Brasil: o caso de Armação dos Búzios (RJ). **Caminhos de geografia**. [Revista on line]. 2007. Uberlândia, v. 8, n. 23. p. 82 – 87.

HERING DE QUEIROZ, Ângela. **Migração familiar: da quebra à reconstrução das redes sociais significativas**. Dissertação em psicologia. UFSC. 2008.

KALAMPALIKIS, Nikos. Mitos e representações sociais. In: COELHO PAREDES, Eugênia e JODELET, Denise (Org). **Pensamento mítico e representações sociais**. Cuiabá. EdUFMT/ FAPEMAT/ EdIUNI. 2009. p. 85 – 122.

LARENTES DA SILVA, Adriano. Migração e diferença: o caso do CTG em Florianópolis – SC. Ciências sociais UNISINOS. **Revista do PPGSC da Universidade do Vale do Rio dos Sinos**. São Leopoldo: Universidade do Vale do Rio dos Sinos v, 39, n. 163, 2004. p. 211 – 223.

LASH, S. Y Urry, J. **Economías de signos y espacios**. Buenos Aires: Amorrortu, 1998.

LEIS, Héctor. O dilema da cidadania na época da globalização: universalismo x particularismo. **Cadernos de pesquisa PPGSP| UFSC**. n 23. Out. 2000.

LOPES, Stella Maris; VASCONCELLOS, Maria. **Trajetórias na cidade**: experiências de migrantes argentinos na cidade de Balneário Camboriú, SC. Encontro Anual da ANPOCS, 29. 25 – 29 out. 2005.

LÓPEZ SALA, Ana Maria. Derechos de ciudadanía y estratificación cívica en sociedades de inmigración. In CAMPOY, I. **Una discusión sobre la universalidad de los derechos humanos y la inmigración**. Universidad Carlos III. Madrid. 2006, p. 129 - 151.

MARTINEZ PIZARRO, Jorge. La migración internacional y el desarrollo en la era de la globalización e integración: temas para una agenda regional. Serie Población y desarrollo. **Proyecto regional de población CELADE – FNUAP**. (Fondo de población de las Naciones Unidas) Centro Latinoamericano y Caribeño de Demografía). División de Población. Publicación de las Naciones Unidas. Santiago de Chile, 2000.

MILLER, David. **Ciudadanía y pluralismo**. *Ágora*, n. 7, 1997. p. 73 - 98.

MOSCOVICI, Serge. **A representação social da psicanálise**. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

NEIMAN, Guillermo; QUARANTA; Germán; Los estudios de caso en la investigación sociológica. In VASILACHIS DE GIALDINO, Irene. **Estrategias de investigación cualitativa**. Buenos Aires: Gedisa, 2007. p. 213 – 237.

REIS, Fábio. **Mercado e utopia**: Teoria política e sociedade Brasileira. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2000.

ROUQUETTE, Micherl-Louis. As representações sociais no quadro geral do pensamento social. In PAREDES MOREIRA et al. (Coord

Perspectivas teórico-metodológicas em representações sociais. Paraíba: Editora universitária UFPB, 2005. p. 189 – 200.

PASSOS DE FREITAS, Vladimir. **Comentários ao Estatuto do estrangeiro e opção de nacionalidade.** Campinas: Millennium, 2006.

PENROD, Janice. et al. A discussion of Chain Referral as a method of sampling hard-to-reach populations. **Journal of transcultural Nursing.** SAGE Publications. v. 14, n.2 p. 100 – 107. 2003. Acesso em: 10 de abril 2011. [on line]. Disponível em: <<http://tcn.sagepub.com/content/14/2/100>>.

PEÑA DE MORAES, Guilherme. **Nacionalidade:** Lineamentos da nacionalidade derivada e da naturalização extraordinária. Rio de Janeiro: Lumen Juris, 2000.

PETERSON, Rebecca; VALDEZ; Avelardo. Using snowball-based methods in hidden populations to generate a randomized community sample of gang – affiliated adolescents. **Youth violence and juvenile justice.** SAGE Publications. v. 3, n. 2. 2005. Acesso em: 10 abr. 2011. [on line] Disponível em: <<http://yvj.sagepub.com/content/3/2/151>>.

PIRES, A. Amostragem e pesquisa qualitativa: ensaio teórico e metodológico, In: POUPART, Jean et al. **A pesquisa qualitativa:** enfoques epistemológicos e metodológicos. Petrópolis: Vozes, 2008.

PREFEITURA MUNICIPAL DE FLORIANÓPOLIS. **Guia de Ruas Florianópolis.** 3 ed. Florianópolis: IPUF, 2000. p. 49

RISJORD, M; DUNBAR, S.; MOLONEY, M. A new Foundation for Methodological triangulation. **Journal of Nursing scholarship.** Atlanta: U.S.A. v.34, n. 2. 2002. p. 269 – 276.

RITZER, G (2003) **Rethinking Globalization:** Glocalization/ Globalization and Something/ Nothing. [on line] Disponível em: <<http://jstor.org/stable/3108635>>. Acesso em: 16 set. 2008.

SCHMEIL, Lilian. **Alquila-se uma ilha:** turistas argentinos em Florianópolis. Dissertação em Antropologia. UFSC. Florianópolis SC Brasil. 1994.

SCHMEIL, Lilian. Aquila-se uma isla. In FRIGERIO, A ;RIBEIRO, G.L (orgs.) **Argentinos e brasileiros: encontros, imagens e estereótipos**. Petrópolis: Vozes, 2002. p. 71-94.

SCHMIDT ANDUJAR, Ana Maria. **Análise comparativa da densidade populacional na praia de Canasvieiras – SC -**. Temporada 2001 e 2003. Dissertação em engenharia ambiental. UFSC. Florianópolis. SC, Brasil. 2004.

SLUZKI, C.E. Disrupción de la red y reconstrucción de la red en el proceso de migración. **Sistemas Familiares**, Buenos Aires, ano 6. v. 2. 1990.

SLUZKI, C.E. **A rede social na prática sistêmica**. Tradução: Claudia Berliner. São Paulo: Casa do psicólogo, 1997

SMITH, Anthony. **National identity**. U.S.A.: Nevada University Press, 1993.

SORENSEN, Birgitte. The experience of displacement. In FOG OLWIG, Karen; HASTRUP, Kirsten (Org) **Siting culture: the shifting anthropological object**. London: Toutledge, 1997. p. 142 – 164.

VASILACHIS DE GIALDINO, Irene. **Estrategias de investigación cualitativa**. Buenos Aires: Gedisa, 2007. p. 175 - 212.

VERD, J e LÓPEZ P. La eficiência teórica y metodológica de los diseños multimétodo. *Empiria*. **Revista de metodologia de ciências sociais**. Universidad Autonoma de Barcelona. n.16, jul./dez., 2008. p. 13-42.

VIROLI, Maurizio. **For Love of Country: An essay on patriotism and nationalism**. 1. ed. New York: Oxford University Press, 1995.

WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In DA SILVA, Tomaz Tadeu (Org). **Identidade e diferença. A perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis: Editora Vozes, 2003. p. 7 – 72.

YIN, R **Estudo de caso: planejamento e método**. Porto Alegre: Bookman, 2001.

ZAPATA – BARRERO, Ricard. La ciudadanía em contextos de multiculturalidad: procesos de cambios de paradigmas. **Anales de la Cátedra Francisco Suárez**. n. 37, 2003. p. 173 – 199.

ANEXO METODOLÓGICO

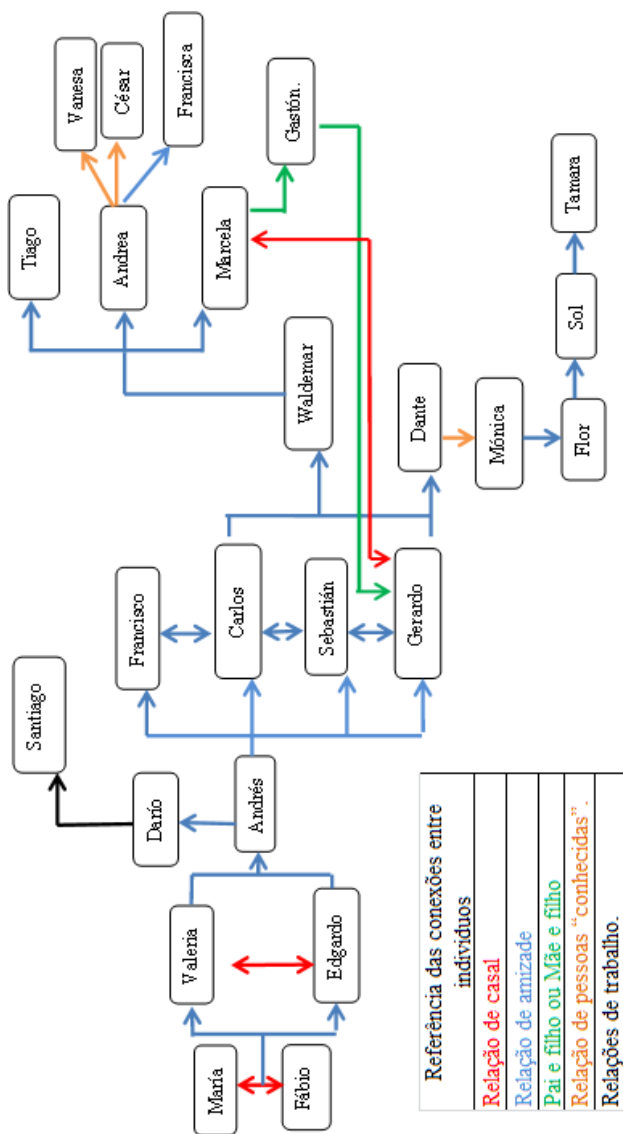


Tabela síntese das características da escolha dos casos para as entrevistas.

Primeiro grupo				
Variáveis	Mónica	Gastón	Fábio	
Gênero	Feminino	Masculino	Masculino	
Ocupação	Empregada	Desocupado	Estudante de pós graduação	
Motivos de migração	Emprego	Migração dos pais	Realização de estudos de pós-graduação - Bolsa	
Nível de escolaridade	Secundário	Secundário incompleto	Pós-graduação em curso	
Tempo de residência	2 anos	18 anos	2 anos	
Segundo grupo				
Variáveis	Dario	Valeria	Andrés	Tamara
Gênero	Masculino	Feminino	Masculino	Feminino
Família e filhos	Casado com brasileira. Uma filha argentina, uma filha brasileira.	Casada com argentino. Uma filha argentina que estuda fora do Brasil	Solteiro, sem filhos.	Divorciada. Uma filha argentina que mora na Argentina e dois filhos brasileiros que moram com ela
Ocupação	Profissional	Profissional	Empregado	Empregada
Mecanismos (convênios) de obtenção de visto	Naturalização por filho brasileiro	Anistia 2006, residência permanente por convênio.	Visto de turista. Visto de residência temporária-permanente por convênio	Residência permanente por convênio
Tempo de residência no Brasil	14 anos	9 anos	10 anos	24 anos
Tempo de residência ilegal	6 meses	3 anos	-	Esporadicamente. No máximo 4 meses.

Questionário completo a ser utilizado com todos os argentinos.

Data.....

Número.....

Nome completo:..... Gênero:

Idade:..... Ocupação atual:..... Máximo nível educativo alcançado:.....

Estado Civil: Nacionalidade e | ou naturalidade do companheiro| a.....

Filhos: (....) **SIM** (..) **NÃO** quantos? Idade dos filhos:.....

Tempo que mora em Canasvieiras: (.....) MESES (.....) ANOS

Já morou em outra parte da Ilha: (..) **SIM** (..) **NÃO**

Já morou em outras partes do Brasil: (..) **SIM** (..) **NÃO**

Já morou em outro país que não seja Argentina ou Brasil: (..) **SIM** (..) **NÃO**

Além de espanhol e português, fala outra língua?:

.....

Já tinha vindo a:

Canasvieiras? (..) **SIM** (..) **NÃO**.

Florianópolis? (..) **SIM** (..) **NÃO**.

Brasil? (..) **SIM** (..) **NÃO**

Por quais razões?

Antes de vir aqui você já conhecia alguém que morava em:

Canasvieiras? (..) **SIM** (..) **NÃO**.

Florianópolis? (..) **SIM** (..) **NÃO**.

Brasil? (..) **SIM** (..) **NÃO**

Por quais razões?

Tipo de vínculo?

Em caso afirmativo, essa pessoa lhe ajudou a se estabelecer aqui? (..)

SIM (..) **NÃO**

De que maneira?

.....

Por que você escolheu morar em Canasvieiras?

.....
.....

Quais são as principais vantagens de morar neste bairro?

.....
.....

E as desvantagens?

.....
.....

Para você é importante que outros argentinos morem no mesmo bairro?

(...) **SIM** (...) **NÃO**

Por quê?.....
.....

Participa em alguma atividade com os outros argentinos que moram aqui? (...) **SIM** (...) **NÃO**

Quais?.....
.....

Quais são as razões pelas quais você participa dessas atividades?

.....
.....

Tipo de visto que tem:

Visto previamente: (...) **SIM** (...) **NÃO**

Qual?.....

Em sua opinião os mecanismos pelos quais obteve o visto facilitaram o processo?

(...) **SIM** (...) **NÃO**

Por que?

.....

Tem família na Argentina?

(...) **SIM** (...) **NÃO**

Mantém contato com a família?

(...) **SIM** (...) **NÃO**.

Com que frequência?

Por qual (s) meio (s) você mantém contato?.....
.....

Em sua opinião, os argentinos que vem no Brasil conseguem se integrar à sociedade brasileira?

1 2 3 4

.....

.....

Em respeito ao povo brasileiro, você pensa que os brasileiros são receptivos aos argentinos que vem morar aqui?

1 2 3 4

.....

.....

Como você se sente em relação a temas relativos à política?

P: 1 2 3 4

Assiste à televisão? (...) SIM (...) NÃO Quant:.....hs

P: 1 2 3 4

Jornal argentino? (...) SIM (...) NÃO **F:** 1 2 3 4

P: 1 2 3 4

Jornal brasileiro? (...) SIM (...) NÃO **F:** 1 2 3 4

P: 1 2 3 4

Você ouve rádio? (...) SIM (...) NÃO Quant:..... hs

P: 1 2 3 4

Conhece alguns dos temas atuais da política brasileira?

(...) **SIM** (...) **NAO**

Quais?.....

.....

Conhece alguns dos temas atuais da política argentina?

(...) **SIM** (...) **NAO**

Quais?.....

.....

Votou na última eleição nacional a presidência da Argentina 2007?

(...) **SIM** (...) **NÃO**. Em caso afirmativo, por quem votou:.....

Pensou em votar nas eleições nacionais à presidência da Argentina no ano 2011?

(...) **SIM** (...) **NAO**

Conhece os candidatos das eleições nacionais à presidência da Argentina no ano 2011?

(...) **SIM** (...) **NÃO** (99) **ALGUNS**

Tem preferência por algum deles?

(...) **SIM** (...) **NÃO**

Qual?.....
.....

Participou alguma vez em política na Argentina? (...) **SIM** (...) **NÃO**

De que maneira?.....

Quando morava na Argentina, participou alguma vez em:

- (...) associação vicinal (asociación barrial)
- (...) ONG| OSC
- (...) organizações na universidade
- (...) algum outro tipo de organização
- (...) organização social

17- Participou alguma vez em política no Brasil? (...) **SIM** (...) **NÃO**

De que maneira?.....

18- Desde que mora no Brasil, participou alguma vez em:

- (...) associação vicinal (asociación barrial)
- (...) ONG| OSC
- (...) organizações na universidade
- (...) algum outro tipo de organização
- (...) organização social

Conhece outros argentinos? (...) **SIM** (...) **NÃO**. De que forma?

Estimação da quantidade de argentinos (somente Canasvieiras)

Opportunidades futuras	Funcionamento das instituições públicas	Emprego	Estabilidade	Segurança	Economia	Educação (incluindo bolsas)
1	1	1	1	1	1	1
2	2	2	2	2	2	2
3	3	3	3	3	3	3
4	4	4	4	4	4	4
99	99	99	99	99	99	99

Variáveis e indicadores (por tipo) utilizados para a realização do questionário. Etapa quantitativa.

VARIÁVEIS		INDICADORES	
Características demográficas	sócio	Nome	X
		Gênero	F M
		Idade	X
		Ocupação	TIPO
		Nível educação	GRAU
		Estado Civil	TIPO
		Nacionalidade do companheiro	TIPO

	Filhos	S N
	Quantidade de F	QUANT
	Idade dos F	X
Conhecimento do lugar e relações sociais prévias	Tempo de residência em Canasvieiras	QUANT
	Residência prévia em outra parte de Florianópolis	S N
	Residência prévia no Brasil	S N
	Residência prévia em outro país	S N
	Língua	TIPO
	Visita prévia Canasvieiras ou Florianópolis	S N
	Visita prévia no Brasil	S N
	Razões	TIPO
	Relações sociais prévias	S N
	Tipo de vínculo	TIPO
	Recebeu ajuda	S N
	De que tipo	TIPO
Percepções de Canasvieiras/ Buenos Aires. E relações com argentinos/ brasileiros residentes	Razões de residência em Canasvieiras	TIPO
	Vantagens de Canasvieiras	TIPO
	Desvantagens de Canasvieiras	TIPO
	Conhece outros argentinos	S N
	Tipo de vínculo	TIPO
	Importância da residência de outros argentinos	S N
	Razões	TIPO
	Atividades compartilhadas	TIPO
	Razões pelas quais participa das atividades	TIPO
	Estimação do número de argentinos que residem em Canasvieiras	QUANT
Tipo de visto e percepção dos mecanismos	Tipo de visto atual	TIPO
	Tipo de visto prévio	TIPO
	Esteve ilegal	S N
	Período de tempo de ilegalidade	QUANT

	Facilidade de obtenção do visto	S N
	Razões	TIPO
Família na Argentina/ no Brasil e frequência de contato	Tem Família na Argentina/ no Brasil	S N
	Contato	S N
	Frequência	QUANT
	Meios de comunicação	TIPO
Opinião sobre relações Argentinos – Brasileiros	Integração dos argentinos ao Brasil / Integração dos brasileiros à Argentina	GRAU
	Receptividade dos brasileiros respeito aos argentinos/ receptividade dos argentinos respeito aos brasileiros	GRAU
	Razões da receptividade	GRAU
Conhecimento sobre política Argentina-Brasileira consumo de mídia	Interesse na política	GRAU
	Média de tempo de consumo de TV	QUANT
	Tempo dedicado à política TV	QUANT
	Leitura de Jornal Argentino (impresso ou on-line)	S N
	Leitura de jornal Brasileiro (Impresso ou on-line)	S N
	Tempo dedicado à política no Jornal	QUANT
	Consumo de rádio	S N
	Tempo dedicado à política na rádio	QUANT
	Conhecimento de temas da política atual brasileira	S N
	Quais	TIPO
	Conhecimento de temas da política atual argentina	S N
	Quais	TIPO
Participação formal e conhecimento da política Argentina	Participação nas eleições presidenciais 2007	S N
	ABSTENÇÃO – razões	TIPO
	Voto 2007	TIPO

	Participação nas eleições presidenciais 2011	S N
	Conhecimento dos candidatos 2011	S N
	Preferência	TIPO
Participação formal e conhecimento da política no Brasil	Participação nas eleições presidenciais 2006	S N
	ABSTENÇÃO – razões	TIPO
	Voto 2006	TIPO
	Participação nas eleições presidenciais 2010	S N
	Conhecimento dos candidatos 2010	S N
	Preferência	TIPO
Participação partidária e informal Argentina - Brasil ⁷⁰	Participação em política em Argentina	S N
	Tipo de participação	TIPO
	Participação “ampla” em Argentina	S N
	Tipo de participação “ampla”	TIPO
	Participação em política no Brasil	S N
	Tipo de participação	TIPO
	Participação “ampla” no Brasil	S N
Tipo de participação “ampla” no Brasil	TIPO	
Percepção e comparação Argentina - Brasil	Educação	GRAU
	Economia	GRAU
	Segurança	GRAU
	Estabilidade	GRAU
	Emprego	GRAU
	Funcionamento das instituições públicas	GRAU
	Oportunidades futuras	GRAU

⁷⁰ Com a referência de participação “ampla” inclui-se a participação em a) associação vicinal b) ONG| OCS c) organizações na universidade d) organizações comerciais e) organizações sociais.

Roteiro de entrevista

Apresentação do contrato

Data:.....
 tempo:.....
 local:.....

Primeiro momento: identificar a trajetória biográfica do entrevistado e características sociodemográficas:

- Idade, gênero, estado civil.
- Ocupação.
- Lugar de nascimento e lugares onde morou na Argentina.
- Ocupação e lugar de residência dos pais.
- Ano de mudança ao Brasil e primeira menção dos motivos pelos quais migrou ao país.
- Lugares onde morou no Brasil.
- Estudos (nível máximo) e lugar onde realizou os estudos.
- Razões pelas quais escolheu Canasvieiras.

Segundo Momento: aprofundar na experiência da migração e o lugar de origem:

- Como era sua vida na Argentina antes de vir ao Brasil: empregos, estudos, casa própria, dívidas e poupanças.
- Qual era sua condição laboral na Argentina na hora de migrar para o Brasil?
- Tinha família na Argentina? E como era sua relação com a família? Qual foi a opinião da família da sua decisão de migrar?
- Relembrar o momento da sociedade argentina quando emigrou (tentar reconhecer datas importantes e acontecimentos políticos ou econômicos)
- Segundo a importância que tenham os acontecimentos ou datas, tentar aprofundar na percepção do entrevistado ao longo do tempo. Como percebeu os eventos mencionados? Identificar se a sua perspectiva sobre os acontecimentos mencionados foi mudando ao

longo do tempo? Acredita que aqueles eventos aconteceram novamente? Ou podem acontecer no futuro?

Terceiro momento: aprofundar na experiência de migração e o lugar de destino

- Como percebia a situação do Brasil no momento em que emigrou?
- Tinha planejado desde o primeiro momento se radicar no Brasil? Gostaria de morar de novo na Argentina?
- Como foi o primeiro tempo de residência no Brasil? Quais foram as principais dificuldades de começar a vida aqui? Quais foram as principais vantagens de ter vindo morar no Brasil?
- Se o entrevistado já morou em outra parte do Brasil (também em outros países): quais são as características que o entrevistado reconhece na experiência de canasvieiras e que diferenciam o lugar de outros? Acredita que tem sido mais fácil se adaptar à canasvieiras pelo fato de ter morado em outras partes antes?
- Como conseguiu o emprego? Foi por meio de pessoas conhecidas?
- Foi recebido ou ajudado por alguma pessoa argentina quando chegou? Ou tal vez tinha contato com argentinos que moravam aqui previamente? Recebeu ajuda de alguma pessoa brasileira? (isso integra trabalho, moradia, amizade, ou simplesmente recepção na hora que chegou no país)
- Como avalia seu nível de vida desde que mora no Brasil? Acredita que é o mesmo que poderia ter morando na Argentina? Considera que tem mais oportunidades no Brasil ou na Argentina de desenvolver os seus projetos?

Quarto momento: aprofundar nas valorações políticas e econômicas do Brasil e da Argentina a partir de períodos que sejam enunciados pelo entrevistado - tentativa de reconhecer “momentos-chave” e o conhecimento das dimensões políticas e econômicas dos países-.

- Aprofundar na percepção da Argentina no momento que emigrou e da situação atual. Como avalia a situação econômica da Argentina? E da região onde morava? Qual é a sua opinião sobre a política na Argentina – a região onde morava?
- Opinião sobre o Brasil no momento que se radicou e no momento atual. Quais coisas reconhece como importantes da economia e política do Brasil? Que características diferenciam a vida no Brasil

da vida na Argentina? Quais são os aspectos bons e ruins de viver no Brasil? E em Canasvieiras?

- Valorações sobre as relações entre Argentina e o Brasil. Acredita que os espaços estejam integrados? Como foi a sua experiência na hora de obter o visto para morar no Brasil? Como conseguiu obter a naturalização? Foram trâmites difíceis?
- Atividades e participação do entrevistado. Participa de alguma organização? Seja ONG, associação de moradores, conselhos ou outros. Com que frequência? Que motivos levaram ao entrevistado a participar. Acredita que sua participação é importante? Realizava algum tipo de atividade similar quando morava na Argentina?
- A partir da ausência de atividades identificar as razões ou justificativa pelas quais não participa.
- Votou nas eleições? (dado preexistente pelo questionário) Quais são as principais razões por ter votado ou não votado? Como foi a sua experiência nas vezes anteriores nas quais voto na Argentina? Acredita que o seu voto pode modificar alguma coisa? Acredita que seu voto é parecido com o voto maioritário dos argentinos?
- Acredita que as realidades políticas dos países se relacionam com características do povo nacional em cada caso? Como e por quê?

Quinto momento: percepções sobre os argentinos e os brasileiros. Mecanismos ou elementos de identificação

- Aprofundar no sentimento de pertencimento. Como se define o entrevistado em termos de identidade nacional. Acredita que tem se integrado completamente ao Brasil? Mantém alguns costumes que defina como próprias “dos argentinos”? Percebe alguma diferença com Argentina? Respeito a que temas? As relações nas famílias? No trabalho? Na política?
- Como são percebidos os argentinos em Canasvieiras por parte dos brasileiros? Acredita que existem preconceitos ou estereótipos dos argentinos? E dos brasileiros? Quais podem ser as razões pelas quais são percebidos dessa maneira?
- Se o entrevistado
- tem família perguntar se os filhos falam espanhol e se conhecem Argentina, se já viajaram para Argentina alguma vez. Considera importante que os filhos conheçam do país de origem? Gostaria que seus filhos voltassem para Argentina? Acredita que a vida para eles é melhor no Brasil ou na Argentina?

Extra: consumos culturais e relações com a família radicada na Argentina:

- Mantém o contato com a sua família na Argentina? De que maneira? Com que regularidade? Viaja para Argentina? Por que motivos? Com que frequência?
- Utiliza internet? Consulta jornais da Argentina? Acompanha as novidades e acontecimento da Argentina? E da sua região?

Sobre o status de cidadão:

- Razões pelas quais não tem obtido o status. Se é por vontade própria? Quais são os riscos de morar no Brasil nessas condições? Embora não possua o status se sente parte do bairro onde mora?
- Considera que tem menos oportunidades de emprego pelo fato de não ter a cidadania? Acredita importante obter a cidadania no futuro?
- No caso de ele ter família, percebe como um risco para sua família que não possua a cidadania?

No caso de filhos de casais de argentinos radicados no Brasil, se adicionariam alguns temas como:

- Fala espanhol? Como aprendeu? Na sua casa a família conversa espanhol?
- Os seus pais conversam com você sobre a vida que eles tiveram na Argentina? Tem alguns costumes que eles tentam manter? Ou que ensinaram para você?
- Conhece sobre Argentina? Tem viajado alguma vez? Tem família lá?
- Considera no futuro morar na Argentina? Razões pelas quais gostaria. Acredita que a vida na Argentina é diferente do Brasil? Por quê?

ACORDO ENTRE BRASIL E ARGENTINA

ACUERDO OPERATIVO ENTRE LA DIRECCIÓN NACIONAL DE MIGRACIONES DE LA REPÚBLICA ARGENTINA Y EL DEPARTAMENTO DE EXTRANJEROS DE LA REPÚBLICA FEDERATIVA DEL BRASIL PARA LA APLICACIÓN DEL ACUERDO SOBRE RESIDENCIA PARA NACIONALES DE LOS ESTADOS PARTES DEL MERCOSUR

Firma: 29 de noviembre de 2005

Vigor: 3 de abril de 2006

ACUERDO OPERATIVO ENTRE LA DIRECCIÓN NACIONAL DE MIGRACIONES DE LA REPÚBLICA ARGENTINA Y EL DEPARTAMENTO DE EXTRANJEROS DE LA REPÚBLICA FEDERATIVA DEL BRASIL PARA LA APLICACIÓN DEL ACUERDO SOBRE RESIDENCIA PARA NACIONALES DE LOS ESTADOS PARTES DEL MERCOSUR

En la Ciudad Autónoma de Buenos Aires a los 29 días del mes de noviembre de 2005, se reúnen por la DIRECCIÓN NACIONAL DE MIGRACIONES DEL MINISTERIO DEL INTERIOR DE LA REPÚBLICA ARGENTINA, el Sr. Director, Dr. Ricardo Eusebio RODRÍGUEZ y por el DEPARTAMENTO DE EXTRANJEROS DE LA SECRETARÍA NACIONAL DE JUSTICIA DEL MINISTERIO DE JUSTICIA DE LA REPÚBLICA FEDERATIVA DEL BRASIL, la Sra. Directora, Dra. Izaura Maria SOARES MIRANDA

Considerando la estrecha relación que une a nuestros países, hermanos por su historia, cultura y geografía.

Teniendo presente la importancia asignada a la profundización de la asociación estratégica entre ambos países, como eje estratégico prioritario para avanzar decididamente en el proceso de integración regional en un marco de amistad, mutua confianza y previsibilidad.

Reiterando lo dispuesto por los Presidentes en la Declaración Conjunta del 16 de octubre de 2003 de fortalecer el proceso de integración con la adopción de medidas concretas para la facilitación del tránsito de los ciudadanos de ambos países.

En consecuencia con lo establecido en el Acuerdo de Brasilia firmado el 20 de mayo de 2005.

Procurando establecer reglas comunes para la tramitación de la autorización de residencia de los nacionales de los Estados Partes del MERCOSUR,

ACUERDAN:

ARTICULO 1º.- Implementar de manera bilateral a partir del 3 de abril de 2006, los términos del Acuerdo sobre Residencia para Nacionales de los Estados Partes del MERCOSUR, aprobado por Decisión del Consejo del Mercado Común N° 28/02, conforme se transcriben en los artículos siguientes.

ARTICULO 2º.- Los nacionales de un Estado Parte que deseen residir en el territorio de otro Estado Parte podrán obtener una residencia leg al en este último, de conformidad con los términos de este Acuerdo, mediante la acreditación de su nacionalidad y el cumplimiento de los requisitos previstos en el artículo 6º del presente.

ARTICULO 3º.- Los términos utilizados en el presente Acuerdo, deberán interpretarse con el siguiente alcance:

“Estados Partes”: La República Argentina y la República Federativa del Brasil;

“Nacionales de una Parte”: son las personas que poseen nacionalidad originaria de uno de los Estados Partes o nacionalidad adquirida por naturalización, en los términos de la legislación del País de origen y ostentaran dicho beneficio desde hace cinco años;

“Inmigrantes”: son los nacionales de las Partes que deseen establecerse en el territorio de la otra Parte;

“Clandestino”: son los nacionales de una de las Partes que hubiesen ingresado al territorio de la otra Parte sin haberse sometido al control migratorio de ingreso.

“País de origen”: es el país de nacionalidad de los inmigrantes;

“País de recepción” es el país de la nueva residencia de los inmigrantes.

ARTICULO 4º.- El presente Acuerdo se aplica a:

1) Nacionales de una Parte, que deseen establecerse en el territorio de la otra, y que presenten ante la sede consular respectiva su solicitud de ingreso al país y la documentación que se determina en el artículo 6º;

2) Nacionales de una Parte, que se encuentren en el territorio de otra Parte deseando establecerse en el mismo, y que presenten ante los servicios de migración su solicitud de regularización y la documentación que se determina en el artículo 6º.

ARTICULO 5º.-

1. El procedimiento previsto en el párrafo 2 del artículo 4º se aplicará con independencia de la categoría migratoria con la que hubiera ingresado el peticionante al territorio del país de recepción, e implicará la exención del pago de multas u otras sanciones más gravosas.

2. Los nacionales de las Partes que hubiesen ingresado al territorio del país de recepción como clandestinos no podrán acogerse a los beneficios del presente Acuerdo, en el territorio del país de recepción, debiendo a tal efecto egresar del mismo y tramitar el beneficio en su país de origen ante la autoridad consular respectiva.

ARTICULO 6º.- A los peticionantes comprendidos en los párrafos 1 y 2 del artículo 4º, la representación consular o los servicios de migraciones correspondientes, según sea el caso, podrá otorgar una residencia temporaria de dos años, previa presentación de la siguiente documentación:

a) Pasaporte válido o cédula de identidad conforme la Resolución GMC 75/96, o certificado de nacionalidad expedido por el agente consular del país de origen del peticionante acreditado en el país de recepción, de modo tal que resulte acreditada la identidad y nacionalidad del peticionante;

b) Certificado que acredite carencia de antecedentes judiciales y/o penales y/o policiales del peticionante en el país de origen –para el supuesto del artículo 4º párrafo 1- y en el país de recepción –para el supuesto previsto en el artículo 4º párrafo 2-

c) Declaración jurada de carencia de antecedentes nacionales e internacionales penales o policiales

d) Pago de tasa retributiva de servicios

ARTICULO 7º.- La residencia temporaria podrá transformarse en

permanente mediante la presentación del peticionante ante la autoridad migratoria del país de recepción, dentro de los noventa (90) días anteriores al vencimiento de la misma, y acompañamiento de la siguiente documentación;

- a) Constancia de residencia temporaria obtenida de conformidad a los términos del presente Acuerdo;
- b) Pasaporte válido o cédula de identidad conforme la Resolución GMC 75/96, o certificado de nacionalidad expedido por el agente consular del país de origen del peticionante acreditado en el país de recepción, de modo tal que resulte acreditada la identidad y nacionalidad del peticionante;
- c) Certificado que acredite carencia de antecedentes judiciales y/o penales y/o policiales del peticionante en el país de recepción.
- d) Declaración jurada de carencia de antecedentes nacionales e internacionales penales o policiales.
- e) Acreditación de medios de vida lícitos que permitan la subsistencia del peticionante y su grupo familiar conviviente.
- f) Pago de la tasa retributiva de servicios ante el respectivo servicio de migración.

ARTICULO 8º.- La única formalidad exigida en la legalización de los documentos públicos para efectos migratorios será un sello que deberá ser colocado gratuitamente por la autoridad competente del Estado en el cual se originó el documento en los términos del Acuerdo entre la República Argentina y la República Federativa del Brasil sobre simplificación de legalizaciones en documentos públicos.

Asimismo, y para el caso previsto en el artículo 4º párrafo 2, bastará la certificación de la autenticidad del documento por el agente consular del país de origen del peticionante en el país de recepción, sin otro recaudo.

ARTICULO 9º.- De conformidad a lo establecido en el "Acuerdo de exención de traducciones de documentos administrativos para efectos de inmigración entre los Estados Parte del Mercosur", los documentos presentados a efectos de trámites migratorios quedan dispensados de la exigencia de traducción, excepto que existan dudas fundadas en cuanto al contenido del documento presentado, pudiendo en tal caso exigirse la traducción del respectivo documento.

ARTICULO 10º.- Los inmigrantes que una vez vencida la residencia temporaria de hasta dos años otorgada en virtud del artículo 6º del presente, no se presentaran ante la autoridad migratoria de país de recepción, quedarán sometidos a la legislación migratoria interna de cada Estado Parte.

ARTICULO 11º.- Los nacionales de las Partes y sus familias que hubieren obtenido residencia en los términos del presente Acuerdo gozarán de los mismos derechos y libertades civiles, sociales, culturales y económicas en el país de recepción, en particular el derecho a trabajar, y ejercer toda industria lícita en las condiciones que disponen las leyes; peticionar a las autoridades; entrar, permanecer, transitar y salir del territorio de las Partes; asociarse con fines útiles y profesar libremente su culto, de conformidad a las leyes que reglamenten su ejercicio.

La concesión de la residencia prevista en el artículo 5º no estará sometida a ninguna prueba de necesidad económica ni a cualquier autorización previa de naturaleza laboral

y estará exenta de cualquier requisito de proporcionalidad en materia de nacionalidad y de paridad de salarios.

ARTICULO 12º.- El presente Acuerdo será aplicado sin perjuicio de normas o disposiciones internas de cada Estado Parte que sean más favorables a los inmigrantes.

ARTICULO 13º.- Los Estados Partes podrán presente Acuerdo mediante notificación escrita producirá sus efectos a los 90 días, después de los casos que se encuentren en trámite.

en cualquier momento denunciar el dirigida a la otra Parte. La denuncia la referida notificación, sin perjuicio de

Ricardo Eusebio Rodríguez
República Argentina

Izaura María Soares Miranda
República Federativa del Brasil